

OS Passageiros da PLATAFORMA 5



Ninguém fala com estranhos no comboio.
Mas, o que aconteceria se falassem?



OS
Passageiros da
PLATAFORMA 5

CLARE POOLEY

TRADUÇÃO

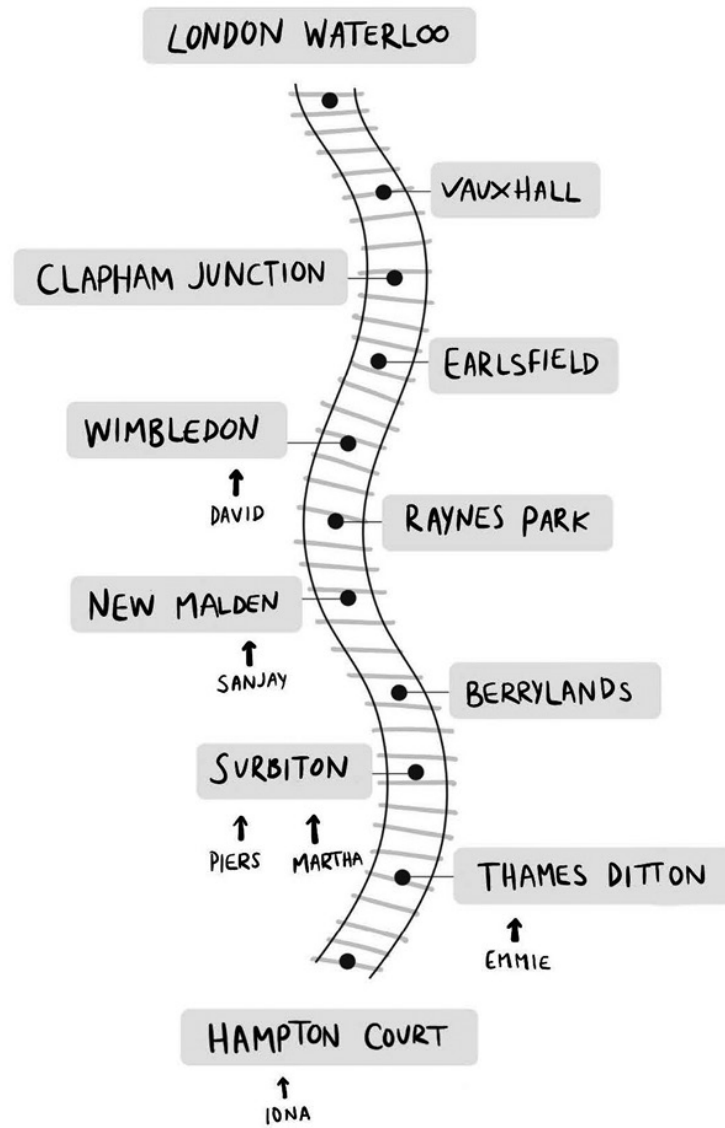
Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

À minha filha, Eliza
Que sejas sempre «mais como a Iona»

«Os comboios são maravilhosos.
Viajar de comboio é ver a natureza
e os seres humanos, cidades, igrejas
e rios, na verdade, é ver a vida.»

AGATHA CHRISTIE





Iona

8h05 De Hampton Court a Waterloo

Até ao momento em que um homem começou a morrer mesmo à sua frente no comboio das 8h05, o dia de Iona decorrera tal como outro qualquer.

Saía sempre de casa às sete e meia. Demorava uma média de vinte minutos a ir a pé até à estação de saltos altos, o que significava que, por norma, chegava quinze minutos antes do seu comboio partir para Waterloo. Dois minutos mais tarde se calçasse os *Louboutins*.

Chegar a horas era crucial se quisesse garantir o lugar habitual na carruagem do costume, o que conseguia. Embora a inovação fosse uma coisa maravilhosa no que tocava à moda, ou ao cinema, ou até mesmo à pastelaria, não era bem-vinda no seu trajeto diário.

Há já uns tempos, o editor de Iona tinha-lhe sugerido que começasse a *trabalhar a partir de casa*. Ele tinha-lhe dito que estava na moda e que o seu trabalho podia muito bem ser realizado com a mesma competência à distância. Tentou persuadi-la a prescindir do seu gabinete de trabalho com falinhas mansas aludindo a mais uma hora na cama e maior flexibilidade, e, quando isso não resultou, tentou correr com ela obrigando-a a fazer algo horrível intitulado *hot desking*, que – segundo ela veio a descobrir – era o termo empresarial para designar *secretária partilhada*. Mesmo em criança,

Iona nunca gostou de partilhar. Aquele pequeno incidente com a boneca Barbie ainda estava bem vivo na sua memória e, sem dúvida, na das suas colegas de turma também. Não, eram necessários limites. Por sorte, os colegas de Iona não tardaram a perceber qual era a sua secretária preferida, e esta passou de quente a claramente gélida.

Iona adorava ir para o escritório. Gostava de conviver com os jovens, que lhe ensinavam o linguajar mais atual, tocavam as suas novas músicas favoritas e diziam-lhe o que ver na Netflix. Era importante manter pelo menos um dedo conectado com os novos tempos, em especial na sua profissão. A Bea, coitada, não era de grande ajuda nesse departamento.

No entanto, não ansiava muito pelo dia de hoje. O seu editor mais recente agendara-lhe uma avaliação de desempenho de 360 graus, o que de uma maneira geral lhe parecia demasiado íntima. Na sua idade (cinquenta e sete), ninguém gostava de ser avaliado muito de perto, e por certo não de todos os ângulos. Há coisas que é melhor deixar à imaginação. Ou nem sequer pensar nelas, para ser sincera.

Seja como for, o que sabia ele? Muito à semelhança dos polícias e dos médicos, os seus editores pareciam ficar cada vez mais jovens a cada ano que passava. Este, acreditem se quiserem, só pode ter sido concebido depois da World Wide Web. Nunca conhecera um mundo onde os telefones se encontravam fixos à parede e era preciso procurar factos na *Encyclopaedia Britannica*.

Iona lembrou-se, com uma certa melancolia, das suas avaliações anuais de desempenho quando começou a trabalhar na revista, há quase trinta anos. Nessa altura não lhes chamavam «avaliações», claro. Chamavam-se «almoço», e tinham lugar no Savoy Grill. O único inconveniente era ter que afastar, de forma educada, a mão gorda e suada do editor da sua coxa com frequência, mas ela até gostava dessas reuniões, e quase valiam a pena só pelo linguado *à meunière*, separado com destreza da espinha por um empregado de mesa subserviente com sotaque francês, e bem regado com uma garrafa gelada de *Chablis*. Tentou recordar-se da última vez que alguém – sem ser a Bea – fez menção de apalpá-la debaixo de uma mesa, e não conseguiu. Pelo menos desde o início dos anos 1990, em todo o caso.

Iona observou o seu reflexo no espelho da entrada. Optara por vestir o seu fato vermelho preferido – aquele que gritava *Não estou para brincadeiras e Tira daí o sentido, amigo*.

– *Lulu!* – chamou, apenas para descobrir que o buldogue francês já se encontrava sentado mesmo aos seus pés, pronto para seguir. Mais uma criatura de hábitos. Baixou-se de modo a prender a trela à coleira rosa-choque de *Lulu*, cravejada de lantejoulas com o seu nome escrito. Bea não aprovava os acessórios de *Lulu*. *Querida, é uma cadela, não uma criança*, costumava dizer em diversas ocasiões. Iona estava bem ciente disso. Hoje em dia as crianças eram bastante egoístas, preguiçosas, opiniosas e cheias de si, achava ela. Não eram nada como a adorável *Lulu*.

Iona abriu a porta da frente e subiu as escadas, tal como sempre fazia.

– Adeusinho, Bea! Vou para o escritório. Vou sentir saudades tuas!

A vantagem de embarcar no comboio em Hampton Court era o facto de ser o fim da linha, ou o início, dependendo, é claro, do sentido em que se viajava. *Era uma questão de ponto de vista*, pensou Iona. Pela sua experiência, a maioria dos finais não passava de começos disfarçados. Deveria tomar nota disso para a coluna. Por conseguinte, os comboios estavam sempre – desde que se chegasse bastante cedo – relativamente vazios. Isto significava que Iona podia, de uma maneira geral, ocupar o seu lugar favorito (o sétimo lugar da coxia à direita, virado para a frente, diante de uma mesa) na sua carruagem preferida: a número três. Iona sempre preferira os números ímpares aos pares. Não gostava que as coisas fossem demasiado certinhas ou convenientes.

Iona sentou-se, colocando *Lulu* no banco ao seu lado, e começou a arrumar as coisas à sua frente. A garrafa térmica cheia de chá verde, a abarrotar de antioxidantes para combater o envelhecimento; uma chávena de porcelana fina com pires a condizer, uma vez que beber chá de um copo de plástico era inadmissível em qualquer circunstância; o seu correio mais recente e o *iPad*. Eram apenas dez paragens até Waterloo, e a viagem de

trinta e seis minutos constituía a oportunidade perfeita para organizar o dia que se avizinhava.

À medida que o comboio ia ficando cada vez mais apinhado de gente a cada paragem, Iona trabalhava com alegria na sua pequena bolha maravilhosamente anónima e misturando-se com o pano de fundo. Apenas uma entre os muitos milhares de passageiros similares, que não lhe prestavam a mínima atenção. Como é óbvio, ninguém falava nem com ela, nem com mais ninguém. Toda a gente conhecia a Regra Número Dois dos Transportes Públicos: podia acenar-se com a cabeça na direção de alguém que já se tinha visto durante um número significativo de ocasiões, inclusive – *in extremis* – trocar um sorriso irónico ou revirar os olhos ante um dos avisos do revisor pelo altifalante, mas nunca, nunca falar. A menos que se fosse doido. Coisa que ela não era, apesar do que diziam por aí.

Um ruído desconhecido fez Iona levantar os olhos. Reconheceu o homem sentado à sua frente. Por norma, não costumava viajar neste comboio, mas via-o muitas vezes na viagem de regresso, no das 18h17 que partia de Waterloo. Reparou nele por causa das suas roupas requintadas e de bom corte, que regra geral teria admirado, mas que se afiguravam bastante arruinadas por um extraordinário sentido de legitimidade que, na verdade, advém apenas do facto de ser branco, homem, heterossexual e de uma solvência excessiva. Isto era evidenciado pela sua propensão para se sentar com as pernas abertas e falar demasiado alto ao telemóvel acerca *dos mercados e cargos*. Certa vez ouviu-o referir-se à mulher como *a carcereira*. Saía sempre em Surbiton, o que lhe parecia algo incongruente. Iona atribuiu alcunhas a todos os passageiros que reconhecia, e ele era o Elegante-Porém-Machista de Surbiton.

Nesse momento, não parecia assim tão satisfeito consigo mesmo. Quando muito, apresentava-se com um ar angustiado. Estava curvado para a frente, agarrado à garganta, e emitia uma parafernália de sons algures entre a tosse e o vómito. A rapariga sentada ao lado dele – uma jovem bonitinha, com cabelo ruivo entrançado, e pele acetinada e fresca que sem dúvida tomava como um dado adquirido, mas de que um dia mais tarde se recordaria com nostalgia – perguntou, bastante nervosa:

– Sente-se bem? – Era mais do que óbvio que ele não se sentia bem. O homem ergueu os olhos, tentando transmitir-lhe alguma coisa, mas as palavras pareciam estar entaladas na sua garganta. Apontou na direção de uma salada de frutas meio comida em cima da mesa à frente dele.

– Acho que ele se engasgou com um dos morangos. Ou talvez com uma uva – disse a rapariga. Esta era uma situação óbvia de emergência. Era irrelevante qual a peça de fruta ao certo que estava envolvida no caso. A rapariga pousou o livro que estava a ler e deu-lhe umas palmadinhas nas costas, entre as omoplatas. Era o tipo de palmadinha afetuosa que muitas vezes acompanhava as palavras *lindo menino* quando se acariciava um cão, e não era, de todo, o que a situação exigia.

– Assim, bata com mais força – disse Iona, inclinando-se para a frente ao longo da mesa e dando-lhe um forte soco com o punho fechado, coisa que achou bastante mais divertido e agradável do que deveria, dadas as circunstâncias. Por um momento, fez-se silêncio, e Iona pensou que o homem estava a sentir-se melhor, mas depois os sons estrangulados começaram de novo. A cara dele adquirira manchas de um tom arroxado, e os lábios começaram a perder a cor.

Será que o homem ia morrer, aqui mesmo, no comboio das 8h05? Antes mesmo de chegarem a Waterloo?



Piers

8h13 De Surbiton a Waterloo

O dia de Piers não estava a correr nada como planeado. Para começo de conversa, este não era o comboio que costumava apanhar. Gostava de chegar à City¹ antes da abertura dos mercados, mas a rotina de hoje ficara completamente virada de pernas para o ar porque Candida decidiu despedir a *au pair* no dia anterior.

Magda já era a terceira *au pair* que tinham este ano, e Piers acalentara uma grande esperança de que ela se aguentasse lá em casa pelo menos até ao final do ano letivo. Depois, quando regressaram mais cedo do que o previsto de um desastroso fim de semana fora *en famille*, foram dar com Magda na cama com o jardineiro, além de resíduos de cocaína e uma nota enrolada em cima de um exemplar de capa dura de *O Grufalão*². Piers até poderia ter sido capaz de convencer Candida a mandar Magda embora com um raspanete, visto que se encontrava de folga na altura, mas a conspurcação do livro de histórias para adormecer favorito das crianças tinha sido a gota de água. *Como é que eu posso voltar a ler essa história sem imaginar o Tomaso a explorar o bosque escuro e frondoso da Magda?*, berrara Candida.

A situação descambou ainda mais quando Piers embarcou por fim num comboio em Surbiton, para vir a descobrir que o único lugar vago, numa mesa para quatro, ficava mesmo defronte da mulher esquisita com o seu cão

asmático de focinho achatado. Piers não costumava vê-la de manhã, mas era uma visão familiar e irritante na viagem de regresso. É óbvio que ele não era o único passageiro que se esforçava ao máximo para evitá-la, visto que muitas vezes ela se encontrava ladeada pelos únicos bancos vagos.

A Mulher Desvairada do Cão estava com um ar ainda mais ridículo do que de costume, envergando um fato carmesim forrado com um tecido de *tweed* que se adequaria muito mais a revestir o mobiliário de uma escola primária.

Piers efetuou um rápido cálculo mental sobre os prós e os contras de viajar de pé até Waterloo em oposição a sentar-se à frente do sofá de saltos altos. Em seguida, reparou que a rapariga sentada ao lado do banco vazio era um arraso. Tinha quase a certeza de que já a vira no comboio antes. Piers reconheceu o pequeno intervalo que ela tinha entre os dois dentes da frente – uma minúscula imperfeição que lhe desequilibrava a simetria do rosto, transformando-o de suavemente bonito em fascinante. É capaz até de lhe ter piscado o olho – um desses momentos silenciosos partilhados por esses passageiros atraentes e bem-sucedidos que se encontravam encalhados no meio de um mar de seres humanos medíocres, quais carros de corrida de alto rendimento num parque de estacionamento do Lidl.

É provável que devesse estar muito perto da casa dos trinta anos, vestia uma saia justa cor-de-rosa, que ele tinha a certeza que exibiam um perfeito par de pernas, por infelicidade ocultas debaixo da mesa, com uma *T-shirt* branca e um *blazer* preto. Devia ter um desses empregos modernos no ramo das comunicações que permitia uma indumentária informal durante a semana inteira, e não apenas às sextas-feiras. Dispor de um tal colírio para a vista ao longo do trajeto fez pender a balança a favor de se sentar.

Piers sacou do telemóvel a fim de verificar as suas operações de negócio. Perdera imenso dinheiro na semana passada, portanto precisava que esta semana fosse espetacular. Dirigiu uma oração silenciosa aos deuses dos mercados, ao mesmo tempo que metia na boca uma uva da pequena salada de frutas que comprara na loja de conveniência junto à estação. Demorara tanto tempo a tentar convencer as crianças a tomar o pequeno-almoço enquanto se esforçava para ignorar os gritos de *Onde é que está a Magda?*

Queremos a Magda!, que se esqueceu de tomar o seu próprio pequeno-almoço. Demorou-se a namorar o *pain au chocolate* na secção de padaria, mas Candida proibira-o de comer doces, alegando que ele estava a ficar gordo. *Gordo?!?* Na verdade, encontrava-se numa boa forma notável para a sua idade. Em todo o caso, meteu o estômago para dentro, por via das dúvidas, ciente da presença da rapariga sentada ao seu lado.

Piers contemplou os números no ecrã. Não podiam estar corretos com toda a certeza, pois não? Dartington Digital sempre fora uma aposta garantida. Inspirou com força de maneira involuntária, e depois sentiu algo alojado bem no fundo da garganta. Tentou respirar, mas isso só fez com que se enraizasse mais fundo. Fez um esforço para tossir, mas isso não causou o menor impacto na obstrução. *Mantém a calma*, disse para si mesmo. *Pensa. É apenas uma uva*. No entanto, começou a sentir-se subjugado por uma vaga de medo e de impotência.

Piers bateu com as mãos em cima da mesa e arregalou os olhos na direção das mulheres que o rodeavam numa súplica silenciosa. Sentiu alguém a dar-lhe umas palmadinhas nas costas num gesto que se assemelhava mais a uma massagem do que ao procedimento extremo que seria necessário. Depois, graças aos céus, um murro súbito e com força que sem dúvida deveria resolver o assunto, ou não? Com uma enorme sensação de alívio, sentiu a uva deslocar-se um pouco. Antes de voltar a instalar-se na mesma posição.

Não posso morrer aqui e agora, pensou. *Não neste medonho comboio suburbano rodeado por zés-ninguém e esquisitoides*. Depois, um pensamento ainda pior: *Se eu morrer hoje, a Candida vai descobrir. Vai perceber o que tenho andado a fazer, e os miúdos vão crescer sabendo o grande fracassado que o pai é na realidade*.

Da posição onde se encontra, curvado sobre a mesa, Piers vê a do fato vermelho pôr-se de pé, como um vulcão em erupção, e uma voz estridente berra: «HÁ ALGUM MÉDICO NO COMBOIO?!» *Por favor, por favor*, pensou ele, *só espero que haja um médico no comboio*. Seria capaz de abdicar de tudo o que possuía só para poder respirar de novo. *Estás a ouvir, Universo? Podes ficar com tudo*.

Piers fechou os olhos, mas continuava a ver vermelho – quer fosse o fantasma do *tweed* carmesim, quer fosse o empolamento dos vasos sanguíneos por detrás das suas órbitas.

– Eu sou enfermeiro! – ouviu ele algures atrás de si. Então, passados alguns segundos que lhe pareceram uma eternidade, dois braços rodearam-no por trás, e ele foi içado da sua posição curvada, e os braços exerceram uma intensa pressão sobre o seu estômago – uma, duas, três vezes.

¹ A histórica área financeira de Londres, onde se pode encontrar a Bolsa de Valores e o Banco de Inglaterra. (*N. da T.*)

² Livro infantil da autoria de Julia Donaldson, publicado em 1999. (*N. da T.*)



Sanjay

8h19 De New Malden a Waterloo

Hoje ia ser o grande dia, pensou Sanjay enquanto se dirigia para a estação de New Malden a fim de apanhar o comboio do costume. O dia em que ele se enchera de coragem para falar com A Rapariga No Comboio. Até tinha ensaiado o que lhe iria dizer. Ela andava sempre com um livro. Um livro a sério, não uma versão Kindle ou um audiolivro. Era uma das (muitas) razões por que sabia que seriam perfeitos um para o outro. Na semana passada, reparou que ela estava a ler um romance intitulado *Rebecca*³, portanto comprou um exemplar para si na livraria local, e leu os primeiros capítulos durante o fim de semana. O que significava que hoje, partindo do princípio de que ela ainda andava a lê-lo, podia perguntar-lhe o que achava da senhora Danvers. O início de conversa perfeito. Original, simpático e inteligente.

Sanjay procurou com o olhar os dois companheiros com quem dividia a casa. Trabalhavam no mesmo hospital que ele, mas de momento faziam o turno da noite, por isso muitas vezes cruzavam-se de manhã – Sanjay encaminhando-se para norte, bem descansado e dotado de uma energia relativa, James e Ethan dirigindo-se para sul, pálidos, exaustos e a cheirar a desinfetante. Uma perspetiva do seu futuro próximo.

Sanjay encontrava-se ao fundo da plataforma, perto do quiosque dos petiscos, onde a Carruagem 3 costumava parar, desde que descobriu, depois

de semanas de tentativa e erro, que esta era a carruagem do comboio onde era mais provável que ela viajasse. *Ótimo livro*, ensaiou na sua cabeça. *O que é que acha sobre a senhora Danvers? A propósito, chamo-me Sanjay. Costuma apanhar este comboio com frequência?* Não, não, risca a última parte. Sem dúvida, demasiado sinistra.

Assim que Sanjay entrou no comboio, constatou que hoje estava, na verdade, a revelar-se o seu dia de sorte. Lá estava ela, sentada a uma mesa para quatro com a Senhora Arco-Íris, o cão desta e um homem de meia-idade a atirar para o gorducho ataviado com um fato caro. Sanjay já o tinha visto várias vezes. Era aquele tipo de arrivista arrogante que Sanjay costumava ver a ser transportado de cadeira de rodas para as urgências com uma úlcera gástrica perfurada induzida pelo *stress*, ou com uma suspeita de ataque cardíaco causado por um hábito de consumo de cocaína, a gritar dizendo: *Eu tenho seguro de saúde!* É óbvio que se achava melhor do que a maioria dos comuns mortais e que demonstrava pouco respeito pelo espaço pessoal dos outros.

No entanto, Sanjay gostava bastante da Senhora Arco-Íris, que já tinha visto muitas vezes no trajeto para o emprego, mas com quem nunca tinha conversado. Como é óbvio. Num mundo onde quase toda a gente vestia de preto, azul-marinho ou várias tonalidades de cinzento, ela optava pelos tons de verde-esmeralda, azul-turquesa e roxo-claro. Hoje não desiludiu. Envergava um fato feito de um *tweed* em vermelho-vivo que a fazia parecer um daqueles gelados de morango que sempre sobrava no fundo de uma embalagem familiar de Quality Street.

Será que poderia pedir-lhe que afastasse o cão para ele poder juntar-se a ela à mesa? Afinal de contas, parte-se do princípio de que o cão não tinha bilhete e pôr um animal num banco devia transgredir todas as normas de saúde e de segurança. O problema era que, Sanjay admirava e ao mesmo tempo morria de medo da Senhora Arco-Íris em igual medida. Também não era o único. Por mais apinhado que fosse o comboio, poucas eram as pessoas que se atreviam a pedir-lhe para tirar dali o cão. E se mostrassem essa ousadia, não voltavam a cometer o mesmo erro duas vezes. Nem mesmo o revisor.

Viajava de pé, agarrado ao varão de metal para se equilibrar, tentando descortinar uma maneira de se aproximar o suficiente da rapariga para entabular uma conversa. Nunca tinha feito isto antes. Todos os seus encontros anteriores foram com mulheres que conheceu na faculdade, no emprego ou numa *app* de encontros onde haviam intercambiado piadas durante dias, trocando dicas de informações pessoais, antes de se conhecerem em pessoa. Isto era à moda antiga, e era aterrador. Havia uma razão por que já ninguém fazia isto.

Tendo em conta o facto de que havia cerca de oitenta pessoas apinhadas numa cabine metálica relativamente pequena, a carruagem aparentava, como sempre, uma calma notável. Apenas o som das rodas nos carris, o minúsculo ruído dos auscultadores de alguém e a tosse ocasional. Então, quebrando o silêncio como um rolo compressor, uma voz:

– HÁ ALGUM MÉDICO NO COMBOIO?!?

As suas orações tinham sido atendidas da maneira mais inesperada e extraordinária. Pigarreou e disse, com a máxima autoridade que foi capaz de reunir:

– Eu sou enfermeiro!

A multidão afastou-se com toda a deferência, e as pessoas contorciam o corpo afastando-se do seu caminho, impelindo-o para a frente através de uma imensidão de odores – café, perfume, suor – em direção à Senhora Arco-Íris, à sua rapariga e ao homem que era óbvio que estava a sufocar. Este tipo de situação fora abordado no primeiro ano da faculdade de enfermagem. Primeiros Socorros de Emergência, Parte Um: A Manobra de Heimlich.

A formação de Sanjay assumiu o controlo ao mesmo tempo que entrou em modo de piloto automático. Com mais força do que alguma vez sonhou possuir, içou o homem do lugar por trás, rodeou-lhe a barriga com os braços e comprimiu-lhe o diafragma com o máximo de força que conseguiu. Três vezes. Parecia que o comboio inteiro susteve a respiração num gesto de solidariedade; então, depois de tossir com violência, a uva problemática foi expelida pela boca do homem a uma velocidade impressionante, aterrando

com um baque satisfatório na chávena de chá que se encontrava diante da Senhora Arco-Íris.

A chávena chocalhou no pires, e depois voltou à sua posição inicial, ao mesmo tempo que a carruagem inteira irrompia em aplausos. Sanjay sentiu-se corar.

– Ah, afinal foi uma uva – disse a Senhora Arco-Íris, contemplando o seu chá, como se tudo isto fizesse parte de uma brincadeira de crianças intitulada Descobre o Objeto Oculto.

– Muito obrigado. Acho que acabou de me salvar a vida – disse o homem, e as palavras saíam-lhe com esforço, uma de cada vez, como se ainda navegassem em torno da recordação da uva. – Como é que se chama?

– Sanjay – respondeu Sanjay. – Não tem de quê. Não fiz mais do que a minha obrigação.

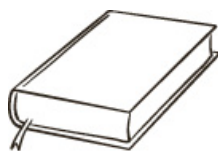
– O meu nome é Piers. Não sei mesmo como agradecer-lhe – disse o homem, à medida que as cores iam regressando ao seu rosto de maneira gradual.

– A PRÓXIMA ESTAÇÃO É WATERLOO – anunciou a voz no altifalante. Sanjay começou a entrar em pânico. Um desconhecido após o outro dava-lhe palmadinhas nas costas e felicitava-o, o que na realidade era gratificante, mas havia apenas uma pessoa com quem queria falar, e estava a perder a sua oportunidade. Toda a gente se pôs de pé e começou a deslocar-se na direção das portas, impelindo-o para a frente, como um lemingue relutante que era empurrado rumo ao precipício. Olhou para trás, para ela, em desespero.

– O que é que acha sobre a senhora Danvers? – disse ele sem rodeios. Ela parecia totalmente confusa. Nem sequer estava a ler esse livro esta manhã. Segurava um exemplar da autobiografia de Michelle Obama. Agora ele parecia um perseguidor tarado. Talvez *fosse* um perseguidor tarado.

Estragara tudo. Agora já não havia como voltar atrás depois disso.

³ O romance de maior repercussão da escritora britânica Daphne du Maurier, publicado em 1938 e cuja adaptação cinematográfica de Alfred Hitchcock em 1940 o tornou mundialmente famoso. (*N. da T.*)



Emmie

Emmie sentia-se demasiado abalada para ir direta para o escritório, portanto, em vez disso, escapuliu-se para a sua cafetaria familiar, independente e favorita, sacando o copo reciclável da mala.

– Olá, Emmie! – saudou a empregada do balcão. – Está tudo bem?

– Nem por isso, na verdade – respondeu Emmie, antes de ter ocasião de se calar e substituir as palavras pela habitual resposta socialmente aceitável, *Tudo ótimo, obrigada!* Por princípio, detestava a ideia de ser uma dessas pessoas que se queixavam dos seus insignificantes problemas de primeiro mundo, quando todos os dias havia pessoas a dormir na rua, ou com dificuldades para alimentar os filhos.

A empregada de balcão fez uma pausa e franziu o sobrolho, à espera que ela prosseguisse.

– Houve uma pessoa que quase morreu no comboio onde eu vim esta manhã. Engasgou-se com uma uva – disse Emmie.

– Mas sobreviveu, ou não? – perguntou a empregada de balcão. Emmie assentiu com a cabeça. – Ficou com alguma incapacidade permanente? – Ela abanou a cabeça. – Então, isso é motivo para comemorar! Um pauzinho de canela, talvez?

Emmie nem sequer era capaz de começar a explicar o motivo por que não se sentia com a mínima disposição para comemorar o que quer que fosse. Começara o dia, tal como de costume, praticando os seus alongamentos e

dando graças pelo muito que tinha, e depois – *BAM!* – antes mesmo de chegar a Waterloo foi confrontada com o seu próprio sentido de mortalidade. A constatação de que um dia, assim sem mais nem menos, podíamos passar de uma pessoa feliz e saudável para... simplesmente deixar de existir.

E o que fez ela de útil quando o homem sentado ao seu lado estava a morrer? Emmie, que sempre se achara desembaraçada e boa numa situação de crise, limitara-se a ficar ali sentada impotente enquanto dois desconhecidos salvavam a vida do homem. Quando as coisas deram para o torto, a sua reação instintiva foi de fugir em vez de lutar. Tudo o que foi capaz de fazer foi pensar: *E se isso acontecesse comigo? E se hoje eu for atropelada por um autocarro, for pelos ares por causa de uma bomba de um terrorista ou for eletrocutada por um cabo manhoso de um computador? O que é que eu deixaria para trás? O que foi que eu alcancei na vida?*

Emmie pensou no projeto em que estivera a trabalhar durante o último mês – a campanha publicitária digital totalmente integrada para uma marca «desafiadora» de papel higiénico. Imaginou o seu elogio fúnebre: *Graças ao génio criativo e estratégico de Emmie, haverá muito mais pessoas capazes de descobrir o luxo de um papel higiénico algo acolchoado e com um ligeiro perfume.*

Quando era adolescente, passou um mês a dormir numa árvore a fim de proteger uma floresta local da destruição e passava grande parte das suas férias escolares a fazer voluntariado numa sopa dos pobres. A sua alcunha era Hermione, porque os amigos afirmavam que se tivessem Elfos Domésticos na escola, sem dúvida de que Emmie teria feito campanha pela sua libertação.⁴ E, contudo, ali estava ela, aos vinte e nove anos, sem fazer nada que sequer pudesse mudar, no mínimo, o seu cantinho em Thames Ditton, que dirá o mundo, deixando-se ficar ali sentada sem fazer nada enquanto as pessoas sufocavam até à morte.

Emmie lembrou-se do enfermeiro do comboio nessa manhã. Era tão calmo. Tão competente. Tão... e perdoou-se por um momento de futilidade... *bem-parecido*. Esse sim, *marcava* de facto a diferença. Salvando vidas antes mesmo de ir para o emprego e começar a trabalhar.

Talvez devesse requalificar-se seguindo o curso de enfermagem. Seria tarde demais? Talvez não, mas o facto de ser famosa por desmaiar só de ver uma hemorragia nasal ou uma unha encravada era um indício provável de que a medicina não seria a profissão ideal para ela.

O que foi que o Enfermeiro Herói e Bonitão lhe gritou depois de abandonar o comboio? Pareceu-lhe algo muito semelhante a *O que é que acha sobre a senhora Danvers?* Mas não pode ter sido isso, porque não fazia sentido nenhum. Todo aquele drama estava a entorpecer-lhe o cérebro.

Emmie sentou-se à secretária e ligou o computador portátil à corrente, espevitada pela combinação de cafeína, adrenalina e determinação. Ia começar a utilizar toda a sua experiência e talento em alguma coisa *boa*. Talvez conseguisse fisgar uma instituição de beneficência, convencer o Joey a deixá-la encarregar-se dela *pro bono*, que tal? Ele poderia morder o isco se conseguissem conquistar alguns prémios com o trabalho criativo.

Abriu o *e-mail*. Iria verificar se havia alguma coisa importante, redigiria a sua lista de prioridades do dia, e depois dedicaria algum tempo ao seu novo projeto.

Emmie examinou a lista de mensagens não lidas. Uma delas, mesmo no topo, destacava-se, em parte porque o nome a fez sorrir. Um.amigo@gmail.com. O assunto era *Tu*. Seria de um recrutador? Abriu-a e analisou o breve texto.

ESSA SAIA COR-DE-ROSA FAZ-TE PARECER UMA PEGA. COMO É QUE PODES ESPERAR QUE ALGUÉM TE LEVE A SÉRIO? UM AMIGO.

Emmie girou a cadeira, como se o autor dessa mensagem pudesse estar ali mesmo atrás de si, à espera de ver a sua reação. Mas, é claro, não estava ali ninguém.

Emmie leu o *e-mail* outra vez, e a agitação que sentiu antes foi abafada por um maremoto de raiva, vergonha e embaraço. Baixou os olhos, contemplando a saia que escolhera nessa manhã. Uma saia lápis rosa-

choque que a fazia sentir-se exuberante, bem-sucedida e *sexy*. Agora só lhe apetecia arrancá-la do corpo e atirá-la para o cesto dos papéis.

O escritório em *open space* já se encontrava repleto de pessoas. Os seus colegas. Os seus amigos. Pessoas que respeitava, e que julgava que a respeitavam também. Perscrutou-lhes os rostos e a linguagem corporal, procurando pistas sobre quem poderia ter-lhe enviado aquele *e-mail* apenas – confirmou o registo da hora – há dez minutos. No entanto, toda a gente parecia igual a todos os outros dias.

Emmie, todavia, achou que nunca mais voltaria a sentir-se a mesma neste escritório.

⁴ Alusão à personagem dos livros *Harry Potter*. (N. da T.)



Iona

18h17 De Waterloo a Hampton Court

Iona foi invadida por uma onda daquele particular tipo de pavor que acompanha o facto de encontrar um membro dos RH na sua reunião com o chefe. Brenda – chefe do departamento de «Recursos Humanos», que ela ainda considerava como sendo de «Pessoal», mas que fora rebatizado em algum momento dos anos 1990 – estava sentada ao lado do seu editor à mesa da sala de reuniões, com cara de missão oficial. Isto, por si só, não significava nada, uma vez que oficial era a expressão facial natural de Brenda, mas esse facto limitou-se a somar-se à sensação geral de catástrofe iminente que dominava Iona.

– Olá a todos – disse Iona, amaldiçoando-se pelo ligeiro tremor na sua voz. – Será que duas pessoas podem ser consideradas todos? Talvez devesse ter dito *Olá a ambos* ou *Ora viva, vocês os dois*. – Estava a tergiversar. Cravou os olhos no editor, na esperança vã de que a recusa em estabelecer contacto visual com Brenda pudesse fazer com que esta desaparecesse. O seu editor chamava-se Ed. Teria ele mudado de nome para condizer com o cargo? Não se admirava nada se assim fosse.

– Hum, será que não te importavas de deixar o cão lá fora, Iona? – disse Ed, apontando o dedo para a amorosa *Lulu* como se fizesse parte de um pelotão de fuzilamento. O que é bem possível que fizesse.

Iona saiu às arrecuas pela porta aberta, não fosse dar-se o caso de um deles tentar dar-lhe um tiro pelas costas.

– Será que podias fazer as vezes de *baby-sitter* por alguns minutos? – perguntou à «Assistente Executiva» de Ed, o termo moderno equivalente a secretária, mas sem a estenografia. Esta pareceu ficar agradavelmente entusiasmada. Sem dúvida de que seria muito mais agradável do que ser o capacho mal remunerado e subvalorizado de Ed. – Ela adora que lhe cocem o ponto macio, mesmo atrás das orelhas. – Depois, visto que sempre exagerava quando estava nervosa, acrescentou: – Não gostamos todos? – acompanhada por uma gargalhada forçada e estridente. A assistente de Ed encolheu-se na cadeira, com ar assustado.

– *Uma vez mais até à rutura, caros amigos*⁵ – murmurou Iona entre dentes à medida que entrava de novo na sala, de costas direitas, cabeça bem levantada, tal como costumava pisar o palco, nos bons velhos tempos.

– Senta-te, senta-te – disse Ed, apontando para uma fileira de cadeiras vazias de cores garridas em redor da mesa da sala de reuniões. Iona escolheu uma do lado direito, na esperança de que a combinação do tom tangerina-alaranjado da cadeira com o carmesim do fato pudesse causar danos permanentes nas retinas de Brenda. Tirou um bloco de apontamentos e um lápis recém-afiado da mala de mão. Não fazia tenções de tomar notas, mas sempre poderia usar o lápis espetando-o na mão de Ed, caso fosse necessário. Essa ideia alegrou-a um pouco.

– Pois então, antes de entrar numa avaliação pormenorizada, gostaria de falar contigo acerca do *panorama geral* – disse Ed, unindo os dedos à sua frente com um ar sério, como se fosse um garoto de escola a fingir que era o gerente de um banco. Enumerou pormenores sobre quebra de vendas, receitas mais baixas, sobrecarga de despesas, e todos esses números pairaram sobre Iona como pólen radioativo transportado pela brisa ao mesmo tempo que se esforçava para mostrar um ar interessado e inteligente.

– Como podes ver – disse ele por fim –, precisamos de nos concentrar mais na nossa oferta digital e atrair um público mais jovem, e isso implica garantir que todos os nossos conteúdos são modernos e relevantes. Além de que, para ser franco, preocupa-nos que o *Perguntem à Iona* seja um pouco...

– Ed fez uma pausa, procurando o adjetivo mais apropriado antes de se decidir por – ... antiquado. – Ao que parecia, Ed era incapaz de demonstrar talento criativo inclusive nos seus insultos.

Iona sentiu-se enjoada. *Para com isso*, disse com firmeza para si mesma. *Levanta-te e luta. Pensa como Boudica, a Rainha dos Celtas*. Por conseguinte, reuniu o seu exército desorganizado, e subiu para a sua quadriga.

– Estás a dizer que sou *demasiado velha*, Ed? – perguntou Iona, fazendo uma pausa a fim de apreciar a visão da mulher dos Recursos Humanos empalidecer, o que só tornou mais evidente a linha onde a base aplicada na cara terminava e o queixo começava. – Isto porque, na qualidade de terapeuta editorial, a experiência de vida é crucial. E eu passei por tudo. Sexismo, preconceito de idade, homofobia. – Disparou as palavras como minas terrestres, o que de facto eram. Se viesse a sofrer uma incapacidade, o que na sua idade era muito possível, teria praticamente enfrentado uma mão-cheia de potenciais casos de discriminação. *Agora veremos como dás a volta a isto, Brenda-dos-Recursos-Humanos*.

– É claro que não estou a dizer nada disso – respondeu Ed. – Só estou a propor-te um desafio. – Iona compreendeu de imediato que neste contexto «desafio» era um código para «ultimato». – Em todo o caso, é possível que a redução de efetivos possa constituir uma mudança positiva para ti. Poderias passar mais tempo com os netos. – Iona dirigiu-lhe um olhar de extrema dureza e estalou as articulações dos nós dos dedos, o que fez Ed estremecer.

Brenda pigarreou e brincou com a fita do crachá.

– Oh. Não tens netos. É claro que não – gaguejou Ed. Ele quis dizer «claro que não» por ser óbvio que ela era demasiado jovem para ter netos, ou porque também era lésbica?

» Não vamos precipitar-nos. Vamos esperar mais um mês para ver se és capaz de revitalizar as tuas páginas. Atualizá-las. Fazê-las fervilhar. Pensa em termos da geração Y. É aí que reside o futuro. – Ed forçou o rosto a exibir um sorriso, e este quase rachou com o esforço.

– Claro – disse Iona, escrevendo FERVILHAR no bloco de apontamentos, seguido por CRETINO. – Mas deixa-me só lembrar-te, Ed, o quanto as páginas de problemas são essenciais para a revista. As pessoas dependem

delas. E não me parece que esteja a ser demasiado drástica quando afirmo que muitas *vidas* dependem delas. E os nossos leitores gostam delas. Afinal de contas, muitas dessas pessoas dizem que só compram a revista por causa das minhas páginas. *Embrulha, patético centurião romano.*

– Tenho a certeza de que costumavam fazê-lo, Iona – disse Ed, pegando na espada e enterrando-a no coração dela. – Mas quando foi a última vez que alguém disse isso? Hum?

Iona não voltou logo para a sua secretária. Ao invés, foi direta às casas de banho, com os olhos cravados na alcatifa feia, porém prática, ainda algo peganhenta debaixo dos pés por causa do ponche de fruta derramado na última festa do escritório. Trancou-se num dos cubículos e sentou-se na sanita tapada, com *Lulu* ao colo, aspirando a miscelânea de produtos químicos com aroma a pinho, diversas excreções corporais e o cheiro a cão. Começou a chorar. Não um choro elegante, mas o tipo explosivo que vinha acompanhado por rios de ranho e sulcos de rímel borrado. Este emprego era a sua vida. Era a razão por que se levantava todas as manhãs. Dava-lhe um propósito na vida. Era *quem ela era*. O que seria dela sem ele? E quem mais daria emprego a uma terapeuta de revista que se aproximava a passos rápidos dos sessenta e que tinha o mesmo emprego há quase trinta anos? Como é que se tinha passado de elogios, seguidores e cerimónias de entrega de prémios para isto?

Iona tentou sentir alguma raiva, mas estava demasiado fatigada para isso. Os bons velhos tempos, quando se encontrava ocupada até à raiz dos cabelos conciliando uma coluna social e uma página de aconselhamento com ocasionais críticas a restaurantes e artigos sobre viagens, foram cansativos, mas não estar *demasiado* ocupada era exaustivo. Estava farta de exalar uma confiança que na realidade não sentia há vários anos. Estava farta de ter que se mostrar ocupada a toda a hora e a todo o instante, enquanto via todas as suas responsabilidades – exceto as páginas de aconselhamento – serem eliminadas de forma gradual.

Aprendera a prolongar cada tarefa durante horas, e a rodar o monitor do computador para que ninguém pudesse perceber que em vez de trabalhar, na verdade estava a planejar férias de sonho com Bea em perfeitos atóis de coral ou a espiar antigas colegas de escola no Facebook.

A vida, é claro, não era uma competição. No entanto, se fosse, Iona imaginava-se na primeira linha da liderança. Ao longo dos anos troçara em segredo das escolhas de vida das suas contemporâneas, quando – uma por uma – abandonavam o auge das suas carreiras, optando por parir um filho após o outro e acomodando-se às necessidades de maridos ingratos e egoístas que em tempos foram razoavelmente atraentes, mas que acabaram por ficar com barriga de cerveja, pelos no nariz e fungos nas unhas dos pés.

Mas agora, olhava para as fotografias que elas tinham das cerimónias de formatura dos filhos, de festas entre pessoas de várias gerações em torno de mesas de cozinha de pinho desgastado e, inclusive de minúsculos netos recém-nascidos piscando os olhos desfocados para a câmara, e perguntava-se se, talvez, elas não eram, afinal, vencedoras. Pelo menos não estavam a chorar com a cara enfiada no pescoço de um cãozinho de estimação sentadas numa sanita.

Iona ouviu a porta da casa de banho abrir-se, e o som de dois conjuntos de saltos a tamborilar no chão de azulejos. Levantou os pés até ao tampo da sanita, encostando os joelhos ao peito e enterrando o rosto ainda mais no pelo de *Lulu* de modo a abafar o som dos seus soluços.

– Meu Deus, como eu odeio as segundas-feiras – ouviu uma das mulheres dizer.

Percebeu, para seu alívio, que se tratava de Marina, uma das redatoras. Ela e Marina eram boas amigas, apesar de Marina ser quase trinta anos mais nova do que ela. Sempre trocavam alguns «gracejos» junto ao dispensador de água e chegaram inclusive a almoçar juntas algumas vezes. Marina costumava pôr Iona a par dos mexericos do escritório e, em troca, Iona dava-lhe conselhos de graça sobre a sua vida amorosa conturbada. Ela e Marina também se respeitavam uma à outra como colegas de profissão, mulheres no auge do seu poder. Talvez devesse sair do seu esconderijo sanitário e desabafar com a sua amiga. Um problema partilhado, e toda essa

conversa. Se calhar deveria sugerir-lhe outro almoço. Um almoço revigorante bem regado a álcool.

– Eu também – disse Brenda-dos-Recursos-Humanos. – Se bem que detesto ainda mais as quartas-feiras. Estás a ver, nem carne nem peixe?

– Ei, era o velho dinossauro quem eu vi a conversar contigo e com o Ed? – perguntou Marina. – Conseguiram por fim arranjar uma maneira de extingui-lo? Quais são os vossos planos? Uma era glacial ou uma chuva de meteoros?

Lá se foi a solidariedade feminina.

Iona sentia-se mais aliviada do que o habitual ao ver que o comboio que a levaria a casa se encontrava à sua espera na Plataforma 5, em Waterloo. Pelo menos esta parte do dia era reconfortantemente previsível. Entrou para a sua carruagem favorita, depois praguejou entre dentes e espremeu *Lulu* sem querer, fazendo-a ganir. Lá estava o Homem da Uva – como é que era o seu nome? Piers. Era isso. Encontrava-se sentado mesmo do outro lado da coxia no único lugar vazio. Por certo estaria desejoso de entabular conversa, e por mais que ela por norma se deleitasse com a profusa gratidão alheia, neste momento queria apenas ficar sentada quieta e em silêncio e imaginar-se num mundo onde ainda era importante.

Iona suspirou, e sentou-se. Abriu a mala de mão e tirou de lá o copo e a garrafa de bolso de gin tónico já preparado, além de um saco de plástico com fecho de correr que continha um par de rodela de limão. Esperou pela interrupção inevitável. Contudo, esta não aconteceu. Ergueu os olhos para Piers, que se encontrava recostado no assento como se pudesse vergá-lo à sua vontade, e tinha as pernas tão abertas e afastadas que a senhora de idade sentada ao lado dele quase estava esborrachada de encontro à janela como uma persiana. Os olhos de ambos encontraram-se e ela pensou, por uma fração de segundo, que ele se preparava para falar, mas então o homem desviou o olhar e pousou-o no telemóvel, que agarrou começando a digitar com um dedo indicador ditador.

Iona sentiu-se constrangida. Depois sentiu-se irritada consigo mesma por permitir que este... *imbecil* a abalasse. Sem dúvida de que a coisa certa a fazer – a *única* coisa a fazer – quando confrontado com alguém que, apenas algumas horas antes, havia *ajudado a salvar a sua vida* seria agradecer, não? Ou, pelo menos, cumprimentar, quiçá? Um vago aceno de cabeça, talvez? Será que ele não a tinha reconhecido? Não seria possível, por certo? A única coisa de que Iona nunca tinha sido acusada era de ser alguém passível de ser esquecida.

– Querida – disse ele ao telefone, num tom e num volume de voz que não demonstravam qualquer tipo de consideração pela serenidade dos outros passageiros. – És capaz de dar um pulo à adega e trazer uma garrafa do *Pouilly-Fumé* e pô-la no frigorífico para gelar? Não, esse não. O *grand cru*. Um desses que trouxemos daquela *villa* de férias pavorosa no Loire com os Pinkerton.

Lulu, sentada no colo de Iona, começou a rosnar. Iona sentiu o corpo da cadela dilatar-se, como um conjunto de gaitas de foles a encher-se de ar, e depois virou-se na direção de Piers emitindo uma cacofonia de latidos estridentes.

Piers espetou o telemóvel, terminando a conversa sem se despedir, e fitou Iona.

– Mas que raios é que se passa com esse cão ridículo? – gritou.

Iona estava habituada a que as pessoas fossem malcriadas com ela, e poderia – quem sabe – ignorar até a ingratidão e a falta de educação de Piers, mas não ia permitir que ele insultasse *Lulu*.

– A *Lulu* – disse ela –, não é ridícula. – É, na verdade, muitíssimo inteligente. Também é feminista e, como tal, denuncia o machismo tóxico onde quer que o detete.

Piers ficou boquiaberto, e pegou no seu exemplar do *Evening Standard*, abrindo-o na frente da cara como se fosse um véu. Iona tinha a certeza absoluta de que eles nunca mais olhariam um para o outro, quanto mais falar. E graças a Deus que assim era.

⁵ *Once more unto the breach, dear friends*, citação da peça *Henrique V*, de William Shakespeare.
(N. da T.)



Sanjay

Sanjay fora transferido do Serviço de Urgências para a Unidade de Oncologia dois meses antes. Era, em vários aspetos, um progresso. As Urgências eram frenéticas, caóticas e de um *stress* infindável para si, marcadas pelos sons de alarmes, gritos e choro, e instruções urgentes transmitidas em *staccato*. Também o faziam sentir-se algo perdido. Enviar crianças pequenas para casa com um braço partido agora engessado com segurança, exibindo um autocolante a assinalar coragem, era adorável e enternecedor, mas era muito frequente ele transferir pessoas para as diversas alas e nunca mais ter notícias de como havia terminado a sua história. Não era possível estabelecer uma relação com os pacientes nas Urgências, pois de maneira geral chegava-se na parte mais dramática do enredo e saía-se antes da resolução final.

O serviço de Oncologia adequava-se melhor ao feitio de Sanjay, e foi por isso que ele pediu a transferência. Teria oportunidade de ver os mesmos pacientes semana após semana, ao longo de um período de vários meses. Inclusive anos, em alguns casos. Já conhecia os doentes habituais – os nomes dos seus filhos e netos, o teor dos seus sonhos e dos seus pesadelos, e como tornar o rumo do tratamento o mais exequível possível. Foi por isso que tirou o curso de enfermagem – para sarar corações e mentes, assim como corpos. Quando escreveu isso na ficha de inscrição, não empregou apenas as frases feitas só por fazê-lo, mas porque era mesmo o que sentia.

O problema, segundo Sanjay começava a descobrir, era que quanto mais envolvido ficava com a vida dos seus pacientes, menos capacidade possuía para lidar com os desfechos infelizes. Por cada mão-cheia de pessoas que mandava para casa com um quisto benigno ou depois de um período de cinco anos de remissão, havia uma com uma recidiva incurável que se havia espalhado para o fígado, para os ossos e para o cérebro. Havia mães de crianças pequenas que testemunhara ficarem cada vez mais fracas a cada ciclo de quimioterapia, perdendo primeiro o cabelo, as pestanas e as sobrancelhas, e depois o sentido de humor e, por fim, a esperança.

Os especialistas com quem Sanjay trabalhava pareciam habituados e imunes a tudo isso. Eram capazes de «compartimentalizar». Conseguiram lidar com a tragédia, a injustiça e as vidas destruídas, e depois despir as batas brancas ao fim do dia e sair para beber uma cerveja ou duas sem, aparentemente, o menor resquício de preocupação. Como é que eles conseguiam fazer isso? Os compartimentos de Sanjay pareciam estar todos ligados entre si. Não era capaz de evitar que uma coisa se dissociasse da outra. Costumava acordar a meio da noite a pensar nos marcadores tumorais no último hemograma do senhor Robinson, ou lembrava-se da disseminação generalizada das sombras escuras na tomografia da senhora Green enquanto tentava comer o seu jantar.

– Obrigada, senhor enfermeiro – disse a senhora Harrison («Por-favor-chame-me-Julie») enquanto ele lhe aplicava um penso sobre o local da biópsia, mesmo debaixo da axila esquerda. – Acha que vou ficar bem? – A mulher olhava para ele com uns olhos que transmitiam esperança e medo, numa luta pela supremacia.

– Tente não se preocupar, Julie – respondia ele, esquivando-se à pergunta e vasculhando no seu arquivo mental as palavras certas para lhe dirigir. – Nove em cada dez nódulos mamários são benignos. Mas não há dúvida de que fez a coisa certa, consultando o seu médico de clínica geral de imediato, por uma questão de segurança.

É claro que isto era verdade, mas Sanjay reparara na expressão na cara do médico que lhe fez a ecografia enquanto tomava nota das medições da massa escura – inquietantemente grande e irregular – no monitor. Nada que

Julie tivesse sido capaz de se aperceber, mas Sanjay já aprendera a identificar os sinais do ligeiro estreitamento dos olhos e da tensão dos dedos sobre o rato do computador.

– Eu sei, eu sei, mas fico preocupada por causa dos meus filhos. São muito pequenos. Seis e quatro anos. Quer ver umas fotografias? – perguntou Julie pegando no telemóvel. Sanjay não queria ver as fotos – isso só dificultaria ainda mais as coisas. Se ao menos fosse capaz de se concentrar em números de casos, prognósticos e planos de tratamento, e não em crianças enlutadas e listas de desejos que nunca seriam completadas.

– Gostaria muito – disse ele, com um sorriso afetuoso.

Depois de se deleitar com as fotografias de dois miúdos felizes, seguros e desdentados, alheios por completo ao facto de que o seu mundo inteiro poderia em breve desmoronar, mandou Julie embora com a recomendação impossível de se manter ocupada e de tentar não pensar no assunto até lá voltar para saber os resultados da biópsia dentro de cinco dias.

Sanjay esgueirou-se para a sala de família vazia, também conhecida como a sala-das-notícias-mesmo-muito-más. Não se pedia a um casal para se «sentar na sala de família» quando se previa uma conversa agradável. Serviu-se de um copo de água do dispensador que havia no canto e sentou-se numa das poltronas rodeadas pelos fantasmas de palavras como *terminal*, *crivado*, *ordem de não reanimar* e *cuidados paliativos*. Será que todo esse choque e desgosto se infiltrava nos estofos das poltronas? Imaginou-os a esvair-se pelas almofadas e pelas cortinas, um lodo tóxico e viscoso que enchia a sala de forma gradual e o afogava.

A mão de Sanjay tremeu, entornando a água no chão. Pousou o copo e esforçou-se ao máximo para inspirar fundo e devagar por várias vezes. Parecia que o coração queria sair da caixa torácica. Pressionou a palma da mão com força suficiente para magoar sobre o esterno, como se pudesse obrigar o coração a voltar ao lugar.

O que é que Julie diria, ou todas aquelas pessoas que seguiam no comboio na segunda-feira, que o consideraram uma espécie de herói, se tivessem conhecimento dos seus ataques de pânico frequentes e debilitantes? E se pudessem vê-lo escondido na sala de família, nas casas de banho ou na

despensa, curvado sobre si mesmo, com a cabeça entre as mãos enquanto aguardava até conseguir voltar a respirar com normalidade de novo?

Qual era a serventia de um enfermeiro oncologista com medo da morte?

Talvez até tivesse sido preferível ter estragado tudo com a Rapariga No Comboio. Mesmo que ela tivesse concordado em sair com ele, não tardaria a descobrir a farsa que ele era, e isso seria a morte do artista, o golpe de misericórdia.



Martha

8h13 De Surbiton a Waterloo

Martha passou em bicos de pés pela porta fechada do quarto, tentando ignorar os gemidos abafados e as batidas ritmadas da cabeceira da cama de encontro à parede, que vinham lá de dentro. Já era desagradável o suficiente imaginar pessoas de idade a *fazê-lo*; pior ainda quando uma delas era a sua mãe. E o pior de tudo, quando a outra pessoa não era o seu pai.

Este namorado, Richard («Por-favor-não-me-chames-Dick-ah-ah»⁶) parecia ter vindo para ficar. Procedeu à contagem dos meses pelos dedos. Já se passara quase um ano, e Martha não parava de encontrar cada vez mais coisas de homem na casa delas. Espuma de barbear na casa de banho, *boxers* no cesto da roupa suja, e até mesmo uma pequena caixa de ferramentas no vestíbulo, que na realidade ele nunca chegou a utilizar, mas que ela desconfiava ter sido ali deixada para dar um ar másculo e útil.

Martha perguntava-se se Richard saberia quantos anos tinha a sua mãe, ou se Kate havia desbobinado a sua ladainha habitual sobre ter tido Martha numa «idade ridícula de tão nova. Com pouco mais de vinte anos». Estava a aproximar-se a data do aniversário dela, por isso talvez Martha devesse confeccionar-lhe um bolo com uma cobertura no topo em várias cores, com os seguintes dizeres: FELIZ ANIVERSÁRIO DE QUARENTA E CINCO ANOS. Isso iria, sem dúvida, descobrir-lhe a careca, quanto mais não fosse porque a mãe não tocava em açúcar refinado desde o século passado.

Se calhar afugentar este não seria lá grande ideia, porém. O seu substituto podia ser pior. E é claro que haveria um substituto, visto que a mãe, a exemplo da natureza, abominava o vácuo. Também ela abominava aspirar o espaço, bem vistas as coisas. A casa delas estava um caos.

Martha foi a pé até à estação em modo de piloto automático, a pensar nas mensagens de texto que havia trocado com Freddie a noite passada. Gostava mesmo dele. Como é óbvio, ele não era um rapaz popular. Era um bocadinho esquisito, desajeitado e algo deslocado, mas ela não era a pessoa mais indicada para *julgá-lo* por causa disso. Na verdade, era superinteligente e surpreendentemente divertido.

Freddie não a fazia desfalecer como costumavam fazer as heroínas dos romances de Jane Austen. Não havia corações a bater descompassados, peitos a arfar nem espartilhos a precisar de ser afrouxados. Não que ela usasse espartilho, e os seus seios não tinham tamanho suficiente para arfar. No entanto, descobriu que ter um rapaz sobre quem falar era importante. Quando todas as raparigas fixes se aglomeravam num canto a cochichar e a soltar risadinhas, também ela tinha alguém sobre quem cochichar e soltar risadinhas. Passaria a fazer parte do grupo. Agarrou-se a esse pensamento como a um saco de água quente.

Martha passava grande parte do tempo a sentir-se como David Attenborough a narrar um documentário sobre a natureza. Era uma observadora, estudando as espécies exóticas, tentando descobrir os seus hábitos e rituais, para poder movimentar-se entre elas sem ser rejeitada nem gozada. Será que as outras adolescentes faziam isto de maneira natural? Ou será que todas elas se debatiam para conhecer as regras? As mesmas regras que sempre pareciam mudar assim que eram todas desvendadas. Que marcas de roupa usar, que tipo de músicas ouvir, que palavras empregar, quais as pessoas a seguir nas redes sociais, quais os atores a idolatrar. Era uma autêntica selva.

O comboio ia quase cheio quando parou na estação de Surbiton. Só havia um lugar vago na carruagem, e Martha encaminhou-se na sua direção. Estava prestes a sentar-se, quando um desses típicos banqueiros macho alfa, aproximando-se pelo lado oposto, se lançou para a frente, afastando-a do

caminho. Esparramou-se no assento, tirou um computador portátil da pasta e abriu-o em cima da mesa à sua frente, que nem um cão alçando a pata de encontro a um candeeiro de rua a fim de marcar território.

– Oh, fantástico – disse Martha, não se apercebendo de que falara em voz alta, o que fez com que o homem se virasse e erguesse os olhos para fitá-la.

– Desculpa, boneca – disse ele com um sorriso rasgado que sem dúvida pensava ser cativante. – Há vencedores e há perdedores na vida, e neste momento... és uma perdedora.

Martha sentiu-se corar. Não sabia o que dizer. Só lhe apetecia fugir dali, mas os corredores estavam a abarrotar de gente. Algo vibrou no seu bolso. Uma vez, depois duas, e em seguida uma autêntica saraivada de notificações. Sacou do telemóvel e examinou-o, grata pela manobra de distração. O grupo de *chat* do 10.º ano enlouquecera com um qualquer mexerico fútil.

Martha percorreu as mensagens, as palavras ficaram desfocadas e sentiu um aperto no estômago. Seria possível? Não. Não. Não. Não podia ser ela. Estava a ficar paranoica. Então localizou a fonte original de toda aquela tagarelice eletrónica – as gargalhadas, as chacotas, o nojo, a indignação – e sentiu o estômago contrair-se mais ainda, ao mesmo tempo que uma vaga de bílis lhe saiu de rompante pela garganta.

– Cum caraças! – berrou o Usurpador de Lugar, quando ela vomitou em cima do seu teclado inteiro. – Fazes uma pequena ideia de quanto custa este computador portátil?

Martha ouviu um gemido ao seu lado, na outra ponta, e deparou-se com os olhos de um familiar buldogue francês que, naquele exato segundo, parecia ver mesmo dentro da sua alma.

– Como se atreve! – gritou a mulher com o cão ao colo. Martha encolheu-se, partindo do princípio de que a mulher também estava a gritar com ela, antes de perceber que esta olhava diretamente para o Usurpador de Lugar. Martha já a tinha visto muitas vezes no comboio. Era a Senhora da Mágica Mala de Mão. – Será que não vê que a pobre pequena não está a sentir-se bem? Santo Deus, deveria ter prestado um favor ao mundo e tê-lo deixado sufocar no outro dia.

– A parte lesada aqui sou eu, por acaso! – disse o homem, apontando para o computador portátil com repulsa.

– Bom, há vencedores e há perdedores na vida, e neste momento, você é um perdedor – disse a Senhora da Mágica Mala de Mão, que num dia normal até poderia ter feito Martha sorrir.

Enquanto os dois adultos trocavam insultos, Martha teve um *flashback* recordando-se da cena do filme *Mundo Jurássico* em que o T-Rex e o Indominus Rex se confrontam, permitindo que os seres humanos indefesos fujam despercebidos, e, quando as portas se abriram na próxima estação, ela saiu à pressa da carruagem e desatou a correr.

Martha serpenteou por entre a multidão de passageiros, ainda com a garganta a arder devido aos resquícios de ácido gástrico, sentindo o fluxo interminável de notificações a perfurar-lhe o telemóvel que nem estilhaços, e percebeu que havia certas situações impossíveis de ultrapassar.

⁶ Trocadilho impossível de traduzir, uma vez que a palavra «dick» em inglês tanto pode ser o diminutivo do nome próprio Richard, como também pode designar um termo pejorativo para pénis – pila, por exemplo. (N. da T.)



Iona

8h05 De Hampton Court a Waterloo

Iona nunca antes havia sofrido de bloqueio criativo para escrever. Muito pelo contrário. De uma maneira geral, precisava de reprimir as palavras, subjugar-las. Contudo, desde *aquela* reunião há uma semana, as palavras que por norma fluíam de forma tão natural saíam aos soluços, duas ou três de cada vez, apenas para serem apagadas pouco depois de chegarem ao monitor. Cada vez que conseguia completar um parágrafo inteiro, olhava para ele pensando: *Será que FERVILHA? Será suficiente para ser considerado geração Y?* Logo quando precisava do seu talento e da sua confiança mais do que nunca, estes tinham-na abandonado.

Ponderou pedir a ajuda de alguns elementos «da geração Y» no escritório, mas talvez todos eles – a exemplo de Marina – a considerassem um dinossauro e acalentassem a secreta esperança de que ela se limitasse a retirar-se para um lar de terceira idade enfiada num par de calças bege com elástico no cós e sapatos confortáveis, libertando uma secretária adicional. Além do mais, pedir ajuda no emprego seria sinónimo de demonstração de fraqueza e, na verdade, nesse momento não podia, mesmo, dar-se a esse luxo.

Iona bebericou o seu chá ao mesmo tempo que observava os passageiros a embarcar no comboio em New Malden. Entre eles encontrava-se Sanjay, o

heroico enfermeiro que salvara a vida àquele parvalhão ingrato e misógino na semana passada. O rapaz sentou-se no lugar vago ao seu lado. Cumprimentaram-se com um aceno de cabeça e sorriram com constrangimento.

Iona deu por si sem saber o que fazer no que respeitava às regras necessárias de etiqueta. As suas recentes trocas de palavras com Piers serviram apenas como lembretes salutares de que envolver-se com desconhecidos no comboio não era *mesmo* uma boa ideia. Era por isso que existia uma lei tácita contra isso. No entanto, ela e Sanjay haviam partilhado *um momento*. Uniram-se, quer se goste quer não, por breves instantes para combater a morte. Então, quais eram as regras agora, afinal? Meu Deus, por vezes era difícil ser-se britânico.

Iona olhou pela janela, contemplando os jardins traseiros das casas geminadas, os baloiços das crianças, minúsculos lagos com peixes, estendais de roupa e estufas. Cada um deles representava uma pequena pista sobre a família que ali habitava. Qualquer coisa para evitar um contacto visual que tornaria o seu dilema ainda mais acentuado.

O comboio abrandou, e depois estremeceu até parar.

À medida que os minutos iam passando sem nenhum sinal de movimento, Iona e os restantes passageiros começaram a ficar cada vez mais inquietos. O silêncio era interrompido por suspiros e gemidos, dedos a tamborilar nos ecrãs dos telemóveis e pés a arrastar. Por fim, uma voz distante e – dadas as circunstâncias – irritantemente jovial ouviu-se através do altifalante.

– Pedimos desculpa por este atraso no vosso trajeto desta manhã, que está a ser causado por uma falha de sinal em Vauxhall. Esperamos prosseguir viagem muito em breve.

– Valha-me Deus, vão morrer de preocupação por nossa causa no escritório – sussurrou Iona a *Lulu*, desejando que isto fosse verdade. Se ficassem ali presos a manhã inteira, será que alguém daria por isso? *Lulu* contemplou a dona, com uns olhos quais dois botões de chocolate a derreter ao sol, e deu-lhe uma lambidela no nariz.

Iona virou-se para Sanjay, que tamborilava com os dedos de forma ritmada em cima da mesa à frente deles. Tinha o maxilar cerrado com tanta força que ela chegou a ver-lhe uma contração muscular junto ao lóbulo da orelha, e a sua respiração começou a ficar superficial e acelerada. Era escusado. Iria ter que dizer alguma coisa.

– Sente-se bem, Sanjay? – perguntou, no mesmo tom de voz que empregava para acalmar *Lulu* sempre que outro cão – menos educado – lhe ladrava no parque. O homem ergueu os olhos, sobressaltado, como se se tivesse esquecido de onde se encontrava.

– Hum, sim. Obrigado. Acontece que vou atrasar-me imenso para o meu turno – respondeu.

– Em breve seguiremos viagem, tenho a certeza – disse Iona. – Mas também não é nenhum caso de vida ou de morte, pois não? – Em seguida calou-se, apercebendo-se da gafe. – Valha-me Deus, no seu caso talvez seja, não é?

Sanjay riu-se, algo constrangido.

– Oh, não sou assim tão indispensável! – declarou. – Trabalho em Oncologia, por isso os meus pacientes tendem a morrer um pouco mais devagar do que isso. Mais de metade nem sequer morre, graças a Deus.

– Pois então – disse Iona –, não precisa de se preocupar, pois não? Sabe uma coisa? Ontem os seus conhecimentos de enfermagem tinham-me dado muito jeito no comboio. Vinha sentada aqui mesmo, e uma estudante vomitou em cima do computador portátil do Elegante-Porém-Machista de Surbiton!

– Quem? – perguntou Sanjay.

– Então, o Tipo da Uva. Piers. Aquele cuja vida você salvou. Afinal de contas, por onde é que andou? Não lhe ponho a vista em cima desde esse dia. Já começava a achar que tinha sido alguma espécie de aparição divina. No entanto, se o fosse, não sei muito bem por que motivo se daria ao trabalho de o salvar. Pode ter parecido um vômito normal, mas na realidade tratou-se de carma líquido.

– Hum, tenho viajado sentado na outra ponta do comboio. De propósito, para lhe ser franco – disse Sanjay.

– Tem andado a evitar-me? – perguntou Iona, apercebendo-se depois das palavras já lhe terem saído pela boca de que a reunião com Ed e com a fulana dos Recursos Humanos estava a deixá-la invulgarmente paranoica e carente. *Para com isso, Iona. O pobre rapaz pode sentar-se onde muito bem entender. Vais acabar por afugentá-lo.*

– Não. Não a si, não, de todo – respondeu ele, tropeçando nas suas múltiplas negativas. Coitado. – *A ela.* A Rapariga No Comboio.

– Qual rapariga no comboio? – perguntou Iona, perplexa. – Isso não é um filme? E ela não assassinou alguém? Ou talvez não tenha assassinado. Não me lembro muito bem. É tão *rebuscado*.

– Aquela que estava sentada à sua frente quando esse homem... Piers... se engasgou – disse Sanjay.

Iona franziu o sobrolho, reproduzindo a cena fotograma por fotograma na sua cabeça.

– Oh! – exclamou, localizando a imagem em causa com uma sensação de triunfo. – Está a referir-se à Inacreditavelmente-Bonita de Thames Ditton!

– É assim que lhe chama? – disse ele, sorrindo por fim. – Combina com ela. Atribui alcunhas a toda a gente? Também tem um nome para mim?

– Claro que sim! – respondeu ela, antes de se lembrar de que lhe chamava o Estranhamente-Simpático de New Malden, uma vez que ele parecia quase bom demais para ser verdadeiro. Cedia sempre o lugar às senhoras de idade e às mulheres grávidas, pedia desculpa quando as outras pessoas tropeçavam no seu pé, e era dono de um desses sorrisos gloriosos, calorosos e compreensivos. Se uma pessoa andasse a selecionar o elenco para um *thriller* psicológico com uma reviravolta surpreendente no que respeita ao homicida, em que a personagem menos provável viria a revelar-se o assassino em série, então a escolha recairia em Sanjay.

– Chamei-lhe o Provável-Profissional-De-Assistência-Médica de New Malden, porque sempre se mostra muito atencioso com toda a gente – respondeu ela, apressando-se a utilizar técnicas aperfeiçoadas por décadas de trabalho a redigir, reorganizar e substituir palavras. *Bela finta, miúda. Não perdeste o jeito.*

– Uau, que perspicácia da sua parte – disse Sanjay.

– Bem, trata-se de uma técnica muito minha – replicou ela. – É raro enganar-me. Então, porque é que anda a evitar a bela donzela de cabelo flamejante de Thames Ditton?

– Oh, na realidade não tem importância – disse Sanjay, corando de uma maneira deveras enternecedora, o que só espicçou ainda mais a curiosidade de Iona.

– Vá lá, pode contar-me – disse ela com um suspiro teatral, estendendo o braço através da mesa e dando-lhe uma palmadinha na mão. – Sou a discrição em pessoa. – Isso não era inteiramente verdade, como é óbvio, mas ele não tinha como saber que a discrição, no mundo de Iona, era mais uma meta ambiciosa do que uma *actualitéé*.

Iona sabia que a melhor maneira de convencer alguém a falar era ficar calada. As pessoas, quando confrontadas com o silêncio, sentem um impulso avassalador para preenchê-lo com alguma coisa. Por conseguinte, ela limitou-se a bebericar o chá e a esperar. Observou Sanjay a debater-se com a decisão, adquirindo depois de forma gradual o ar resignado de alguém que está prestes a abrir o bico, e então Iona percebeu que tinha vencido.

– Bem, pois então, estava prestes a convidá-la para sair comigo no dia em que o Piers se engasgou, mas agora ela deve estar convencida de que eu não passo de um idiota chapado. Só cheguei a falar com ela essa única vez, e deitei tudo a perder – declarou Sanjay.

– Só porque ela é linda de morrer não significa que também seja simpática, repare. O mais provável é que chegasse à conclusão de que ela não era a rapariga certa para si se a conhecesse melhor – disse Iona. – Talvez seja uma peste com cachorrinhos e seja seguidora da Katie Hopkins no Twitter.

– Não é só pelo facto de ela ser lindíssima. Não sou assim tão superficial – disse Sanjay. – Ela lê livros de verdade, percebe? Todas as manhãs. Livros deveras interessantes. E é capaz de resolver as palavras cruzadas rápidas do *Times* antes de chegarmos a Waterloo. E quando ouve música nos fones, fecha os olhos e agita os dedos no ar como se estivesse a tocar um teclado imaginário. Também sorri a completos desconhecidos como se o fizesse com

sinceridade. Além disso, tem umas quantas sardas pequeninas, como se fosse uma constelação, espalhadas sobre a cana do nariz. E...

Iona levantou a mão.

– OK. Pode parar! Pare, por amor de Deus, antes que também eu comece a vomitar. Acredite em mim, não vai querer isso. A carruagem ficou a tresandar a ácido gástrico o caminho todo até chegarmos a Waterloo. Quase me tirou a vontade de beber o meu chá. Já me convenceu. Embora ainda desconfie de que o facto de ela «tocar um teclado imaginário com os olhos fechados» não o conquistaria se ela fosse feia. Portanto, quer conhecê-la melhor, certo?

– Sim! Nem sequer sei o nome dela! – disse Sanjay. – E também não posso desatar por aí a chamar-lhe a Inacreditavelmente-Bonita de Thames Ditton, pois não?

– Bom, Sanjay. Este é o seu dia de sorte, porque primeiro: Gosto de si. Segundo: Estou em dívida para consigo, visto que graças a si, não tenho a morte de um companheiro de viagem a pesar-me na consciência. E terceiro: Sou uma profissional! – disse Iona, ilustrando cada ponto com um dedo adicional no ar.

– Não me diga que é uma casamenteira? – disse Sanjay.

– Não! Sou terapeuta editorial! – replicou ela.

– Oh, quer dizer uma conselheira sentimental? – comentou Sanjay.

Iona suspirou, simpatizando com ele um bocadinho menos. Ainda bem que estava a começar do zero.

– Tudo o que precisa de fazer, Sanjay, é sentar-se ao meu lado na Carruagem Três sempre que puder, e eu vou tratar de mexer os meus pauzinhos e entregar-lhe tudo de bandeja, espere só para ver.

Iona recostou-se no assento, acariciando *Lulu* e sorrindo para com os seus botões. Começava a sentir um *quid pro quo* bastante poético a ganhar forma. Isto ia ser *divertido*. E depois, tanto Sanjay como a Inacreditavelmente-Bonita de Thames Ditton eram os dois da geração Y, não eram? Conhecê-los melhor a ambos – observar um pequeno caso amoroso florescer, quiçá – constituiria a pesquisa perfeita para a sua coluna. No mínimo, dar-lhe-ia

mais alguma coisa em que pensar. Mal podia esperar para contar a Bea. Bea era doida por um bom romance.

O comboio deu um solavanco e começou a avançar, acompanhado por um suspiro coletivo da parte dos passageiros.



Piers

18h17 De Waterloo a Surbiton

Quanto mais Piers se esforçava para retificar a situação, pior ficava. Viajou alguns anos no passado recordando-se dos dias em que lhe tinham dado a alcunha de Midas, e quando todas as ações em que punha a mão se transformavam em ouro. Nessa época, sentia-se invulnerável. Um Dono do Universo. Agora, bastava olhar para alguma coisa e esta transformava-se em lodo. Sabia que o problema era *preocupar-se* em demasia. Era necessário abordar os mercados com uma certa despreocupação, aproximar-se deles de maneira sorrateira, como se tentasse meter conversa com uma bonita empregada de um bar. Quanto mais importância se dava ao assunto, mais desesperado pensavam que estava, e maior a probabilidade de levar com uma bebida na cara e ser expulso do bar. E neste momento, era *muito* importante. Mais do que alguma vez fora.

Contemplou os seus mocassins *Gucci* bem engraxados à medida que se encaminhava na direção da Plataforma 5 em modo de piloto automático. Os seus sapatos, à semelhança do relógio de pulso *Rolex* e das gravatas *Hermès*, sempre lhe conferiram uma certa dose de confiança. Nada de muito mau podia acontecer a um homem com mocassins *Gucci*, pois não?

Quando embarcou no comboio, este estava prestes a partir, por isso já se encontrava apinhado de gente. Só conseguiu vislumbrar um lugar vago e,

como sempre, era defronte da Mulher Desvairada do Cão. O equivalente do comboio a um lugar de visão restrita no teatro. O lugar menos popular da casa. E pensava ele que o dia não podia piorar ainda mais.

Como se a vida de Piers já não estivesse lixada o suficiente neste momento, esta senhora interferia a sério no seu trajeto habitual. Para começo de conversa, fazia-o sentir-se irritantemente em *dívida*. Ele e ela estavam ligados para todo o sempre por causa da sua experiência de quase morte. Piers odiava sentir-se em dívida. Gostava da simplicidade gratificante de saber que tudo o que era, tudo o que possuía, se devia a ele, e apenas a ele.

A outra razão por que temia sentar-se perto desta mulher era o facto de ser óbvio que ela o odiava. Ser odiado era outra coisa de que Piers não gostava. Uma das suas maiores aptidões era saber conquistar o afeto e a admiração das outras pessoas. Ele era um camaleão – era capaz de desempenhar o papel de sedutor, de intelectual, de confidente, de brincalhão – dependendo do que cada situação exigia. E, no entanto, esta mulher tinha gritado com ele. Em público, *por duas vezes*. Tinha-o acusado de «machismo tóxico». Numa situação normal, teria considerado isso como um elogio indireto, mas era óbvio que ela não o dissera com essa intenção. E agora, estava a fitá-lo de novo com aquele olhar penetrante.

Por mais que Piers detestasse ter que ser o primeiro a capitular numa luta, neste caso seria do seu interesse fazê-lo. Queria que o seu trajeto voltasse a ser o lugar confortável que sempre fora até aí. A transição suave sobre carris da sua vida profissional para a sua vida familiar.

Pelo menos esta mulher era *interessante*. No seu mundo exclusivo da alta finança, dos clubes privados e dos jantares sofisticados, nunca se deparava com pessoas como ela. Além disso, a mulher constituía um desafio. Se conseguisse que ela viesse a gostar dele, isso provaria que ainda «não tinha perdido o jeito». Uma coisa de que sempre gostara – até há pouco tempo, pelo menos – era de um bom desafio.

Piers sentou-se, com cautela, no lugar defronte da Mulher Desvairada do Cão. Invocou os sentimentos mais adequados e preparou-se para ligar no máximo o farol do seu encanto. Contudo, embora tenha alinhavado as

palavras necessárias pela ordem certa, estas teimavam em não lhe sair da boca, quais beligerantes trabalhadores em greve que se recusavam a furar um piquete. Esperou, até que o silêncio entre eles se tornou insuportável, depois pigarreou e tentou de novo.

– Acho que começámos com o pé esquerdo – disse Piers, e as palavras, uma vez soltas, começaram a jorrar como uma torrente. – E suponho que, na realidade, devo agradecer-lhe por me ter ajudado no outro dia.

Iona ergueu uma sobrancelha na direção dele – uma proeza facial que ele sempre quis ser capaz de fazer, mas que nunca conseguiu, apesar das horas de prática à frente de um espelho. Acrescentou uma inveja rancorosa à lista de sentimentos negativos que sentia pela sua companheira de viagem.

– *Supõe que deve*, ou está mesmo agradecido? – perguntou ela, fazendo-o contorcer-se de embaraço, coisa que ninguém havia feito desde que o chefe lhe pedira para justificar um reembolso de ajudas de custo, de um montante considerável, envolvendo um champanhe escandaloso de tão caro num clube de *strip*.

– Hum, não, estou mesmo agradecido, a sério – disse ele, descobrindo à medida que proferia as palavras que estas eram sinceras, para sua grande surpresa. – Pensei que ia morrer. – Iona presenteou-o com mais um olhar duro e não disse nada.

– O meu nome é Piers Sanders – disse ele, com o seu sorriso mais vitorioso, estendendo a mão por cima da mesa como um cachimbo da paz. Ela não disse nada e cruzou os braços sobre o peito farto e algo engelhado, deixando-o com a mão pendurada, constrangido e sem jeito.

– Ora, não seja assim – disse ele. – Estou a fazer um esforço! Pelo menos, diga-me qual é o seu nome. Não podemos começar do princípio?

– Iona Iverson – disse ela, por fim, estendendo-lhe a mão com relutância. Ele apertou-a. Era toda ela anéis e unhas, enterrando-se na palma da sua mão. Será que ela apertava com demasiada força de propósito para o obrigar a encolher-se? De certeza que não.

– Diga-me, Iona – disse ele. – Porque é que você, e o seu cãozinho amoroso, me consideram *tóxico*? Fiquei magoado. A sério! – Piers agarrou-se ao peito com as duas mãos, e dirigiu-lhe o seu olhar expressivo de

cachorrinho labrador, aquele a que ele recorria quando queria que a mais recente estagiária do sexo feminino lhe fosse buscar a roupa à lavandaria ou lhe trouxesse uma caixa de donuts, nos tempos em que esse tipo de pedido bastante razoável não era motivo para ser intimado a comparecer nos Recursos Humanos.

– Acontece que eu conheço muito bem o seu tipo – respondeu Iona, não demonstrando o mínimo sinal de fazer tentações de quebrar o gelo.

– Oh? E qual é o meu «tipo»? – Piers desenhava no ar umas aspas um tanto ou quanto agressivas em torno da palavra «tipo» antes de ter tempo para se deter.

– O *tipo* que utiliza essas irritantes aspas no ar. Que fala demasiado alto. Que se senta esparramado de pernas abertas e que fala com condescendência com as mulheres, numa típica atitude machista. Que acredita ser melhor do que as outras pessoas. O tipo que avalia tudo pelo seu preço e considera que amealhar dinheiro é a coisa mais importante da vida. O tipo que parte do princípio de que adotar um charme obviamente falso é capaz de safá-lo de qualquer situação...

– Pare! – disse ele. Não estava a contar com uma lista assim tão extensa, além de que havia pessoas a ouvir... embora, esperava ele, não concordassem com ela. – Olhe, você não me conhece, e acho que está a reger-se por uma qualquer hedionda opinião preconcebida. Não sou nada daquilo que possa pensar.

– Vamos lá, então – disse ela. – Surpreenda-me.

Oh, meu Deus. Caíra na esparrela. Havia mais factos surpreendentes acerca da vida de Piers do que ele estaria disposto a admitir, contudo passara décadas sem os partilhar, e por certo que não iria começar agora.

Iona tirou uma grande garrafa de bolso em prata e um copo daquela sua mala de mão de dimensões extraordinárias. Aquela coisa era como uma nave espacial, contendo – ao que tudo indicava – bebidas para todas as ocasiões, e sabe lá Deus mais o quê. Não ficaria nada surpreendido se a seguir ela tirasse lá de dentro um sabre de luz. Ou uma varinha de condão.

Enquanto Piers ponderava com rapidez nas possíveis respostas para o desafio de Iona, procurando o indefinível ponto ideal entre o demasiado

óbvio e o demasiado pessoal, perguntou-se se a sua companheira de viagem seria na realidade um Cavaleiro Jedi ou uma Grande Bruxa, porque sentia uma vontade avassaladora de *confessar*. Talvez pudesse de facto contar a esta completa desconhecida o que tinha andado a fazer. Quem sabe não fosse uma espécie de libertação que impedisse a mistela tóxica de segredos de rodopiar dentro do seu estômago, envenenando tudo. Ou talvez fizesse tombar a primeira peça de uma maldita fila de dominós, causando um efeito em cascata que podia acabar sabe-se lá onde. Por fim, decidiu-se por uma verdade. Não a verdade completa, muito longe disso, mas a verdade original. Aquela que tinha dado início a tudo aquilo.

– Odeio o meu emprego – disse ele. – E não é só um bocadinho. Não suporto aquilo, nem mesmo com molho de tomate.

Piers viu a cara dela suavizar-se apenas um pouco, dando lugar a um arremedo de um sorriso.

– Ora, ora. Venceu – disse ela. – Na verdade, não estava nada à espera disso. O que é que faz na vida?

– Trabalho na City. Corretor da Bolsa. Sabe o que é que isso significa?

– Sei. Significa parvalhão paternalista e arrogante. Não! Que tolíce a minha. Significa parvalhão rico, paternalista e arrogante – disse Iona. Piers optou por ignorar esse comentário. Além do mais, não era nada que ele já não tivesse ouvido antes a seu respeito.

– Bom, costumava adorar, mas já... não – afirmou ele.

Nos últimos tempos, Piers habituara-se tanto a encobrimentos e subterfúgios que a honestidade desta declaração era estranha saindo dos seus lábios. Abrira mão de demasiadas coisas. Apressou-se a desviar o assunto voltando a concentrar-se nela, e afastando-se de si próprio.

– Gosta do que faz, Iona?

– Oh, sim. Gosto muito, mesmo. Mais do que tudo na vida. Tirando a Bea, claro – respondeu Iona, levando as mãos ao peito e girando o mais reles dos anéis dela, aquele que lhe deixara uma marca na palma da mão, de modo que o enorme rubi refletiu a luz, deixou-a vermelha, fragmentando-a no vidro da janela ao lado dela, conferindo-lhe um ar perturbador como o rescaldo de uma cena de crime.

– Bea? – perguntou ele.

– A minha mulher – replicou ela. – Estamos juntas há trinta e cinco anos, e casámos assim que foi permitido por lei. É o amor da minha vida. É casado?

– Sou. O nome dela é Candida – respondeu ele.

– Credo. Como a infeção fúngica? – exclamou Iona.

– Bom, a sua mulher tem o nome de um *inseto*.² Candida é o nome de uma santa muito antiga, na verdade – explicou ele, tal como ouvira Candida dizer tantas vezes. Vem do latim e significa «branco puro».

– Pois então, uma infeção fúngica racista. Porque é que o branco é sinónimo de puro, inocente, virginal, ao passo que o preto significa malevolência e depressão? – Iona lançou-lhe um olhar penetrante como se tivesse sido ele a inventar o conceito.

Piers nunca pensou sentir-se tão satisfeito ao ver a tabuleta onde se lia SURBITON aparecer no seu campo de visão.

À medida que Piers se encaminhava na direção do seu *Porsche Carrera* no parque de estacionamento, carregou no comando da chave, fazendo com que todas as luzes piscassem de uma maneira que indicasse *homem bem-sucedido a aproximar-se* a todos os curiosos que por ali passavam.

Pensou na sua verdade divulgada por engano. Quando é que tinha começado a detestar o seu emprego? Não estava bem certo. Essa informação deslizara por todo o seu corpo de forma gradual. O problema é que era mais do que um emprego – era todo um estilo de vida, uma personalidade, um sistema de crenças. Encontrava-se enrolado em torno dos seus órgãos como um parasita gigantesco que não podia ser removido sem matar o respetivo hospedeiro. Se deixasse de ser um corretor da Bolsa, então quem seria ele?

Além de que havia que ter em conta os aspetos práticos. Sem o salário ridiculamente chorudo que auferia e os bónus a que estava habituado, nunca seria capaz de fazer face às prestações mensais do *Porsche*. E muito menos aos juros hipotecários da casa. Tinham saído de Wimbledon mudando-se para o bairro menos saudável, mas mais barato, de Surbiton há dois anos, porque Candida queria uma piscina e um *court* de ténis, e também um apartamento separado para a *au pair*.

Essa era outra coisa que não poderia sustentar se mudasse de profissão: a sua mulher. Candida, muito à semelhança do automóvel, dos fatos de marca e do relógio, era um símbolo de estatuto social. Uma esposa troféu. Ela era a prova viva de que ele conseguira vencer, a cereja no topo do bolo da sua nova e impressionante vida.

E agora essa cereja solidificara transformando-se em cimento, mantendo-lhe os pés encurralados na vida que já não tinha a certeza de querer, ao mesmo tempo que as águas iam subindo devagar à sua volta.

² Trocadilho impossível de traduzir, uma vez que em inglês o nome feminino Bea pronuncia-se da mesma maneira que a palavra *bee*, que significa abelha. (N. da T.)



Iona

Iona soprou com força sobre o vinil, em seguida limpou-o com a manga e colocou-o no prato giratório do gira-discos.

– Lembras-te desta, querida? – perguntou a Bea por cima do ombro.

– Dolly Parton. Lembra-me sempre daquela noite, quando arranjaste o emprego na revista. Em que espetáculo é que eu estava a trabalhar na altura? – perguntou Bea.

– *Os Miseráveis* – respondeu Iona, tomando a mão de Bea entre as suas e fazendo-a rodopiar ao som da música. – Terceira prostituta e convidada figurante no casamento. Irrompi pelos bastidores durante o intervalo, e comemorámos a minha nova proposta de trabalho na sala do guarda-roupa. Estás lembrada?

– Claro que sim! Na marmelada atrás de um expositor de trajes militares franceses. Perdi a minha deixa para a cena do casamento, o que estragou por completo toda a coreografia! – disse Bea, e dito isto inclinou a cabeça para trás e riu-se, parecendo... apenas por um momento... exatamente a mesma mulher que era então, há quase trinta anos.

Tinham ficado tão falidas, depois de comprar a casa, e Iona mal podia acreditar na sua sorte quando alguém propôs *pagar-lhe* para frequentar festas e depois coscuvilhar sobre elas, o que em todo o caso era o que ela passava o tempo inteiro a fazer.

– Lembras-te daquela vez quando fomos jantar com alguns membros do elenco, e eu trepei para o balcão do bar e comecei a exhibir-me em cima de uns saltos de quinze centímetros, enquanto o coro dos *Miseráveis* cantava *Nine to Five*? – perguntou ela, ao mesmo tempo que Bea a rodava com perícia. Nunca se punham de acordo sobre quem assumia a liderança e conduzia quando dançavam.

Dolly referia-se, claro, ao horário entre as nove da manhã e as cinco da tarde, ao passo que Iona, de uma maneira geral, trabalhava entre as nove da noite e as cinco da manhã. Quanta energia possuíam naqueles tempos! Se bem que costumavam sempre dormir até meio da tarde.

– Não vais ser capaz de adivinhar o que eu fui encontrar quando estava a esvaziar as gavetas da minha secretária no outro dia – disse Iona, parando de dançar quando a voz de Dolly deu lugar ao final instrumental da canção. Encaminhou-se até junto da sua mala de mão e tirou lá de dentro uma caixa retangular de prata. – Olha só!

– É o Ditador! – exclamou Bea. A revista tinha autorizado que Iona utilizasse um dos seus motoristas, que costumava transportá-la e à Bea entre festas, levando-as depois até East Molesey ao fim da noite. Havia um Dictafone no banco traseiro do carro, e assim que saíam de cada festa, gravavam descrições dos convidados, do ambiente e dos mexericos em tons de voz cada vez mais ininteligíveis nas suas minúsculas cassetes. Iona chamava-lhe «o Ditador», uma vez que fazia sempre questão de saber todos os pormenores, por mais que as duas quisessem apenas ir para casa dormir. – Ainda tens alguma dessas fitas?

– Julgo que a maioria delas foi arquivada, mas encontrei esta, de 1993. Queres ouvir? – perguntou Iona. Bea assentiu com a cabeça, sentou-se na poltrona e descalçou os sapatos com um pontapé. Iona semicerrou os olhos junto dos botões diminutos, antes de selecionar o que dizia PLAY.

Pois então, acabámos de sair da festa de reinauguração do Quaglinò's, ouviu-se a si mesma dizer numa voz que parecia saída de outro mundo, o que supôs ser verdade. Dizem que Terence Conran gastou uma fortuna na reforma. Quanto foi que ele gastou, querida?

Não sei. Mas deve ter gastado milhões. Zilhões, inclusive, surgiu a resposta.

– Sou eu! – guinchou Bea.

– Claro que és, querida – disse Iona. – Chiu. Vamos ouvir.

Quem é que lá estava?, perguntou uma voz masculina.

– É o teu motorista! Como é que ele se chamava? – perguntou Bea.

– Darren – replicou Iona.

TODA A GENTE estava lá, como é óbvio, disse a jovem Iona, mas a verdadeira bisbilhotice era sobre quem NÃO ESTAVA lá. Estávamos todos à espera de que a Princesa Diana aparecesse, mas isso não veio a acontecer. Consta que ficou pior que estragada em relação às fotografias que a mostravam a exercitar-se no ginásio e que foram publicadas pelo Daily Mirror.

Não podemos censurá-la de todo por isso!, disse a jovem Bea. Estava a servir-se dos aparelhos de musculação. Aqueles que definem a parte interior das coxas. Tinha as virilhas à mostra! Não é algo propriamente principesco!

Até mesmo as princesas têm virilhas, fofa. Adiante, envergava um maillot e calções de licra; nada a ver com a Sharon Stone em Instinto Fatal. Não percebo porque é que isso a impediu de aparecer no maior acontecimento da cidade, disse a jovem Iona, demonstrando uma notável falta de empatia na opinião da velha Iona.

O que foi que comeram?, perguntou Darren, que se mostrava sempre responsável e irritantemente sóbrio, e Iona desconfiava que ele tinha recebido instruções da revista para se certificar de que elas nunca se esqueciam de registar todos os pormenores importantes no Ditador.

Travessas monumentais de fruits de mer!, replicou a jovem Iona. Camarões, lagosta, santola, ostras – tudo isso disposto sobre gelo triturado. Adorei. A Bea nem por isso, pois não, querida?

Demasiadas patas, excetuando as ostras, que não as tinham em número suficiente, disse a jovem Bea, fazendo com que a velha Bea roncasse de tanto rir. Iona carregou no STOP do Dictafone e puxou Bea para junto de si quando Dolly começou a cantar *Jolene*. Deu um abraço apertado a Bea, cingindo-a bem junto do seu corpo, assentando o queixo no ombro de Bea.

– Acho que vão despedir-me, querida – disse, soltando as palavras no ar vazio sobre o ombro de Bea.

– Porque carga de água é que eles fariam uma coisa dessas? – perguntou Bea, e Iona sentiu os músculos das costas dela retesar-se de indignação. – Tu és a estrela daquela revista!

– Costumava ser, querida, mas já não sou. – disse Iona.

– Bom, para mim sempre serás a minha estrela – disse Bea. – Sempre. A estrela mais brilhante do firmamento. Como é que se chama a estrela mais brilhante?

– Chama-se Sírio – respondeu Iona.

– Bom, tu és o meu Sírio – disse Bea.

– A *sírio*? – exclamou Iona, atraindo Bea ainda com força mais para junto de si e forçando-se a soltar uma pequena gargalhada a fim de abafar o som do seu choro.



Sanjay

8h19 De New Malden a Waterloo

Quando Sanjay embarcou no comboio, ouviu um assobio estridente. Não do chefe da estação, mas sim do interior da carruagem. O tipo de assobio que implica enfiar dois dedos na boca, como um agricultor quando chama o seu cão pastor. Olhou, assim como todas as outras pessoas na carruagem, na direção da origem do som. Era Iona, acenando-lhe com gestos frenéticos.

O estômago de Sanjay contraiu-se quando viu que, tal como sucedera no dia do episódio da uva, há cerca de duas semanas, ela estava sentada ao lado da Rapariga No Comboio. Era agora. A sua oportunidade. Desta vez, não iria meter os pés pelas mãos.

Sanjay encaminhou-se até junto delas, esforçando-se tanto para parecer descontraído que estava ciente dos movimentos de cada músculo do seu corpo.

A Rapariga No Comboio tinha um livro à sua frente, como sempre, com um marcador de couro a indicar aonde ia. Ela não era obviamente o tipo de pessoa que dobrava os cantos das páginas ou, pior ainda, que usava a badana para assinalar a página.

– Bom dia, Iona! – disse ele, dirigindo um cumprimento indiferente tipo James Bond a *Miss Moneypenny*.

– Sanjay, querido! – replicou ela, retirando a *Lulu* do lugar à sua frente, e pondo-a no colo.

» Aqui. A *Lulu* não se importa de ceder o seu lugar a um autêntico enfermeiro herói, pois não, fofinha? Até lhe fará bem aprender a partilhar. Chama-se *hot desking*, não sei se sabias. Está na moda – disse ela para a cadela, que não parecia lá muito entusiasmada com a mudança de lugar.

Sanjay sentou-se no banco recém-desocupado ao mesmo tempo que tentava organizar os pensamentos, que corriam desenfreados que nem ovelhas assustadas, num qualquer simulacro de ordem.

– Sanjay, esta é a Emmie. Com IE, não com Y – disse Iona, apontando para A Rapariga No Comboio, que possuía agora um nome real. – É quase um palíndromo, mas não exatamente.

Que raios seria um palíndromo? Soava a um tipo de achaque, mas não era doença que alguma vez lhe tivesse passado pelas mãos.

– Eu lembro-me de si! – disse Emmie, com um sorriso que lhe criava uma covinha, apenas de um dos lados da cara. Hoje tinha o cabelo apanhado numa espécie de nó, de onde escapavam algumas madeixas. – Você é o enfermeiro incrível que veio em auxílio daquele homem que estava a morrer mesmo ao meu lado!

Sanjay sentiu-se corar. Esforçou-se por transmitir vibrações de herói de ação, mas desconfiou que se assemelhava mais a uma nervosa Moneypenny do que a um sedutor Bond.

– Ele não foi fantástico? – interrogou Iona, como uma mãe orgulhosa depois de ter assistido à representação de uma peça de Natal na escola. –

Sanjay, a Emmie trabalha em publicidade digital. Faz todo o tipo de coisas geniais com *websites* e redes sociais para grandes marcas que pretendem acompanhar o ritmo da juventude. – Iona dirigiu-lhe um olhar penetrante que sem dúvida se traduzia como *agora é a sua vez de dizer alguma coisa interessante*.

– Uau – exclamou ele.

– Bom – disse Emmie –, não é nem de perto nem de longe tão impressionante como o que você faz. Quero dizer, você salva vidas de verdade. Já o vi em ação! Tão calmo e controlado. Eu limito-me a convencer as pessoas a comprar mais detergente em pó ou rolos de papel higiénico. Deve ser deveras gratificante, ajudar as pessoas dessa forma.

– Suponho que sim – replicou Sanjay. Tentou lembrar-se da história perfeita sobre o seu emprego... uma que o retratasse como atencioso, porém forte. Heroico, porém humilde. No momento exato em que se preparava para se atirar de cabeça, os olhos de Iona arregalaram-se, e ela começou a apontar com a cabeça para o lado. Estaria a ter um ataque? Não, estava a tentar dizer-lhe alguma coisa. Sanjay devolveu-lhe o olhar impotente, esforçando-se por desvendar o código. Tinha a certeza de que ela estava a tentar ajudá-lo, mas assim só fazia com que se sentisse mais nervoso.

Sanjay sentiu um pontapé certo no tornozelo e gemeu, depois olhou para Iona, que se limitou a esbugalhar ainda mais os olhos, sacudindo a cabeça de novo, na direção da janela. Sanjay virou-se para a direita. Nem sequer tinha reparado no homem sentado ao seu lado. Em parte, porque estivera bastante ocupado a olhar para Emmie, mas também porque o homem era bastante insípido.

Sanjay já tinha reparado que a brigada dos fatos completos no comboio – os advogados, bancários, contabilistas e afins – tendiam a usar uma espécie de uniforme. Todos eles optavam por fatos cinzentos ou azul-escuros, com camisas lisas ou às riscas de cores neutras, e sapatos de atacadores. Alguns deles tentavam fugir à regra, demonstrar uma centelha de originalidade e de individualismo, como se dissessem «Sou mais interessante do que possas pensar», usando uma gravata com um padrão engraçado, ou peúgas às riscas de cores berrantes, ou botões de punho espirituosos. Não era o caso deste tipo. Sem dúvida de que não se tratava do tipo das gravatas cómicas. Tudo o que vestia parecia ter sido concebido para se misturar com o pano de fundo. A maioria dos homens, à medida que envelheciam, adquiriam características distintas – narizes protuberantes, papada ou pelos nas orelhas. Este não tinha nada disso. Nada de marcante nem de significativo.

Agora Sanjay reparou que o homem se encontrava sentado diante de uma lancheira aberta que continha uma sanduíche, uma banana e um chocolate *Kit Kat*. As pessoas ainda preparavam lancheiras? Não era para isso que servia a cadeia de restaurantes Pret A Manger? Na sua mão, que tremia um pouco, via-se um pedaço de papel que ele fitava, boquiaberto.

Iona deu-lhe outro pontapé e articulou as palavras com a boca, mais alto do que pretendia «O que é que DIZ?», inclinando a cabeça na direção do pedaço de papel.

– Posso ajudá-la? – perguntou o homem a Iona, para grande mortificação de Sanjay. Iona, no entanto, mostrava-se inabalável e bem segura de si.

– Na verdade, estava aqui a perguntar-me se poderia ajudá-lo eu *a si* – disse ela. – Esse pedaço de papel parece estar a perturbá-lo.

Iona estendeu a mão e, para surpresa de Sanjay, o homem entregou-lhe o papel.

– NÃO POSSO CONTINUAR ASSIM – leu Iona. – Santo Deus, é um pedido de socorro da sua *sanduíche*. Não admira que pareça um bocadinho atordoados.

– Acho mais provável que seja da minha mulher, na verdade – disse o homem.

– Ela deve mesmo odiar preparar-lhe o almoço – disse Emmie, inclinando-se para a frente, assentando o braço em cima da mesa, tão perto do de Sanjay que ele pôde sentir o calor que emanava da pele dela.

– Desconfio que seja algo mais complicado do que isso, querida – disse Iona. – Chamo-me Iona Iverson, e estes são a Emmie e o Sanjay. Como é que se chama?

– David Harman – replicou o homem.

– Deve ser novo neste comboio! – disse Iona. – Nunca o vi aqui antes.

– Não, na verdade há décadas que costumo vir nele todos os dias úteis – disse David. – Já a vi muitas vezes.

– Oh. Caramba. Que tolice a minha – disse Iona. Era a primeira vez que Sanjay a via com um ar tão desconcertado, mas ela recompôs-se num piscar de olhos.

– Sabia que a sua mulher não era feliz, David Harman? – perguntou Iona.

Acontece que depois de já ter quebrado todas as regras dos transportes públicos, não havia como travar Iona, que agora achava muito bem intrometer-se na vida de toda a gente. Onde é que tudo isto iria parar? Sanjay também tinha a sensação de que toda a gente que os rodeava só estava a fingir ler o jornal ou ouvir música. Na realidade, não perdiam

pitada do que ali se dizia. Será que se tinham transformado na atração local do momento?

– Não! Sei que temos estado um bocadinho... presos numa rotina – replicou David. – Mas estamos casados há quase quarenta anos! Na nossa idade é muito difícil que a vida seja toda ela fogo e romance, não acha? – Em seguida, o homem fez uma pausa e pareceu ficar pensativo. – Suponho que deveria ter adivinhado que se passava alguma coisa, por causa da granola – disse ele.

– A granola? – repetiu Iona.

– Sim. Comemos a mesma coisa ao pequeno-almoço todas as manhãs desde há cerca de uma década. Eu como tostas integrais com aquele creme para barrar que é suposto contribuir para baixar o colesterol, e um ovo ligeiramente escalfado, e a Olivia come *Weetabix*. Se for aos fins de semana, adiciono uma fatia fina de salmão fumado e ela junta uma banana cortada e um pouco de mel aos cereais. *Onde é que esta conversa vai parar?* perguntou-se Sanjay. Será que iam ter uma descrição em tempo real de toda a rotina semanal de David?

» Adiante – prosseguiu ele em tom monocórdico. Não era um contador de histórias nato. – Há um par de semanas, ela passou a comer *granola*. Sem motivo aparente. Parece que da granola ao iminente divórcio dista apenas um passo, não é verdade? Aposto que não escrevem isso nas letras miúdas da embalagem. – O homem expirou com força e recostou-se no assento, como se tivesse levado um murro no estômago. O que, de certa forma, não deixava de ser verdade.

– Bom, antes de começar a processar os fabricantes de granola ou presumir o pior, tente conversar com ela. Aposto que não ouve o que ela diz como deve ser há muitos anos, não é? – Iona olhou para David com o seu olhar penetrante, que era a última coisa que aquele pobre homem precisava nesse momento. – Nós, «as mulheres de uma certa idade», queremos apenas que nos vejam, que nos escutem, que nos façam sentir que somos importantes. Precisamos de saber que não somos irrelevantes, que não somos um fardo nem que estamos a mais – disse Iona, que parecia estar a encarar tudo isto de uma maneira bastante pessoal.

– A senhora é terapeuta matrimonial? – perguntou David.

– Ela é terapeuta editorial – disse Sanjay. Depois, antes de David ter oportunidade de dizer mais alguma coisa, acrescentou – Não é uma conselheira sentimental.

– Bom, é isso mesmo – disse Iona. Estava com ar de quem se preparava para acrescentar alguma coisa, mas foi interrompida pela voz do revisor anunciando a chegada iminente a Waterloo.

Toda a gente começou a acotovelar-se preparando-se para sair do comboio. De certa forma, Emmie já se encontrava junto às portas da carruagem. Virou-se para trás, como se fosse capaz de sentir os olhos de Sanjay cravados nela, e acenou-lhe. «Tenha um excelente dia», articulou com a boca em silêncio, ou algo do género.

– Sanjay – disse Iona, num tom de voz que insinuava: *não estou zangada, apenas desapontada*. – Vai ter que se esforçar um pouco mais, não sei se sabe. Não posso fazer tudo sozinha.

Durante todo o dia, sempre que dispunha de alguns minutos livres entre tratar dos pacientes e informar o seu chefe dos procedimentos, Sanjay recapitulava os acontecimentos dessa manhã na sua cabeça, encolhendo-se quando se lembrava das suas pérolas de sabedoria: «Uau» e «Suponho.» Iona tinha toda a razão. Por certo que podia ter feito melhor do que isso, ou não? Talvez o tivesse feito, caso não tivesse sido completamente obliterado por aquele homem, cujo nome já se tinha esquecido, e pela sua sanduíche falante.

Avistou Julie Harrison na sala de espera: uma pessoa com problemas muito mais graves do que ele.

– Como é que se está a sentir, Julie? – perguntou Sanjay.

– Oh, lembrou-se de mim – disse ela, sorrindo-lhe. – Estou com medo, Sanjay.

Julie estava sentada na sala de espera ao lado do marido, que parecia ainda mais assustado do que ela. Segurava na mão um jornal aberto, mas

Sanjay desconfiava que não estava de facto a lê-lo, uma vez que parecia fitar com ar vago um ponto da parede incaracterística à sua frente.

– Eu sei que sim – disse ele, tomando a mão dela entre as suas. – A espera é a pior parte. Assim que souber o que vai enfrentar, podemos estabelecer um plano, e tudo vai parecer mais suportável.

– E tudo isto pode vir a revelar-se um falso alarme, certo? Um quisto ou outra coisa qualquer, como teve a minha amiga Sally – disse Julie, olhando para ele com ar suplicante, como se Sanjay tivesse o poder de fazer tal coisa. Quem lhe dera que tivesse.

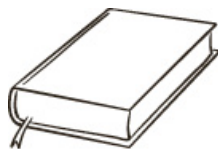
– Sim, claro que sim, pode ser – respondeu. Embora não fosse. Dera uma rápida vista de olhos ao processo de Julie, que aguardava na bandeja de entrada do especialista. Tratava-se de um considerável carcinoma ductal invasivo triplo negativo de grau três. Na Faculdade de Enfermagem, ensinaram-lhes que os cancros existem numa grande variedade de tipos. À semelhança das infeções virais que podem ir da vulgar constipação ao Ébola, os cancros abrangem um espectro desde o relativamente fácil de curar até àquele que apresentará todas as probabilidades de matar uma pessoa numa questão de semanas. O cancro de Julie, tanto quanto ele sabia, encontrava-se mais perto do Ébola no leque de possibilidades.

– Venho falar consigo assim que terminar a consulta com o especialista – disse ele.

A sala de família já estava ocupada por um punhado de parentes chorosos, por isso Sanjay esgueirou-se para dentro da arrecadação. Encostou-se à parede, e depois deixou-se deslizar até ao chão onde se sentou no meio das bolas de algodão, com a cabeça entre os joelhos, junto de um par de canadianas abandonadas, sentindo o suor a perlar-lhe a testa e inspirando golfadas de ar.

Tal como fazia muitas vezes, porque achava as palavras tranquilizadoras e distrativas, quase hipnóticas, recitou os elementos da tabela periódica na sua cabeça, por ordem de número atómico: *Hidrogénio, hélio, lítio, berílio, boro, carbono, nitrogénio...* Quando chegava ao número trinta e sete da terceira ronda – o frequentemente menosprezado, porém na realidade bastante

interessante, rubídio – os seus pensamentos já se haviam aquietado, a respiração serenada, e o coração deixara de martelar descompassado.



Emmie

– Senta-te, Emmie – disse Joey, o seu chefe. Emmie puxou de uma cadeira entre Jen, a sua redatora preferida além de boa amiga, e Tim, o mais recente estagiário cabeludo e algo obtuso. Observou Tim escrever EMMY no seu bloco com o timbre da empresa, por baixo de JOEY E JEN. Resistiu ao impulso de se inclinar na direção dele e corrigir-lhe a gralha com uma caneta vermelha.

Eram obrigados a pôr paninhos quentes na incompetência bem-intencionada de Tim, uma vez que o pai dele era o seu principal cliente de rolos de papel higiénico. Aprovara um anúncio na semana anterior com o título PORQUE TU ÉS ENCRÍVEL, e Joey limitara-se a exibir um sorriso forçado e a dizer-lhe para corrigir e aprender com a experiência. Se fosse outra pessoa qualquer a cometer um erro como esse, teria sido destacada para servir cafés e pãozinhos no escritório pelo menos durante uma semana.

– A Farmacêutica Hartford vem cá na próxima semana discutir o lançamento da sua marca mais recente, e enviaram um pacote de instruções com antecedência, para podermos lançar-nos ao trabalho com rapidez, e mergulharmos de cabeça para arranjar uns quantos conceitos criativos iniciais de redefinição de categorias e preenchimento de expectativas – disse Joey. Emmie perguntou-se se ele falaria da mesma maneira em casa: *Mergulhem de cabeça nessas taças de Rice Krispies, miúdos. Vamos arrasar essas orientações nutricionais e redefinir o paradigma do pequeno-almoço.*

Joey baixou-se e pegou num saco de plástico que esvaziou no centro da mesa. Olhou em volta para a sua equipa, como se estivesse desiludido por ninguém o brindar com uma ovação de pé.

– Comprimidos para emagrecer – disse ele. – Ainda sem nome... isso faz parte da nossa missão. A maneira fácil de derreter os quilos a mais e alcançar o corpo que sempre sonhámos. – Tim escreveu COMPREMIDOS PARA IMAGREÇER no bloco e sublinhou as palavras.

– Aleluia! É o achado do século – disse Jen, pegando numa das carteiras de comprimidos, espremendo dois para a sua mão e emborcando-os com um gole do seu *Frappuccino* carregado de açúcar. – Talvez possam fazer alguma coisa pelo meu traseiro.

– Tens um traseiro fabuloso – disse Emmie, pela milionésima vez. – Só o odeias por causa da sociedade patriarcal.

– Tretas. Odeio-o por causa da celulite – disse Jen.

Tim escreveu SOÇIEDADE PARTIACRAL e SILULITE no seu bloco.

– Adiante – disse Emmie. – Até aposto que não fazem efeito nenhum. Vejam, diz aqui *causa perda de peso como complemento de uma alimentação baixa em calorias*. A perda de peso não é causada por *qualquer coisa* como complemento de uma alimentação baixa em calorias?

– Vamos a ter calma, miudagem – disse Joey, que era apenas cinco anos mais velho do que Emmie. Ninguém no escritório tinha mais do que quarenta anos. Para onde é que tinham ido todos os publicitários de meia-idade? – Portanto, o que precisamos de fazer é criar uma presença na Internet de elevado nível, publicidade digital em todas as redes sociais habituais, direcionados para raparigas novas e conscientes do seu corpo. E, como é óbvio, teremos também uma campanha de influenciadores do caracas. O texto precisa de ser algo do tipo: *Sentia-me tão gorda e odiava-me por isso, mas agora encontrei a resposta para as minhas orações nesta caixinha. Agora tenho o corpo, e o homem que, de facto, mereço*. Tão simples como isso.

– Deves estar a gozar, Joey – disse Emmie. – Queres que criemos uma campanha baseada em fazer mulheres que já se sentem péssimas consigo mesmas sem motivo sentirem-se ainda piores?

– Desculpa se te sentes ofendida – disse Joey, parecendo ofendido –, mas não é isso mesmo que fazemos? Evidenciamos uma questão e fornecemos uma solução. É para isso que nos pagam... para vender o sonho.

– Só que isto não é vender um sonho, pois não? É vender vexame e insatisfação. Para ser sincera não me sinto nada à vontade em trabalhar nesta campanha, Joey – disse Emmie.

Joey suspirou.

– Emmie, por que carga de água resolveste dedicar-te à publicidade se tens uma consciência assim tão inflexível? Mas tudo bem. A última coisa que eu quero é que te armes em moralista à frente do nosso cliente com maior faturação. Podes trocar com a Sophie e trabalhar na campanha da pasta de dentes. Tomara que ela seja menos...

Emmie preparou-se para a chegada da palavra com que mais embirrava.

– ... picuinhas – concluiu Joey, conforme previra.

Tim pegou no lápis e traçou uma grossa linha sobre o nome EMMY.

Emmie pôs-se de pé e saiu da sala, sabendo que acabara de gastar a maioria dos pontinhos favoráveis que demorara meses de trabalho árduo a acumular. Sabia que era uma das melhores colaboradoras de Joey mas, ainda assim, só poderia esticar a corda até certo ponto. Iria ter que fazer algo espetacular com a pasta de dentes, caso contrário encontrar-se-ia na lista da próxima «redução de custos do escritório». Ou «redimensionamento», tal como Joey a havia rebatizado.

Lembrou-se da viagem de comboio dessa manhã, e de Sanjay – o enfermeiro que impedira aquele homem de sufocar há algumas semanas. Que raios é que ele iria pensar acerca dela se soubesse que ela passava os dias a desencantar maneiras de fazer com que as pessoas se sentissem insatisfeitas, vendendo-lhes depois soluções que elas não queriam, nem tão-pouco, precisavam? Não que ele perdesse o seu tempo a pensar nela – deveria ter coisas muito mais importantes, do tipo vida-ou-morte, em que pensar.

Emmie escolhera esta profissão porque achou que seria criativa, jovem, divertida e vibrante. Era tudo isso, e a maior parte do tempo adorava-a. Só não contara que fosse fazê-la sentir-se tão *imunda*. Em todo o caso, agora

tinha um plano. Iria à caça de clientes que fizessem algo de *bom*, que a ajudariam a recuperar a sua autoestima. Ambientalistas, bancos alimentares, abrigos para animais. Sem dúvida de que deveria haver carradas de instituições de beneficência à procura de ajuda de uma agência famosa como esta, não?

Fora apenas desviada do seu rumo a título provisório por aquele estúpido *e-mail* que lhe abalara a confiança por completo. Pelo menos parecia ter sido um caso pontual. Passara a abrir os *e-mails* a medo, durante dias a fio, caso houvesse outra mensagem tóxica ali à espreita, mas até agora nada.

O telemóvel de Emmie apitou e ela baixou os olhos, à espera de ver uma mensagem de apoio de Jen, enviada de maneira sub-reptícia da reunião de onde Emmie acabara de sair, mas era uma mensagem de texto de um número desconhecido. Soube, antes mesmo de abri-la, de quem era.

ACHAS-TE TÃO ESPERTA, MAS TODOS NÓS SABEMOS QUE NÃO PASSAS DE UMA FRAUDE.

Os dedos de Emmie atropalharam-se com o nervoso e ela deixou cair o telefone. Baixou-se para apanhá-lo, vasculhando o espaço aberto do escritório de novo em busca de pistas. Quem é que estaria a fazer isto? Quem é que a odiava assim tanto? Quem diabos é que poderia ser tão hipócrita e cobarde?

Quem é você?, digitou Emmie com os polegares escorregadios, ignorando o conselho que ela própria dava aos seus clientes no que respeitava a lidar com *trolls*: NUNCA SE ENVOLVER. Acontece que falar era fácil, já o resto... Observou três pontos surgirem no ecrã. Iam responder-lhe. Em seguida, surgiram apenas duas palavras:

UM AMIGO.

Este não era nenhum amigo dela. Mas também não era um desconhecido qualquer. Era alguém que conhecia o seu endereço de *e-mail* e o seu número de telefone, e podia ver as roupas que ela usava.

E o pior era que, embora soubesse que podia limitar-se a removê-las e a bloqueá-las, essas palavras já haviam começado a escavar e a minar o seu subconsciente.

Emmie sempre se surpreendera com o próprio êxito, desconfiara inclusive, em segredo, de que se tratava apenas de um golpe de sorte, e preocupava-se com o facto de um dia a sua extraordinária sorte poder esgotar-se.

Agora, dava a ideia de que talvez tivesse acabado mesmo.



Iona

8h05 De Hampton Court a Waterloo

Iona estava tão ocupada a ler as cartas mais recentes enviadas a *Perguntem à Iona* que nem sequer reparou em Emmie até esta se sentar no lugar à sua frente.

– Oh, uau. Cartas de verdade – comentou. – Achei que as pessoas já não escrevessem cartas.

– De uma maneira geral não escrevem – disse Iona. – O que é uma pena. Não obstante, por mais estranho que possa parecer, quando escrevem a uma terapeuta editorial, muitas vezes fazem-no por esse meio. Suponho que devem achar que é algo mais privado, mais pessoal do que enviar um *e-mail*. Sou capaz de perceber muita coisa apenas pela caligrafia de uma pessoa, não sei se sabia. Exprime não só a personalidade, como também o estado emocional e mental.

– O que é que diz essa? – perguntou Emmie, apontando com um gesto da cabeça para a folha de papel na mão de Iona. – Pode dizer-me? – Iona descobrira que toda a gente se sentia fascinada pelos problemas das outras pessoas. Era por isso que os condutores abrandavam na autoestrada quando passavam pelo local de um acidente de viação, e era por isso que ela tinha tanto êxito. *Tivera* tanto êxito, corrigiu-se.

– Claro. De qualquer forma, são todas anónimas. Esta é de uma mãe preocupada com o seu filho adolescente. Apanhou-o a ver pornografia no *iPad*. Esta é fácil. – Iona sorriu para Emmie de uma forma que era sinónimo de *carinhosa, profissional e sensata*. Muitas vezes recordava aos seus leitores que 90 por cento da comunicação é não verbal. O comboio, que estava parado há alguns minutos, deu um solavanco para a frente quando abandonaram a estação de New Malden, fazendo com que o chá de Iona transbordasse pela borda da chávena. Abençoado pires. Nem sinal de Sanjay. Bolas. Ia perder a sua oportunidade. Mais uma vez. Rapaz tonto.

– Então, o que é que vai dizer-lhe? – perguntou Emmie, demonstrando um interesse genuíno. Que rapariga tão encantadora; percebia muito bem por que razão Sanjay estava pelo beicinho.

– Bom, vou aconselhá-la a verificar todos os controlos parentais do serviço de Internet de que dispõe, e tenho um panfleto muito útil sobre segurança *online* que vou enviar-lhe – respondeu Iona, que se sentia bastante orgulhosa dos seus conhecimentos técnicos. Quantos *dinossauros* é que saberiam orientar-se no que respeitava a questões de segurança na Internet, hã?

– Controlos parentais? – disse Emmie, olhando para Iona como se ela fosse meio burra. – Todos os miúdos aprendem a contornar esses obstáculos da Internet mais ou menos aos dez anos de idade. E *todos* eles veem pornografia. Ele só deve estar a fazer o que qualquer outro miúdo adolescente perfeitamente normal também faz, ou não? – Iona sentiu-se picada. Afinal de contas talvez a Emmie não fosse a rapariga certa para Sanjay. Era um bocadinho *sabichona*. Ninguém gosta de chicos-espertos.

– Nesse caso, o que é que sugeriria, minha querida? – perguntou, tentando parecer fascinada e não irritada.

– Bem – disse Emmie. – Ela podia encarar isso como uma *oportunidade*. – Olhou para Iona algo nervosa.

– Continue – disse Iona. – Estou interessada. – Apercebeu-se de que o estava na realidade. Talvez Emmie fosse capaz de lançar uma perspetiva «fervilhante em termos do novo milénio» sobre todo aquele assunto.

– Podia conversar com ele sobre o facto de a pornografia não ser real. Quero dizer, as miúdas de verdade não são nada parecidas com aquelas raparigas, pois não? E é evidente que o sexo verdadeiro não deveria ser como aquele tipo de sexo. Iria fazer um favor a todas as futuras namoradas do filho, não lhe parece? – comentou Emmie.

Para ser justa, a pequena tinha razão. Iona não sabia muito bem se deveria ficar satisfeita ou aborrecida, por isso decidiu-se por ambas as coisas.

– É uma conversa bastante embaraçosa, não acha? – disse Iona.

– Bom, isso não é uma coisa má, pois não? – perguntou Emmie. – Ele vai sentir-se tão envergonhado por ser obrigado a conversar com a mãe sobre sexo que pode ser que isso o afaste da pornografia por uns tempos!

– Bom, pois então – disse ela. – Você é bastante boa nisto, só para que saiba. Era isso mesmo que eu ia dizer, na realidade. Há tantos miúdos hoje em dia, por exemplo, que não fazem ideia de que os pelos púbicos *existem*, porque as estrelas dos filmes pornográficos não os têm, que se alguma vez derem de caras com eles na vida real, sentem-se enojados. Porque é que as mulheres se sentem obrigadas a parecer crianças pré-adolescentes? Pela minha parte sempre fui a favor do estilo «mulher natural» da década de 1970. Um Jardim Feminino luxuriante, com uma poda ocasional para impedir que as coisas fujam por completo do controlo. Selvagem e orgulhoso, é isso que eu costumo dizer!

Emmie estava com um ar um bocadinho atordoado, algo enjoada, inclusive. Santo Deus. Será que tinha exagerado um pouco? Hoje em dia os jovens eram tão sensíveis.

– Iona – sussurrou Emmie, debruçando-se sobre a mesa que as separava.

– Tem consciência de que toda a gente está a ouvir, não tem?

– Oh, não seja tonta, querida. Estão todos demasiado ocupados com os respetivos jornais e *iPhones* e coisas do género para prestar atenção à nossa pequena conversa – declarou.

– Então, mora perto do Palácio de Hampton Court? – perguntou Emmie, mudando de assunto de forma tão drástica que Iona demorou um bom bocado a fazer marcha-atrás recorrendo a uma ginástica mental necessária.

– Sim – replicou. Eu e a Bea comprámos uma casa junto ao rio em East Molesey há quase trinta anos. Tínhamos acabado de nos mudar de Paris para o Reino Unido, e ficámos horrorizadas com os preços das casas no centro de Londres. East Molesey pareceu-nos ser o meio-termo perfeito. Apenas uma curta viagem de comboio até à cidade, e mesmo à beira do Tamisa, perto do palácio e do Bushy Park. – Preparava-se para retomar a conversa anterior com um trocadilho espirituoso sobre «*Bushy*⁸ Park», mas Emmie cortou-lhe a palavra antes de ela ter oportunidade de o fazer.

– Sempre tive imensa vontade de visitar o palácio – disse Emmie. – Fiquei fascinada com a história dos Tudor na escola. Acha que o fantasma sem cabeça de Ana Bolena ainda assombra aquele lugar?

– Oh, meu Deus. Tem que ir! – disse Iona. – Existe um labirinto fabuloso nos terrenos do palácio. Passei anos a aprender a orientar-me sem problemas lá dentro. É muito divertido. – Em seguida teve uma ideia. Uma ideia brilhante.

» Vamos fazer o seguinte! – disse ela. – Podia fazer-lhe uma visita guiada! Porque é que não combinamos e vamos até lá no próximo domingo, às dez da manhã? Está disponível? – Susteve a respiração, aguardando por uma resposta.

– Domingo. Hum, não tenho a certeza... – gaguejou Emmie. Iona percebeu que ela dava voltas à cabeça para arranjar uma desculpa, mas não podia deixar escapar esta oportunidade.

– Por favor – disse, permitindo-se, apenas dessa vez, parecer algo carente. Por vezes os fins justificam os meios.

– Oh, está certo. Porque não? Obrigada. Então, até lá, se não nos virmos antes – disse Emmie. Iona deu a si mesma um dá cá mais cinco mental. –

Oh, a propósito, já era para lhe ter mostrado o seguinte. – Emmie enfiou a mão no bolso e mostrou-lhe uma foto no telemóvel. Era uma rapariga jovem com um cabelo ridículo, e a cara oculta por uma máscara facial de um lúgubre tom verde, deitada numa banheira cheia de espuma, a ler um exemplar de *Modern Woman*. – Não é a sua revista que a Fizz está a ler?

– Sim, é – disse Iona. – Quem é a Fizz, com mil demónios? Que espécie de nome é esse? Quero dizer, é ótimo para uma bebida de lata, ou para uma

bomba de banho, mas para um ser humano real?!

– Ela é uma sensação no TikTok – disse Emmie. – Conheci-a através do emprego, mas tornou-se uma grande amiga minha. Deveria convencê-la a escrever uma coluna na sua revista. Aposto que ela iria adorar. Posso perguntar-lhe, se quiser.

– É muito simpático da sua parte, Emmie – disse Iona. – Vou ver o que diz o meu editor. – Não fazia tenções de falar com Ed, como é óbvio. Já se encontrava a balançar na corda bamba, sem aborrecê-lo com uma celebridade de terceira categoria de uma aplicação de partilha de vídeos de crianças. Mas foi amoroso da parte de Emmie, em todo o caso.

O comboio entrou na estação de Waterloo, e Emmie vestiu o casaco e voltou a guardar o telemóvel no bolso.

– Até domingo! – disse ao mesmo tempo que saiu a correr.

Iona sorriu para com os seus botões. Guardou as suas coisas, pegou na *Lulu* ao colo e encaminhou-se, a par da multidão, até junto das portas do comboio. Sentiu uma mão no braço, virou-se para trás e viu um homem, mais ou menos da sua idade, fitando-a com um ar muito sério.

– Eu também adoro uma rata bem composta – declarou. – É tão difícil de encontrar uma nos dias que correm. – E dito isto, dirigiu-lhe uma piscadela de olho exagerada.

Oh, por favor. Seria de esperar que o grande benefício de envelhecer fosse não ter de suportar este tipo de coisa. Iona virou-se para ele com o sorriso de um tubarão que fareja sangue na água.

– Gosta de mulheres, não gosta? – perguntou ela.

– Claro que gosto – replicou ele. – Está interessada?

– De maneira nenhuma – respondeu Iona. – Veja bem, acontece que também eu gosto bastante de mulheres, o que espero... na realidade, *tenho muita esperança*... seja a única coisa que temos em comum.

⁸ *Bushy* derivado de *bush*, que significa moita, matagal, em inglês. (N. da T.)



Martha

Martha chegara à escola vinte minutos mais cedo do que era costume. Dessa maneira poderia percorrer os corredores antes de estes começarem a ficar demasiado concorridos. Desde que a sua foto pessoal fora partilhada no *chat* do grupo do 10.º ano, andava sempre sintonizada em modo de lutar ou fugir.

Não se sentia em segurança em lado nenhum. Até mesmo a sacrossanta paz da biblioteca tinha sido maculada. Ontem, Martha deixara o seu dossiê em cima de uma das mesas da biblioteca enquanto procurava por um livro, e quando o abriu mais tarde, caíra de lá uma imagem ampliada *da tal foto*. Alguém havia desenhado uma seta com um marcador vermelho, apontando para o ponto mais embaraçoso, e escrevera UM LOCAL PRÁTICO PARA ARMAZENAR MAIS LIVROS?

Chegou a pensar em baldar-se às aulas de vez – manchando o seu registo de assiduidade para sempre –, mas o que iria fazer com toda essa carrada de tempo livre a não ser censurar-se vezes sem conta por ter sido assim tão estúpida?

Martha não culpava Freddie, apesar de todo esse assunto ter sido ideia dele.

Ele tinha-lhe implorado para que lhe enviasse uma fotografia sua toda nua, e de pernas abertas. Disse-lhe que já tinha visto *resmas* de vaginas, e que na realidade não era nada de mais. Era isso que toda a gente fazia

quando gostava de alguém, afirmara ele. E Martha esforçava-se ao máximo para ser igual a todas as outras pessoas.

No entanto, acontece que Freddie era tão inepto e ingénuo em relação a tudo isso como ela, uma vez que ficou tão entusiasmado quando recebeu a foto de Martha que a reenviou, de forma triunfal, ao seu melhor amigo. Este achou tão divertido que o sossegado e estudioso Freddie, que de uma maneira geral se mostrava mais excitado por uma linguagem de programação de um código informático do que por raparigas, tenha conseguido obter a foto de um nu, que a partilhou com outro rapaz. Esse rapaz postou-a no WhatsApp. Ainda não estava ali há dez minutos quando ele se arrependeu e a retirou, mas nessa altura já tinha obtido inúmeras visualizações e fora partilhada um pouco por todo o lado. Tudo o que existia entre o anonimato e a notoriedade, tal como veio a revelar-se, foram nove horas e quatro decisões irresponsáveis.

Freddie ficou abalado, mas agora já era tarde demais para poder voltar atrás. O mais curioso é que ele também deixou de querer ser o seu namorado e voltou a refugiar-se no meio da segurança do departamento de informática.

Martha não tinha contado nada aos pais. Ficariam muito desapontados com ela e, pior ainda, iriam culpar-se um ao outro. Foram precisos anos após o divórcio para que eles acabassem com as brigas constantes por sua causa, e a última coisa que queria era reacender esse lume.

O seu restrito grupo de amigas tinha ficado horrorizado por causa dela, e disseram-lhe as coisas mais simpáticas e solidárias. Mas depois começaram a afastar-se dela de forma gradual, como se a sua estupidez fosse contagiosa. Passaram a «esquecer-se» de lhe guardar um lugar na cantina ao almoço ou de lhe dizer que faziam tenções de se encontrarem depois das aulas. Ao que tudo indicava, também pareciam ter sido afetadas por uma surdez coletiva, visto que nunca a ouviam quando as chamava no corredor.

É claro que Martha ponderara a hipótese de contar às autoridades escolares, mas isso só iria fazer com que o infeliz Freddie se visse num enorme sarilho – talvez fosse expulso, inclusive – e isso não iria eliminar o problema. O mais provável é que levassem a cabo uma medonha assembleia

escolar sobre privacidade de dados e segurança da Internet, usando-a como exemplo a não seguir, o retrato vivo da idiotice, que se limitaria a prolongar ainda mais o incidente vigente. Depois, como é óbvio, baniriam a fotografia – e mandariam todos eliminá-la de imediato. No entanto, toda a gente sabia que hoje em dia não havia nada que pudesse ser apagado de forma permanente, e a única coisa mais fascinante do que uma foto de um nu era uma foto de um nu proibida.

Martha chegou junto dos cacifos do grupo do 10.º ano e estacou de repente. Disposta sobre eles havia uma faixa artesanal, confeccionada, ao que parecia, a partir do lençol da cama de alguém, onde se lia PAREM DE HUMILHAR AS GALDÉRIAS!

Martha sentiu as faces a arder. Sabia quem tinha feito isso. Tinha-se tornado uma *cause célèbre* entre o grupo das raparigas mais velhas que andavam sempre a protestar contra o machismo e a misoginia quotidianos. Só estavam a demonstrar o seu apoio, mas será que não viam que até mesmo a sua faixa bem-intencionada a taxava como sendo uma galdéria? O que não deixava de ser irónico, uma vez que era possível que fosse a única virgem do 10.º ano junto com Freddie. Seja como for, elas não queriam ser suas amigas, apenas suas protetoras, e a preocupação asfixiante que demonstravam só fazia com que se sentisse mais fraca e mais patética. Ou melhor, um alvo.

Martha viu alguns dos miúdos mais populares a aproximarem-se. David Attenborough fez-se ouvir de novo dentro da sua cabeça. *Repara no grupo – não, na «gargalhada» – das hienas. Acabaram de detetar o cheiro da cria de gnu ferida, isolada da manada migratória, e aproximam-se para a matança.*

Esticou o braço e retirou a faixa, amarrotando-a numa grande bola que enfiou no cacifo, onde espreitava como um tumor maligno a ser extirpado mais tarde, e esgueirou-se para dentro da relativa segurança da sala de Geografia vazia. Só tirara aquela estúpida fotografia porque queria desesperadamente integrar-se e ser aceite, e agora estava mais isolada do que nunca.

Dirigiu-se ao globo terrestre em cima da secretária do professor e fê-lo rodopiar com o dedo. Este mundo não passava de uma pequena partícula no universo. Pousou o dedo sobre a Grã-Bretanha, obliterando tudo exceto a

Cornualha, North Norfolk e as Hébridas Exteriores. Era uma ilha tão diminuta. E ela era apenas uma de entre os milhões de pessoas minúsculas que a povoavam. Nesse caso, porque é que sentia que toda a gente se concentrava *nela*? Desejava poder regressar ao anonimato confortável a que nunca dera valor até agora. Já não se importava em ser popular, ou até mesmo aceite. Era tarde demais para isso. Agora contentar-se-ia em ser invisível.

Martha sentou-se numa das secretárias, desfrutando os derradeiros minutos de solidão antes de soar o toque para a próxima aula.

Deu um salto ao ouvir uma pancada na janela, mesmo ao seu lado. Depois uma segunda pancada, e uma terceira. Viu três telemóveis a serem pressionados de encontro à vidraça desde o pátio do recreio lá fora. Três ecrãs a bailar ao longo do parapeito da janela, exibindo imagens idênticas. Seis pernas escancaradas. Múltiplos lembretes da humilhação de Martha.

Quando é que tudo aquilo iria parar?



Piers

18h17 De Waterloo a Surbiton

Piers percorreu a Plataforma 5 em largas passadas, com os olhos fitos em frente quando passou pela terceira carruagem. Aquela mulher abriu um pequeno orifício numa gigantesca lata repleta de vermes da última vez que se sentou ao pé dela, e ele sabia que se conseguisse abri-la ainda mais, um ninho inteiro dessas criaturas acabaria por sair às mancheias, e nunca mais seria capaz de voltar a tapá-la.

Encaminhou-se até à última carruagem, que vinha relativamente vazia, e sentou-se numa mesa para quatro. Piers meteu a mão no bolso superior e tirou um bloco de couro coçado. Um dos seus principais rituais era anotar os seus números todos os dias no caderno a lápis. À moda antiga. Os rituais eram importantes, uma vez que eram sinais dos deuses dos negócios, relembrando-o de que ele era um homem sério de negócios e que ninguém podia fazer pouco dele. Por exemplo, estalava sempre os nós dos dedos e depois fletia-os antes de efetuar uma transação importante, uma atitude que costumava suscitar exclamações e murmúrios de admiração, e inclusive cânticos de *Midas! Midas! Midas!* da parte da sala de mercados. Coisa do passado, como é óbvio.

Piers sentiu um aperto no coração ao comparar o número no final da página de hoje com o da página anterior. Caíra mais 15 por cento. Como é

que isso era possível? O seu coração mergulhou ainda mais no abismo quando vislumbrou um lampejo de cor intensa pelo canto do olho. Será que ela andava a segui-lo?

– Piers! – disse Iona, dissipando qualquer esperança de que ela pudesse ter entrado nesta carruagem por uma razão muito diferente. – Pensei tê-lo visto passar! Olhe, uma vez que agora nos falamos, há uma coisa que ando mortinha para lhe perguntar. – Oh, meu Deus. Ele não disse nada, uma vez que não fazia tenções de encorajá-la. Ela sentou-se à sua frente, pousando o cão no lugar ao lado do seu, sem se importar com nada.

– Preciso que me conte tudo sobre a Uva da Ira – disse ela. – Como é que foi, essa quase morte? Teve alguma experiência extracorpórea e contemplou-se a partir do teto? Viu a sua vida passar diante dos olhos?

Piers contorceu-se no lugar. Isto assemelhava-se a um interrogatório militar, e teve a sensação desagradável de que todos os passageiros ali à volta estavam a ouvir a conversa.

– Hum, não, na verdade, não – respondeu. – Isso não acontece só quando uma pessoa está a afogar-se? Pensei sobretudo nos meus filhos crescerem sem um pai. – Esta era, com efeito, outra mentira. Isto era o que ele percebeu que *deveria* ter pensado, mas não iria confessar a verdade assim de mão beijada a uma carruagem cheia de bisbilhoteiros e intrometidos.

– Isso fê-lo decidir-se a fazer alguma coisa boa? Doar todo o seu dinheiro a obras de caridade? – perguntou Iona. Piers abanou a cabeça, mas sentiu-se corar ao recordar-se da sua promessa precipitada oferecida ao Universo. Isso por certo que não contava, pois não? Foi arrancada sob condições de tortura e, por conseguinte, isenta ao abrigo da Convenção de Genebra.

Como era possível que esta mulher visse dentro da sua cabeça? Ainda assim, pelo menos parecia ter esquecido a conversa que tiveram na semana passada.

– Foi o facto de olhar a morte de frente que o fez perceber o quanto odiava o seu emprego? Sabe, um momento tipo *Qual é o sentido de tudo isto? Porque é que desperdicei a minha vida?* – Oh, afinal ela não se havia esquecido. Piers suspirou e consultou o relógio, calculando quanto tempo seria obrigado a aturá-la antes de chegar à sua paragem. Dezoito minutos.

– Nem por isso, não – respondeu. – Comecei a dar-me conta da verdade há já alguns anos.

– Mas disse que costumava adorar essa vida. O que é que *adorava* nessa vida, no início? – perguntou ela perfurando-o com os olhos de uma maneira tão fixa que ele deu por si a vasculhar o arquivo trancado do seu passado, em busca de respostas.

– Números – respondeu, por fim. – Era isso que adorava nessa vida. Sempre gostei de brincar com números. – Calou-se, perguntando-se se poderia deixar o assunto morrer por ali, e esperou que Iona continuasse a conversa, mas ela não o fez. Limitou-se a olhar para ele, em silêncio, até que ele deu por si a falar de novo.

– Repare, a minha infância foi algo... caótica – disse ele.

– Caótica como? – perguntou Iona, inclinando-se para a frente.

– Hum, o de sempre, suponho eu. Pai desempregado e muitas vezes ausente, que gastava o subsídio de desemprego nos corretores de apostas. Mãe alcoólica. Tenho a certeza de que sabe como é. Depois descobri a Matemática, e era algo tão... organizado, inevitável, controlado e perfeito. Exatamente o oposto do resto da minha vida. E no final das contas, vim a descobrir que era de facto bom nisso.

– E foi a Matemática que o ajudou a escapar da sua infância? – perguntou Iona.

– Sim. Bom, por acaso foi o senhor Lunnon, o meu professor de Matemática, para ser justo. Ele reparou em mim e convidou-me para o programa de talentos e sobredotados da escola, o que me abriu toda o tipo de portas. Aulas complementares e competições por todo o país. Depois, quando me candidatei às universidades, ajudou-me a preencher o formulário de inscrição e preparou-me para as entrevistas. Fui o primeiro da família a ir para a universidade, e o primeiro da minha escola a estudar Matemática em Oxford. Devo tudo a esse homem.

Santo Deus, sentiu-se algo choroso. E culpado. Quando é que foi a última vez que entrara em contacto com o senhor Lunnon? Será que ainda era vivo, ao menos? Será que alguma vez chegou a agradecer-lhe? Deve tê-lo feito, ou será que não?

Talvez fosse a onda inesperada de emoção que o fez entregar outra confissão de bandeja, algo que nunca havia contado a ninguém, o pensamento que lhe martelava na cabeça nas primeiras horas de insónia da manhã e girava nas suas mãos como uma bola de cristal.

– Era isso que eu gostaria de ser, num mundo ideal – declarou. – Professor. Gostaria de mudar a vida de outras pessoas, da mesma maneira que ele mudou a minha. Entende, oferecer algo em troca, em vez de me limitar a movimentar dinheiro. Seria como fechar um círculo da vida.

Iona recostou-se no assento e sorriu-lhe, um sorriso genuíno. Como se pudesse inclusive gostar dele apenas um bocadinho. Ou detestá-lo um pouco menos. A ideia animou-o, o que era estranho uma vez que deveria estar-se nas tintas para o que ela pensava a seu respeito.

– Bom, esta é a segunda vez que me surpreende – disse ela. – E também é o seu dia de sorte, porque talvez possa ajudá-lo.

– Porque é que haveria de querer ajudar-me, Iona? – perguntou ele. Não de maneira agressiva, mas porque demonstrava um interesse genuíno na resposta. Tentou recordar-se de quando fora a última vez que quisera ajudar alguém que não estivesse na realidade relacionado consigo, ou que não exercesse um impacto direto na sua própria carreira ou bem-estar.

– Bom, de que é que adiantaria salvar a sua vida se não tentasse certificarme de que tirava o máximo partido dela? – replicou ela. – Em todo o caso, ajudar pessoas é a minha *raison d'être*. Ou no seu caso, graças àquela uva transviada, poder-se-ia dizer que era uma *raisin d'être*!² Viu o que acabei de fazer agora?!

Iona riu com tanto gosto da sua própria piada que anulava por completo a necessidade de mais alguém se juntar à festa, graças aos céus.

– Bem, é muito simpático da sua parte, mas é escusado. Veja bem, não se trata de um mundo ideal, pois não? E além do mais, a minha mulher iria odiar a ideia de eu ser professor – disse Piers, pondo-se de pé quando o comboio entrou, por fim, na estação de Surbiton.

– Pois então, converse com ela pelo menos – gritou Iona depois de ele virar costas, à medida que se afastava e se dirigia para a porta. – Tenho a certeza de que tudo o que ela quer é que você seja feliz.

– Estás a dormir, Minty? – sussurrou Piers. No brilho turvo da luz de presença, Piers viu o edredão de Minty mexer-se, e um braço pequeno e rechonchudo esticar-se na sua direção, e a sua mão fechada abriu-se como uma estrela-do-mar assustada.

– Papá! Já chegaste a casa! – guinchou ela.

– Como foi a escola hoje, princesa? – perguntou ele, debruçando-se de modo a depositar um beijo na bochecha quente da filha e inalar o perfume do champô para bebé da *Johnson* e da pasta de dentes com sabor a morango.

– Foi fixe. O pai da Ava foi à reunião da turma falar sobre o seu trabalho – disse Minty.

– O que é que faz o pai da Ava? – perguntou Piers.

– É veterinário. É um médico que trata animais doentes. Trabalha no Jardim Zoológico de Londres. Levou um suricata com ele. Um bicho de verdade! Era tãããã giro – disse Minty.

Um *suricata*?!!? Isso é batota! Como é que outro pai qualquer pode competir com uma coisa dessas?

– Podes ir a uma reunião da escola para falar, papá? – perguntou Minty.

– Claro que posso, querida – disse Piers, aconchegando de novo o edredão em torno do corpo da filha. – Posso explicar aos teus amigos tudo sobre investimentos bancários e como ganhamos montes de dinheiro adivinhando quais as ações e participações que vão subir e as que vão descer.

Minty franziu o sobrolho, não parecendo nada convencida. Mas também, quem poderia censurá-la?

– Pois então, arranjei uma nova ama fabulosa – disse Candida entre garfadas de risoto primavera do Marks & Spencer. Candida, que frequentara uma seleta escola para meninas bem-nascidas, que nunca falava de boca cheia, nem apoiava os cotovelos na mesa, e que sempre usava um guardanapo de linho engomado.

– Oh? – disse Piers.

– Hum, hum. Já estou farta de *au pairs*, mal acabadas de sair da escola, com todas as suas angústias e *problemas* da adolescência. Lembras-te daquela dinamarquesa que costumava comer tudo o que havia no frigorífico a meio da noite? E a rapariga que sofria de pesadelos e acordava as crianças aos gritos em romeno? Já para não falar da Magda e do seu evidente problema com as drogas e moral duvidosa. – Candida estremeceu. Mas pelo menos não trouxera à baila o assunto da *au pair* holandesa. Pode ser que esse pequeno episódio tenha sido, por fim, varrido para debaixo do tapete.

– Desta vez vamos contratar uma ama experiente e com a formação adequada – prosseguiu Candida. – Com uma enciclopédia de excelentes referências. Chama-se Fiona, assemelha-se, de forma bastante tranquilizadora, com a senhora Doubtfire¹⁰, e costumava trabalhar para uma prima em segundo grau de Sophie, a condessa de Wessex. – Ele deve ter feito uma cara de ignorância porque ela apressou-se a acrescentar: – A mulher do príncipe Eduardo. A simpática, porém acanhada. Sempre disse que *em caso de dúvida, acena-se com dinheiro e tudo se resolve*. Foste tu quem me ensinou isso. – Candida dirigiu-lhe um sorriso radiante.

Será que ele costumava mesmo dizer isso? É bem provável que sim. Que arrogância e que estupidez da sua parte. E quanto dinheiro é que ela tinha «acenado diante do problema» ao certo?

– Querida – disse Piers, cautelosamente. – Já pensaste em seres talvez tu a educar as crianças? Elas já não são bebés. A Minty já anda na escola, e o Theo vai entrar no ano que vem.

Candida pareceu ficar horrorizada.

– Mas Piers, então é o meu *trabalho*? – exclamou. – Não sou nenhum exemplar de dona de casa da década de 1950 que fica toda feliz em usar um avental enquanto faz tartes e te vai buscar os chinelos e um gin tónico assim que regressas do teu emprego na City, não sei se estás a ver bem o filme.

Piers, que se considerava um progressista, acreditaria piamente neste argumento se Candida estivesse, na realidade, a ganhar algum dinheiro. No entanto, o seu «trabalho» custava-lhe uma fortuna. A mulher abrira uma boutique na rua principal, onde as rendas eram astronómicas, e limitava-se a impingir de vez em quando um vestido a uma das suas amigas a preço de

saldo. Uma quantidade substancial de mercadoria, ainda com a etiqueta de venda, parecia surgir como num passe de magia no seu próprio roupeiro, e ela também fez questão de contratar uma empregada, uma vez que seria impensável ficar amarrada à caixa o dia inteiro. Era óbvio que esta não era uma batalha que ele fosse vencer hoje.

Piers estivera a observar o copo de vinho de Candida. Tinha aprendido, através de anos de experiência, que o melhor momento para abordar um assunto difícil era depois dos primeiros dois copos – quando ela se sentia mais relaxada –, mas antes do terceiro, que muitas vezes a deixava agressiva e implicativa.

– Candida? – disse ele com o máximo tato, como se caminhasse sobre gelo quebradiço. – O que é que me dirias se te dissesse que tenho andado a pensar fazer uma requalificação profissional e tornar-me professor de Matemática?

Candida soltou uma gargalhada. Essa fabulosa gargalhada espontânea que o fizera virar a cabeça e olhar para ela na outra ponta da pista de dança, na noite em que se conheceram, no Clube Hurlingham, dez anos antes.

– Digo-te desde já que se quisesse ser mulher de um professor, tinha-me casado com um professor! Imagina só! Eu! A mais cobiçada da revista *Tatler*! – disse ela. Depois calou-se, perscrutando o rosto do marido.

– Oh, meu Deus. Estás a falar a sério, não estás? – perguntou ela. – Só tens trinta e oito anos. Não é um bocadinho cedo demais para uma crise de meia-idade? Porque é que não ofereces a ti mesmo um carro desportivo espampanante ou outra coisa qualquer? Não, espera, isso já tu fizeste! – Candida sorriu-lhe, exibindo os bonitos implantes dentários que lhe haviam custado tão caro como um automóvel pequeno. Piers sabia que, por debaixo de toda aquela porcelana falsa, os dentes verdadeiros da sua mulher se tinham transformado em minúsculos punhais afiados. Havia aqui uma metáfora algures.

» E que tal uma *Harley-Davidson*, então? Posso até ser capaz de fazer vista grossa a um breve caso com a rececionista, desde que ela não seja muito mais nova do que eu, e que me prometas que não vais apaixonar-te por ela. – Piers não respondeu.

» Estou apenas a brincar – disse ela. – Como é óbvio.

– Mas eu não estou – disse ele. – Sinto-me infelicíssimo na City. Há anos que me sinto assim. E já não sou bom naquilo que faço. Desde o momento em que tudo aquilo deixou de ser um jogo, assim que se tornou *importante*, perdi o entusiasmo.

– Não sejas tolinho, querido – disse ela. – Tu és um *génio*! É por isso que te chamam Midas, não é?

– Mas será que não queres que eu seja feliz? – perguntou ele, lembrando-se do comentário que Iona fizera aquando da despedida mais cedo nesse dia.

– É claro que quero! Sabes bem o quanto sou carinhosa. É por isso que sou tão boa mãe! Só que eu gostaria que fosses feliz *e* rico. Olha, pensa nas *crianças*. O salário de um professor não daria para pagar as mensalidades do colégio deles, muito menos de Eton e de Benenden. E não daria para pagar tudo isto. – Em seguida, fez um gesto que abrangia toda a sua casa, recheada com todos os *objetos* escolhidos pela caríssima *designer* de interiores de Candida. Todos os candeeiros, jarrões, tapetes e almofadas decorativas que precisavam de ser substituídos sempre que ficavam fora de moda.

» E queres mesmo ser tu a dizer à Minty que vai ter que devolver o pónei? – prosseguiu Candida. – Já ficou bastante zangada com a partida de Magda, imagina como se iria sentir se ficasse sem o pónei.

– Não obstante, será que precisamos mesmo de tudo isto? – perguntou ele. – Seria assim tão horrível se os miúdos frequentassem uma escola pública, por exemplo, e se a Minty tivesse um hámster? Ou um peixinho dourado? Eu teria dado um braço para ter um hámster na idade dela.

– Oh, meu Deus, lá vamos nós outra vez com a mesma lengalenga! *Eu era tão negligenciado que tive que manter um bicho-de-conta dentro de uma caixa de fósforos como animal de estimação* – disse Candida, imitando a voz dele.

– Era uma bicha-cadela – disse Piers. – Chamava-se *Eric*.

Candida sorriu-lhe da mesma maneira que ele sorria para Theo quando este dizia que queria ouvir mais uma história para dormir. Um sorriso que dizia *Amo-te, mas não. Não tens pontos suficientes na tabela de prémios para que te sejam concedidos privilégios especiais*.

– Fazemos assim – disse ela. – Porque é que não continuas onde estás até os miúdos terminarem os estudos, e depois podes fazer o que muito bem entenderes. Nessa altura podias dedicar-te ao ensino, se for esse mesmo o limite da tua ambição. Ou então podíamos vender a casa, comprar um barco e velejar à volta do mundo, todos nus tirando umas bandanas amarradas de maneira artística. Ou podíamos inclusive tentar redescobrir-nos num retiro budista na Tailândia. Porque não te focas em ser «rico» de momento, podendo ser «feliz» mais tarde? Que tal?

Depois dos miúdos terminarem os estudos? Daqui a *quinze anos*. Alguns assassinos cumpriram pena durante menos tempo do que isso.

– Claro – respondeu Piers, ao mesmo tempo que Candida terminava o terceiro copo de vinho. E além do mais estava a sorrir-lhe, tentando ocultar a expressão que era uma combinação entre alívio e vitória.

O que ia ele fazer agora? Como é que podia dizer-lhe que a decisão já se encontrava – de uma forma bastante substancial – fora das suas mãos?

² Trocadilho impossível de traduzir. *Raison d'être* em francês significa razão de ser, a personagem faz aqui o trocadilho com *raisin d'être*, sendo que *raisin* em inglês significa uva-passa, aludindo ao que sucedeu com a personagem de Piers no comboio. (N. da T.)

¹⁰ Alusão à personagem da ama interpretada por Robin Williams no filme *Papá Para Sempre*. (N. da T.)



Sanjay

8h35 De New Malden a Waterloo

Quando Sanjay chegou à estação, o comboio que costumava apanhar já havia partido. Estava mesmo muito lento hoje. Tudo lhe parecia vagaroso e entorpecido, mesmo depois do café expresso duplo que emborcou pelo caminho.

Dormira muito mal durante a noite. Ficou a pé até tarde uma vez que, numa rara coincidência de turnos, ele, James e Ethan se encontravam todos em casa ao mesmo tempo. Passaram horas a jogar, terminando a noite com um desafio do tipo *Guerra das Estrelas*, que envolvia naves espaciais a voar através de uma chuva de meteoros, abatendo obstáculos e alienígenas, afastando-os dos seus caminhos. Isto tinha degenerado num pesadelo vívido e tecnicolor, em que vários dos pacientes, amigos e familiares de Sanjay desenvolveram tumores de rápido crescimento e que se disseminavam com rapidez por várias partes dos seus corpos, que ele era obrigado a abater com uma arma *laser* muito semelhante a uma seringa gigantesca, enquanto a sua mãe, que era advogada, não parava de surgir a gritar *Para com isso, se não vemo-nos em tribunal!*

– Porque é que demoraste tanto tempo, bonitão? – disse uma voz atrás dele, obrigando-o a dar um salto. Virou-se para trás e ali, sentada num banco, escondida atrás de um exemplar do *The Times* e com ar de espia num filme da Guerra Fria, aguardando uma troca de pastas, estava Iona.

Isto era altamente desconcertante, já que na última vez que Sanjay a tinha visto, aparecera um alto enorme na orelha esquerda dela, expandindo-se como um balão que estava a ser enchido com hélio. Tinha disparado na sua direção, e rebentara-lhe com a cabeça sem querer. Ficou aliviado ao ver que ela ainda estava inteira.

– O que é que *você* está a fazer aqui, Iona? – perguntou. – Esta não é a sua estação.

– Vamos tentar não ser possessivos em relação às estações, coração. Esta não é a minha estação, mas também não é *a sua* estação. Trata-se de uma estação para as pessoas. Ou para qualquer um que tenha bilhete, para todos os efeitos – disse ela.

– Pare de ser tão obtusa, Iona! Sabe muito bem o que eu quis dizer. Esta não é a estação que você costuma utilizar – disse ele.

– Na verdade, estou aqui à sua procura – disse Iona. – Não veio no mesmo comboio que eu esta manhã, nem ontem, por sinal. E precisava de vê-lo antes do fim de semana.

– Porquê? – perguntou ele, sentindo-se cada vez mais apreensivo e inquieto. Estava farto de saber que nunca se deveria envolver com uma completa desconhecida num comboio. A menos que fosse a Emmie, é claro. E isso também não estava a correr lá muito bem, pois não?

– Olhe, já ali vem o comboio. Vamos entrar e depois explico-lhe tudo! – disse ela.

Sanjay e Iona embarcaram na Carruagem 3, como não podia deixar de ser. Iona observou o interior do comboio com atenção, franzindo o sobrolho. Abriu caminho aos empurrões por entre as pessoas que se encontravam de pé na coxia, ignorando os murmúrios de desagrado e os improperios, e Sanjay foi atrás dela vermelho como um tomate dizendo *desculpe, com licença, desculpe* em nome dos dois, até que ela chegou por fim à sua habitual mesa para quatro.

– Bom dia – disse ela para o homem de negócios sentado no lugar da coxia virado para a frente. – Creio que está sentado no meu lugar. – *Lulu* rosnou baixinho, como que a enfatizar a questão. Quem é que estava a ser possessiva agora? Sanjay iria gostar de ver esta cena desenrolar-se. *Nunca*

ninguém cedia o seu lugar neste comboio sem discussão. Ele levantava-se sempre para dar lugar a uma senhora obviamente grávida, é claro, ou a alguém com ar doente, mas ele não era normal.

– Oh, desculpe – disse o homem, pondo-se de pé e deixando o assento vago.

Como foi que ela fez aquilo?

– É muito gentil – disse Iona, sentando-se, com *Lulu* no colo, e dispondo as suas coisas em cima da mesa diante de si.

Sanjay ficou, como é natural, de pé. Iona inclinou-se na direção dele e sussurrou:

– Ainda bem que aquele fulano não conhece a Regra Número Quatro dos Transportes Públicos.

– E qual é? – indagou Sanjay, perguntando-se se haveria um panfleto algures que devesse ter lido.

– Nunca ceder o lugar, uma vez este ocupado! – disse Iona. – Pois então, a razão por que tinha que encontrá-lo com tanta urgência é porque preciso que venha comigo a um sítio no domingo, às dez da manhã. Está disponível, não está?

– Estou – respondeu ele, e depois amaldiçoou-se por não tentar descobrir primeiro o que Iona tinha em mente antes de lhe oferecer a sua disponibilidade de mão beijada.

– Graças a Deus! – disse Iona. – Vamos ao Labirinto de Hampton Court!

– Hum, fantástico. Mas porquê? – perguntou Sanjay.

– Porque não vou lá há séculos, e é o meu local favorito – respondeu Iona.

– Porque é que não leva a Bea? – sugeriu Sanjay?

– Ela não gosta do labirinto – respondeu Iona. – Passa a vida a perder-se.

– Mas então não é esse o principal objetivo de um labirinto? – comentou Sanjay.

– Além do mais, pensei que iria gostar – prosseguiu Iona, ignorando-o. – Achei que poderia gostar de passar a manhã na minha companhia. Mas é claro que não iria gostar. Tem coisas muito mais interessantes para fazer com o seu tempo do que desperdiçá-lo com uma senhora chata e de meia-

idade, aposto. – Iona fungou e foi algo assustador, porque parecia que ia desatar a chorar.

Sanjay sentiu-se péssimo. É óbvio que Iona não tinha muitos amigos, e era bastante lisonjeador que tenha decidido convidá-lo, e agora acabara de fazê-la sentir-se desolada. A sua mãe teria ficado muito desiludida com ele. Dir-lhe-ia que era de uma tremenda falta de educação dar com os pés numa rapariga que se munira de coragem para o convidar para dançar ou para sair. Sanjay não achava que Iona seria quem a mãe teria em mente quando lhe disse isso, mas mesmo assim.

– Não, não! – disse ele. – Adoraria ir. Não me ocorre nada mais divertido para fazer!

– Ótimo. Então, está combinado – disse Iona, recompondo-se com uma rapidez incrível.

O comboio entrou na estação de Wimbledon e a mulher que se encontrava defronte de Iona pôs-se de pé preparando-se para desembarcar. Sanjay deixou-se cair no lugar deixado vago, agradecido.

– Sanjay! – sussurrou-lhe Iona ao ouvido. – Levante-se! Depressa!

– Porquê? – perguntou ele. – Acabei de me sentar! Então é a Regra Número Quatro dos Transportes Públicos?

– Esta é uma das famosas exceções – disse Iona.

– Que exceções? – disse Sanjay.

– Nunca ceder o lugar, uma vez este ocupado *a menos que a Iona mande* – disse Iona. – Olhe! É o homem da sanduíche falante. Não se lembra? Preciso de falar com ele. Iu-hu! – gritou Iona, apontando para o lugar que o traseiro de Sanjay se mostrava relutante em abrir mão. – Há um lugar vago aqui!

O homem, cujo nome Sanjay não se conseguia lembrar, parecia um tanto ou quanto aterrado. Sentou-se, algo cauteloso, no assento que Sanjay acabara de deixar vago, sem dúvida ainda quente da pressão das suas nádegas.

– Olá, Iona. Olá, Sanjay – disse o homem.

– Olá, Daniel! – disse Sanjay com alívio, quando se lhe fez luz, por fim.

– David – corrigiu David, parecendo resignado, como se fosse frequente as pessoas enganarem-se no seu nome.

– Então, como foi que correram as coisas na outra noite? – perguntou Iona. – Conversou com a sua mulher sobre o bilhete? E mais importante ainda, *ouviu* o que ela tinha para dizer?

– Sim, claro que sim. Mas acho que sou capaz de o ter feito tarde demais – respondeu David, com ar desolado. – Foi mais ou menos como pôr um penso rápido sobre uma veia cortada a esguichar sangue sem parar.

– Para isso é necessário um torniquete – disse Sanjay, que começava a sentir-se algo excluído da conversa.

– Bom, pois é – disse Iona. Depois, virando-se para David, acrescentou: – Ele é enfermeiro. – Sanjay não conseguia ver-lhe os olhos a revirar, mas percebeu que o fazia pelo tom da sua voz. – E então, o que foi que ela disse?

– Não podemos falar sobre isso aqui – disse David. – Não há privacidade. – *Ele tinha razão*, pensou Sanjay, mas é claro que Iona não estava nada interessada nisso, pelos vistos.

– Não seja palerma. Isso é que é o melhor sobre o anonimato no comboio. Ninguém presta a mínima atenção aos outros. Agora, conte-me o que foi que aconteceu. Como foi que disse que se chamava a sua mulher? – perguntou Iona.

– Olivia. Ela quer vender a casa e comprar uma só para ela. Porventura no estrangeiro. Diz que quer uma mudança. Aventura. Paixão – disse David.

– Ora, não é o que todos queremos? – disse Iona. Depois, percebendo que David estava com um ar algo perplexo, acrescentou: – Ou talvez não. Quando foi a última vez que surpreendeu a sua mulher? Que a levou a um lugar novo e empolgante?

– Hum, não tenho bem a certeza – respondeu David. – Para ser franco, desde que a nossa filha, Bella, saiu de casa, nós caímos numa espécie de rotina. Já nem sequer conversamos grande coisa um com o outro. Todas as nossas conversas costumavam ser acerca dela, percebe. Acho que a Bella era o coração da nossa família, e quando ela se foi embora, deixou-nos às voltas dentro de uma concha inútil.

– Oh, sim, a síndrome do ninho vazio. Não são os únicos a sentir-se assim, não sei se sabe – disse Iona. Em seguida, deu uma palmadinha no joelho de David, fazendo com que ele parecesse mais alarmado do que

reconfortado. – É muito, muito comum. Inclusive tenho um folheto sobre isso. Quando foi que ela saiu de casa?

– Há dez anos – disse David. – Depois, alguns anos mais tarde, ela mudou-se para a Austrália.

– Dez anos é muito tempo para deixar um casamento sem um coração a pulsar, David – disse Iona. – Não pode culpar a Olivia por querer algo mais.

– Do que precisam é de um desfibrilador – disse Sanjay. Ambos ignoraram o que ele disse.

– Bom, agora percebo isso, é claro – disse David para Iona, parecendo mais do que apenas algo exasperado. – Mas é tarde demais. Foi isso que ela disse.

– Não necessariamente – disse Iona. – Só precisa de convencê-la de que pode ter a mudança, a aventura e a paixão *consigo*. – Sanjay desconfiava que *essa* seria uma tarefa difícil, uma luta inglória. David parecia ser um homem mais familiarizado com um casaco de malha e umas pantufas confortáveis do que com a paixão e a aventura.

» É muito fácil deixar que um casamento se torne banal e rotineiro – prosseguiu Iona. – Num minuto está a dizer-lhe que os olhos dela abarcam toda uma galáxia de estrelas, e no minuto seguinte começa a lengalenga: *Essas cuecas estão encardidas? Porque vou pôr roupa escura a lavar*. David estava com ar de quem não tinha a certeza do que era mais chocante: a ideia metafórica das cuecas encardidas da mulher ou ver-se a pôr detergente na máquina – para roupa escura ou outra qualquer.

» Para começo de conversa, precisa de recordá-la a razão por que se apaixonou por si! – disse Iona. – Bolas, já chegámos a Waterloo. Vamos conversar mais da próxima vez! Tenho que me apressar... *brainstorming* de equipa. – Era óbvio pela maneira como ela pronunciara a palavra «*brainstorming*» o que achava ao certo sobre essa ideia.

Iona pegou na sua enorme mala de mão, aconchegou *Lulu* debaixo do braço e saiu disparada, deixando David com um ar algo atordoadado.

– Até domingo, Sanjay! – gritou-lhe ela virando-se para trás. – Não se atrase!

– Deveria considerar-se um tipo sortudo, parceiro – disse uma voz do outro lado da coxia, dirigindo-se a David. – Há anos que ando a tentar livrar-me da patroa.

Lá se foi o «anonimato do comboio».

Sanjay sentiu o telemóvel vibrar dentro do bolso. Havia uma mensagem de texto no ecrã.

Mãe: A MINHA AMIGA ANITA VEM CÁ ALMOÇAR NO DOMINGO.

Meera escrevia sempre as mensagens em maiúsculas. Sanjay suspirou. Sabia onde esta conversa ia parar.

Isso é ótimo, respondeu.

Mãe: ACHAS QUE LHE DEVO PEDIR PARA TRAZER A FILHA? TEM A TUA IDADE.

Enquanto ponderava na resposta que havia de dar, o dedo de Sanjay ficou a pairar sobre o ecrã do telemóvel. Sabia por experiência própria que a melhor estratégia era tratar de mudar de assunto.

Em que é que estás a trabalhar neste momento?, perguntou. O trabalho de Meera era a única coisa que poderia competir com as minudências das vidas dos filhos pela sua atenção.

Mãe: UM CASO DE CASAMENTO FORÇADO. FASCINANTE, PORÉM TRÁGICO.

Estás a ver a ironia?, digitou Sanjay, antes de conseguir controlar-se.

Mãe: NÃO ESTOU A SUGERIR QUE CASES COM NINGUÉM! 🙄 SÓ NÃO QUERO QUE TE SINTAS SOLITÁRIO 😞.

Agradeço, mas não me sinto solitário, teclou Sanjay, e depois perguntou-se se isso seria verdade. Quase nunca estava sozinho, mas isso não era

exatamente a mesma coisa que não se sentir solitário, pois não?

Esses clientes todos pagam-te?, perguntou, tal como sempre fazia.

COBRO APENAS AQUILO QUE ELES PODEM PAGAR, respondeu Meera, o que, é claro, significava que não lhe pagavam nada. Por sorte, o escritório de advocacia de Meera recebia o apoio constante da empresa de táxis do pai de Sanjay. Partilhavam inclusive um imóvel: aconselhamento jurídico (com frequência gratuito) no andar de cima, e táxis particulares no piso térreo. Meera tinha o hábito de convencer os motoristas a transportar os seus clientes de graça até às audiências em tribunal e depois a levá-los de volta, para enorme desagrado do seu pai.

A FILHA DA ANITA É HIGIENISTA ORAL, disse Meera, que também era adepta das mudanças de assunto.

POR ISSO, ASSEGURA-TE DE QUE LAVAS BEM OS DENTES ANTES DE VIRES CÁ ALMOÇAR!

Agradeço, Mãe, mas já tenho um compromisso para domingo, digitou Sanjay.

Afinal de contas, parecia que Iona sempre lhe tinha feito um grande favor. Não havia nada mais constrangedor nem mais humilhante do que uma mulher de meia-idade a tentar arranjar-nos um encontro.



Iona

A sessão de «*brainstorming*» teve lugar na sala Clark Kent. Quando Ed entrou para a empresa, uma das suas ideias mais revolucionárias foi rebatizar todas as salas de reuniões do escritório dando-lhes os nomes de jornalistas famosos. Devem-se-lhe ter esgotado os nomes verdadeiros. Iona há meses que lutava para que a sala Clark Kent mudasse de nome e passasse a chamar-se Nora Ephron, mas em vão. Era, sem dúvida, um triste indício da política de contratações de Ed que a maioria dos seus funcionários tivesse ouvido falar mais de Clark Kent do que da incomparável Nora.

Iona fora dispensada das reuniões semanais de *brainstorming* no passado, devido – imaginava ela – à sua antiguidade na revista, mas uma das consequências da sua «avaliação de desempenho de 360 graus» era o facto de a sua presença ser considerada obrigatória. A participação ativa e entusiasta nas reuniões de equipa era, de acordo com Ed, um dos KPI¹¹ dela. Iona não quisera dar o braço a torcer e admitir que não fazia a mais pálida ideia do que era um KPI, e apressara-se a pesquisar no Google assim que voltou para a sua secretária. Ao que parece, significava «Indicador-Chave de Desempenho». Não obstante, continuava a leste. Assemelhava-se mais a uma ferramenta de diagnóstico que um serralheiro poderia utilizar.

– Sejam todos muito bem-vindos! – disse Ed, que se encontrava de pé junto de um bloco de cavalete empunhando uma série de canetas de cores primárias. – E não se esqueçam, ideias más é coisa que não existe!

Isto era manifestamente mentira. O que dizer do Sinclair C5¹²? Ou das batatas fritas com sabor a coquetel de camarão? Ou daquela vela que se vendia na Goop intitulada *Isto Cheira Como a Minha Vagina*? Mas talvez o Ed acreditasse mesmo nisso, uma vez que implementara várias ideias péssimas desde que era o chefe. Esta sala de reuniões, por exemplo. Nos bons velhos tempos havia uma grande mesa oval ao centro, rodeada por cadeiras práticas. Agora, a sala encontrava-se repleta de pufes de cores garridas que, segundo Ed fazia questão de afirmar, ajudavam a criatividade a fluir.

Os pufes não ajudaram em nada a criatividade de Iona. Para começo de conversa, estava sempre preocupada que alguém pudesse ver-lhe as cuecas. E em segundo lugar, estas engenhocas pareciam areia movediça. Assim que *entrava* numa delas, achava quase impossível *sair* de novo. As únicas opções de que dispunha era pedir a alguém que lhe desse uma ajuda, o que era de uma total e absoluta humilhação, ou então virar-se e deixar-se cair primeiro de mãos e joelhos no chão, e depois pôr-se de pé a partir daí. Todos os outros não pareciam ter problema nenhum em se levantar. Talvez porque fossem mais jovens e mais flexíveis, ou talvez tivessem apenas mais prática, tendo crescido na era dos pufes. Iona resolveu comprar um pufe para poder praticar um pouco em casa. Enquanto isso, tinha de inventar pretextos para ficar na sala Clark Kent até todos os outros terem saído, para que ninguém a visse espernear pelo chão como um peixe fora de água. O que, supunha ela, de facto era.

Iona rangeu os dentes e sentou-se num daqueles sacos, um amarelo-vivo. Tinha deixado *Lulu* com a assistente de Ed, uma vez que a cadela não iria gostar *mesmo nada* desta geringonça. Ela era tradicionalista.

– Iona! – disse o homem no pufe verde-esmeralda à sua esquerda. Esta virou-se e viu Olly, Chefe das Sociais, que, ela veio a descobrir depois de um humilhante mal-entendido, significava coisas como o Twitter e o Instagram, redes sociais e não festas.

– Sim? – disse ela, na esperança de que ele não lhe fosse fazer um «pedido de amizade» no Facebook.

– Incendiaste o *feed* da revista do Twitter esta semana. Bravo!

– A sério? – perguntou ela. Como é que raios tinha conseguido fazer isso? Nem sequer tinha conta no Twitter, que sempre achara demasiado *agressivo* para o seu gosto. Montes de pessoas a disparar, à vez, insultos umas às outras, e depois a publicar imagens de gatinhos. *Racismo! Misoginia! Homofobia! Vejam o meu gato adorável e fofinho!*

– Sim! Aquele pequeno *riff* que fizeste sobre pornografia e pelos públicos foi partilhado *milhares* de vezes. Fiquei bastante espantado, para ser franco, pois estava à espera de que te saíesses com uma daquelas balelas padrão sobre controlos parentais – disse Olly.

– Santo Deus, não – disse Iona. – Todo o miúdo que se preze sabe contornar os controlos parentais aos dez anos de idade, não sei se sabias. Vislumbrou Ed a olhar para eles com curiosidade e levantou a voz alguns tons acima do normal. – Em todo o caso, fico muito satisfeita por ter podido contribuir com algum conteúdo *fervilhante para a geração Y*. – Toma e embrulha, Ed, e enfia os teus KPI num sítio que eu cá sei.

– Certo, equipa! – disse Ed. – Vamos a acalmar! Quero começar esta manhã por pedir ao Olly para partilhar algumas novidades superempolgantes com todos vocês. Olly, a palavra é tua.

Olly levantou-se do seu pufe de um pulo sem sequer recorrer às mãos, numa demonstração desnecessária de exibicionismo, ligou o *iPad* a uma tomada na frente da sala e um gráfico de barras foi projetado num enorme ecrã colocado na parede. A tecnologia moderna era milagrosa, mas Iona sentiu uma onda de nostalgia pelos tempos dos retroprojetores e dos acetatos, e em poder dizer *o próximo slide por favor*, num tom de voz educado, porém imperioso para o esbirro que operava o projetor de diapositivos.

– Tal como é do conhecimento geral – começou por dizer –, os nossos leitores têm vindo a envelhecer de maneira progressiva. A idade média dos nossos leitores é de quase cinquenta anos. – Disse *cinquenta* como se fosse um número de anos elevado, raiando a incompreensão. Um dia descobriria que cinquenta anos poderiam de facto desaparecer num piscar de olhos. – Por isso, é *vital* atrairmos leitores mais jovens antes que os atuais morram literalmente.

Ed acenava com a cabeça de forma tão vigorosa que Iona deu por si a imaginar a cabeça dele a levantar voo dos seus ombros e a rolar no meio dos pufes, como um macabro jogo da bagatela. Era uma imagem menos angustiante do que se poderia pensar.

– Portanto, do que precisamos é de *influencers* que sejam capazes de dar o exemplo, atraindo as suas legiões de seguidores. *Influencers* como isto... – E em seguida fez um gesto na direção da nova imagem no ecrã. Uma imagem que Iona tinha a certeza de já ter visto antes. Franziu o sobrolho, esforçando-se por se lembrar onde. Depois recordou-se que não devia franzir a testa, uma vez que isso só encorajava a editora de beleza a entregar-lhe outro cartão de visita de um especialista em Botox.

No comboio! Foi aí que a tinha visto! Emmie mostrara-lhe essa mesma imagem.

– Não criámos esta imagem, nem pagámos por ela, mas a Fizz... a *verdadeira Fizz autenticada*... postou esta foto há alguns dias com a legenda «todas as raparigas precisam de um tempo só para si», e, tal como podem ver, a revista que ela escolheu para levar para a banheira enquanto toma banho é a *nossa revista*. Este é exatamente o tipo de cobertura de que precisamos. A Fizz é o arquétipo da *Modern Woman*. Entrei em contacto com ela através das redes sociais e do seu agente, mas ainda não obtive nenhum retorno... é provável que ela nunca veja as suas mensagens diretas. – Quando, perguntou-se Iona, *é que as pessoas começaram a entrar em contacto, em vez de se limitarem a telefonar?* Exceto os americanos, obviamente, que sem dúvida já o faziam há anos, além de *reconsiderar e pensar fora da caixa*. – Portanto, estava com esperança que algum de vocês conhecesse alguém e pudesse meter uma cunha, talvez? Alguém? – Olhou em volta da sala, pousando os olhos em cada pessoa, uma por uma, exceto nela.

– Espera aí um segundo – disse Ed, levantando a palma da mão na direção de Olly como um polícia de trânsito. – Deveríamos reconsiderar um momento, caso haja alguém que não saiba quem é a Fizz. – Olhou de forma tão enfática e clara para Iona que os olhos de todos os outros se viraram de

maneira a fitá-la também. – É provável que a Iona ache que se trate de uma bebida de lata! – disse ele com uma sonora gargalhada de escárnio.

– És muito engraçado, Ed – disse ela no seu tom de voz mais duro e frio. – Na verdade, trata-se de uma sensação do TikTok e, acontece que é amiga íntima de uma grande amiga minha. Se quiseses, posso ver se consigo convencê-la a ir almoçar connosco para discutir uma possível parceria. Creio que ela gosta de comer no Savoy Grill. – Iona, é claro, não fazia a mínima ideia, mas como é que era possível alguém *não* gostar do Savoy Grill?

Toda a gente ficou ali especada a olhar para Iona com tal incredulidade e, caso não estivesse enganada, uma ligeira pitada de admiração, que ela percebeu que estava, de facto, a divertir-se. Só lhe apetecia levantar-se num rompante e sair da sala com ar de triunfo, deixando-os a todos com as suas «sessões de geração de ideias» imbecis, mas infelizmente levantar-se de rompante dali, fosse lá para onde fosse, era algo que estava fora de questão; iria ficar presa naquele maldito pufe até à hora do almoço.

¹¹ A sigla em inglês significa *Key Performance Indicator* (indicador-chave de desempenho). (N. da T.)

¹² Espécie de motoreta elétrica de três rodas concebida por Clive Sinclair e lançada em 1985, que veio a revelar-se um rotundo fracasso. (N. da T.)



Piers

18h17 De Waterloo a Surbiton

A prova de como o dia de Piers estava a correr tão mal era o facto da sua conversa com Iona na viagem de regresso no comboio estar a revelar-se o seu ponto alto. Na verdade, começou a deambular de um lado para o outro na Plataforma 5 de propósito, para ter a certeza de que apanhariam o mesmo comboio.

A opinião de Piers sobre Iona mudara por completo desde a última noite, quando passara uma hora ou mais a navegar por artigos sobre ela na Internet. Acontece que ela e Bea tinham sido «*It Girls*» nos anos 1980 e 1990. Estavam sempre a ser fotografadas em festas, antestreias, aviões particulares e férias espalhafatosas. Iona era alta, esbelta, loura e altiva. Bea era uma rapariga negra ainda mais alta e escultural, que usava o cabelo em tranças que lhe caíam em cascata até à cintura, ou apanhadas no alto da cabeça em torções cada vez mais elaboradas, e possuía uns olhos que pareciam querer saltar da página ao longo das décadas seguintes apenas para desafiá-lo.

– Pesquisei-a no Google – admitiu Piers. – Você era fabulosa. Adorei a sua alcunha: Iona Iate. – Piers tentou mostrar-se indiferente visto que, num raro momento de autoconsciência, sabia o quanto o seu novo interesse por Iona o fazia parecer superficial.

– Bons tempos – disse ela. – Na verdade, nunca tive um iate. Só passava uma quantidade razoável de tempo nos barcos de outras pessoas. Costumava escrever colunas sociais antes de passar para a secção de aconselhamento. Eu e a Bea éramos convidadas para *tudo*. Chegávamos até a ser pagas para aparecer. Naquela época, acredite se quiser, era bastante excêntrico uma pessoa assumir-se como *gay*. «As Lésbicas de Batom», era como a imprensa nos chamava. Os *paparazzi* seguiam-nos para toda a parte.

– Não duvido – disse Piers, apreciando, pela primeira vez, a impressionante estrutura óssea e os surpreendentes olhos azul-cobalto de Iona. Porque é que nunca tinha reparado neles até então? Era assim tão superficial que não conseguia ver além da pele algo flácida e das rugas? Desconfiava que sim, que era.

– Percebeu que tem estado a falar de mim no passado, não percebeu? – disse Iona. – Da «*It Girl*» para a «Rapariga Ultrapassada» em três curtas décadas. – Iona estava com um ar incrivelmente triste. Oh, meu Deus, Piers esperava de todo o coração que ela não começasse a chorar. Pelo menos não no comboio, certo? É provável que houvesse leis contra esse tipo de comportamento nos transportes públicos. Se não havia, deveria haver.

Pelo canto do olho, Piers viu vários dos companheiros de viagem digitarem de maneira sub-reptícia *Iona Iate* no Google. Já tinha reparado que tendo em consideração que antes as pessoas costumavam evitar sentar-se ao pé de Iona, agora era raro que os lugares próximos dela se encontrassem vazios. Ela parecia ter-se tornado a telenovela sensação do comboio. Isso faria dele um ator secundário da Primeira Temporada?

– Desculpe – disse Piers.

– Não se preocupe – replicou ela, agitando a mão à frente da sua cara como se assim pudesse afugentar o avanço das lágrimas; ou o avanço dos anos. Ou ambos. – Toda a gente faz isso. A tragédia é que eu sou a mesma mulher, sem tirar nem pôr, que era naqueles tempos. Continuo a sentir-me com vinte e sete anos.

– Ah, mas estou capaz de apostar que é muito mais sábia agora – afirmou Piers.

– E sou – respondeu Iona. – Mas não é dessa maneira que a sociedade atual obcecada pela juventude me vê, pois não? Qualquer um com mais de cinquenta anos é considerado irrelevante, ao que parece. Dinossauros.

– Tenho a certeza de que isso não é verdade – disse Piers, ignorando o facto de ter pensado isso mesmo até à noite passada. – Seja como for, adoro dinossauros. Não faz ideia do tempo que passei no Museu de História Natural quando era pequeno. – Não acrescentou que grande parte do atrativo do museu era ter entrada gratuita, ser um lugar quente e seguro, e que durante algumas horas podia perder-se no meio da multidão de famílias felizes, acreditando que fazia parte delas.

– Nessa altura, não podia sair de casa vestida com um saco do lixo sem fazer parar o trânsito – disse Iona com uma fungadela. – Hoje em dia, até posso descer a rua nua que ninguém presta a mínima atenção. – Piers achou isso altamente improvável. Uma imagem como essa podia causar danos irreparáveis ao dia de qualquer um.

» Não sei se sabe, mas no Japão as pessoas mais velhas são veneradas, admiradas. Talvez eu e a Bea nos devêssemos mudar para lá. Pena que não goste de peixe cru. Nem de *karaoke*. Ainda assim – prosseguiu ela –, é melhor isso do que ser um inuíte. Estes deixam os seus idosos em blocos de gelo para morrer.

– Acho que já não fazem isso, Iona. Na verdade, há séculos que não o fazem – disse Piers.

– Em todo o caso, vamos falar sobre coisas mais interessantes. De si. Como é que vai a situação de mudança de carreira profissional? – perguntou Iona, fitando-o através de uns olhos semicerrados, dando-lhe a impressão de estar a ser scaneado por uma caixa automática de supermercado antes de ser declarado um objeto inesperado na zona de empacotamento.

– Não fiz grandes progressos, para ser sincero – respondeu Piers. – Não faço a mínima ideia de onde me dirigir para fazer uma requalificação. Talvez seja velho demais. – Não quis confessar a verdadeira razão por que desistiu da ideia de ensinar com tanta rapidez: a total falta de apoio por parte de Candida. Pareceu-lhe, de alguma forma, desleal.

– Que disparate. Você não passa de uma criança. Nem sequer tem quarenta anos, aposto. O que tem que fazer é falar sobre o assunto com um professor idóneo. Poderá dar-lhe uma perspetiva real e uma ideia mais precisa. Conhece algum?

Piers pensou em todos os amigos que tinham frequentado o último coquetel que Candida havia oferecido – advogados da City, banqueiros, gestores de fundos de investimento, investidores de capital de risco, diretores-executivos, e uns quantos profissionais da comunicação para compor o ramalhete. Nem um único professor. Teriam sido devorados vivos. Servidos numa bandeja pelos funcionários contratados a par dos *blinis* de salmão fumado e *tempura* de gambas, e regados com uma bela safra de *Pol Roger* bem gelado.

– Não, creio que não – respondeu ele. – Descartou a professora do 1.º ano de Minty. Não podia confiar nela sem correr o risco de esse assunto chegar aos ouvidos de Candida e, além do mais, se pretendia dedicar-se ao ensino, gostaria de inspirar e motivar adolescentes problemáticos, e não crianças de cinco anos mimadas e cheias de regalias.

– Huuum. Bom, estou certa de que há de aparecer alguma coisa – disse Iona. – Pela minha experiência, de uma maneira geral algo sempre surge.

– Claro – respondeu Piers, perguntando-se em que universo estranho e simplista é que Iona vivia. Chegaram à estação de Surbiton, e ele saiu do comboio a fim de voltar no seu carro de banqueiro para a sua casa de banqueiro e para a sua mulher de banqueiro.

Isto não passava de uma perda do tempo de Iona, e do seu também. Tinha assuntos muito mais urgentes e inadiáveis com que se preocupar.



Sanjay

Caminhando pelos jardins do Palácio de Hampton Court, com os seus relvados aparados com esmero, fontes majestosas e *parterres* formais, Sanjay sentiu os nós de tensão no pescoço e nos ombros começarem a afrouxar um pouco. Era muito fácil, quando se passava a maior parte das horas de tempo acordado sob a forte luz artificial e nos interiores desinfetados até à exaustão de um hospital de Londres, esquecer o quanto o ambiente ao ar livre podia ser tão reparador. Toda esta beleza situava-se apenas a poucos quilómetros da casa de Sanjay, e, no entanto, era a primeira vez que ali ia.

Era uma dessas manhãs perfeitas, quando o inverno revela os primeiros indícios de ceder o lugar à primavera. O céu azul apresentava-se sem uma única nuvem, mas sentia-se um frio ligeiro no ar e havia uma neblina baixa a pairar sobre os lagos. As primeiras flores a fazer a sua aparição – câmpanulas-brancas e crocos – despontavam através do solo frio.

Sanjay sentiu-se como uma das criaturas mágicas de Nárnia, testemunhando a diminuição dos poderes da Feiticeira Branca. Um castor, quiçá. Ou um fauno. Preferia ser um fauno.

O Labirinto do Palácio de Hampton Court é o mais antigo labirinto de sebes, mandado construir por volta de 1700, recitou Sanjay na sua cabeça. Passara horas a noite passada a ler sobre a história do palácio e do labirinto para que ele e Iona não ficassem sem assunto de conversa. Por mais curioso que possa parecer, ele nunca tinha saído para dar um passeio com uma

completa desconhecida trinta anos mais velha do que ele, e sentia-se algo mais do que um pouco apreensivo acerca desse assunto. Sabe Deus por que motivo Iona lhe havia sugerido que fosse, ou o que o levara a aceitar. Tudo e mais alguma coisa parecia acontecer quando se encontrava na companhia de Iona, sem que ele tivesse algum tipo de controlo sobre isso.

– Sanjay! – chamou Iona, tão alto que a garça, que aguardara com toda a paciência que uma chusma de turistas japoneses lhe tirasse uma fotografia e que Sanjay presumira que fosse feita de plástico, levantou voo. – Aqui!

Iona estava à espera junto à entrada do labirinto. Envergava uma sobrecasaca comprida em veludo verde-esmeralda, com uma vistosa gola de pele falsa, grandes botões dourados e galões, que pareciam combinar na perfeição com o ambiente real que a rodeava. E umas botas *Doc Martens* pesadas e pretas, nada em conformidade com o resto.

– Veja – disse ela, apontando para um local ao longe. – Aquela ali não é a Emmie?

O coração de Sanjay pareceu parar de bater quando seguiu a direção do dedo indicador de Iona. Seria possível? E, no entanto, ali estava ela. Emmie, de forma inacreditável e incrível.

Apesar de ser impossível distinguir as feições a essa distância, ela passava por entre os grupos de turistas e os bandos de gansos-do-canadá, exatamente da mesma maneira que costumava percorrer a Carruagem 3 todas as manhãs. Toda ela era energia e otimismo, como se mal pudesse esperar para chegar aonde quer que pretendesse ir, como se o dia fosse um pêssago maduro mesmo à espera de ser colhido. Oh, meu Deus. Porque é que tinha escolhido essa analogia?

Que raios estaria ela a fazer aqui, neste lugar? A resposta, como é evidente, estava ali mesmo a olhar bem de frente para ele. Na realidade, Sanjay percebeu quando se virou para olhar para Iona, que esta se mostrava bastante determinada em *não* olhar para a sua cara.

– Emmie! Iu-hu! Estamos aqui! – gritou ela.

– Iona! – disse Emmie, algo ofegante, com as faces rosadas do frio. – Este sítio é fabuloso! Olá, Sanjay! Não sabia que também vinha!

– Pois é, eu também não sabia que você vinha – respondeu Sanjay. Ambos se viraram para olhar para Iona, mas esta estava curvada, tentando atar os atacadores de uma das suas *Doc Martens*.

– Já aqui tinha vindo alguma vez? – perguntou Emmie, sorrindo-lhe.

– Hum, não – gaguejou ele.

Era irónico que Sanjay, famoso no hospital por ser capaz de falar com *qualquer pessoa*, por transformar os desconhecidos em amigos em menos tempo do que levava para ir buscar uma chávena de chá à máquina de venda automática, ficasse tão mudo e estupidificado sempre que se encontrava com Emmie. Bastava ela olhar para ele, na expectativa, e era como se a língua dele se expandisse, ocupando-lhe a boca inteira, transformando-se numa lesma embriagada, totalmente incapaz de se mexer com alguma utilidade. Ao mesmo tempo, a sua mente esvaziava-se de todos os pensamentos coerentes. Ela devia achá-lo um imbecil total. Sanjay amaldiçoou Iona pela sua falta de talento como casamenteira. Pelo menos, podia ter-lhe dito alguma coisa.

– Adoro as suas botas, Iona – disse Emmie, tendo, como é óbvio, desistido dele. – São daquelas vegan?

– Que ideia essa! – disse Iona, franzindo o sobrolho. – São calçado para usar, querida. Não são nem vegan nem carnívoras, pelo facto de serem objetos inanimados e sem necessidade de se alimentar.

É óbvio que Emmie ficou sem saber muito bem como responder a esse comentário, uma vez que mudou de assunto.

– Este labirinto é *enorme*. Só me pergunto se Henrique VIII costumava vir aqui para fugir da sua mulher e namoriscar com quem estava na fila para tomar o lugar dela – disse Emmie.

– Duvido – replicou Sanjay, agarrando-se com unhas e dentes a um dos factos que aprendera a noite passada. – O rei já tinha morrido há mais de cem anos quando fizeram o labirinto. Foi ideia de Guilherme III. – Oh, meu Deus, agora acabou de parecer um marrão arrogante. – Acho eu – acrescentou, tentando amenizar as suas palavras.

Emmie avistou um pavão a desfilas todo emproado junto à fonte, olhando com desdém para os turistas como se se perguntasse com que direito

invadiam os seus jardins. Ela afastou-se a fim de tirar uma fotografia, dando a Sanjay uma oportunidade de falar com Iona.

– Iona – disse Sanjay. – Tenho a certeza de que achou que isto seria uma boa ideia, mas...

– Querido, é mesmo uma boa ideia – disse, interrompendo-o. – Uma ideia maravilhosa, na verdade. Espere só para ver. Hei de lembrá-lo da sua ingratidão no dia do casamento.

Ele suspirou.

– Bom, uma vez que nos meteu nesta situação embaraçosa, podia ao menos fazer-me um favor e desaparecer?

– Desaparecer? – disse Iona, parecendo bastante magoada. – Quer que me vá embora?

– Não! Refiro-me a desaparecer dentro do labirinto. Percebe, para que eu e a Emmie possamos ter um tempo só para nós – esclareceu ele.

– Bom, isso é muito pouco realista, não acha, meu anjo? Sou uma *conhecedora* nata deste labirinto. Porque é que vocês os dois não desaparecem, o que não seria muito difícil, e eu fico à vossa espera no centro? – propôs Iona, quando Emmie voltou para junto deles.

– O melhor será irmos para a fila da bilheteira, não acham? – disse ela.

– Já comprei os bilhetes – disse Iona, tirando três bilhetes da sua mala de mão. – Não, não, faço questão. É por minha conta. Considero isto como a minha maneira de reembolsar o SNS. Então, entrem vocês os dois juntos, e eu entro em separado. Não quero estragar-vos toda a experiência do labirinto mostrando-vos por onde devem seguir! Isso não teria piada nenhuma! Fico à vossa espera no centro.

– O tempo médio que se demora a chegar ao centro é de vinte minutos – disse Sanjay, regurgitando mais um pouco as informações do *website* de Hampton Court.

– Bom, aí está um desafio – disse Iona. – Vejamos se serão capazes de bater esse tempo!

Seria assim tão difícil encontrar o centro? Havia tantos caminhos diferentes a tomar, que mais cedo ou mais tarde acabariam por dar com ele. Sanjay e Emmie ouviam os gritos de júbilo à medida que as pessoas o

descobriam, e todas elas pareciam muito próximas, e, no entanto, tão difíceis de encontrar.

– Deve ser mesmo ao virar desta próxima curva! – disse Sanjay. – Tenho a certeza! Dobrou a esquina apenas para se deparar com um beco sem saída. Um sítio que lhe pareceu bastante familiar. Contudo, isso fazia parte do problema: as sebes pareciam todas iguais. Iona devia estar a aborrecer-se de morte à espera que os dois aparecessem.

– Estamos a andar em círculos – disse Sanjay. – Precisamos de um novelo de linha, como Teseu no Labirinto! – Ficou bastante satisfeito com essa tirada. Emmie parecia o tipo de rapariga que apreciaria alguém com conhecimento da mitologia grega.

– É bem verdade! – disse Emmie. – Trouxe mantimentos? Somos capazes de ficar aqui por um bom tempo. Talvez nos encontrem daqui a algumas semanas... apenas dois folhelhos ressequidos.

– Acho que vamos precisar de um plano – disse Sanjay, tentando soar decidido e viril. O tipo de pessoa a quem se podia confiar a vida. – Porque é que não experimentamos seguir apenas pelos sectores da direita?

Não resultou. Nem tão-pouco alternando entre a esquerda e a direita.

– Acho que estamos a desperdiçar o tempo a pensar nisto – disse Emmie. – Reparou que todos aqueles miúdos parecem saber como entrar e sair? Vamos fazer como eles e limitar-nos a seguir a corrente, correr de forma aleatória, e assim vemos aonde isso nos leva, que tal?

Emmie deu-lhe a mão e desataram os dois a correr, a rir fazendo as curvas, contornando grupos de turistas em marcha lenta, até que aterraram em triunfo no centro. Um grande espaço aberto com um banco no meio. Um banco vazio.

– Onde é que estará a Iona, afinal? – perguntou Sanjay, sentando-se ao lado de Emmie. Agarrou-se ao rebordo do banco para se impedir de ceder à tentação de lhe passar o braço sobre os ombros.

– Não faço ideia – disse Emmie, ainda sem fôlego. – Acha que ela se chateou e se foi embora? Ou talvez tenha sido devorada pelo Minotauro.

– Tenho quase a certeza de que nem mesmo o Minotauro teria coragem para enfrentar a Iona – disse Sanjay. – Antes de ter tempo para se aperceber

do que estava a acontecer, ela já lhe teria lançado *aquele olhar* e dito, *O que é que te faz ficar tão zangado? Fala-me da relação com a tua mãe. Sou terapeuta editorial, não sei se sabes.*

Emmie riu-se, fazendo Sanjay sentir-se como se lhe tivesse saído a lotaria.

– Iona! – gritou Emmie. – Iona! Está aí?

– Estou quase a chegar, meus queridos! – ouviu ele gritar atrás de si. – Achei por bem dar-vos um avanço. – Pela voz, parecia estar por perto, e Sanjay vislumbrou um lampejo de verde-esmeralda através de uma das sebes.

– Foi muito divertido, não foi? – perguntou Emmie. Sanjay abriu um sorriso e assentiu com um aceno de cabeça. Assim que pararam de se preocupar com o lugar para onde se dirigiam, também ele parou de pensar para onde ele e Emmie se encaminhavam. Pela primeira vez, sentia-se totalmente relaxado na companhia dela, como se ela fosse apenas mais uma das suas pacientes; uma paciente deslumbrante, livre de cancro.

– Iona! – gritou ela.

– Vou ter convosco dentro de um segundo! – ouviu-se uma voz que parecia mais distante do que da última vez.

Sanjay estava a perguntar-se se deveria dizer a Emmie o quanto gostava dela quando Iona irrompeu pelo intervalo entre a sebe, com um ar mais agitado do que alguma vez lhe vira. O seu penteado elaborado tinha caído para um dos lados, e havia um pequeno galho a sair dele, como um raminho de azevinho num pudim de Natal.

– Bom trabalho! – disse ela, ofegando um pouco, e encostando-se às costas do banco para obter algum apoio, a mão agarrada com tanta força que os nós dos dedos ficaram sem cor, acentuando o vermelho-carmesim do verniz das unhas. – Conseguiram! Foram bastante rápidos, na verdade. É óbvio que formam uma equipa perfeita. Fabuloso, não acham?

– Sem dúvida! – disse Emmie. – Preciso de trazer o Toby aqui. Ele iria adorar.

Fez-se silêncio, e depois Sanjay deu por si a fazer a pergunta cuja resposta, na realidade, não queria saber.

– Quem é o Toby?

– É o meu namorado – respondeu Emmie. – Adora quebra-cabeças. É brilhante a resolvê-los. Suponho que é por isso que é tão bom em programação. Possui a sua própria empresa de tecnologia.

Oh, que bom para ele, pensou Sanjay, perguntando-se como é que era possível antipatizar de forma tão intensa com uma pessoa que nem sequer conhecia.



Iona

Como é que o triunfo podia transformar-se em catástrofe assim tão depressa?

Iona tinha encontrado *por fim* o centro do labirinto – devem ter mudado as coisas de sítio desde a última vez que ali estivera – e vira os seus dois jovens pombinhos sentados bem à-vontade no banco ao lado um do outro, apenas para em seguida ouvir Emmie anunciar que já tinha um namorado.

Sanjay exibia um sorriso pouco convincente estampado na cara como uma máscara de Carnaval. Era evidente que o único teatro para o qual estava destinado era o teatro das operações, ou seja, o bloco. Seja como for, ainda não estava tudo perdido. Talvez este «namorado» fosse uma relação bastante recente e ocasional, fácil de desfazer.

– Vocês estão juntos há muito tempo? – perguntou Iona, sentando-se ao lado de Emmie no banco, obrigando-a a aproximar-se ainda mais de Sanjay.

– Há quase dois anos – respondeu Emmie.

Dois anos para Iona não passavam de um mero piscar de olhos, mas imaginou que para Sanjay e para Emmie se assemelhasse a uma eternidade. Talvez fosse uma relação à distância, que começava a ficar algo estagnada e a perder a sua força. Pelo menos, ela não usava um anel de noivado. Iona

certificara-se de verificar isso no comboio antes de sugerir este passeio. Também era importante fazer um bom trabalho de pesquisa.

– Mas não são casados? – perguntou Iona.

– Não, ainda não – replicou Emmie. – No entanto, já vivemos juntos há uma eternidade, por isso calculo que é como se fôssemos.

Ora bolas!

– Deveria ter trazido a Bea, Iona. Ia adorar conhecê-la – disse Emmie.

– Devia mesmo – disse ela. – Contei-lhe tudo sobre vocês os dois. Está deserta por vos conhecer. Pois então, porque é que não vamos procurar um lugar para tomar um café? Preciso da sua influência junto da sua adorável amiga, Fizz. Espero que ela aceite almoçar comigo e com o meu editor. Depois, vocês os dois têm que visitar o palácio! Preciso de voltar para junto da minha querida *Lulu*. Ela odeia que eu me ausente durante demasiado tempo.

– Pode mostrar-nos o caminho mais rápido para sair daqui? – perguntou Emmie.

– Não, não – respondeu Iona. – Isso seria fazer batota. Vão vocês na frente, e eu sigo logo atrás.

Uma vez que ia tomar café com dois elementos da geração Y que, para falar com toda a franqueza, estavam em dívida para consigo, mesmo que as coisas não tenham corrido inteiramente como planeado, Iona aproveitou a oportunidade para tirar o bloco de apontamentos da mala e dar uma olhadela sub-reptícia à sua mais recente lista de problemas dos leitores.

– Meus queridos – disse ela. – Falando apenas em teoria, se uma rapariga mais ou menos da vossa idade gostasse do ex-namorado da melhor amiga, deveria atirar-se de cabeça ou não? – Emmie e Sanjay olharam para ela com um ar bastante intrigado, pelo que Iona acrescentou: – Só por curiosidade. – O que não ajudou grande coisa.

– Bom, é óbvio que ela precisa levar em consideração o Código da Namorada – disse Emmie. *Código? Que código?* Os dedos de Iona coçavam de vontade de sacar do bloco de apontamentos, mas manteve-o no colo e

disse: – Claro. Só por curiosidade, como é que descreveria o Código da Namorada, Emmie?

– O Código diz que nunca nos devemos meter com o ex-namorado de uma amiga sem obter primeiro o sinal verde da parte dela. Além disso, ela deve levar em conta que é provável que tenha havido uma boa razão para eles se terem separado. Deve certificar-se de que obtém todas as informações relevantes antes de mergulhar de cabeça – disse Emmie.

O telemóvel pousado em cima da mesa do café à frente deles começou a vibrar, e a deslizar pela superfície polida. No ecrã lia-se o nome TOBY, e vinha acompanhado pela foto de um homem com olhos azuis do mesmo tom pálido de um lago congelado, e uma dessas irritantes barbas *hipster* que todos os rapazes do escritório de Iona começaram a deixar crescer.

– Importam-se que eu atenda esta chamada? – perguntou Emmie, pegando no telefone e no café sem esperar pela resposta, e afastando-se da mesa.

– Não fique tão abatido, Sanjay – disse Iona ao mesmo tempo que sacava do bloco de apontamentos e começava a rabiscar furiosamente.

– Reparou naquela fotografia? – perguntou Sanjay. – Ele parecia um...

– Pedaco de mau caminho – afirmou Iona, ao mesmo tempo que Sanjay dizia «idiota».

– Aquilo onde ele estava sentado era um teleférico de esqui? – perguntou Sanjay.

– Era.

– Nunca fiz esqui.

– É algo muito sobrevalorizado – declarou Iona. – Uma data de betinhos presunçosos e fanfarrões com uma perceção duvidosa de moda e umas pranchas caríssimas amarradas aos pés. – Sanjay soltou um suspiro.

– É inútil, Iona – disse ele.

– Uma coisa nunca, jamais, é inútil – replicou ela. – Recuso-me a escutar essa palavra perto de mim. Não sei se sabe, mas a Bea estava praticamente com os dois pés no altar, prestes a casar-se com um homem bastante influente, porém chato até à inconsciência, dez anos mais velho do que ela, quando decidiu fugir para Londres comigo.

Iona fez uma pausa, acometida por uma imagem dela própria e de Bea aos gritos ao mesmo tempo que tentavam atravessar a Place de la Concorde num *Volkswagen Carocha* descapotável amarelo-claro.

Encheram o carro com o máximo dos seus pertences que conseguiram espremer lá para dentro, deixando para trás tudo o que restava das suas vidas passadas. Baixaram a capota do carro para terem mais espaço e fizeram todos os possíveis para manter tudo lá dentro, contudo perderam *Nigel*, a planta iúca, e o bule de chá da avó de Iona algures na estrada para Calais.

O carro não possuía cintos de segurança, por isso Bea – que era a única com coragem suficiente para conduzir na faixa direita da estrada – projetava o braço para o lado a fim de proteger Iona sempre que precisava de travar de repente. *Querida, fico tão feliz por te importares!*, gritava Iona acima do barulho do trânsito.

A imagem do automóvel foi substituída, num salto repentino, por outra do véu de noiva de Bea, a esvoaçar ao vento, um gigantesco albatroz debruado a renda, quando ela o lançou da popa do *ferry* que fazia a travessia do canal da Mancha.

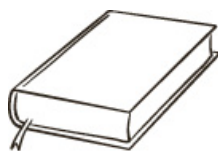
– Foi preciso encaixotar e devolver duzentos e cinquenta presentes de casamento – disse ela.

– Que coragem – comentou Sanjay.

– Para ser franca, achei um grande desperdício. Algumas das prendas eram fabulosas – disse Iona.

– Não, estava a referir-me à coragem dela, por ter seguido o que lhe dizia o coração dessa maneira – disse Sanjay.

– Ela não teve escolha, doçura – disse Iona. – Nenhuma de nós duas teve. Por vezes, o destino limita-se a mostrar-nos o caminho a tomar e nós não temos outro remédio a não ser segui-lo. E se este for o seu destino, vai acontecer. Basta esperar para ver. E não se esqueça de que até ao lavar dos cestos é vindima.



Emmie

Incursões de fim de semana com pessoas que mal conhecia não era algo que Emmie costumasse fazer. Só concordara com este passeio devido à sua obsessão de longa data por Iona.

Emmie andava a perseguir Iona em segredo há quase um ano – desde que começara a apanhar o comboio entre Thames Ditton e Waterloo. Reparou de imediato em Iona – como não poderia? Era exatamente o tipo de mulher que Emmie gostaria de ser quando fosse velha. Era uma mulher singular – icónica mesmo – e é óbvio que não se ralava nada com o que as outras pessoas pensavam a seu respeito.

Iona fazia lembrar a Emmie um poema que aprendera na escola. *Quando for velha, vestirei de roxo...*¹³

Sempre que Emmie tinha oportunidade, sentava-se ao lado de Iona e observava-a de maneira sub-reptícia por detrás do seu livro, tentando adivinhar qual seria a história que se encerraria atrás da sua pessoa. Talvez tivesse sido uma *prima ballerina*. O que explicaria a sua postura. Uma criança-prodígio que tivera o mundo a seus pés até que uma elevação demasiado entusiasta do seu parceiro russo de *ballet* lhe ter lesionado a coluna, obrigando-a a retirar-se dos palcos aos vinte e três anos de idade. Ou talvez fosse uma famosa violoncelista, que deixara de tocar como profissional desde que um maestro italiano lhe despedaçara o coração fugindo com a segunda clarinetista.

Graças a Piers e à sua uva desgarrada, Emmie acabou por descobrir o verdadeiro nome e profissão de Iona, e relatara todo aquele incidente a Fizz num dos encontros de ambas.

– Iona Iate! – berrara Fizz. – Conheceste a Iona Iate em pessoa! Ela foi uma *influencer* antes mesmo deste termo ter sido inventado. A minha mãe era *obcecada* por ela. Costumava ler-me as colunas dela todos os fins de semana quando eu era pequena. Quer dizer, então, que ela é conselheira sentimental numa revista? Que máximo! Tão *rétro*! Há anos que não leio uma revista a sério. Vou *já* comprar a dela. Qual é?

– *Modern Woman* – respondeu Emmie.

– Ugh. Que título mais pavoroso – disse Fizz. – Não fazia ideia de que ela ainda fosse viva, muito menos que *andasse de transportes públicos*. Que coisa mais improvável. Julgava que ela tivesse morrido em algum acidente trágico, porém deveras glamoroso, como a Isadora Duncan.

Emmie pesquisou sobre Isadora Duncan. Ficou a saber que foi uma bailarina que morreu aos cinquenta anos de idade quando a *écharpe* que usava se enrolou nas rodas e no eixo do descapotável onde seguia, na Riviera Francesa. Fizz tinha toda a razão. Se Iona tivesse que morrer, deveria ser mais ou menos dessa maneira que teria que partir, sem tirar nem pôr. Por outro lado, era bem possível que Iona fosse imortal. Pode ser que se regenerasse como o Doctor Who, e regressasse no corpo da Scarlett Johansson.

Fizz implorara a Emmie que as apresentasse, e parecia, pelo que Iona tinha dito, que na verdade iria ser mais fácil do que ela imaginara. Sentiu uma pontada irracional de ciúmes só de pensar em Fizz e Iona se tornarem grandes amigas.

– Sabes que mais, linda? – disse Toby do outro lado de uma linha cheia de interferências. – Fiz o teu prato preferido. Carne assada com todos os acompanhamentos a que tens direito. Inclusive, pudim de Yorkshire.

– Mas Toby – disse ela, esforçando-se por não deixar que a irritação lhe transparecesse na voz. – Eu disse-te para comeres sozinho. Estou em Hampton Court, estás lembrado?

– Oh, meu Deus, que estupidez da minha parte! – disse Toby, e pelo tom de voz dele Emmie percebeu que estava a bater na testa com a base da mão, tal como sempre fazia quando se esquecia de algo importante.

– Só aqui estou há uma hora. Percorremos o labirinto, mas estava a contar dar uma volta pelas cozinhas do palácio com o Sanjay. Importas-te? – disse Emmie, apercebendo-se assim que proferiu essas palavras do quanto estava a gostar de fazer um novo amigo.

A maioria dos amigos mais antigos de Emmie afastou-se desde que ela fora viver com Toby. Era o que acontecia quando se tem uma relação séria, supunha ela, além de que agora morava a vários quilómetros de distância de todos eles, em Thames Ditton. Toby manifestara o desejo de sair da cidade, para que pudessem comprar uma casa que fosse grande o suficiente para uma eventual família a constituir no futuro, no entanto, Emmie sentia-se isolada com bastante frequência.

Era irónico ter agora muito mais espaço do que tinha no seu diminuto apartamento partilhado em Dalston, contudo, às vezes, achava os subúrbios asfixiantes. Claustrofóbicos. Sentia saudades das suas antigas companheiras de apartamento, e de possuir um círculo de amizades apenas a meia dúzia de passos do mesmo *pub* de sempre.

– Sanjay? – disse Toby. – Pensei que ias encontrar-te com uma mulher de sessenta anos, ou não?

– E fui – disse ela. – A Iona. Mas ela também convidou o Sanjay para vir, outro tipo do comboio. É enfermeiro.

– Oh, fixe – disse Toby, embora Emmie desconfiasse que ele estava apenas com um bocadinho de ciúmes. Os homens são dotados de egos bastante frágeis. Calculou que deveria considerar isso como um elogio – o facto de estar convencido de que toda a gente queria ir para a cama com ela.

Olhou na direção em que se encontravam Sanjay e Iona, de cabeças unidas, a falar com rapidez. Ainda bem que esta não era uma chamada de vídeo. Se Toby visse o quanto Sanjay era atraente, sem dúvida de que sentiria ciúmes. Se uma pessoa fosse diretora de *casting* da série *Casualty* e andasse à procura de um homem para desempenhar o papel de um enfermeiro que fosse inteligente e ao mesmo tempo amável, e por quem todas as pacientes

tivessem um fraquinho secreto, sem dúvida de que escolheria Sanjay. Exibia uma melena preta linda de morrer e que era um tanto ou quanto comprida demais, o que o obrigava a estar sempre a soprá-la para a afastar dos olhos. E aqueles olhos eram de um castanho profundo, formados por mais tonalidades distintas do que é suposto o castanho possuir, e orlados pelo tipo de pestanas que ela gastava uma fortuna em rímel para tentar alcançar.

Era óbvio que Sanjay também era ótimo no seu trabalho. Mostrava-se bastante calmo numa situação de crise e deveras compreensivo. O tipo de pessoa com quem não nos importaríamos nada de falar sobre os nossos sintomas mais embaraçosos. A menos que tivéssemos um fraquinho por ele. O que não era o caso dela.

– A sério, Emmie – disse Toby. – Não te preocupes comigo. Diverte-te com os teus amigos. Afinal de contas, a estupidez foi minha. Vou deitar fora a tua metade do almoço. Receio bem que não se aproveite, nem sequer para congelar.

Emmie suspirou, reajustando a visão quanto à forma como o seu dia se desenrolaria na sua cabeça.

– Não faças isso, amor – disse ela. – Se me for embora agora, devo conseguir chegar a casa por volta das treze horas. Pode ser assim?

– Perfeito! – exclamou Toby, parecendo voltar ao normal. – Mal posso esperar. Amo-te muito. Já te tinha dito isso?

– Mais ou menos um milhão de vezes – respondeu Emmie, a sorrir. – Também te amo, e não é apenas porque cozinhas umas batatas assadas de arrasar.

Iona e o seu círculo cada vez mais numeroso não foram as primeiras pessoas que Emmie conhecera nos transportes públicos. Há quase dois anos exatos, costumava apanhar o metro para o trabalho na estação de Dalston. Meteu a mão na mala à procura da carteira quando se aproximou da cancela, mas esta tinha desaparecido. Ficou ali completamente especada, sem ter como transpor o torniquete, sem dinheiro, sem cartões bancários, e – muito pior do que tudo isso junto – tinha perdido a fotografia favorita da

sua mãe, consigo ao colo quando era bebé, depositando-lhe um beijo no cimo da sua cabeça macia e sem cabelo.

– Está com ar de quem precisa de ajuda – disse uma voz atrás de si. E ali estava ele. Uns bons trinta centímetros mais alto do que ela, pelo menos. O seu cavaleiro andante, não com uma armadura reluzente, mas envolto num sobretudo macio de caxemira azul-marinho e a cheirar a citrinos e a sândalo. Convenceu a segurança a deixá-la transpor o torniquete, e emprestou-lhe vinte libras¹⁴, na condição de aceitar sair para jantar com ele nessa noite.

Emmie sempre se orgulhou da sua força e independência, mas isso significava que, muitas vezes, nos relacionamentos, era ela quem tomava todas as decisões, quem impunha o ritmo e definia o rumo. Toby não permitia que ela fizesse isso. Adorava-a, dizia-lho com regularidade, e queria cuidar dela, e – por mais que ela detestasse admitir – abdicar de um pouco desse controlo era, na verdade, um enorme alívio.

Emmie não contara nada a Toby sobre as horríveis mensagens anónimas que começara a receber desde há uns tempos no emprego. Sabia que ele ficaria furioso em nome dela, mas não havia nada que ele pudesse fazer, e ela não queria que esse assunto desagradável se infiltrasse na sua vida familiar, no seu ambiente seguro. Em todo o caso, o mero facto de estar com Toby fazia com que deixasse de se preocupar de todo com isso. Tinha a certeza de que se ignorasse o assunto, fosse lá quem fosse que lhe enviava as mensagens acabaria por se aborrecer e pararia de atormentá-la.

Emmie entrou no imaculado vestíbulo de mosaico. Sentiu o cheiro da carne a assar no forno, e ouviu Toby a cantar com entusiasmo ao ritmo da música que tocava na rádio, mas saltando algumas notas e aldrabando a letra da canção, tal como sempre fazia.

Descalçou os sapatos e arrumou-os com todo o cuidado na «área do calçado». Toby tinha um lugar para tudo. Odiava desordem e confusão, por isso a casa deles era como uma casa modelo. Até mesmo Marie Kondo ficaria impressionada. Quando se mudaram para lá, passaram uma noite a beber champanhe e a passar revista a todas as quinquilharias de Emmie. Toby erguia-as, uma por uma, dizendo, «Isto emana alegria, Emmie?», ao

mesmo tempo que decidiam o que guardar, o que deitar fora e o que doar para instituições de beneficência.

Emmie, numa onda calorosa e enevoadada de champanhe, debruçara-se e beijara-o. «E isto emana alegria, Toby?», perguntara. Depois aperfeiçoaram a sua marca pessoal de alegria e felicidade durante horas, rodeados por sacos de compras a abarrotar de coisas para doar.

– Emmie, já chegaste! – disse Toby, servindo-lhe um copo de vinho tinto.
– Vem cá, bónus do *chef*. – E dito isto, atraiu-a a si e beijou-a como se não a visse há várias semanas.

Havia alguma coisa mais perfeita? Tinha passado uma bela manhã, mas estava muito contente por ter voltado para casa.

¹³ *When I am an old woman, I shall wear purple*, poema que integra o livro *Warning* da poetisa inglesa Jenny Joseph (1932-2018), escrito em 1961, quando a autora tinha 29 anos. (N. da T.)

¹⁴ Pouco menos de vinte e quatro euros. (N. da T.)



Sanjay

8h19 De New Malden a Waterloo

Sanjay não reparou de imediato na rapariga que se encontrava sentada mesmo à sua frente; estava demasiado ocupado a pensar na primeira sessão de quimioterapia de Julie nessa manhã. Prometera que estaria presente para lhe segurar na mão. O comboio chegou a Raynes Park e um grupo de colegiais barulhentas entrou. Foi então que reparou nela. Envergava o mesmo uniforme que elas, embora o dela fosse uma versão muito mais esmerada, e então ela retesou-se, como uma corça na mira de uma carabina, sentindo-se a tensão crepitar no ar entre elas.

– Oh, meu Deus, vamos mudar de carruagem – disse uma das novas passageiras, numa voz tão alta e exagerada que é óbvio que se destinava a chamar a atenção de todos.

– Porquê? – perguntou uma das suas amigas.

– Vejam só quem vem sentada nesta. É a Martha. – Arrastou o nome mais ou menos o triplo da sua extensão normal, como uma provocação, um insulto.

O grupo virou-se em simultâneo a fim de olhar na direção deles, e a rapariga defronte de Sanjay encolheu-se no lugar, como se este pudesse sugá-la como um buraco negro, transportando-a através de um vórtice até um universo mais afável.

Sanjay recordava-se dessa sensação. Passara os anos de escola tentando alternadamente destacar-se – para ser escolhido para a equipa de futebol ou para que alguma rapariga de quem gostava reparasse nele – e tentando desaparecer – para que o dinheiro da merenda não fosse roubado e para não ser selecionado no recreio pelos miúdos mais populares como alvo de um ritual de humilhação. Queria com todo o desespero dizer a esta rapariga que iria ficar tudo bem. Que toda esta situação era temporária. Que os rufias de uma maneira geral não passam, eles próprios, de uns infelizes, e era por isso que atacavam os outros.

Só que não era assim que as coisas funcionavam nos comboios. Não nesta cidade, pelo menos. Faz-se vista grossa, tal como todas as outras pessoas ao redor estavam a fazer. Não era da conta delas. O problema não era delas. Sanjay uma vez viu uma mulher com a saia enfiada na parte de trás dos colãs. Ninguém disse uma palavra, limitaram-se a deixá-la desembarcar em Waterloo e desaparecer no meio da multidão. Sanjay sentiu-se culpado durante o resto do dia.

Então Sanjay pensou em Iona, e no que ela teria feito se viesse no comboio nessa manhã. Nunca permitiria que alguém sofresse tamanha humilhação, e também não havia a menor possibilidade de ela deixar passar este caso em branco.

Sê mais como a Iona, disse Sanjay para com os seus botões.

Virou-se para a outra passageira. Possuía feições formadas por ângulos agudos que pareciam um pouco grandes demais para a sua cara. Era, tal como ele bem sabia, o tipo de rosto que cresceria com ela, que sofreria uma metamorfose passando de desajeitado a deslumbrante à medida que fosse ficando mais velha. As adolescentes dotadas de uma beleza convencional acabavam por se tornar insonsas e fáceis de esquecer com o passar do tempo, ao passo que ela desabrocharia. No entanto, ele tinha a certeza de que ela nem tinha consciência disso, nem tão-pouco acreditaria se ele lhe contasse.

– Ei – disse ele, no tom de voz que empregava com as crianças que acordavam de uma anestesia geral. – O meu nome é Sanjay. Calculo que sejas a Martha, certo?

Martha não respondeu, limitando-se a afundar-se ainda mais no assento.

– Não te preocupes, elas já bazaram – disse-lhe. – Lembro-me muito bem de miúdos assim. Costumavam chamar-me monhé e diziam-me para voltar para onde tinha vindo. Eu tentava explicar que tinha nascido em Wembley, e que era de ascendência indiana, não paquistanesa, mas eles não estavam interessados em saber, como é óbvio. Adiante, sabes onde eles estão agora?

– Não – replicou ela, ainda a olhar com nervosismo na direção das portas da carruagem.

– Bom, um deles trabalha na estação de tratamento de esgotos em Berrylands... e não a uma secretária, se é que me faço entender. Outro está desempregado há uma carrada de tempo e tenho cá as minhas desconfianças de que é viciado em jogo, e o outro foi preso por ofensas corporais graves apenas com vinte e poucos anos. – Na realidade, tudo isto era mentira. Sanjay não fazia a mais pálida ideia do que fora feito dos carrascos da sua infância, mas gostava de inventar vários desfechos infelizes para eles. Ao contrário do que as pessoas imaginavam, ser enfermeiro não fazia de si um santo.

» Não me interpretes mal, não estou a regozijar-me com o que lhes aconteceu... só estou a contar-te isto porque as pessoas que praticam *bullying* de uma maneira geral têm mais problemas do que se possa imaginar – disse Sanjay.

– E tu fazes o quê da vida? – perguntou ela, fitando-o olhos nos olhos pela primeira vez.

– Tornei-me enfermeiro – replicou ele.

– Fixe – disse Martha, e chegou mesmo a sorrir, apenas um pouco. Uma das melhores coisas da sua profissão era o facto de fazer as pessoas sorrir só de mencionar o cargo que ocupava.

– Com que então elas implicam contigo, é isso? – perguntou Sanjay. – Será porque tu és superinteligente e elas têm é inveja?

– Quem me dera – replicou ela. – Não, é porque eu fiz uma coisa muito, mas mesmo muito estúpida. Tudo isto é culpa minha. Todas as minhas amigas me evitam, como se eu tivesse alguma doença contagiosa, ou assim. Fui completamente banida.

Sanjay não queria correr o risco de afugentar Martha perguntando-lhe o que ela tinha feito ao certo. Lembrava-se muito bem dos tempos de escola para adivinhar de que tipo de coisa se tratava. Não fazia a mínima ideia de como podia ajudá-la. Contudo, sabia quem poderia.

– Olha, Martha – disse ele. – Já viste a Iona neste comboio? É a mulher de cabelo comprido, roupas incríveis e um buldogue francês que muitas vezes tem um lugar só para si?

Martha assentiu de forma vigorosa.

– Claro que já! Só não sabia o nome dela. Chamo-lhe a Senhora da Mágica Mala de Mão, uma vez que calculo que aquela mala seja um portal para outro universo. Saem mais coisas de dentro dela do que é possível lá meter – disse ela. – Na verdade, defendeu-me quando me senti mal a caminho da escola no outro dia.

– Parece mesmo coisa da Iona! – exclamou Sanjay abrindo um sorriso e somando dois mais dois, mas optando por não contar a Martha que Iona havia comentado consigo o incidente do vômito. A pobre rapariga já andava a ser alvo de comentários maldosos suficientes.

– Oh, e não é o cão dela, a propósito, é o seu *daemon*¹⁵ – disse Martha.

– O seu demónio? – perguntou Sanjay.

– *Daemon* – corrigiu Martha. – Não leste *Mundos Paralelos*¹⁶? Um *daemon* assemelha-se a uma alma fora do corpo, em forma de animal. Nunca podem ser separados. Quero dizer, já alguma vez a viste sem o cão?

– Hã, não – disse Sanjay.

– Vês? – disse Martha. Sanjay não tinha muito bem a certeza de ter visto.

– Bom, da próxima vez que vires a Iona e o seu demónio no comboio... ela viaja sempre nesta carruagem, a número três... conta-lhe o que acabaste de me contar. Aposto que ela há de saber o que fazer. É uma mulher extraordinária. – Sanjay fez uma pausa, e depois acrescentou: – Só não lhe chames conselheira sentimental. Nem deixes que ela te arranje um encontro.

¹⁵ Trocadilho com *demon*, que significa demónio. (N. da T.)

¹⁶ Saga literária de fantasia e ficção científica da autoria do escritor britânico Philip Pullman, publicada entre 1995 e 2000. (N. da T.)



Iona

Iona já esquecera as saudades que sentia do The Savoy. Apesar do mundo à sua volta ter mudado de maneira significativa nos vinte anos que se seguiram desde que costumava ser uma frequentadora assídua, continuava a ser uma constante tranquilizadora, um oásis de intemporalidade, aninhado entre The Strand e o rio Tamisa.

Dava para perceber que fora construído por um empresário teatral, uma vez que dava-lhe sempre a sensação de estar a entrar num palco, e o estilo *art déco* conferia-lhe uma pitada do velho *glamour* de Hollywood. Iona vestira-se em conformidade e envergava um vestido de seda e veludo num tom vibrante de laranja inspirado na década de 1920. *Lulu* ostentava uma pluma cor de laranja presa à coleira cravejada de lantejoulas.

– Iona – disse Ed, num tom de voz tipo *Sou o teu chefe, e não te esqueças disso*, um tom de que ele parecia gostar bastante. – É impossível que te deixem entrar com esse cão no restaurante. Pelo menos, não num lugar elegante como este. Iria contra todas as normas sanitárias e de segurança. Talvez fosse boa ideia se te limitasses a levá-lo para casa, em vez de me fazeres passar uma vergonha. Posso conduzir esta reunião muito bem sozinho. Melhor até, se calhar.

– Não achas isto lindo, fofa? Eu bem te disse que irias adorar – disse Iona para *Lulu*, que se encontrava aninhada debaixo do seu braço, ignorando o editor cada vez mais enervado ao seu lado, suspirando com ar teatral.

Encaminharam-se até junto de um *maître* com ar pomposo de sentinela junto às portas do The Grill, e o som dos saltos agulha de Iona no pavimento de mármore ecoou pelo *foyer*.

– Ed Lancaster – disse Ed. – Editor-chefe da revista *Modern Woman*. – Iona descobriu que quanto mais intimidado ele se sentia, mais detestável se tornava. *Editor-chefe*. O que é que isso queria dizer, afinal?! – Fiz uma reserva para três. Venho encontrar-me com Fizz... a *influencer*. É provável que já tenha ouvido falar dela. Gostaria de ter a vossa melhor mesa, por favor, além de um desconto como membro da comunicação social, obviamente.

Iona reparou que ele nem sequer fez nenhuma menção à sua presença. Uma das muitas coisas que Ed tinha que aprender é que nunca se deve cagar nas pessoas quando se sobe um mastro ensebado, uma vez que elas se vão limitar a cagar de volta na descida. Iona, por sorte, passara os seus dias de glória a *retribuir*, e muitas vezes quando menos esperava, essas pequenas dívidas eram recompensadas de forma régia – tal como estava prestes a suceder agora, se bem desconfiava. Cruzou os dedos atrás das costas e esperou.

O *maître* contemplou Ed por cima dos óculos, em seguida virou-se para Iona e abriu um sorriso rasgado, segurando-a pelos ombros e depositando-lhe um beijo ostentoso em cada face.

– Iona, querida – disse o homem. – Porque é que se manteve longe de nós durante tanto tempo? Sentimos saudades suas! Não mudou nem um bocadinho! Agora, é estritamente proibida a presença de cães no restaurante... – Ed lançou-lhe um olhar triunfante. – Mas é óbvio que as regras não se aplicam a si! Coloquei-vos ali naquele canto, uma vez que ninguém me disse que vinha. – Cravou os olhos em Ed, presumindo, de maneira correta, que este fora um lapso da parte dele, e fez um gesto na direção do restaurante equivalente à Sibéria. – Mas vou mudá-la para a sua antiga mesa, com vista para o rio. O ministro das Finanças pode sentar-se em qualquer outro lugar. Acompanhe-me.

– Obrigada, querido François – disse Iona, resistindo à tentação de observar a expressão na cara de Ed. – E como é que está a adorável Nicole?

– Mais velha, mas ainda tão bonita como antes. Na verdade, ela é como um dos nossos deliciosos queijos; melhora com a idade – respondeu ele, com um piscar de olho. – Mas por favor só lhe peço que não lhe conte que a comparei com um queijo Stilton.

Iona soltou uma gargalhada, e imitou o gesto de fechar os lábios com um fecho de correr. Recordava-se de François dos tempos em que ele era um mero empregado de mesa, quando falava com sotaque do East End e se chamava Frank. Andava sempre a levar carolos do *maître* por causa de infrações menores, como por exemplo, pôr a faca na mesa com a lâmina virada para a direita e não para a esquerda, ou por ter deixado escapar a mancha de uma dedada numa base para garrafas de vinho em prata. Iona autografara um guardanapo para Nicole, uma camareira com quem ele namorava, e costumava deixar-lhes convites para assistirem aos mais recentes espetáculos do West End para onde ela e Bea tinham sido enviadas.

Sentaram-se à melhor mesa da sala, que rangia com o peso da porcelana e dos copos de cristal. Iona esforçou-se ao máximo para não parecer vitoriosa, mas não estava de todo certa se tinha sido bem-sucedida.

– Tens a certeza de que a foi a Fizz que quis vir aqui? – perguntou Ed, tentando recuperar a vantagem inicial que havia perdido. – Nunca me passaria pela cabeça, *de todo*, que este fosse o estilo dela. Demasiado antiquado. Sem dúvida de que ela iria preferir algum lugar *hipster* em Shoreditch, ou não?

– Não, não, este é o restaurante favorito dela – disse Iona, que... para ser franca... estava a sentir-se algo apreensiva. Afinal de contas, não conhecia a Fizz, e nunca tinha ouvido falar dela até há duas semanas, algures entre Hampton Court e Waterloo. Desde então, assistiu a uns quantos dos seus curtos vídeos estranhos, e tinha imensas dúvidas se as duas simpatizariam uma com a outra.

Qual era o problema dos jovens e a obsessão que tinham em partilhar *cada pequeno pormenor* das suas vidas? Onde é que ficava o mistério? O enigma? Quando ela e Bea passavam a vida a aparecer na imprensa, o público sabia quais as festas que frequentavam, o que vestiam e as pessoas com quem andavam, mas não sabia onde moravam, e muito menos o que

comiam ao pequeno-almoço. O que, a propósito, nunca incluía abacate esmagado ou de qualquer outra maneira. A casa delas sempre fora interdita – o refúgio de ambas.

Ao que tudo indicava, nada era proibido para Fizz. Apenas alguns minutos depois da pesquisa, Iona já sabia para que lado da cama ela dormia, dominava tudo sobre o vício dela por *Nutella*, e o que ela tinha tatuado na nádega esquerda. Melhor nem perguntar.

Ed olhou por cima do ombro e Iona observou toda a sua postura modificar-se, como uma cobra mudando de pele, passando de entediado e irritado a efusivo e adulator.

– Fizz! – disse ele. – Que bom conhecer-te pessoalmente! Sou um enorme admirador! – Ed não prestou a mínima atenção a Iona, já para não falar em apresentá-la à sua convidada. Ela podia muito bem ser mais outra decoração de mesa de proporções exageradas que era necessário contornar para se conseguir conversar.

– Oh, que fofo – disse Fizz. – Que lugar extraordinário. Nunca me passaria pela cabeça frequentar um lugar como este. Não é, *de todo*, a minha cena. – Fizz estava, concluiu Iona, tão irritada quanto ela desconfiava que estaria. Barrou um pedaço de pão acabado de fazer com manteiga e deu-o de forma sub-reptícia a *Lulu* para que esta o comesse. Pelo menos, as duas teriam um belo almoço no meio desta charada medonha. Iona fez uma anotação mental para não se esquecer de pedir os pratos mais caros da ementa.

– Já calculava que fosses dizer isso – declarou Ed, olhando com desdém para Iona de uma maneira que só podia querer dizer *Eu bem te disse*.

– Não, isto é simplesmente *fabuloso*. Deveras único. Estou tão *farta* de todos esses lugares impessoais, todos iguais e descaracterizados de Shoreditch. Aposto que isto foi ideia tua, Iona – disse ela, virando-se para Iona e presenteando-a com um sorriso radioso com as suas extravagantes cores de cabelo, *piercings* aleatórios e dentes perfeitos. Iona sentiu-se a derreter.

» Ei, passei por este gajo no caminho para cá e tenho a certeza de que o conheço de algum lugar – disse Fizz, apontando na direção do ministro das

Finanças.

– Fizz – disse Ed, numa voz de tal maneira untuosa que uma pessoa era capaz de escorregar nela e deslocar uma anca. – Fico *tão* contente por seres fã da minha pequena revista. – A *sua* pequena revista?

– Na verdade, não sou – disse Fizz, coçando debaixo do queixo de *Lulu* e soprando beijos na direção da cadela. – Mas sou uma *grande* admiradora da Iona.

Iona derreteu mais um pouco. A este ritmo, a única coisa que restaria dela no final do almoço seria uma pequena poça no chão. Era, considerou, bem possível que ela e a Fizz se tornassem amigas íntimas.

– Imagina só... Iona late! – prosseguiu Fizz.

– A sério? – exclamou Ed, animando-se de novo de forma colossal. – Que máximo. Onde é que o tens ancorado?¹⁷

– Ah, ah, és hilariante, Ted – disse Fizz. – Não, era assim que costumavam chamar à Iona. Deves saber disso! Tens tanta, tanta sorte por tê-la a trabalhar contigo!

– Tenho, não tenho? – disse Ed através de uns dentes mais cerrados do que uma estrada alpina em pleno inverno.

Iona sorriu, e sentiu um peso que carregava sobre os ombros há vários anos começar a aliviar um pouco. Estava a sentir-se, apenas um bocadinho, como a mulher que Fizz pensava que ela era. A mulher que foi em tempos.

Talvez fosse tudo correr bem, afinal de contas.

¹⁷ Mais uma vez um trocadilho impossível de traduzir: Iona late e *I own a yacht* (tenho um iate) possuem pronúncias idênticas. (N. da T.)



Iona

18h17 De Waterloo a Hampton Court

Iona sentia-se tão na mó de cima depois do seu almoço fabuloso que entrou na Carruagem 3 como se caminhasse pelo iate que na realidade nunca possuiu. Fizz concordara em escrever uma coluna semanal para a revista sobre *O Que Está na Berra e o Que Não Está*, e Ed estava convencido de que isso iria atrair jovens leitores aos milhares.

Iona franziu o sobrolho. Por mais bizarro que possa parecer, a carruagem onde viajava ia a abarrotar nos últimos tempos, mesmo quando o resto do comboio se encontrava quase vazio. É provável que devesse mudar para outra carruagem, mas *Lulu* odiava mudanças e, além do mais, esta carruagem despertava-lhe imensas recordações. Iona parou para pensar, e deixou-se envolver, apenas durante alguns momentos preciosos, por uma delas. Aquela que ela e Bea denominaram «O Dia do Fato» há cerca de dez anos.

Reproduziu a cena na sua cabeça, observando-se a sentar-se no seu lugar habitual e a tirar as coisas da sua mala de mão. Estava tão absorta a mexer a bebida – na época eram negronis – que demorou um bocado a reparar na mulher que se sentava à sua frente. Vestia um fato listrado de três peças, com uma espalhafatosa gravata de seda, e um lenço às pintinhas a espreitar com ar jovial do bolso do casaco. Tinha a cara oculta atrás de um exemplar

do *Evening Standard*, mas Iona reconheceu as notas de lima, manjerição e tangerina do perfume *Jo Malone*, além das mãos que seguravam o jornal. Belíssimas mãos, negras, com unhas polidas com esmero e dedos elegantes e longos que podiam – numa outra vida – ter pertencido a uma pianista profissional. As mãos de Bea.

– Costuma apanhar este comboio com frequência? – perguntou Iona à sua companheira, num tom de voz mais baixo e mais rouco.

Bea baixou o jornal e olhou para ela intrigada, como se estivesse a vê-la pela primeira vez.

– Podia ser persuadida a fazê-lo – respondeu, dobrando o jornal e estendendo uma mão para Iona apertar ao mesmo tempo que o comboio chegava a Vauxhall. – Chamo-me Beatrice. É um prazer conhecê-la.

– Já alguma vez lhe disseram que é incrivelmente atraente? – disse Iona, quando partiram de Wimbledon.

Por alturas de Raynes Park, Bea já tinha a mão pousada no joelho de Iona, e em Berrylands beijaram-se com paixão através da mesa.

Em Thames Ditton, foram expulsas do comboio.

– Não admito esse tipo de comportamento obsceno no meu comboio – gritou-lhes o revisor. – É nojento.

A avaliar pelas expressões nas caras de vários dos outros passageiros, ele não era o único a mostrar reprovação, mas havia uma rapariga, quase de certeza com vinte e poucos anos, que se levantou do lugar e aplaudiu quando o comboio arrancou da estação de Thames Ditton, deixando-as às duas especadas na plataforma.

– Onde é que foste desencantar esse fato, com mil demónios? – perguntou Iona.

– O major da porta ao lado estava a fazer uma limpeza geral – disse Bea. –

A senhora do guarda-roupa do teatro modificou-o ajustando-o ao meu corpo, e não fui capaz de resistir a passear-me com ele um bocadinho. Pareceu-me o tipo de fato que conseguiria engatar uma bela desconhecida num comboio.

– Bom, tudo isso é muito bonito, mas agora vamos ter que ir a pé para casa – suspirou Iona. – Não me sinto com coragem de apanhar outro

comboio esta tarde. Não achas que devíamos ser um pouco mais *discretas*, quiçá? Parar de chamar tanta atenção sobre nós?

Bea deu um passo à retaguarda e olhou para ela deveras horrorizada.

– Querida, de que adianta estar *viva* se passarmos despercebidas pela vida, sem sobressair nem fazer ondas? E por cada preconceituoso casmurro, como aquele revisor do comboio, sempre haverá uma rapariga como a que aplaudiu, que... quem sabe, talvez... se debata com a sua própria sexualidade e cuja vida pode agora ser muito diferente por causa de pessoas como nós, que se recusam a ser discretas e a parar de chamar tanta atenção sobre nós.

– Tens razão, Bea. É claro que tens, minha querida – disse Iona, dando a mão a Bea ao mesmo tempo que ambas iniciaram a caminhada de regresso a Hampton Court. Isto porque a Bea tinha sempre razão.

Agora, uma década mais tarde, Iona olhou na direção desse mesmo banco. Havia uma pasta sobre ele. A pasta de Piers. Guardara-lhe o lugar. Que simpático da parte dele. E o sobretudo reservava o lugar ao lado para a *Lulu*.

Nos últimos tempos era raro Iona não encontrar um dos seus novos amigos sentado à sua mesa durante a viagem. Como é que demorara tanto tempo a ver a sua carruagem de comboio como um fascinante portal que conduzia às histórias de outras pessoas, em vez de apenas uma maneira de ir de A até B? Numa altura em que parecia que a sua vida estava a desmoronar-se por completo, o grupo do comboio impedia-a de remoer no assunto. Nunca era boa ideia remoer nas coisas. A menos, é claro, que se fosse uma galinha.¹⁸

– Piers! – disse ela. – Que simpático da sua parte guardar um lugar para mim e para a *Lulu*!

– Não se pode dizer que tenha sido muito fácil – disse Piers. – Tive que ignorar uma infinidade de olhares penetrantes, mostrar desdém e agir como um perfeito casmurro e um casca-grossa.

– Isso deve ter sido difícil para si – disse Iona. – Enfim, que bela maneira de terminar um dia fabuloso. Isto pede um gin tónico. Por sorte, tenho aqui dois copos. E frutos secos. E guardanapos.

– Será que tem uma charcutaria inteira dentro dessa mala, Iona? – disse Piers.

– É a Regra Número Cinco dos Transportes Públicos – disse Iona. – Estar sempre preparada para qualquer eventualidade. Também posso dar um jeito se tiver uma malha nas meias, se for mordida por um mosquito ou se o período aparecer de forma inesperada.

– Sem dúvida de que isso seria mesmo algo inesperado – disse Piers.

– Não importa – respondeu Iona. – Tenho este tampão na mala desde 2014.

Piers pareceu ficar algo constrangido. É óbvio que não se sentia muito à vontade diante dos aspetos da biologia feminina.

– Demasiadas informações? – perguntou Iona. – Porque é que não me conta como foi o seu dia?

– Não foi lá muito bom – disse Piers, com uma expressão que aparentava ser muito pior do que *não foi lá muito bom*. Iona sentia-se como Winnie-the-Pooh a esbarrar no Igor no Bosque dos Cem Acres. Ficou um pouco aborrecida com Piers por ter estragado o seu bom humor.

– Quer falar sobre isso? – perguntou ela, abafando a sua irritação. *Possuía*, disse para si mesma com toda a firmeza, *suficiente joie de vivre por direito próprio nesse momento para ser capaz de distribuí-la um pouco em seu redor*.

– Já alguma teve a sensação de que toda a sua vida se assemelha a uma torre de blocos de madeira, e se retirar mais uma peça, toda ela acabará por ruir? – perguntou-lhe ele.

– Na verdade, já tive, sim – respondeu Iona, afugentando a imagem indesejada de Brenda-dos-Recursos-Humanos. E quando se preparava para lhe pedir para explicar o quê, ou quem, estava a remover os blocos da torre de equilíbrio precário da sua vida, foram interrompidos.

– Desculpe – disse uma voz jovem e algo tímida. – O seu nome é Iona?

– Sim, é – respondeu Iona. – Porque é que pergunta?

– Chamo-me Martha. O Sanjay disse-me para procurá-la – afirmou a rapariga, que era toda ela cotovelos e joelhos, resumindo, uma trinca-espinhas, com um par de invejáveis maçãs do rosto salientes, e que não

poderia ter mais de quinze anos. Se bem que, para ser justa, qualquer um com menos de quarenta anos parecia ter quinze aos olhos de Iona.

– Sente-se, sente-se – disse Iona, enxotando *Lulu* do seu lugar e sacudindo para o chão os pelos de cão que ficaram para trás. Martha olhou com nervosismo para Piers, como se ele pudesse inclinar-se para a frente e mordê-la a qualquer momento, fazendo Iona recordar-se de que já antes tinha visto Martha no comboio.

– Não se preocupe com o Piers, querida – disse ela. – Neste momento já está perfeitamente domesticado, e está muito arrependido por ter gritado consigo quando se sentiu mal. Não é verdade, Piers? – Iona dirigiu-lhe um olhar severo.

– Oh, é você – disse Piers. – A vomitadora. Enfim, não aconteceu nenhum mal que não pudesse ser remediado depois de despender avultadas somas de dinheiro na loja de reparações de computadores da minha zona. Lamento ter gritado consigo. – Martha não parecia lá muito convencida nem descansada.

– Pois então – disse Iona. – Qualquer um que seja amigo do Sanjay é meu amigo também. Diga-me, como posso ajudar? Não se importa, pois não, Piers? – Piers pareceu ter ficado algo aborrecido, na verdade, mas Iona ignorou-o. Estes percursos de comboio eram curtos, e ela precisava de dividir o seu tempo de forma equitativa.

Baixinho, e com voz hesitante, utilizando gestos e trejeitos para relatar a história sem recorrer a uma linguagem que fosse demasiado floreada ou constrangedora, Martha contou a Iona sobre a foto e o *bullying*.

– Então, entende, não quero contar aos professores, não posso contar aos meus pais porque eles estão separados e é tudo... complicado. Os dois vão culpar-me e atirar as culpas de um para o outro, o que irá causar ainda mais discussões. E, neste momento, não tenho amigos nenhuns.

– Parece-me mais uma torre de blocos de madeira periclitante – comentou Piers.

Martha calou-se e olhou para Piers, sem saber muito bem como reagir.

– Ignore-o, querida. Ele está a passar por uma crise profissional, que iremos resolver noutra altura – disse Iona, dirigindo a Piers o seu

conveniente olhar «não te metas onde não és chamado».

– Mesmo antes de tudo isto acontecer, nunca me senti deveras integrada, e agora nunca me sentirei. Não sei o que fazer. – A rapariga começou a chorar, enxugando os olhos com os punhos do seu *blazer* escolar, e *Lulu*, que era dotada de um sentido de empatia altamente desenvolvido para um cão, e é provável que tenha sido uma terapeuta famosa numa vida anterior, começou a ganir.

– Santo Deus. Desde quando é que quer sentir-se integrada? – perguntou Iona. – Não consigo pensar em nada pior. A minha mulher, Bea, diz que o principal objetivo da vida é destacar-se, e não se integrar. – Iona arregaçou as mangas de forma metafórica e deitou mãos à obra. – Portanto, se não se sente preparada para falar com as autoridades – fez uma pausa ao mesmo tempo que Martha abanava a cabeça com vigor –, então este não é o tipo de problema com que possamos lidar com frontalidade. Falar sobre a foto só vai chamar mais atenção para ela... só vai deitar mais achas na fogueira, por assim dizer. Por conseguinte, vamos ter que abordar o assunto *pelas bordas*. De maneira algo sorrateira, como um jogo de Estátuas. – Martha parecia perdida. Iona suspirou. – Era um dos jogos a que costumávamos brincar antes da World Wide Web – explicou.

– Continuo sem perceber aonde quer chegar – disse Martha.

– O importante é que se você quiser impedi-las de pensar em si como...

– A rapariga nua – terminou Martha.

– Pois, isso – disse Iona. – Se quiser impedi-las de pensar em si como *isso*, vai ter que fazer com que pensem em si como *outra coisa qualquer*. Trata-se de uma técnica de distração. Substituir uma imagem por outra.

– Quer dizer então que tenho que fazer algo *pior*? – disse Martha.

– Bom, essa é uma potencial estratégia – disse Iona –, mas não a recomendo. Não, vai ter que fazer algo muito, muito *melhor*! Pense como a Kim Kardashian!

Martha parecia cética.

– Alguém se refere à Kim como «a rapariga do vídeo de sexo»? – perguntou Iona. – Não, claro que não! Porque a Kim deu-lhes tantas outras coisas para falar sobre si que as pessoas já quase nem se lembram do vídeo.

– Que vídeo? – perguntou Martha.

– É aí mesmo que pretendo chegar – disse Iona. – Então, qual é a *sua*?

– A minha? – repetiu Martha, com ar confuso.

– Sim, toda a gente precisa de algo de seu. Música? Arte? Desporto? – Martha continuava a parecer estupidificada. Isto iria dar imenso trabalho. – A cena do Piers – Iona fez um gesto na direção de Piers, que já pensava ter sido esquecido por completo – são os números. Eu sei, é esquisito ter uma queda por isso, mas cada um com a sua.

– Qual é a sua? – perguntou Martha.

– Bom, coração, porque é que acha que o Sanjay lhe disse para me procurar? – Iona fez uma pausa e ergueu as sobrancelhas diante de uma Martha perplexa. – Porque é *essa* a minha cena! – Afivelou o seu sorriso de «misteriosa benfeitora». – Ajudar as pessoas. Sou uma profissional.

– É psicoterapeuta? – perguntou Martha.

– De certa forma – replicou ela. – Sou terapeuta editorial.

– Oh. Assim como uma mistura entre jornalista, orientadora e psicoterapeuta? Fixe – disse Martha, que, ao que tudo indicava, era uma miúda esperta.

– Exato – respondeu Iona.

– Não tenho bem a certeza qual é a minha – disse Martha. – Gosto bastante de representar. Pelo menos, costumava gostar. Há séculos que não faço isso.

– Bingo! – exclamou Iona, batendo com as mãos em cima da mesa, quase entornando o gin tónico. – Eu própria costumava trabalhar no teatro, assim como a Bea. Foi onde nos conhecemos. A magia da representação é o que nos faz sair de nós mesmos. Permite-nos experimentar as roupas de outras pessoas e habitar mundos diferentes. Trata-se da terapia perfeita quando a vida real é demasiado dura. Em vez das pessoas pensarem em si como a Rapariga Nua, começarão a descrevê-la como Martha-a-atriz-fabulosa. Martha-que-ilumina-o-palco-e-tem-o-público-a-seus-pés. Vê? Então, por onde começamos? Estão a estudar alguma peça de teatro para representar na escola?

– Estamos. *Romeu e Julieta*, que é de leitura obrigatória nas aulas de Inglês do meu ano. Em breve vão começar a fazer audições, acho eu – disse Martha, parecendo aterrada e entusiasmada em partes iguais. – Mas a minha mãe nunca me deixará inscrever-me nas audições.

– Por que carga de água é que não haveria de deixar? – perguntou Iona.

– Porque ela afirma que este é um *ano crucial*. – Martha mostrava-se muito séria e assinalou as duas últimas palavras entre aspas no ar numa imitação, calculou Iona, da sua mãe. Ora aí está, uma atriz nata. – No ano que vem tenho que prestar os exames finais, e o meu professor de Matemática diz que a este ritmo, estou no caminho certo para uma catástrofe total. A minha mãe irá argumentar que os ensaios vão ocupar demasiado do tempo que preciso para estudar em casa. Aposto consigo que é isso mesmo que ela acha.

– Hum– disse Iona, pensando como o universo agia de facto de modo misterioso. – Do que precisa mesmo é de um explicador de Matemática. Alguém que lhe dê algumas aulas de graça. Como por exemplo, um aspirante a professor que precisa de um pouco de prática na vida real... – Deixou as palavras a pairar no ar, à espera. Não houve qualquer resposta.

» Quero dizer, não seria pedir muito, pois não? Não se trata de *salvar a vida de alguém* ou coisa que o valha, não é?

Nada ainda.

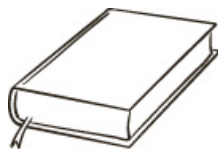
– Não sei se sabe, mas existe um fabuloso ditado budista que diz o seguinte: *Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece...* – disse Iona, dando mais ênfase à palavra *mestre*.

Piers pigarreou.

– Posso ajudá-la, se quiser – disse ele. – Uma vez que apanhamos com frequência o mesmo comboio, podíamos passar o tempo de maneira proveitosa. Desde que me prometa não voltar a vomitar em cima de mim de novo.

Et voilà!

¹⁸ Outro trocadilho impossível de traduzir. No original inglês utiliza-se a palavra *brooding*, que pode significar remoer, matutar, mas também chocar ovos. (N. da T.)



Emmie

Emmie sentia-se como se tivesse ido parar por acaso ao local de rodagem de um filme de Hollywood.

Estava sentada no seu restaurante italiano preferido, iluminado pelo brilho adulator das velas bruxuleantes, a meio de uma taça de *spaghetti alle vongole*, e Toby encontrava-se ajoelhado no chão à frente dela, segurando uma caixinha aberta que continha um solitário com um diamante resplandecente. A qualquer momento, o realizador gritaria *Corta!* e todos os empregados de mesa sairiam de cena para beber chá em copos de poliestireno e dar umas quantas passas.

– Já percebeste que quando os nossos filhos perguntarem como foi que fizeste o pedido, não vão acreditar nesta história? É perfeita demais – disse ela. – Eu mesma mal consigo acreditar.

– Escuta, não quero pressionar-te, mas estou aqui a modos que ansioso, além de estar a ficar com câibras na barriga da perna. Essa menção aos hipotéticos filhos que possamos vir a ter quer dizer sim? – perguntou ele.

– Claro, sim! Adoraria ser tua mulher! – replicou ela. Toby abriu um sorriso e virou-se a fim de encarar a sala silenciosa e na expectativa.

– Ela disse sim! – gritou ele, e todo o restaurante aplaudiu e gritou como resposta, provavelmente de alívio por não terem que ser obrigados a testemunhar uma rejeição pública e traumática, que poderia estragar-lhes o seu próprio serão.

Toby deu-lhe um abraço apertado, como se estivesse preocupado com o facto de ela poder mudar de ideias e desatar a fugir, e os empregados de mesa trouxeram uma garrafa de champanhe que devem ter posto a gelar debaixo da mesa de antemão. Embora ela tenha reparado que eles haviam deixado a rolha, por via das dúvidas.

Toby tinha coreografado este momento com a mesma beleza e perfeição com que projetara a casa de ambos – cada pormenor pensado com todo o cuidado, cada eventualidade prevista. *Até mesmo o anel servia na perfeição*, pensou Emmie girando-o, passando o polegar sobre as arestas afiadas do diamante, perguntando-se se alguma vez iria habituar-se ao peso dele no seu dedo.

– Como foi que acertaste em cheio no tamanho? – perguntou-lhe.

– Hum, tirei as medidas do teu dedo enquanto dormias. Na verdade, foi bastante difícil! Estava aterrorizado que pudesses acordar e pensasses que eu tinha algum tipo de fetiche bizarro com dedos. Gostas do anel, não gostas? Tive o cuidado de verificar que a pedra era de origem ética, porque sabia que tu irias querer ter a certeza disso.

– Adoro-o! – disse Emmie, quiçá de forma um pouco entusiasta demais. Se fosse para ser de facto picuinhas, coisa que não era, confessaria que sempre sonhara com um anel de noivado com uma esmeralda, mas não podia esperar que Toby adivinhasse isso, e se ele lhe tivesse perguntado que tipo de anel ela gostaria, não poderia tê-la surpreendido da maneira como o fez, pois não?

As pessoas muitas vezes diziam a Emmie que *quando se sabe, sabe-se*, e ela sempre achou isso uma frase feita deveras presunçosa e inútil. Mas agora sabia ao certo o que queriam dizer com isso. Não seria capaz de imaginar a vida sem que o Toby fizesse parte dela. Desde que o conhecera, a relação entre ambos expandira-se a ponto de preencher quase o mundo inteiro. Nunca ninguém a tinha amado com a intensidade com que ele a amava, e este momento era a prova disso mesmo.

Emmie olhou ao seu redor, tentando assimilar cada pormenor – o cheiro do alho e do pão acabado de fazer, o toque da toalha de mesa de linho engomado e as bolhinhas do champanhe estalando-lhe na língua, e o som de

tachos e panelas a retinir na cozinha aberta – para poder recordar a cena e revivê-la sempre que sentisse necessidade.

Assim que chegaram a casa, Emmie falou com o pai através do FaceTime. Ele acabara de começar o dia quando o dela estava a terminar, na Califórnia, para onde se mudou quando a sua mãe morreu, poucos meses depois de Emmie ter saído da universidade. *Há aqui demasiadas recordações dolorosas*, disse-lhe o pai. Recordações não compensadas, ao que tudo indicava, pela alegria de estar perto da sua única filha. Isso ainda a magoava, mesmo depois de todo este tempo. Podia ser que constituir a sua própria família com Toby cicatrizasse por fim essa ferida.

O rosto do pai surgiu no monitor: os olhos dele, do mesmo tom de verde que os seus, porém circundados por rugas de riso, o cabelo ainda farto e ondulado, mas agora quase totalmente grisalho. Ele gostava de se descrever como uma «raposa prateada».

Ele era-lhe tão familiar e, contudo, a distância cada vez maior entre ambos estava patente no bronzeado da sua pele em comparação com a dela, e a fulgurante luz matinal da cozinha dele contrastava com o brilho artificial que iluminava o seu próprio rosto.

Não havia, graças aos céus, nenhum sinal de Delilah, a «inquilina» do seu pai. Delilah, que era apenas poucos anos mais velha do que Emmie, surgia muitas vezes em segundo plano durante as chamadas telefónicas transportando um tapete de ioga ou preparando um batido, envergando *tops* reduzidos e minúsculos calções de ganga exibindo umas pernas longas e bronzeadas com espaço entre as coxas, como um anúncio de uma marca de estilo de vida californiana. Mesmo depois de três anos destas aparições regulares, continuavam a fingir que não se passava nada entre eles.

O pai de Emmie disse tudo o que devia a propósito da ocasião e prometeu ir visitá-la logo que pudesse para conhecer o potencial genro. Iriam adorar-se um ao outro. Emmie tinha a certeza.

O universo ainda sorria a Emmie na manhã seguinte, e quando o comboio chegou, viu Iona e *Lulu* sentadas nos respectivos lugares habituais diante de um banco vazio. Arranjar um lugar ao pé de Iona tornara-se cada vez mais difícil nos últimos tempos, e muitas vezes recorriam apenas a um sorriso e um aceno de mão mútuos de longe, por cima das cabeças dos outros passageiros.

Oxalá Sanjay se juntasse a elas em New Malden. Mal podia esperar para contar a boa nova aos seus novos amigos. Iriam ficar tão felizes por ela! Ao longo de Surbiton e Berrylands, Emmie escondeu a mão esquerda debaixo da mesa, esperando por Sanjay para completar a assistência para a sua grande revelação. O comboio parou quando chegaram à estação dele, e lá estava ele.

Sanjay conseguiu abrir caminho até à mesa delas e arranjar espaço suficiente para ficar de pé ao lado delas. Emmie viu um homem bastante pesado pisar o pé dele, o que fez Sanjay encolher-se e estremecer.

– Perdão – disse Sanjay. Em seguida, levantou o braço a fim de se agarrar a um varão de maneira a conseguir equilibrar-se quando o comboio se pôs em movimento, e a sua camisola subiu um pouco revelando apenas alguns centímetros de um ventre moreno e bem definido, mesmo à altura do nariz de Emmie. Esta deu por si a observá-lo com atenção. *Para já com isso, Emmie! As mulheres comprometidas e felizes não olham para as barrigas dos outros homens. Por mais apetecíveis que estas possam ser.*

– Olá, Sanjay! – disse Emmie, acenando-lhe, com bastante alarido. O brilho incidiu no diamante e refratou fragmentos de luz sobre a mesa à frente deles como uma bola de luz em miniatura numa discoteca dos anos 1970. *Olha para mim*, gritava a pedra. *Não sou cintilante?* Ninguém reparou.

Emmie não era capaz de se concentrar na conversa, uma vez que estava demasiado preocupada em aguardar uma reação ao seu anel. O comboio parou em Wimbledon, e regurgitou uma quantidade suficiente de pessoas que permitiu a David chegar até junto deles.

– Olá, David! – cumprimentou Emmie. – Porque é que não se senta no meu lugar? Não me importo de viajar de pé. – Emmie estendeu a mão esquerda, para que David pudesse ajudá-la a pôr-se de pé.

– Que anel deslumbrante, Emmie – disse ele, ao pegar-lhe na mão.

– Oh, aleluia! – exclamou Emmie. – Já estava a perguntar-me quanto tempo é que levaria até que alguém reparasse! Tenho estado a acenar com a mão esquerda para lá e para cá como o raio da Rainha numa parada desde New Malden, e a Iona e o Sanjay não deram por nada, não parando de tagarelar sobre quem ficou com quem no *Love Island*¹⁹!

– Emmie – gritou Iona. – Ficou noiva! Quando foi que isso aconteceu? Como foi que aconteceu? Quando é o casamento? Oh, tem que contar-nos tudo! E já!

– Que emocionante! – disse Sanjay. – Fico muito feliz por si! E por ele, como é óbvio!

Durante o caminho todo ao longo de Earlsfield e Clapham Junction, Emmie contou-lhes sobre o pedido de casamento. Eles queriam saber a história toda, coisa que ela ficou muito feliz por relatar e todos se mostraram encantados por ela – em especial Sanjay, que sem dúvida era um romântico incurável. Emmie fez uma nota mental para lhe arranjar um encontro com uma das suas amigas solteiras.

– Foi você quem fez o pedido, Iona, ou foi a Bea? – perguntou Emmie, não querendo mudar de assunto, mesmo depois de terem esgotado até ao mais ínfimo pormenor o relato da sua noite de sexta-feira.

– Nenhuma de nós pôde fazer isso durante anos, infelizmente – respondeu Iona. – O casamento não foi uma opção durante décadas depois de ficarmos juntas. Fomos ativistas pela legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, e fizemos o pedido uma à outra assim que a legislação foi aprovada... em julho de 2013. Depois tivemos um casamento maravilhoso assim que pudemos realizá-lo: no dia 30 de março de 2014. Fomos um dos primeiros casais *gay* a casar de forma legal no país!

– E você, David? – perguntou Iona.

– Oh, andei com o anel durante semanas, à espera do momento certo, e de arranjar coragem, para fazer o pedido – disse ele. – Depois fomos assistir a uma peça no West End – *The Importance of Being Earnest*²⁰, que nos fez rir a bandeiras despregadas... seguida de um magnífico jantar no J. Sheekey²¹. Eu sabia que não surgiria um momento mais apropriado do que esse. Por

consequente, quando a deixei em casa, e ela me convidou para uma última bebida, saquei do anel e o resto, como se costuma dizer, é história.

– Oh, que lindo! – disse Emmie, batendo as palmas, antes de David estragar a festa acrescentando, em tom bastante melancólico: – Bom, seja como for, agora já passou mesmo à história.

– Adoro essa peça! – disse Iona. – Oscar Wilde. Passou por apertos muito maiores do que eu por ser homossexual, pobre homem. É a peça em que um bebé é abandonado dentro de uma mala de mão na estação de Victoria. *Uma mala de mão!?* – Iona fazia, de facto, lembrar a Emmie um pouco *Lady Bracknell*, mas achou que seria pouco prudente dizer-lhe isso.

– Tem a certeza de que não tem nenhum bebé dentro da sua, Iona? – perguntou Sanjay. – Há quase de tudo um pouco aí dentro.

– Criança insolente! – disse Iona, fingindo dar-lhe um carolo atrás da orelha. – Claro que não tenho, como é óbvio. Mas tenho um pequeno boião de creme para as assaduras das fraldas. Faz maravilhas com as rugas.

– Na verdade, o aniversário do meu casamento é dentro de um par de semanas – disse David. – Quase quarenta anos.

– Porque é que não leva a Olivia de novo ao J. Sheekey? – sugeriu Iona. – Tenho quase a certeza de que ainda existe. Pode lembrá-la do tempo em que ela sentia a mesma coisa por si como a Emmie sente pelo Toby.

– Deveria mesmo fazer isso, David. Afinal de contas, até ao lavar dos cestos é vindima. Não é verdade, Iona? – comentou Sanjay, e Emmie perguntou-se por que motivo ele parecia tão triste.

Foi uma sorte Emmie não ter reuniões marcadas logo de manhã cedo, porque passou as duas horas seguintes a pôr os colegas de trabalho a par das novidades, e estes elogiaram o anel e pareciam tão entusiasmados como ela. Até mesmo Joey fez um excelente trabalho a fingir que não receava em segredo a possibilidade de outra diretora meter baixa por licença de maternidade.

Quando Emmie conseguiu por fim abrir alas por entre a multidão de colegas que a felicitava e chegar à sua mesa, abriu os *e-mails*. Não reparou no

remetente do *e-mail* com o título exuberante A TUA BOA NOVA!, por isso não estava preparada para a mensagem que continha.

NÃO MERECE UM HOMEM COMO ESSE.
UM AMIGO.

¹⁹ *Reality show* britânico sobre relacionamentos que também é exibido na televisão portuguesa, podendo ser visto na Sic Radical. (N. da T.)

²⁰ Peça escrita em 1895 pelo escritor irlandês Oscar Wilde, que já esteve traduzida em português como *A Importância de se Chamar Ernesto*, mas que em edições mais recentes passou a denominar-se *A Importância de Ser Earnest*, devido ao duplo significado da palavra *Earnest*, que tanto pode ser um nome próprio masculino, como pode significar honesto, dado importante no contexto da peça. (N. da T.)

²¹ Icónico restaurante de marisco situado em Londres, no bairro de Covent Garden. (N. da T.)



Sanjay

19h00 De Waterloo a New Malden

Sanjay perguntou-se se a máquina de venda automática também não estaria a gozar com ele. Engolira-lhe o último cêntimo que possuía, mas recusava-se com obstinação a soltar a barra de chocolate *Mars* que Sanjay esperava poder preencher o buraco no estômago causado pelo facto de ter trabalhado durante a hora de almoço, mais uma vez.

Cerrou a mão num punho e esmurrou o vidro. A máquina automática riu-se dele, quando magoou os nós dos dedos sem conseguir que a barra de *Mars* sequer estremecesse, muito menos cair no dispensador.

O estômago de Sanjay roncou, revirando-se num misto de fome e frustração, não apenas contra a estúpida da máquina, mas contra a sua total incapacidade em fazer bem o que quer que fosse. Sem o chocolate *Mars*, e sem Emmie. Máquina estúpida e irritante. Estúpido e irritante Toby com a sua estúpida empresa de tecnologia, estúpida barba, estúpidas férias a esquiar na neve e estúpido anel de noivado sem imaginação. Sanjay teria escolhido uma esmeralda para oferecer a Emmie, a fim de combinar com a cor dos seus olhos.

Deu uma rápida corrida até chegar ao pedaço de metal exultante desferindo-lhe um forte pontapé.

– Ora toma e embrulha, grandessíssima sacana, arrogante e irritante! – gritou-lhe. A máquina vibrou muito ao de leve, e a sua luz interior

desvaneceu-se, conferindo-lhe um ar surpreendentemente solidário, antes de se apressar a regressar à sua máxima potência.

Sanjay pressentiu alguém atrás de si antes de os ver. Era uma jovem mãe com ar exausto, de mão dada com Henry, um dos seus pacientes da ala de Oncologia Pediátrica.

– Sente-se bem, Sanjay? – perguntou a mãe de Harry, que ele sabia que tinha razões de sobra para se sentir bem pior do que Sanjay. Acrescentou uma vergonha abjeta a todas as outras emoções negativas.

– Sim, estou ótimo – respondeu ele, curvando-se de modo a que a sua cabeça ficasse ao nível da de Harry. – Peço desculpa pelo palavrão, Harry – disse ele. – Sabes como é, às vezes quando a vida parece na realidade muito injusta, ajuda imenso deitar tudo cá para fora, não achas? – Harry assentiu com a cabeça. – Mas ainda assim é errado dizer palavrões, não é? – Endireitou-se e articulou em silêncio *desculpe* à mãe de Harry.

– Não se preocupe. Eu mesma já disse coisas bem piores, vá por mim – respondeu ela.

Sanjay só voltou a ver Harry já bem perto do fim do seu turno, quando transportou o medidor da tensão arterial através da enfermaria de Harry. Harry encontrava-se na cama, com a pele tão pálida como os lençóis, e sua cabeça calva fazia-o parecer tão vulnerável como um recém-nascido. A bem da verdade, dado que a quimioterapia lhe havia destruído o sistema imunitário, é muito provável que estivesse *bastante mais* vulnerável do que um recém-nascido.

Harry pegou na almofada, segurou-a à sua frente e, com uma dose surpreendente de força, enterrou nela o punho fechado várias vezes.

– Ora toma e embrulha, grandessíssima sacana, arrogante e irritante! – disse. Ainda bem que a mãe dele já tinha ido para casa.

– Isso ajudou, Harry? – perguntou Sanjay.

– Podres crer – respondeu Harry, e essa foi a primeira vez que Sanjay o viu sorrir nesse dia.

Quando Sanjay se instalou num banco de modo a empreender a viagem de regresso a casa, o seu telemóvel apitou com um alerta de chegada de mensagem.

Mãe: O PAI DIZ QUE TE ACHOU COM AR CANSADO QUANDO FALOU CONTIGO PELO FACETIME. ANDAS A DORMIR O SUFICIENTE?

Sanjay suspirou.

Mãe: E A TOMAR AQUELE COMPLEXO MULTIVITAMÍNICO QUE TE DEI?

Estou ótimo, mãe, digitou Sanjay. Só tenho trabalhado muito.

Mãe: A PROPÓSITO, A FILHA DA ANITA DISSE QUE SE MARCARES UMA CONSULTA NA CLÍNICA DENTÁRIA DELA, FAZ-TE UM DESCONTO NO TRATAMENTO DE DESTARTARIZAÇÃO E LIMPEZA.

Mãe, andas a intrometer-te outra vez?, teclou Sanjay. Em seguida acrescentou um *emoji* sorridente para amenizar a ferroada. A sua mãe era mais sensível do que parecia.

Mãe: CLARO QUE NÃO! SÓ ESTOU PREOCUPADA COM AS TUAS GENGIVAS.

Houve uma pausa antes de surgir um *emoji*, que é possível que tenha sido escolhido para significar ansiedade maternal, ou por causa do número de dentes que exibia. Meera abraçara o advento do *emoji* com entusiasmo, acreditando que compensavam a incapacidade lamentável da língua inglesa para transmitir o leque e a profundidade completos das suas emoções.

– Parece absorto em pensamentos profundos – disse Emmie, sentando-se no lugar defronte dele.

– Oh, olá, Emmie! É apenas a minha mãe – disse Sanjay. – Não consegue aceitar muito bem o facto de eu já não precisar que ela organize e resolva a minha vida. Continua a enviar-me mensagens todos os dias para saber se como fibras suficientes e se uso camisola interior. Para ser franco, já sou velho demais para querer discutir o trânsito intestinal com a minha mãe! A sua mãe é igual?

Sanjay percebeu de imediato pela maneira como a expressão de Emmie mudou que acabara de dizer um tremendo disparate.

– Tenho a certeza de que teria sido – disse Emmie, naquele tom de voz decididamente alegre de alguém que se esforça ao máximo para não chorar.

– Mas ela já morreu, há vários anos.

– Sinto muito – disse Sanjay, e sentia mesmo, mesmo muito. Como é que ele sempre conseguia meter a pata na poça em tudo? – Vejo com demasiada frequência mães que morrem cedo demais, e isso é algo bastante trágico. Na verdade, injusto. – Sanjay desejou ser capaz de dizer algumas palavras que não soassem como banalidades desprovidas de sentido. Lidar com a morte, dia após dia, não facilitava em nada a conversa. A sua mãe tinha razão. Havia algumas situações em que a língua inglesa não estava mesmo nada à altura.

– Deve ser bastante gratificante, contudo, fazer o que faz – disse Emmie, apressando-se a mudar de assunto com destreza.

– Sim, mas também é duro – disse Sanjay. – É fisicamente difícil... muitas horas de pé, a virar pacientes para lhes aliviar as escaras, mexer em cateteres, pensos sujos e arrastadeiras. – Oh, meu Deus, porque é que foi chamar a atenção dela para o facto de grande parte do seu trabalho implicar a manipulação dos fluidos corporais das pessoas? Deveria, na realidade, ater-se apenas à finalidade fotogénica do seu trabalho, como por exemplo vestir-se como um dos elfos do Pai Natal a fim de distribuir presentes às crianças da enfermaria de Harry no passado Natal. – Contudo, também é extenuante a nível emocional – prosseguiu ele. – Há muita tristeza.

– Já vi que sim – disse Emmie, olhando para Sanjay como se ele fosse uma espécie de super-herói. – Mas pelo menos está a trabalhar em coisas que *são importantes*. A vida e a morte. Eu limito-me a trabalhar numa empresa que pretende convencer adolescentes a usar uma nova marca de pasta de dentes.

– Mas deve ser bastante divertido, trabalhar em algo assim tão criativo – disse Sanjay. – Em todo o caso, a higiene oral também é importante. Na verdade, era sobre isso mesmo que falava a minha mãe na mensagem que me enviou. Quer que eu marque uma consulta com a higienista oral.

Sanjay sentiu-se uma fraude. Queria contar a Emmie sobre os ataques de pânico, como por vezes só conseguia acalmar-se recitando a tabela periódica dentro de um armário escuro, mas no momento exato em que sentiu as palavras formarem-se na sua língua, o comboio entrou na estação de New Malden.

Sanjay ainda não tinha comido, devido ao encontro frustrado com a máquina de venda automática, por isso esgueirou-se para dentro do café situado ao lado da estação. O dono por vezes fazia-lhe um desconto num *muffin* caso tivesse sobrado algum ao fim do dia. A princípio não reconheceu Piers, uma vez que vê-lo ali estava completamente fora de contexto. Faltavam duas paragens para chegar a Surbiton, onde Piers vivia. Estava curvado sobre o computador portátil e a resmungar entre dentes.

– Está a evitar ir para casa, Piers? – perguntou Sanjay. Pretendia que soasse como uma piada, mas a reação de Piers fê-lo perguntar-se se não teria enfiado o dedo na ferida sem querer. Piers mostrou-se evasivo e fechou com força e de forma atabalhoada a tampa do computador portátil, como se estivesse a ver algum vídeo pornográfico *hardcore*. De certeza que não, certo? Havia mães com filhos pequenos ali.

– Oh, só parei aqui para responder a um *e-mail* urgente de um cliente. Sabe como é – disse ele.

Sanjay assentiu, como se soubesse como era, embora desconfiasse que o seu emprego e o de Piers nada tivessem em comum. O seu dia era todo ele passado entre esfregaços, pontos, implantes de cateter para quimioterapia e análises sanguíneas. *E-mails* urgentes de clientes não constituíam uma

característica importante. Além do mais, o trabalho de Piers implicava ganhar somas de dinheiro obscenas. O seu, nem por isso.

Sanjay perguntou-se qual seria a sensação de nunca ter que se preocupar com a própria situação financeira. Piers transitara, sem dúvida, de *babygrows* de caxemira e rocas de prata maciça para um emprego na firma de um dos amigos do papá, passando pelas escolas mais seletas. Tinha a certeza absoluta de que Piers nunca fora obrigado a surripiar os pacotes individuais de leite UHT ao pessoal da cantina, por não ter dinheiro suficiente no fim do mês para comprar um pacote de litro no caminho de regresso a casa.

Será que ele fazia ideia da sorte que tinha? O salário anual inteiro de Sanjay depois de deduzidos os impostos não chegava para pagar o relógio absurdamente espalhafatoso que Piers usava no pulso. Sanjay deteve-se. Esse tipo de pensamento podia enlouquecer uma pessoa de inveja.

Perguntou-se o que estaria Piers a esconder. Estaria a ter um caso? Seria típico de Piers, que estava acostumado a ter mais do que o seu quinhão de tudo, acabar por ter duas mulheres quando Sanjay nem sequer uma era capaz de arranjar.



Piers

8h13 De Surbiton a Waterloo

Piers estava à espera de Martha na plataforma da estação de Surbiton para tentarem arranjar lugares ao pé um do outro para a primeira aula. Piers descobriu que anunciar: «Sou o explicador de Matemática dela, será que se importaria muito em trocar de lugar comigo?», tendia a dar resultado, e Martha estava a aprender a lidar com a sua vergonha. Na maioria das vezes chegava inclusive a nem sequer olhar para ele, como se não confiasse por completo nele. Ou como se nem sequer gostasse dele. Piers tinha quase a certeza absoluta de que ela nunca teria concordado em permitir que ele a ajudasse, não fosse pela presença tranquilizadora de centenas de outros passageiros, e também pela recomendação de Iona, como é óbvio.

Era tão gratificante ver a confiança de Martha com os números consolidar-se. Estava a tornar-se mais rápida e mais precisa a cada aula que lhe dava no comboio. Ao contrário do rendimento financeiro de Piers, que sem dúvida levaria a anotação de *precisa esforçar-se mais* ou *por favor venha falar comigo depois da aula*, a caneta vermelha.

Piers chegava à City mais tarde a cada dia que passava de maneira a poder ajustar-se aos horários de Martha, e inclusive deixavam passar os comboios mais apinhados de gente, mas Candida parecia nem reparar. Nem tão-pouco mencionara o facto de ele se apressar a esvaziar a caixa do correio sempre

que possível, resgatando os envelopes assinalados como URGENTE! ÚLTIMO AVISO! que escondia na parte posterior da gaveta das meias.

Candida era realmente uma mulher extraordinariamente desatenta, tendo em conta que conseguia detetar os primeiros indícios de uma teia de aranha que escapara à empregada a vinte passos de distância, ou a queda de um ponto percentual nos resultados dos testes de capacidades cognitivas de Minty. Sentia-se quase tentado a cometer um erro de proporções gigantescas de propósito, apenas para ver se ela prestava, por fim, alguma atenção ao que estava a passar-se na sua vida. No entanto, não tinha essa coragem, e sabia que se fizesse asneira uma vez, tudo o resto ruiria por arrastamento.

– Como é que está hoje a minha melhor aluna? – perguntou Piers enquanto esperavam pelo comboio.

– Sou a sua única aluna – respondeu Martha. – Mas está tudo bem, obrigada.

– Conseguiu resolver o trabalho de casa de ontem sem problemas? – perguntou ele.

– Mais ou menos. Fiquei encalhada nas equações simultâneas – replicou ela.

– O truque das equações – disse Piers –, é deixar de pensar nelas como sendo números velhos e chatos e passar a vê-las como padrões. Arte, inclusive. São, na realidade, tão bonitas. Vou mostrar-te.

Embarcaram no comboio e foram ter com Iona à sua mesa habitual com *Lulu* a reservar um lugar livre. Piers conseguiu arranjar um segundo lugar empregando um movimento convergente de charme e intimidando uma mulher de meia-idade.

Enquanto Piers ia explicando a beleza da equação simultânea a Martha, pensou no momento em que descobriu a álgebra pela primeira vez e começou a ver os números não apenas como coisas que podia reordenar, brincar e resolver, mas como um passaporte para uma vida completamente diferente. Como era irónico que agora que possuía essa vida, tudo o que mais queria era fugir dela.

– Então, estás a perceber agora? – perguntou a Martha, que mordida o lábio inferior, tal como sempre fazia quando se concentrava.

– Quer saber, acho que estou mesmo a perceber – replicou ela, dirigindo-lhe um sorriso.

– Não és nada má a Matemática, Martha – disse Piers. – Só te falta confiança, e desconfio que não tens sido lá muito bem ensinada. Como é que é o teu professor?

– Na verdade, já tive montes deles. Lá na escola não têm professores decentes de Matemática em número suficiente, por isso estamos sempre a ter aulas com professores substitutos. O meu professor de Teatro chegou inclusive a dar algumas aulas. Era quase tão imprestável como eu – disse Martha. – A minha mãe fez queixa, mas o diretor disse-lhe que havia uma escassez nacional de especialistas em Matemática.

– Diz-me lá outra vez qual é o nome da tua escola – pediu-lhe Piers.

– É a Secundária St. Barnabus – respondeu Martha. – Porquê?

– Só para saber – disse Piers, fazendo uma anotação mental, por via das dúvidas.

Piers tinha estado a ignorar Iona, e podia perceber que ela se sentia cada vez mais frustrada por estar a ser posta de parte. Fervia como uma panela de pressão, acumulando vapor até que explodiu, por fim.

– Olhem, eu sei que toda esta ideia da Matemática foi minha... pelo que mereço algum crédito, a bem da verdade... mas será que não podemos fazer uma pausa durante o resto do percurso, pois preciso de saber a quantas andam as audições para a peça da escola.

– São daqui a duas semanas – disse Martha, pousando a caneta com muito mais entusiasmo do que Piers gostaria. – Deram-nos um pequeno trecho de diálogo para decorar e representar. O mais provável é eu ir parar aos bastidores, a cuidar do guarda-roupa, ou da iluminação, mas não faz mal. Vai ser divertido fazer parte do espetáculo de algum modo, e além disso já está a desviar a minha atenção de todo aquele assunto da foto nua.

– Bastidores, hã? É o que veremos – disse Iona. – Nenhum aprendiz de Iona acaba nos bastidores. Trouxeste o excerto da peça?

Martha tirou um pedaço de papel amarrotado da mala, colocou-o em cima da mesa por cima dos exercícios de Matemática muito mais

importantes, e tentou alisá-lo com a manga. Iona semicerrou os olhos ao vê-lo, enfiou a mão na mala e tirou uns óculos de leitura.

– Faço isto por ti, coração – sussurrou ela. – De uma maneira geral, nunca os uso em público. Fazem-me parecer velha. – Piers preparava-se para fazer uma piada dizendo que era a idade dela que a fazia parecer velha, como um ato de retaliação por Iona ter estragado a sua aula de Matemática, mas optou por ficar calado. Espicaçar a Iona era muito divertido, mas já tinha aprendido que se exagerasse na dose, ela mordida.

– Ooh, olha só, é a cena da varanda! – exclamou Iona. – Muito bem, tu és a Julieta, como é óbvio, e eu serei o Romeu. Restam-nos três estações para convencer o Piers e este sujeito... – Iona fez um gesto na direção da quarta pessoa que se encontrava sentada à mesa; um homem deveras musculado, vestido apenas com uma *T-shirt* e uns calções, apesar do frio que fazia... –, de que estamos a apaixonar-nos com loucura uma pela outra. Que divertido! Eu sou a Iona, e esta é a Martha – disse Iona para a sua assistência. – Também conhecidas como Romeu e Julieta.

– Jake – replicou o homem, estendendo a mão. – Também conhecido como Jake.

– Oh, sim, é o que está escrito no seu peito – disse Iona. – Que útil. – Piers esticou o pescoço para ver as palavras TREINO PESSOAL DE JAKE impresso a negrito na camiseta de Jake.

Martha parecia completamente apavorada, mas Piers percebeu o método da loucura de Iona. Se ela fosse capaz de enfrentar esta humilhação, então a audição iria ser canja.



Iona

18h17 De Waterloo a Hampton Court

A diferença que um par de meses pode fazer, pensou Iona.

Era o fim de mais um dia bastante bem-sucedido. Avistara Piers e Sanjay na Plataforma 5 em Waterloo e conseguira encaminhá-los até à sua mesa habitual passando de rompante à frente de uma jovem mãe com um bebé num carrinho. Sentiu-se um bocadinho culpada por causa disso, até ouvir a mulher dizer: «Limita-te a ignorar a velhota, meu amor», para o bebé.

– Ela não tem necessidade nenhuma de dizer mal de mim ao filho – disse Iona para *Lulu*. – Até parece que eu não sou capaz de compreender nada do que ela está a dizer.

A assistente executiva de Ed marcara-lhe uma reunião na agenda, para o dia seguinte às 17H00. Até há pouco tempo isso faria Iona arrancar os cabelos, mas agora sentia-se bastante confiante. Entusiasmada, até.

Desde que começara a confiar algumas das cartas das suas leitoras a Emmie, Sanjay e Martha, e a incluir algumas das melhores respostas deles, passara a causar alguma agitação nas «redes sociais», o volume da sua correspondência aumentara de maneira significativa, e a sua credibilidade no escritório parecia ter subido imenso. Depois também houve a impressionante chegada de Fizz à revista, que deixou o escritório inteiro

numa agitação muito pouco digna desde que ela se juntara à equipa na semana passada.

Sim, esta reunião prometia ser divertida. Talvez estivesse na forja um aumento de salário? Ao fim e ao cabo, há anos que não tinha nenhum. Antes nunca se atrevera a protestar, preocupada com o facto de o seu modesto ordenado poder ser a principal razão de ainda ter emprego.

Depois teve uma epifania. Esta semana fazia trinta anos que trabalhava na *Modern Woman*. É evidente que isso não podia ser uma coincidência, pois não? Se calhar iriam organizar algum tipo de comemoração, seria possível? No décimo aniversário, fizeram-lhe uma festa surpresa – com champanhe e canapés. No vigésimo houve um bolo e vales de desconto para o Harvey Nichols²². O que poderia trazer o trigésimo? Não podia esquecer-se de mostrar um ar de absoluto espanto e satisfação, caso contrário estragaria a grande revelação.

Havia apenas duas coisas que estavam a arruinar o bom humor de Iona. A primeira era a pessoa sentada no lugar atrás de si, que estava a comer um cachorro-quente que tresandava um pivete horrível. Será que não sabiam que a Regra Número Três dos Transportes Públicos era nunca ingerir comida quente no comboio? A segunda era Sanjay, que contemplava com um ar tristíssimo o café que comprara, como se nele estivesse contido o segredo do seu futuro. Chegara a hora de aplicar um tratamento de choque.

– Sanjay – disse ela. – Receio bem que tenha chegado o momento de esquecer e seguir em frente. Há mais peixe no mar, e tudo o mais.

– Mas Iona – disse ele, e pela primeira vez desde que se conheciam, ele pareceu de facto *fitá-la com recriminação*. – Você mesma disse que até ao lavar dos cestos...

– Ela está radiante, Sanjay – interrompeu Iona. – Não consegue ver isso? Anda nas nuvens com a perspetiva do casamento. Por vezes a vida não corre da maneira como nós desejamos... Eu sei disso melhor do que ninguém, vá por mim. De qualquer das formas, não devia utilizar a palavra «lavar» neste contexto. É depreciativa para ela.

– Foi você quem a usou pela primeira vez, não fui eu – disse Sanjay, dardejando-a com o olhar. – Olhe, e se a Emmie for *a Tal*, e estiver com a

pessoa errada?

– «A Tal» é coisa que não existe – disse Iona. – Existem muitos companheiros de vida possíveis para toda a gente!

– Não me diga! – disse Sanjay. – Então você podia com a maior das facilidades estar com outra pessoa qualquer que não a Bea, é isso?

– Bom, isso não se aplica a mim, como é óbvio – respondeu Iona. – Mas é evidente que o Toby é o tipo perfeito para a Emmie. Ela está delirante de felicidade, e, na qualidade de amigos dela, é nosso dever ficarmos felizes por ela, por mais difícil que isso seja.

– Estou feliz por ela – disse Sanjay. – Para ser sincero, estou-me nas tintas. Não passou de uma paixoneta estúpida. Já ultrapassei isso.

– Ambos sabemos que isso não é verdade, Sanjay – disse Iona. – Eu sou uma empática profissional, não se esqueça disso. Sei *ler os pensamentos das pessoas*. Você está a fazer birra como uma criança petulante e isso tem que parar.

O telemóvel de Sanjay vibrou em cima da mesa na frente dele.

– MARQUEI-TE UMA CONSULTA PARA SÁBADO – leu Iona em voz alta.

– É a minha mãe – disse Sanjay. – Acho que ela anda a tentar fazer-me um arranjinho, empurrando-me para uma higienista oral, embora negue a pés juntos.

– Excelente ideia! Está a ver, há sempre mais peixe no mar! – disse Iona, pegando no telefone dele e respondendo com um *emoji* de polegar levantado, em sinal de aprovação. Sanjay arrebatou-lhe o telemóvel da mão.

– Não se meta, Iona! – disse ele, num tom de voz que pareceu muito mais alto do que na realidade era, pelo facto de se encontrarem numa carruagem de comboio quase em silêncio. – A última coisa de que eu preciso é que você se intrometa na minha vida além da minha mãe. Na verdade, a minha vida amorosa não é da sua conta. Você não passa de uma mulher velha e frustrada sem nada melhor para fazer a não ser intrometer-se na vida das outras pessoas.

Iona sentiu as palavras como um golpe físico. Tê-la-iam magoado ditas por qualquer pessoa, mas foram especialmente devastadoras vindas de

Sanjay, que sempre se mostrara tão simpático e atencioso.

Sanjay olhou pela janela de forma intencional, como se não fosse capaz de suportar olhar para ela, muito menos falar. O que era absurdo, visto que neste caso ela era a vítima inocente. As acusações dele ainda lhe ecoavam nos ouvidos: *Frustrada. Velha. Intrometida*. Não sabia ao certo qual dos dardos envenenados de Sanjay lhe doía mais.

Piers também se mostrava silencioso, ao contrário do habitual, com a cabeça enfiada no seu exemplar do *Evening Standard*, como uma tartaruga a recolher-se na sua carapaça. É evidente que ele não ia saltar em defesa dela, fazendo-a perguntar-se se desta vez teria de facto passado das marcas. Recordou-se de todas as viagens decorridas em silêncio no passado, antes do fatídico dia da uva. Só que esses eram silêncios agradáveis, relaxantes e vazios, não constrangedores e carregados como este que pairava hostil e maléfico entre ela, Sanjay e Piers.

Quando Sanjay se levantou para desembarcar em New Malden, Piers murmurou um rápido *adeus* por trás do seu jornal, no entanto nem Iona nem Sanjay proferiram uma única palavra sequer.

Iona limitou-se a contemplar o céu do final da tarde durante as duas paragens seguintes, observando as cores mudar percorrendo toda a paleta de vermelhos e laranjas à medida que o Sol se punha, além da coreografia metamórfica espetacular e hipnótica de um bando de estorninhos. Conseguiu abstrair-se com tanto êxito, tentando descortinar como cada um dos pássaros sabia qual a direção a seguir e perguntando-se se alguma vez eles chocavam uns com os outros, que quando entraram na estação de Surbiton e o rosto de uma mulher, que seria linda caso não estivesse tão *zangada*, surgiu mesmo do lado de fora da sua janela, Iona quase soltou um grito.

– Santo Deus, o que é se passa com aquela mulher? – disse Iona, apontando para ela e chamando a atenção de Piers, que se pusera de pé disposto a sair. Envergava um fato de ioga de marca, e exibia o mantra *OM SHANTI* estampado através dos seus seios firmes e empinados. Uma expressão que destoava de maneira considerável das vibrações que dela emanavam.

Piers virou-se na direção do dedo indicador esticado de Iona e a cor sumiu-lhe das faces.

– É a Candida – disse, baixinho.

– Acho que a sua torre de blocos de madeira é capaz de se ter espalhado pelo chão inteiro – disse Iona.

– Desconfio que tem razão. É melhor ir andando e encarar a realidade – disse Piers, e depois sussurrou: – Suponho que chegou a hora.

Piers encaminhou-se até às portas, depois virou-se para trás a fim de olhar para Iona quando saiu do comboio, com uma expressão muito semelhante à de um colegial transviado a ser levado ao gabinete do diretor, sabendo que estava prestes a ser expulso.

Iona ficou sentada à mesa, tendo apenas como companhia o *Evening Standard* que Piers havia abandonado e uma sensação de mal-estar e inquietação. O que raio é que Piers poderia ter feito para merecer um comité de boas-vindas tão enraivecido? O mais provável é que houvesse outra mulher implicada no assunto. Em coisas como esta regra geral havia sempre, na opinião dela.

Lá se foi o seu dia perfeito. Tudo parecia correr mal. De repente já não se sentia tão confiante a respeito da reunião que ia ter com Ed amanhã.

²² Cadeia britânica de lojas de departamentos de luxo, fundada em 1831, cuja sede se situa em Knightsbridge, em Londres. (N. da T.)



Piers

– Candida – disse Piers, tentando fugir com o rabo à seringa. – Que simpático da tua parte teres vindo esperar-me à estação.

– Encontrei o teu carro no parque de estacionamento – replicou ela, com a voz a tremer e as narinas dilatadas. – Por conseguinte, percebi logo que tinhas apanhado o comboio algures. A pergunta é: *onde?*

As pessoas que os rodeavam na plataforma deixaram por completo de fingir que não estavam a assistir ao desenrolar deste drama, e as suas cabeças giravam entre um adversário e o outro, como se estivessem a assistir a um torneio de ténis profissional particularmente agressivo.

– O que é que queres dizer com isso? – perguntou Piers, sabendo muitíssimo bem o que a sua mulher queria dizer, mas devolvendo-lhe a bola para o seu campo, em todo o caso, tentando ganhar tempo.

– Quero saber – sibilou Candida –, o que é que estás a fazer a sair do comboio, todo vestido com o teu elegante fato de executivo, quando, de acordo com uma das senhoras da minha aula de Pilates, perdeste o emprego *há três meses?*

Jogo, *set* e partida para Candida. Ao que tudo indicava, ele estava fora do torneio.

Piers teve dez minutos de trégua enquanto ele e Candida regressaram a casa em carros separados. Candida fez todas as curvas a uma velocidade perigosa no seu *Mini* descapotável. Era como seguir uma granada sem a espoleta.

Assim que a porta da rua se fechou atrás deles, ela explodiu.

– O que é que TINHAS NA CABEÇA para me humilhar desta maneira? – berrou ela. – Tens ALGUMA NOÇÃO do ar de estúpida com que fiquei quando a Felícia me perguntou como é que estavas a aguentar-te, e eu não fazia a MÍNIMA IDEIA do que ela estava a falar? – Estava tão perto dele que Piers sentiu um pouco de cuspo aterrar-lhe na bochecha. Deixou-o lá, receando que qualquer movimento brusco pudesse desencadear uma aceleração da raiva dela.

– Estava a tentar proteger-te – disse ele, baixinho. – Fui demitido no último corte, em janeiro, e achei que não valia a pena morrermos os dois de preocupação a respeito desse assunto. Tencionava contar-te assim que arranjasse outro emprego, mas isso veio a revelar-se mais difícil do que eu esperava. Toda a gente está a despedir neste momento, não a contratar. E quanto mais tempo deixava passar, mais difícil se tornava explicar.

– O que é que nós vamos FAZER? – perguntou ela. – E as mensalidades da escola das crianças? A hipoteca? A ama? Como é que vamos pagar tudo isso?

– Estás a ver? Era exatamente por isso que não queria que soubesses. Já estava a ser difícil o suficiente ter de lidar com o facto de o banco onde trabalhei durante quinze anos, arrecadando dinheiro às carradas em tempo recorde, prescindindo das minhas noites, fins de semana e cancelando férias, me tenha descartado como se fosse um saco de lixo. Deram-me uma caixa de cartão e cinco minutos para esvaziar a secretária, vigiado por dois seguranças. Em seguida, acompanharam-me até à porta de entrada onde me confiscaram o cartão de acesso.

Piers sentiu-se mal só de se lembrar desse dia – a humilhação à medida que se ia arrastando pela sala de mercados tal como já tinha visto suceder com muitos outros homens, e algumas mulheres, antes de si. Alguns dos seus colegas – aqueles que se achavam invulneráveis – entoaram *Midas!*

Midas! com sarcasmo à sua passagem. Os corretores mais calejados limitaram-se a cravar os olhos nos respetivos monitores, pensando *entrego o meu destino nas mãos de Deus*. Poucos deles, se é que algum, conseguiria chegar a uma condigna idade de reforma sem ter que percorrer o seu próprio Caminho da Vergonha.

– O que foi que fizeste com a caixa? – perguntou Candida, com um leve sorriso, um ténue indício de uma brecha na sua carapaça.

– Atirei-a para dentro do contentor de lixo mais próximo – respondeu ele.

– Até mesmo a minha fotografia que tinhas em cima da secretária? – perguntou ela.

– Eu não tinha nenhuma foto tua em cima da secretária – replicou ele, antes de ter tempo de retirar o que disse. No entanto, no cômputo geral da situação, esta infração sem importância não iria causar grande perda.

– Afinal de contas, para onde é que tens ido durante este tempo todo? O que é que tens andado a fazer? – perguntou Candida. E pronto, ali estava ela: a pergunta inevitável que iria conduzir a um patamar totalmente novo de revelações. Piers inspirou fundo, antes de se precipitar no abismo.

– Tenho passado os dias em diversos cafés e bibliotecas, à procura de emprego – disse. – Cobrei alguns favores e puxei alguns cordelinhos e consegui algumas entrevistas. Contudo, deu-me a ideia de que só estavam a fazer um frete e não deu em nada. – Em seguida, fez uma pausa e girou o seu anel de sinete em redor do dedo mindinho, antes de acrescentar: – E tenho-me dedicado ao *day trading*.

– *Day trading*? – disse Candida. – Queres dizer, fazer transações com o teu próprio capital?

Piers assentiu.

– Pensei que já que passei tantos anos a ganhar dinheiro para os meus clientes, porque não fazer o mesmo por mim próprio? Por nós.

Os olhos dela semicerraram-se.

– Que capital?

– A minha indemnização – respondeu ele.

– E como é que tem corrido? – perguntou Candida num tom de voz que sugeria que já sabia a resposta.

– De maneira nada famosa, até ao momento – respondeu ele. – Dei-me conta de que é necessária uma tremenda mudança de mentalidade para deixar de jogar com o dinheiro dos outros e começar a arriscar o nosso. A adaptação demora um bocado, só isso.

– E enquanto te andas a *adaptar* – disse ela, arrastando devagar cada sílaba pronunciada na perfeição –, quanto do dinheiro da tua indemnização... *da nossa indemnização*... é que perdeste?

– Cerca de dois terços – respondeu ele, embora soubesse que a percentagem exata era de setenta e um por cento. Só de pensar nisso voltava a sentir a familiar onda de náusea. – Mas não te preocupes. Nada está perdido. Vou recuperar tudo. Só tive uma maré de azar. Mas tudo isso vai mudar, eu sei que vai.

– Estás ciente de que essa conversa é tal e qual como a de um qualquer reles jogador, não estás? – disse ela. – Não há diferença nenhuma entre o que tu tens andado a fazer e o homem que gasta o dinheiro do mês nos cavalos ou nos terminais fixos das agências de apostas. É como a diferença entre o vagabundo no banco do parque a emborcar bebidas a martelo, e o «conhecedor de vinhos» que bebe três garrafas de *Château Lafite* ao jantar no The Ivy. Não existe diferença nenhuma, além da quantidade de dinheiro que se gasta, e das roupas que se veste ao fazê-lo. Vais ter que parar com isso.

– Não posso parar agora, Candida. Não sem antes recuperar o que perdi – disse Piers.

– E há quanto tempo é que andas a dizer isso a ti mesmo, Piers? – perguntou-lhe a mulher. Não precisou de responder. Ela sabia. – Não resultou até agora, pois não? Só fez piorar as coisas.

– É tarde demais para voltar atrás agora, Candida – declarou ele.

– É tarde demais para *não* voltar atrás, Piers – replicou Candida.

Piers afundou-se na poltrona e pôs a cabeça entre as mãos. Sentiu o elástico que o mantinha inteiro, e que começara a esticar cada vez com mais força no decurso dos últimos meses, partir-se. Pela primeira vez desde aquele pavoroso dia de janeiro, pela primeira vez desde que largara a sua antiga pele e se livrara do novo e invencível Piers, chorou. E assim que começou, não via como iria conseguir parar.

Piers demorou um bocado a perceber onde se encontrava. A luz matinal incidia num ângulo diferente do normal, e quando esticou o braço, os lençóis ao seu lado estavam frios e vazios. Então lembrou-se. Estava no quarto de hóspedes. E os acontecimentos da véspera voltaram com a força toda.

As palavras de Candida pareciam ter germinado e criado raízes enquanto dormia, porque de repente foi capaz de ver a sua situação com uma clareza indesejável. Ela tinha razão. Não passava de um mero jogador em maré de azar, deitando dinheiro fora e recusando-se a abandonar a mesa da roleta enquanto não se apagassem as derradeiras luzes do casino.

O jogo acabou, por fim.

Piers tomou um duche e fez a barba, como um autómato, e depois dirigiu-se ao quarto de vestir. A sua mão pairou sobre a fila de fatos quase idênticos, confeccionados com todo o esmero pelo seu alfaiate de Jermyn Street, por força do hábito, antes de se decidir por um par de *jeans* e uma camisola de caxemira. Já não havia, é claro, nenhuma razão para voltar a vestir um fato.

Mas então, e agora?

Piers não suportava a ideia do dia vazio que se estendia pela sua frente, nem tão-pouco andar em pezinhos de lã pela casa, tentando evitar a ira de Candida. Ou, pior ainda, a decepção dela. Mesmo nas fases do seu casamento em que ela não morria muito de amores por ele, como por exemplo depois do caso amoroso imprudente com a *au pair* holandesa, Candida sempre o respeitou. Agora não o respeitava mais. O que não era de admirar, uma vez que ele próprio não se respeitava.

Piers entrou no *Porsche*, inalando o aroma reconfortante e dispendioso dos bancos de couro, e escutando o rugido gutural do motor. De uma maneira geral, estas coisas costumavam dar-lhe uma ligeira descarga de prazer, mas agora não sentiu nada. Como se todos os seus sentidos tivessem sido cauterizados.

Conduziu, em modo de piloto automático, até à estação. Estacionou o carro, atravessou o passadiço a pé, e deu por si plantado na plataforma

habitual e no lugar habitual, apesar do facto de nada nele ser de todo normal. Não passava de uma farsa. Um avatar bidimensional.

Veio-lhe à ideia o dia em que se engasgou com aquela uva, há cerca de dois meses. Lembrou-se do quanto queria desesperadamente viver, mas agora não conseguia compreender porquê.

Não adiantava encontrar-se ali naquela plataforma. Não adiantava estar ali em absoluto. Não havia, de facto, nenhum sentido na sua existência.

Piers avançou até à borda e baixou os olhos contemplando os carris. Uma ratazana mergulhou nas sombras. Ouviu o zumbido elétrico de um comboio, muito à frente na linha, mas aproximando-se mais a cada segundo que passava. E quanto mais alto se tornava o zumbido, mais os carris pareciam chamá-lo. Seria tão fácil limitar-se a pôr um pé à frente do outro e fazer com que tudo isto desaparecesse.

O zumbido tornou-se mais insistente, mais exigente, e pressentiu as pessoas à sua volta, sentiu os olhos postos em si. Interrogando-se. Dentro de poucos segundos perderia a sua oportunidade.

Quanto mais olhava para os carris, mais perto eles pareciam estar. Tão, tão perto. Não um salto, nem mesmo uma queda. Apenas um passo. O zumbido aumentou de volume e transformou-se num silvo, que soava muito semelhante a um *simmmmm*.

– Não! – gritou uma voz mesmo atrás de si.



Martha

7h59 De Surbiton a Waterloo

Martha tinha dificuldade em estabelecer um termo de comparação entre o Piers que conhecia agora e aquele em cima de quem vomitou apenas algumas semanas antes. Na realidade, estava ansiosa por vê-lo na estação essa manhã. Em parte, porque conseguira completar todos os exercícios de Matemática que ele lhe mandara fazer em casa a noite passada e acalentava a esperança secreta de receber um elogio de um adulto interessado. Não incluía a sua mãe, nem o amante da sua mãe, nesta designação, como é óbvio. E também porque estava ansiosa por um pouco de distração.

Hoje era o dia em que a lista do elenco iria ser afixada no quadro. Deu-se ao luxo de se sentir só um bocadinho esperançosa de poder obter um papel com algumas falas. Afinal de contas, tinha recebido a orientação de Iona, uma *atriz verdadeira*, na maioria das manhãs dos últimos quinze dias. A sua audição não tinha sido perfeita – atrapalhara-se com uma das suas falas iniciais antes de relaxar e entrar no papel, mas correra bem. Talvez um pouco mais do que bem. Sentira um arrepio de excitação, ao representar o papel de Julieta num palco a sério, e ao dialogar com um rapaz de dezasseis anos, em vez de se encontrar num comboio, a namoriscar com uma lésbica idosa.

E Iona tinha razão. Prestar a audição para a peça fizera com que parasse de pensar, durante algum tempo pelo menos, *no episódio da vagina*, e já

tinha reparado que quando parava de pensar nisso, recebia menos comentários agrestes ou olhares atravessados. Iona disse que esses pensamentos eram como erva-dos-gatos para os agressores. Não perguntara o que era erva-dos-gatos, mas ficara com uma ideia geral. *Trata-se de uma profecia autorrealizável*, tinha dito Iona, *quem aparenta ar de vítima torna-se um alvo*. Martha tentou imaginar Iona alguma vez a tornar-se um alvo e a fracassar. Aquela mulher era à prova de bala.

Martha percorreu a plataforma à procura de Piers.

A princípio não o reconheceu. Tinha-o visto apenas de fato completo. Se bem que Piers de *jeans* e com uma camisola tinha um ar muito mais elegante do que a maioria das pessoas comuns nas suas melhores indumentárias de trabalho. Ele *exsudava* dinheiro por todos os poros, por assim dizer. Não se parecia nada com um professor, disso não restavam dúvidas.

– Piers! – chamou ela, mas ele não reagiu. Estava ali especado na borda da plataforma, tendo inclusive ultrapassado a linha de segurança amarela pintada no piso, com o olhar fito nos carris como se tivesse acabado de atirar uma moeda para dentro de uma fonte de desejos, chegando depois à conclusão que a queria de volta.

– Piers – disse ela outra vez. – Sente-se bem?

Era como se ele não a tivesse ouvido, embora ela estivesse mesmo ao seu lado nesse momento. Olhava para baixo, hipnotizado, e balançava o corpo ao de leve. Martha teve a sensação de que os seus sentidos tinham sido intensificados, uma vez que ouvia as pessoas à sua volta – a respirar, a arrastar os pés, a fungar – em som amplificado. Sentiu o cheiro do suor que lhe escorria das axilas. E viu com toda a clareza o que estava prestes a acontecer, a cena desenrolava-se nas suas retinas em câmara lenta.

– Não! – gritou Martha, ao mesmo tempo que agarrou Piers pelo braço.

O comboio rápido e sem paragens para Waterloo irrompeu em linha reta pela estação com uma velocidade e uma força que fez Martha sentir-se mal só de pensar no que poderia ter acontecido. No entanto, o seu alívio não tardou a transformar-se em constrangimento. Teria exagerado? Teria dado

largas à sua imaginação? Afinal de contas, Piers não ultrapassara a borda da plataforma; só... *estava com um ar estranho*.

O vazio deixado pelo comboio expresso depressa foi preenchido pelo comboio regional, e a multidão de pessoas que os rodeava correu em massa na direção das portas abertas, deixando Martha na plataforma, ainda a agarrar Piers pela manga, sentindo-se ainda mais desajustada do que o habitual.

Piers virou-se a fim de olhar para ela, com uma expressão vazia, como se não fizesse a mais pálida ideia de quem ela era, ou de onde se encontrava.

– Eu não ia saltar – balbuciou, como se estivesse a tentar convencer-se a si mesmo mais do que a ela.

– Vamos sentar-nos um bocadinho, está bem? – disse ela, conduzindo-o até um banco. O que é que diria Attenborough? *O lobo solitário ferido precisa de voltar para a segurança da sua alcateia*.

– Porque é que não liga para a sua mulher? – sugeriu Martha. Piers ficou ali sentado, a olhar em frente. Era como um eletrodoméstico em modo *standby*... ainda ligado à corrente, mas sem funcionar... e ela não fazia a mínima ideia de onde poderia encontrar o controlo remoto.

Martha enfiou a mão no bolso do casaco dele e tateou o formato familiar de um *iPhone*. Pegou-lhe no polegar, estremecendo ao de leve quando reparou na pele que o circundava, vermelha de tanto roer e em carne viva, num vívido contraste com as suas unhas bem cuidadas e polidas, e pousou-o na parte inferior do ecrã. Por sorte, estava desbloqueado. Procurou os FAVORITOS na lista de contactos e encontrou CASA.

Candida demorou apenas quinze minutos a chegar à estação. Correu ao encontro deles e sentou-se do outro lado de Piers.

– Obrigada... hã...

– Martha – disse Martha.

– Muito obrigada, Martha. A partir de agora é comigo. Não quero fazê-la chegar atrasada à escola. Tenho a certeza de que ele vai ficar bem. O mais

provável é que tenha sido uma quebra de tensão. Esta manhã ele não tomou o pequeno-almoço.

– Com certeza – disse Martha, que não tinha certeza nenhuma.

Quando entrou no comboio, sentindo-se enjoada e trémula, apercebeu-se de que não tinha pedido o número do telemóvel de Piers a Candida. Como é que iria ter a certeza de que ele estava mesmo bem? E se os adultos – adultos sérios, educados, casados e *ricos* como Piers – podiam desabar daquela maneira, então que tipo de esperança havia para si? Que tipo de esperança havia para qualquer um deles?

– Sente-se bem? – perguntou uma voz ao lado dela, como se a situação tivesse sofrido uma reviravolta total, e fosse ela quem se encontrava a fitar a chegada de um comboio iminente. Virou-se e viu o rosto preocupado de Jake, o treinador pessoal que constituíra o seu público há um par de semanas.

– Não sei ao certo, para lhe ser franca – respondeu Martha. – A Iona encontra-se no comboio? Gostaria imenso de falar com ela.

– Não – replicou ele, apontando para o lugar habitual dela, que estava ocupado por outra pessoa qualquer, ao que tudo indicava sem o mínimo conhecimento do significado do sétimo banco da coxia à direita, voltado para a frente. – Não a vejo há alguns dias, na verdade. Só fiquei a saber o nome dela naquele dia em que a conheci, mas já tinha reparado nela desde há uns tempos, como é óbvio.

– Como é óbvio – disse Martha, e estava capaz de jurar que viu umas quantas pessoas em redor assentindo com a cabeça em concordância tácita.

– Costumava chamar-lhe Muhammad Ali – disse ele.

– Bom, isso é algo inesperado – disse Martha. – Porquê? Quero dizer, *você* parece-se um pouco com o Muhammad Ali, mas a Iona não.

– Porque ela é elegante, mas feroz. Sabe como é, *flutua como uma borboleta, pica como uma abelha*²³.

Martha não sabia, mas em todo o caso assentiu uma vez que na realidade não queria embrenhar-se na história antiga dos pugilistas.

– Tome, pode ser que isto ajude. – Jake entregou-lhe uma bebida energética... o tipo de coisa que deixaria a sua mãe horrorizada, por conta

de todas as calorias vazias... mas ele tinha razão. Apenas um gole e sentiu que lhe voltavam as forças e o equilíbrio restabelecia-se.

– Tenho andado para falar consigo, na verdade – disse Jake. – Repare, não pude evitar ouvir a conversa que teve com a Iona aqui há uns tempos. Sobre os miúdos na escola. Espero que não me leve a mal.

– Não se preocupe – disse Martha. – É quase impossível ignorar as conversas de Iona, não é verdade?

– Tenho andado com isto para lhe dar – disse ele, entregando-lhe um cartão plastificado. – Trata-se de um passe VIP para o meu ginásio. Se não conseguir derrotar os agressores com toda esta cena do *Romeu e Julieta*, pelo menos pode aprender a desferir uns socos.

– Obrigada, mas não posso aceitar – disse ela, contemplando o nome de um ginásio famoso e muito em voga no cartão, acompanhado pelas palavras ACESSO A TODAS AS ÁREAS. – Deve custar uma fortuna. Em todo o caso, a Iona diz que há um provérbio chinês que afirma o seguinte: *Se te mantiveres na ponte durante tempo suficiente, o corpo do teu inimigo aparecerá a flutuar*. Acho que quer dizer que mais cedo ou mais tarde eles acabarão por ter o castigo que merecem.

– Huum. – Jake estava com um ar cético. – Olhe, não se preocupe com o preço. Eu sou o dono. Pode reembolsar-me fazendo publicidade ao lugar, passando a palavra.

– Uau. Bom, então está bem. É mesmo muito simpático da sua parte, Jake, obrigada – disse Martha, metendo o cartão no bolso do *blazer*. Perguntou-se a quem é que Jake esperava que ela fizesse publicidade sobre o seu ginásio. Nem sequer era uma *influencer*. Muito pelo contrário, a bem da verdade. Uma recomendação da parte dela poderia significar a morte do negócio.

– Ei, eu só promovo um bom carma – replicou ele. – Veja bem, tenho uma filha não muito mais nova do que você. E gostaria de pensar que se ela fosse tratada como a têm tratado a si, que haveria alguém por perto para lhe dar uma mão. – Martha sorriu, pensando em como este seu novo amigo era um gigante amável, sensível e generoso.

» Ou alguém que seria capaz de ir atrás dos sacanas que a perseguiram, dando-lhes cabo do canastro. Percebe o que eu quero dizer? – prosseguiu

ele. – Às vezes, limitar-se a ficar na ponte não é suficiente. Às vezes é preciso lançar o corpo ao rio e pisar-lhe o pescoço com o pé.

Apenas um gigante generoso, então.

– Espero por si no ginásio – disse ele.

²³ Uma das muitas citações do famoso pugilista. (*N. da T.*)



Sanjay

Sanjay não estava a ter um bom dia.

Passara mais uma noite agitada, vendo os números a avançar no despertador. Porque é que o tempo passava tão depressa quando estava a tentar dar atenção a todos os seus pacientes durante um turno, e, no entanto, a meio da noite todos os movimentos eram quase impercetíveis? Foi sugado para dentro de um círculo vicioso – quanto mais preocupado ficava por se sentir demasiado cansado para enfrentar a jornada de trabalho no dia seguinte, mais o sono lhe fugia e mais se preocupava.

– Sanjay, tem um minuto? – perguntou Julie, e ele foi obrigado a sair desse nevoeiro e concentrar-se. – Será que podia fazer-me um grande favor? Detesto ter que pedir, com toda a franqueza, mas...

– Claro, faço com certeza – respondeu Sanjay, e depois amaldiçoou-se. Precisava mesmo de parar de concordar em fazer certas coisas antes de conhecer a história completa.

– Obrigada – disse ela dirigindo-lhe um sorriso radioso. – Eu sabia que você era a pessoa certa a quem fazer este pedido. Veja bem, esta touca fria magoa como o diabo, e não faz efeito nenhum. O meu cabelo continua a cair aos tufos. Passo a vida a retirá-lo às mãos-cheias do ralo do duche, e quando acordei esta manhã parecia que tinha deixado metade da cabeça na almofada. Não aguento mais, Sanjay. É como a morte por mil cortes. Quero rapá-lo todo.

– Compreendo, Julie – disse Sanjay. – A touca fria não resulta com todas as pessoas. E eu conheço um excelente criador de perucas, não sei se sabia. Costumava trabalhar para o Vidal Sassoon.

Julie fez uma careta.

– Acho que me vou ficar pelos chapéus e pelos turbantes – disse ela. – O que acontece é que eu gostaria muito que fosse você a fazê-lo.

– A fazer o quê? – perguntou Sanjay, com dificuldade em acompanhar a conversa. Quando Julie chegava ao fim de uma frase, já ele tinha esquecido o começo.

– A rapar-me o cabelo. Sei muito bem que está muito além dos seus deveres, mas não posso pedir à minha cabeleireira. Sugeri-lhe que me fizesse um corte num estilo mais curto e com mais volume e, quando o meu cabelo começou a cair à medida que ela o lavava, veio a lamúria: *Aquelas pobres crianças! São tão pequenas!* Como se eu já estivesse morta. Saí de lá lavada em lágrimas ainda com metade da cabeça coberta de champô.

– E então o seu marido? – perguntou Sanjay.

– Para ser *franca*, não quero que seja ele a fazê-lo – disse Julie com um arrepio bem perceptível. – Já é bastante difícil manter qualquer romance aceso quando se tem cancro, e esta seria a gota de água. *Por favor.*

Sanjay tentou descortinar uma maneira de recusar. Que isso não fazia parte das suas funções. Que estava demasiado ocupado. Que se meteria em sarilhos – mais uma vez – por ignorar os limites necessários. Contudo, sentia-se demasiado cansado, e não sabia como dizer não a Julie, que já havia perdido tanta coisa.

– Não sei mais a quem hei de pedir, Sanjay. Além de que você está habituado a estas coisas, por isso não vai incomodá-lo. – Se ao menos ela soubesse. – Inclusive trouxe comigo uma tesoura e uma máquina de barbear elétrica – disse ela, notando a sua hesitação.

– Está certo – disse ele. – Vamos encontrar um compartimento vazio.

Sanjay pôs-se atrás de Julie, para que esta não lhe pudesse ver o rosto à medida que ele lhe ia cortando todo o cabelo o mais próximo do couro cabeludo que conseguia, contemplando os longos caracóis castanhos a cair no chão em volta deles. Lembretes de uma vida diferente e mais feliz,

quando eram ripados em penteados apanhados ao alto numa saída para dançar, ou quando umas mãos os percorriam enquanto fazia amor. Em seguida, rapou-lhe a cabeça, e o zumbido da lâmina disfarçava o tremor da sua mão, até ficar completamente lisa e macia.

Sanjay deu a volta de modo a encarar Julie, agachando-se e tomando as mãos dela entre as suas.

– Como é que está? – perguntou ela, enxugando as lágrimas da face.

– Está ótimo! – disse ele. – Por sorte, tem um lindo formato de cabeça. Algumas pessoas têm vários altos na cabeça, não sei se sabia. Não ia querer exibir uma cabeça assim.

Julie dirigiu-lhe um sorriso tímido, sacou do telemóvel e ligou a câmara a fim de poder ver-se.

– Sanjay, pareço o Humpty Dumpty – disse ela. – Enterrou a sua cabeça acabada de rapar nas mãos e soluçou. Exposta. Incapaz de se esconder atrás de uma confortável cortina de cabelo. Nada mais além de pele nua e lágrimas. – No entanto, agradeço-lhe – disse ela por entre os dedos que pingavam. – É melhor assim. Amanhã já me sentirei melhor com isto, eu sei que sim.

– O Adam vem buscá-la? – perguntou Sanjay.

– Vou encontrar-me com ele e com o Sam, o meu filho mais novo, na cafetaria – disse ela. – Eu sei que eles vão ficar horrorizados, e para ser sincera acho que não vou ser capaz de aguentar.

– Julie, fique aqui à espera – disse Sanjay. – Ponha um rosto sorridente e eu vou buscá-los para se encontrarem consigo aqui em cima. É mais privado.

Sanjay olhou para o relógio enquanto descia as escadas a correr rumo à cafetaria. Já estava atrasado uma hora. Nunca iria conseguir recuperar o atraso. Avistou Adam e Sam de imediato, sentados a uma mesa no canto, debruçados sobre um livro para colorir.

– Olá – disse ele, agachando-se ao lado de Sam. – A Julie pediu-me para vos dizer para irem ter com ela à enfermaria. Mas eu queria conversar convosco sobre uma coisa primeiro.

Sam olhou para ele, com grandes olhos castanhos que pareciam demasiado velhos e sábios para o seu rosto.

– Fizemos um novo corte de cabelo à mamã. Na verdade, cortámos-lhe o cabelo todo, como o Dwayne «The Rock» Johnson. Sabes quem é? – Sam assentiu com a cabeça. – É por pouco tempo. O cabelo vai crescer outra vez mais cedo do que imaginas. O problema é que a mamã está preocupada por achar que não vais gostar. Mas eu sei que vais continuar a pensar que ela é linda, porque é a tua mamã, e porque é a pessoa mais bonita do mundo, certo?

Sam assentiu.

– Então, és capaz de tentar muito, muito mesmo, não parecer triste, e não te esqueceres de lhe dizer o quanto ela é bonita? – perguntou Sanjay, erguendo os olhos para Adam, que percebeu que esta mensagem se dirigia a si tanto quanto ao seu filho.

– Somos capazes de fazer isso, não somos, Sam? – disse Adam, tomando a mão do filho na sua.

– Ótimo – disse Sanjay. – Peço desculpa, mas preciso de ir.

– Obrigado, Sanjay – disse Adam atrás dele enquanto Sanjay se dirigia para a porta da cantina.

Quando Sanjay chegou à saída, o homem que vinha a entrar empurrou a porta giratória com tanta violência, que esta quase atirou Sanjay de encontro à parede.

– Perdão – disse Sanjay.

Sanjay parou no vão das escadas mal iluminadas e reverberantes, agarrando-se à parede e esforçando-se para recuperar o fôlego. Sentia o coração a martelar descompassado, cada vez mais rápido, e as palmas das mãos picavam-lhe devido ao suor. Estava a acontecer de novo.

Não tinha tempo para isto. Não agora. Nunca mais.

Sanjay deixou-se cair no chão e pôs a cabeça entre os joelhos, tentando abrandar a respiração, tentando ignorar a verdade que o havia incomodado sem cessar durante essas intermináveis horas do início da manhã: já não podia mais suportar isto sozinho.

Iria ter que pedir ajuda a alguém.

Iona.



Piers

Piers consultou o relógio. Eram três horas da tarde, e ainda estava na cama. A roupa de cama de um branco imaculado passada a ferro e engomada limitava-se a acentuar o quanto se sentia sórdido. Era uma nódoa. Uma imperfeição. Precisava de ser erradicado da face da Terra.

Tinha quase a certeza de que se havia levantado nessa manhã, e parecia-lhe que estava vestido. Já tinha saído para o trabalho? Sentiu o familiar nó a formar-se no estômago. Não, há já uns tempos que não ia trabalhar, e agora já nem sequer era necessário fingir que ia para o escritório.

Tinha a certeza de que se lembrava de ter visto Martha. Talvez tenham tido uma aula de Matemática, seria isso?

Ouviu baterem na porta do quarto com hesitação. Estava a tentar recordar-se de como falar quando a porta se abriu e Candida entrou, trazendo consigo uma chávena de chá. A mulher abriu as cortinas e depois sentou-se ao lado dele, e num tom de voz surpreendentemente compreensivo, do tipo que ela em geral só usava com as crianças, e mesmo assim, só se estivessem feridas ou doentes, disse:

– Sentes-te bem, Piers?

Uma vez que ele não sabia a resposta a essa pergunta, não disse nada.

– Sabes em que ano estamos? E qual é o nome do primeiro-ministro? – perguntou ela.

– Não perdi a noção da realidade por completo – replicou ele. E em seguida acrescentou: – O que é uma pena.

– Não te preocupes. Haveremos de superar isto – disse Candida, afagando-lhe a mão.

– Não vejo como – disse ele, a voz não passando de um murmúrio, perguntando-se se ela iria oferecer-se para lhe beijar a ferida para passar a dor, pôr-lhe um penso e dar-lhe um paracetamol.

– Vamos examinar as nossas finanças *juntos*, perceber o quanto nos resta, reunimos tudo e traçamos um plano – disse ela num tom de voz firme, porém calmo, descalçando os sapatos com um pontapé e esgueirando-se para debaixo do edredão ao lado dele.

Como foi que pôde subestimar Candida dessa forma? Piers sempre pensou que era o elo mais forte na relação e, no entanto, aqui estava ela, a apoiá-lo. Porque é que não lhe contou logo tudo desde o princípio? Seria mesmo possível salvar alguma coisa no meio desta confusão terrível?

Candida começou a falar quando algo chocou de encontro à janela, com tal violência que fez o vidro reverberar. Piers reparou que todas as suas reações pareciam retardadas. Amortecidas por um pedaço de algodão.

– Mas que raio? – exclamou Candida, dirigindo-se até à janela, abrindo-a e olhando para baixo para o acesso coberto de gravilha.

– Foi um pombo – disse ela.

– Ele está bem? – perguntou Piers.

– Acho que está morto, para ser franca – respondeu Candida, que parecia estar com um ar insuportavelmente comovido. Piers desatou a chorar outra vez.

– Por amor de Deus, Piers, é apenas um pombo – disse Candida. – O que é que achas que devo fazer com ele? Será que vai para o caixote do lixo comum, ou para o dos restos de comida? Não creio que possa ser reciclado.

– Não é um pombo, é um presságio – disse Piers.

– Acho que deverias falar com alguém – disse Candida. – Com um profissional. Não me parece que estejas a reagir lá muito bem.

Candida tinha razão. Foi apenas o fingimento que o manteve calmo e inteiro. Enquanto andou ocupado a fingir que era o dono do mundo,

acreditava que ainda era essa pessoa. Continuou a sentir-se confiante, bem-sucedido, um dos que venceram na vida. Continuou a sentir-se o velho Piers.

Assim que Candida acendeu as luzes da casa, e ele ficou exposto pelo que era de facto, tudo desmoronou. Despojado da sua maquilhagem teatral, voltou a ser Kevin – o rapaz que fora em tempos antes de mudar tudo sobre si mesmo, incluindo o nome. Kevin com a mãe alcoólica, o uniforme demasiado pequeno para si e em segunda mão e refeições gratuitas na escola. Kevin, cujo próprio pai fora um inútil, desempregado e incapaz de sustentar a família. Parecia que afinal quem sai aos seus não degenera. Era inevitável que o passado estivesse fadado a atingi-lo, mais cedo ou mais tarde. Só lhe restava continuar a fugir.

– Vou tentar arranjar uma recomendação para um psicoterapeuta com o médico de clínica geral e marcar uma consulta – disse Candida.

– Não, não faças isso – disse Piers. Só havia uma pessoa com quem ele se imaginava a falar sobre tudo isto. – Eu já conheço uma pessoa. Eu trato disto.

– OK, ótimo. – Candida sorriu e deu-lhe uma palmadinha no ombro, como se ele tivesse acabado de conquistar um certificado de mérito para «o aluno mais esforçado». – Ele tem boas qualificações?

– Ela – disse Piers, perguntando-se se o facto de se ser uma conselheira sentimental numa revista feminina tornava alguém bem qualificado. – Sim, ela já trabalha no ramo há muito tempo. – Não havia dúvidas de que ela trabalhava *num* certo ramo de negócios há muito tempo, só que não naquele que Candida estaria à espera. Contudo, se Iona não fosse capaz de tratar do problema dele por si mesma, deveria conhecer alguém que o fosse.

Em seguida, Piers virou-se para o outro lado na cama e tornou a adormecer.



Martha

Martha estava *dentro do personagem*. Depois de uma das aulas de explicação, antes do seu esgotamento, Piers tinha-lhe sugerido para *fingir até conseguir*. Essa filosofia, tinha-lhe dito, era o segredo para o seu êxito. Disse-lhe que deveria criar outra personalidade – uma com outro nome, inclusive – que fosse tudo o que ela queria ser. Por conseguinte, foi isso mesmo que Martha fez. Chamou-lhe a Outra Martha.

A Outra Martha tinha carradas de amigos. Não porque fosse de uma beleza do outro mundo, mas porque era dotada de uma confiança e de uma presença inatas, e porque não se importava com o que os outros pensavam a seu respeito. Não muito diferente de Iona, a bem da verdade. Na realidade, era bem provável que Iona e a Outra Martha fossem aparentadas. Não como uma mãe e uma filha, uma vez que esse tipo de relações era complicado. Mais como uma tia e uma sobrinha.

A Outra Martha era uma atriz brilhante cujo talento havia sido descoberto quando foi a protagonista na peça da escola e lhe ofereceram mais tarde um papel de destaque numa das novas séries dramáticas da Netflix. Podia inclusive vir para a escola vestida com um saco das compras em vez de um *top*, que ninguém se riria dela. Muito pelo contrário, no dia seguinte toda a malta fixe da escola estaria a usar uns iguais.

A Outra Martha caminhou pela parte central do corredor da escola, de cabeça bem seguida, ao contrário da Martha do costume, que o percorria

encostada à parede, com os olhos cravados nos pés. Toda a gente se desviava para dar passagem à Outra Martha, e as multidões afastavam-se como o mar Vermelho.

Depois, avistou um grupo das raparigas fixas, de cabeças unidas, a conversar furiosas. Assim que ela se aproximou, pararam de falar de forma abrupta e viraram-se de modo a olhar para ela em conjunto, como um grupo de suricatas no Kalahari. *A família dos suricatas está sempre alerta – ao perigo, à comida, a um potencial parceiro para acasalar*, dizia David Attenborough. Não, essa imagem era demasiado fofa. Assemelhavam-se mais a uma Hidra de várias cabeças, o que se encontrava muito além até mesmo das capacidades narrativas de Attenborough.

Logo quando mais precisava dela, a Outra Martha desapareceu envolta numa névoa de fumo, deixando-a ali especada, exposta. Obrigadinha. Já deveria saber que não podia receber conselhos de um homem que, afinal de contas, tinha problemas muito mais graves do que ela.

Cravou os olhos nas escadas à sua frente, e estugou o passo, tentando passar pelos seus algozes o mais depressa possível.

– Ei, Martha! – disse uma delas. Poderia limitar-se a fingir que não tinha ouvido? – Ó, tu! Martha! Já viste o quadro de avisos?

Martha estacou e virou-se para trás.

– Não – respondeu. – Porquê?

– Bom, nesse caso é melhor ires ver, não achas? – disse outra.

Martha considerou ignorá-las, por uma questão de princípio, mas ficou demasiado curiosa, por conseguinte deu meia-volta e encaminhou-se na direção do quadro de avisos da escola.

– Parabéns! – ouviu alguém gritar. Por certo que não era com ela, ou era?

À medida que avançava até junto do quadro, as pessoas afastavam-se e fitavam-na. No entanto, era o tipo bom de olhar fixo, e não aquele a que estava habituada. O modo como poderiam olhar para a Outra Martha.

A lista do elenco estava afixada. Será que lhe tinham atribuído um papel? Susteve a respiração, percorrendo a lista de nomes a partir de baixo. Não constava ali. Também não constava ali. Era por isso que estavam todos a

olhar? Porque sabiam que ela tivera a ousadia de fazer uma audição e estavam à espera de comemorar o seu fracasso?

Martha chegou ao último nome da lista. Mesmo no topo.

Julieta – Martha Andrews

A pessoa que Martha mais queria ver no mundo inteiro era Iona. Em primeiro lugar, porque mal podia esperar para ver a cara dela quando soubesse que Martha não só conseguira um papel, como também tinha conseguido *o papel*. Iona iria ficar tão feliz por ela. Mas também, porque tinha um medo terrível de só ter conseguido o papel *por causa* de Iona. Receava que toda a orientação não tivesse passado de uma espécie de trapaça, e que assim que os ensaios comesçassem, fosse *descoberta*. E dado que tivera duas semanas de ensaio apenas para uma cena, quanto tempo demoraria a aprender a peça inteira?

Será que não deveria confessar desde logo que não passava de uma fraude, e deixar que alguém deveras talentosa ficasse com o papel?

Iona saberia o que fazer. Iona era o tipo de pessoa que nunca padecia de falta de autoconfiança. Nem por um segundo. Sempre se mostrava segura de si e sobre qual era o seu lugar no mundo. Era, sem dúvida, a pessoa de idade favorita de Martha. Depois de David Attenborough. Fariam um ótimo casal, na verdade, se Iona não fosse lésbica, ou casada.

Martha sabia que Iona apanhava o comboio que saía de Waterloo por volta das seis da tarde, por isso só teria que arranjar uma maneira de matar o tempo durante uma hora depois das aulas. Levou a mão ao bolso do *blazer* da escola e sentiu os cantos aguçados de um cartão plastificado roçar-lhe o polegar.

Porque não? Iria dar uma olhadela ao ginásio de Jake. Era exatamente o tipo de coisa que a Outra Martha faria.

Martha esperou junto aos torniquetes que bloqueavam a entrada para a Plataforma 5 durante quarenta e cinco minutos. Durante esse tempo

chegaram e partiram três comboios para Hampton Court, mas não havia nenhum sinal de Iona. Será que não a viu? Não, não poderia ter acontecido isso. Era impossível não reparar em Iona.

Martha sentiu uma tremenda desilusão. Não parava de se lembrar do seu fabuloso triunfo, mas sem ninguém com quem partilhá-lo, era bastante chato. E sem ninguém para tranquilizá-la, afigurou-se-lhe um desafio impossível.

Suspirou, pôs a mochila da escola ao ombro e encaminhou-se na direção da plataforma a fim de apanhar o próximo comboio para casa.



Iona

18h40 De Waterloo a Hampton Court

Iona esgueirou-se para dentro da loja de recordações ao lado da entrada para a plataforma, escondendo-se o melhor que conseguiu atrás do expositor rotativo de postais. Girou o expositor devagar, fazendo de conta que estava a examinar as imagens batidas do Big Ben, dos autocarros de dois andares e das pontes sobre o Tamisa. Por vezes, as três imagens num único postal. Estivera a chover lá fora, por isso a loja cheirava a lã molhada, à persistente transpiração de centenas de turistas e ao odor artificial a pinheiro de um ambientador químico de ar.

Vislumbrou o seu próprio reflexo na montra da loja. Estava com um ar ridículo. Envergava o que Bea descrevia como o seu «fato de Gata das Botas» numa antecipação da sua festa de trinta anos na revista. A festa que viera a revelar-se ser apenas fruto da sua imaginação.

Ainda esta manhã se sentia espetacular com as suas botas de cano alto por cima de umas calças pretas justas, e um casaco de veludo cor de vinho assertoado, indumentária essa rematada por um chapéu Fedora preto.

Indomável. Rodopiara à frente do seu espelho de corpo inteiro que nem o Príncipe Encantado a preparar-se para conquistar o coração da sua Gata Borrallheira. Agora sentia-se como uma vetusta dama de pantomima. A Irmã Feia e Malvada. Um carneiro velho vestido como um cordeiro.

Ridícula, velha e motivo de chacota. *Oh não, não é! Oh sim, é sim!* Espreitou pela porta de entrada da loja, para ver Martha desistir por fim, enfiar o bilhete na máquina, e percorrer a Plataforma 5 em direção ao comboio que aguardava na estação.

– Vai comprar isso? – gritou o empregado da loja para Iona. Esta pousou a miniatura do táxi preto que nem sequer se lembrava de ter pegado e saiu da loja. Depois, voltou a entrar, por breves instantes, e deitou-lhe a língua de fora.

Iona ficou a ver o comboio de Martha desaparecer ao fundo dos carris, e depois embarcou no das 18h40, na Carruagem 4. Um número *par*, coisa mais horrível. Uma carruagem tão familiar e, no entanto, totalmente diferente. Um pacote de batatas fritas vazio e abandonado encontrava-se em cima da mesa à frente dela. Desnecessário agora. Inútil. Perguntou-se se doravante alguma vez sentiria necessidade de apanhar os comboios habituais, na carruagem do costume. E foi então que começou a chorar. Lágrimas silenciosas, escorrendo-lhe pelas faces, sem dúvida arrastando consigo a sua pintura de guerra aplicada com todo o cuidado. Pingando na ponta do nariz e caindo em cima do tampo da mesa de fórmica.

A mulher sentada na mesa em frente à de Iona, que estava a ler uma história ao seu filho pequeno, ergueu a voz alguns tons. «Nunca chegaremos à estação a tempo, Thomas. O que é que vamos fazer?» Virou a página e apontou para a imagem, tentando desviar a atenção da criança do drama da vida real do outro lado da coxia, como se o desespero de Iona pudesse ser nocivo para as crianças de tenra idade.

Iona recordou-se da coluna que escrevera, naquele dia do episódio da uva, sobre todos os fins constituírem um início disfarçado. Estava errada. Alguns fins eram apenas brutal e injustamente definitivos. Amaldiçoou o seu antigo eu com a sua filosofia banal. Nenhum tipo de conversa fiada, mais ou menos abundante, iria fazer qualquer diferença.

As pessoas embarcaram no comboio nas respetivas paragens habituais ao longo da linha, mas pela primeira vez em muitos meses, a maioria dos lugares à sua volta permanecia vazia. As pessoas caminhavam na sua direção, mas tratavam de desviar caminho assim que viam a sua cara,

sentando-se o mais longe que podiam. Ficando de pé, inclusive, em vez de encararem aquela mulher velha cuja vida estava a desabar.

E ninguém disse uma única palavra sequer.



Sanjay

8h19 De New Malden a Waterloo

Sanjay passara algum tempo a estudar a possibilidade de apanhar um autocarro para o emprego a partir de New Malden todos os dias, contudo desistira com relutância dessa ideia, visto que iria acrescentar mais uma hora ao seu trajeto, dependendo das condições do trânsito. Isto significava que todas as manhãs andava a evitar encontrar-se tanto com Emmie como com Iona. Emmie, porque Iona tinha razão. *Estava* tudo acabado, na realidade nem sequer tinha começado, e vê-la ainda fazia sofrer o seu coração. E depois também andava a evitar Iona, pois só de pensar nela fazia com que se sentisse culpado.

Se a sua mãe fizesse uma pequena ideia de que tinha falado com uma mulher de maneira tão ríspida, teria ficado furiosa com ele. Sanjay sabia que precisava de lhe pedir desculpa, mas ainda não descortinara o que raio iria dizer.

Recapitulou, com saudosismo, os dias em que – à semelhança de todos os outros passageiros britânicos normais – não conhecia ninguém e não falava com ninguém no comboio. Havia uma razão prática para a sua tradicional reserva, segundo veio a descobrir: tentar evitar as pessoas durante as viagens habituais acrescentava todo um nível de *stress* indesejado à sua rotina diária.

Viu Emmie várias vezes no decurso dos últimos dias, ao longe. É óbvio que se havia treinado para detetá-la no meio de uma multidão, tal como

uma hiena visando a impala ferida, mas com intenções muito menos maléficas, como é óbvio. No entanto, nunca mais vira Iona. O que era estranho, visto que de uma maneira geral ela era o elemento constante.

Pela primeira vez nessa semana, Sanjay assegurou-se de que apanhava o comboio que Iona costumava apanhar todas as manhãs e dirigiu-se logo à Carruagem 3. Hoje estava determinado a encontrá-la, a pedir-lhe mil desculpas e a explicar que não fora sua intenção dizer-lhe todas aquelas coisas cruéis que dissera, e também que não pensava nada disso a seu respeito. Adorava a maneira como Iona se preocupava com ele e com a sua vida, e tinha toda a liberdade para interferir sempre que lhe apetecesse. Na verdade, iria encorajá-la vivamente a fazê-lo. Precisava da ajuda dela.

Podia dizer a Iona que há meses que não dormia como deve ser e que o *stress* e o cansaço avassalador deixavam-no rabugento e irracional, e foi por isso que descarregou em cima dela. Podia contar-lhe sobre os ataques de pânico e o medo constante de que lhe ocorressem, o que era ainda mais debilitante e extenuante do que os próprios ataques em si.

Talvez Iona soubesse o que fazer. E o mero facto de falar sobre tudo isso podia ajudar. Não queria discutir o assunto com ninguém do emprego, uma vez que isso iria comprovar, sem dúvida, de que não tinha a mínima capacidade de enfrentar a natureza fundamental do trabalho. Ele era um rotundo fracassado. Não admira que Emmie fosse muita areia para a sua camioneta. Homens como o Toby nunca sofriam de ataques de pânico. Muito pelo contrário. É muito provável que tivesse ataques regulares de uma presunção esmagadora.

Encaminhou-se na direção do lugar de Iona. Estava vazio. Na verdade, era o único lugar vago na carruagem. Ficou ali a pairar ao lado dele sem saber o que fazer, como se fosse de alguma forma indelicado sentar-se nele.

– É óbvio que ela não vem – disse uma voz familiar.

– Oh, olá, Piers – disse Sanjay, enquanto se baixava para se sentar, sentindo-se um cortesão presunçoso ocupando o trono vazio. – Acho que nunca o tinha visto de *jeans*. O seu escritório decretou uma indumentária informal para o dia de hoje ou algo do género? – Verificou-se um longo silêncio, antes de Piers acabar por responder, por fim.

- Fui despedido. Bom, consideraram que eu estava a mais.
- Oh, meu Deus. Sinto muito – disse Sanjay, sentindo um constrangimento medonho. Apesar de todos os sentimentos contraditórios que nutria por Piers, não desejaria uma coisa como essa a ninguém.
- Está tudo bem – disse Piers, com ar de quem parecia tudo menos bem.
- Na realidade, já aconteceu há uns tempos. Em janeiro. Há quase três meses que estou desempregado.

Sanjay ficou mudo de estupefação. Todo aquele tempo que viu Piers no comboio, pavoneando-se quanto ao seu êxito e privilégio de branco, ataviado com os seus fatos elegantes e acessórios símbolos de prestígio, Piers tinha sido um *passageiro falso*. Sanjay rebobinou tudo na sua cabeça, examinando a situação de novo por um ângulo diferente. Talvez Piers não tivesse estado, de facto, a ostentar nada. Talvez tivesse sido o que ele quisera ver. Seria tão culpado de estereotipar as situações como todas as outras pessoas? Esse pensamento alojou-se no seu cérebro como uma farpa enterrada na pele.

- Nesse caso, por que motivo é que continuou a apanhar o comboio durante todo este tempo? – perguntou ele.

Piers suspirou. Parecia ter *encolhido* durante aquela semana, desde que Sanjay o vira pela última vez. Desabado em si mesmo como um acordeão depois de lhe ter sido espremido todo o ar. Ou talvez o tamanho também estivesse nos olhos de quem vê.

- Por tantas razões – respondeu ele. – Porque não queria que a Candida e os meus filhos me vissem como um fracassado. Porque não queria ver-me como um fracassado. Mas sobretudo porque achei que seria capaz de resolver a situação. Acontece, que não sou. Só fiz piorar ainda mais as coisas.

Sanjay assentiu com a cabeça, sentindo-se algo desconcertado. Ter-se-ia sentido mais aliviado se Piers lhe tivesse revelado que sofria de cancro testicular. Pelo menos esse era um território familiar, e o cancro testicular apresenta uma taxa média de sobrevivência de 95 por cento ao fim de cinco anos. Era um dos que raramente lhe causava noites de insónia. E, embora não fosse a situação ideal, falando em termos de estética, os homens podiam

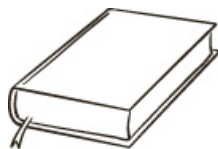
funcionar muitíssimo bem apenas com um testículo. Inclusive isso até tinha um nome: monorquidismo. Não havia muitas pessoas que soubessem disso.

– Para onde é que vai agora? – perguntou Sanjay, que estava a sentir-se apenas um bocadinho culpado por simpatizar muito mais com Piers agora que era óbvio que ele se sentia fracassado e infeliz.

– Só estou aqui porque estava com esperança de encontrar a Iona. Não tenho o número do seu telemóvel, e preciso mesmo de falar com ela porque, bom, porque sim. Na verdade, estava esperançoso de poder contratá-la a nível profissional – disse Piers. – Sabe como é, na qualidade de terapeuta. Por acaso não tem o número dela, tem?

– Não, não tenho. Para ser franco, também andava à procura dela. Onde é que será que ela se enfiou? – comentou Sanjay.

Isto não podia ser culpa dele, ou podia? Era Iona quem andava a evitá-lo, depois de ele ter sido tão indelicado com ela? Ela deveria ter uma carapaça mais grossa do que isso, não deveria?



Emmie

8h08 De Thames Ditton a Waterloo

Emmie tirou o empadão do forno e colocou-o em cima da mesa da cozinha que já havia posto para duas pessoas. Esta receita lembrava-a sempre da mãe. Até era capaz de senti-la de pé ao seu lado a picar as cenouras, a cebola e o aipo. *Tem cuidado com os dedos, Emmie. Ninguém vai querer encontrar um dedo dentro da torta do pastor*²⁴. *A menos que pertença ao pastor. Ah, ah.*

Emmie estava a esforçar-se para comer menos carne, por conta da situação do planeta, mas Toby recusava-se a prescindir dela por completo. Tinha interrogado o açougueiro local a respeito deste borrego, e o homem garantira-lhe que o animal tinha vivido uma vida incrivelmente feliz – ainda que breve –, alimentando-se de erva luxuriante e orgânica num prado do Devon com vista para o mar. Em seguida, sorriu com ironia, o que a fez perguntar-se se o homem não estaria a gozar com a sua cara.

De uma maneira geral, Emmie não tinha tempo para cozinhar do zero durante a semana, mas hoje tinha trabalhado a partir de casa, coisa que começara a fazer cada vez com maior regularidade.

Toby era um adepto incondicional do teletrabalho. Os transportes públicos, segundo ele dizia, eram uma relíquia de uma era pré-Internet. Uma perda de tempo, de energia e de dinheiro desnecessária, para além de serem um impulsionador das alterações climáticas e da poluição.

Quando ele e Bill, o seu sócio, fundaram a empresa de consultoria informática acordaram que um escritório constituiria uma despesa desnecessária. Neste momento tinham mais ou menos vinte cromos da tecnologia a trabalhar para eles, na sua maioria rapazes jovens com péssimo gosto para roupas e uma higiene pessoal duvidosa, mas toda a gente trabalhava a partir de casa, exceto quando se encontravam em pessoa com clientes. A maior parte das reuniões tinha lugar por intermédio de videoconferência e, quando havia necessidade de uma reunião «presencial», alugavam um espaço num dos centros de trabalho comunitário que foram surgindo na zona.

Toby estava sempre em cima do acontecimento.

– Toby! O jantar está pronto! – chamou ela.

– Isto está com um aspeto do outro mundo! – declarou Toby, debruçando-se de maneira a depositar-lhe um beijo na nuca. – Adoro quando não sou obrigado a partilhar-te com o resto do escritório.

Enquanto comiam, Toby contou-lhe uma história sobre um dos seus clientes, que envolvia um sistema informático que começou a funcionar mal de forma misteriosa, um cabo de rede e um cachorrinho da raça *cockapoo*.

– Então, como é que foi o teu dia? – perguntou ele.

– Foi bom – replicou ela. – Só não estou a gostar muito desta campanha de pasta de dentes. Gostaria de me dedicar a algum tipo de trabalho de beneficência, algo mais interessante e mais útil, mas suponho que estou apenas a ser ridícula e idealista.

– Que disparate! – disse Toby, pegando-lhe na mão. – O teu idealismo é uma das coisas que mais adoro em ti. Tenho uma ideia, a bem da verdade. É algo que desde há uns tempos ando a querer conversar contigo.

Emmie olhou para ele, fervendo de entusiasmo que deveria ser contagioso, mas que ao invés a fez sentir um pouco desconfiada. As ideias de Toby podiam ir desde pintar outra vez a casa de banho do piso térreo, a praticar parapente nos Alpes, com todo o tipo de loucuras de permeio.

– Diz lá, então – disse ela.

– Sabes o quanto gostas de não ter que ir para o escritório, não sabes? – disse ele. Isto não era inteiramente verdade. Toby mostrava-se mais

entusiasta com o trabalho em casa do que ela, contudo Emmie não quis estragar o ambiente corrigindo-o. Por conseguinte, assentiu.

– Bom, acho que deverias montar o teu próprio negócio – disse ele. – Despede-te do teu emprego. Não tens futuro nenhum naquela empresa; é óbvio que não te dão o valor que mereces, além de que odeias trabalhar ali. Podes trabalhar a partir de casa como consultora. Posso ajudar-te a começar; já fiz tudo isso antes quando montei o meu próprio negócio: o registo comercial, os assuntos legais e relativos aos impostos. Pensa só! Podias ser a tua própria chefe. Podias escolher os clientes que partilham da tua filosofia. Como eu! Posso ser o teu primeiro cliente! E acabavam-se os reles transportes públicos rumo a um escritório obsoleto. Assim que o dinheiro começar a entrar, podemos construir um escritório em casa ao fundo do jardim. Até lá, podes partilhar o meu. – Toby recostou-se na cadeira e dirigiu-lhe um sorriso radiante.

– Oh – disse Emmie, em total estupefação. É óbvio que Toby tinha pensado em cada um dos pormenores deste plano. Ela não queria na verdade atirar-lhe com um balde de água fria, mas o que ele estava a sugerir era uma enorme mudança.

» Não sei, Toby. O facto é que não odeio nada o meu emprego. Na verdade, adoro-o na sua maioria. São apenas alguns aspetos do trabalho que me deixam incomodada. Gosto de ir para o escritório. Tenho ali excelentes amigos, e inclusive no comboio também. Acho que iria sentir saudades – disse ela, tentando medir e avaliar as palavras e descobrindo que na realidade estava a ser sincera no que dizia.

– Oh, Emmie – disse Toby, olhando para ela como se o tivesse desapontado de verdade. Como se ela não fosse a mulher que ele achava que era. – Não penses tão *pequeno*. Mostra alguma ambição, alguma coragem! Não foi em ti que votaram como «A Rapariga Com Mais Probabilidades de Mudar o Mundo» no baile de finalistas da tua escola? Bom, vai ser muito difícil mudar o mundo nessa agênciazeca, não achas?

Emmie tinha bebido além da conta quando lhe contou essa história. Percebeu que tinha sido um erro, mas não esperava que ele fosse usá-la para instigá-la dessa maneira.

– Achas que o Richard Branson alguma vez disse: «Não tenho como fundar a Virgin Records porque vou sentir saudades de dar dois dedos de conversa com um bando de fracassados junto ao bebedouro de água?» – prosseguiu Toby.

É provável que ele tivesse razão, e era bastante atencioso da parte dele escutar todas as suas lamúrias e importar-se tanto com a sua felicidade, mas Emmie ainda se sentia magoada com a maneira como ele a imitara, com o tom sarcástico da sua voz, e a rejeição despreocupada em relação aos colegas dela. E o que é que o levaria a achar que ela não sairia da cepa torta? Emmie sempre se considerara um êxito. Uma vencedora, inclusive. Será que tinha andado a iludir-se? Será que ele estava a ver alguma coisa que ela não via?

Emmie ficou ali deitada na cama nessa noite, incapaz de dormir, dando voltas e mais voltas à proposta de Toby na sua cabeça. Devia sentir-se lisonjeada e encorajada pela confiança que Toby depositava nela; ao invés, sentia-se uma fracassada, que não era «apreciada» pelos patrões. As palavras que escondera no canto mais escuro e mais recôndito da sua memória continuavam a atormentá-la. *ACHAS-TE TÃO ESPERTA, MAS TODOS NÓS SABEMOS QUE NÃO PASSAS DE UMA FRAUDE*. Convenceu-se a si mesma de que essa mensagem tinha sido escrita por alguém que sentia ciúmes e inveja dela, mas também podia ser que fosse apenas alguém a ser sincero, expressando o que toda a gente pensava de si.

A ideia de criar a sua própria empresa e aventurar-se a dar um salto corajoso no desconhecido deveria ser de facto empolgante, então porque é que se sentia como se o seu mundo não parasse de ficar mais pequeno em vez de ficar maior? Porque é que a mera ideia de não tornar a viajar para a cidade, nem voltar a ver os colegas de trabalho ou o grupo do comboio, a enchia de um tamanho sentimento de perda? Uma ligeira pontada de medo, inclusive? Seria ela uma terrível cobarde?

Era em momentos como esse que Emmie mais sentia falta da sua mãe. Amava o pai, mas antes mesmo de ele se ter mudado para a Califórnia, nunca tiveram o tipo de relação em que partilhavam preocupações e problemas. Desde que a mãe tinha morrido, mantinham um acordo tácito

em tornar qualquer interação o mais alegre que lhes fosse possível, para contrabalançar o desgosto individual de cada um deles.

Emmie sabia ao certo com quem queria falar sobre este assunto, em quem confiava para lhe dar o melhor conselho e o mais sensato também: Iona.

Emmie estava sentada à sua mesa habitual no comboio, mas o lugar à sua frente encontrava-se vazio. Seria apenas uma coincidência, ou será que toda a gente sabia que esse era o lugar de Iona? E aonde é que ela estava? Pensando bem, Emmie já não a via há uns tempos. Nem tão-pouco Sanjay, por sinal.

O comboio chegou a Surbiton e Emmie olhou pela janela para ver se conseguia avistar Piers na plataforma. Também ele não estava ali, e não se lembrava de quando fora a última vez em que estivera. Que estranho. Parecia que estava a viver um filme tipo *Instantes Decisivos*, onde algures num universo paralelo o mesmo comboio corria pelos mesmos carris com todas as pessoas a bordo, exceto ela.

– Emmie? – A voz intrometeu-se na sua visão. – Chama-se Emmie, não é verdade? É amiga de Iona? Eu sou a Martha.

– Oh, olá, Martha. Sim, claro que me lembro de si. *Romeu e Julieta* – disse Emmie.

– Acha que a Iona se vai importar se eu me sentar no lugar dela? – perguntou Martha, saltitando entre um pé e o outro, como se estivesse a pedir um passe de livre-trânsito pelos corredores a um dos seus professores.

– Claro que não! – respondeu Emmie. – Afinal de contas, ela não está aqui. A bem da verdade, não a vejo há séculos.

– Nem eu – disse Martha. – Estou deserta por lhe contar as novidades!

– Pode contar-me a mim? – perguntou Emmie.

– Sim! Consegui um papel na peça. Na verdade, consegui o papel. Julieta – disse Martha com um sorriso rasgado que fez com que parasse de parecer embaraçada de imediato. Na realidade, por um momento, ficou com um ar deslumbrante, como uma jovem Julia Roberts.

– Oh, meu Deus, isso é fantástico! Parabéns! A Iona vai ficar tão orgulhosa de si! – disse Emmie.

– Eu sei! – afirmou Martha. – E preciso mesmo da ajuda dela para aprender o papel, sabe, sendo ela uma atriz profissional e assim.

– Não sabia isso sobre ela – disse Emmie. – Ela esteve na Royal Shakespeare Company ou coisa que o valha?

– Penso que sim – disse Martha. – Seja como for, ela é uma ótima orientadora. Muito melhor do que os nossos professores de teatro.

– Bom, não é o meu caso, receio bem – disse Emmie. – Mas posso ajudá-la com as suas falas, se quiser.

Emmie percebeu que Martha se debatia entre querer aprender o papel, e sentindo-se ao mesmo tempo embaraçada por envolver uma quase desconhecida nesse processo.

– Esse é o guião? – perguntou, apontando para o papel que Martha tinha na mão. Após um ligeiro momento de hesitação, Martha entregou-lho.

– Obrigada – disse ela, com um sorriso tímido. – Pode ser a ama? E eu serei a Julieta, como é óbvio.

– Onde está essa menina? O quê, Julieta! – disse Emmie, achando que isso não fazia grande sentido, mas quem era ela para questionar Shakespeare?

– Aqui estou! Quem chama? – replicou Martha.

– A vossa mãe – disse Emmie.

Iria perder momentos como este se deixasse de andar de transportes públicos. Todas essas interações transitórias, porém, reconfortantes com a miríade de pessoas que faziam parte do seu dia. O empregado de balcão no café da estação, o porteiro do escritório, o vendedor do jornal de rua *Big Issue* com quem dava dois dedos de conversa todas as manhãs. Todos eles faziam com que se sentisse ligada ao mundo que a rodeava, parte de algo maior.

Onde é que você está, Iona?

²⁴ No original *Shepherd's pie*. Prato típico da culinária inglesa, que consiste num empadão que alterna camadas de carne picada com puré de batata e legumes. Pode traduzir-se por torta ou empadão do pastor. (N. da T.)



Piers

8h13 De Surbiton a Waterloo

Uma vez mais, Piers não tivera sorte em encontrar Iona. O comboio chegou à estação de Wimbledon, e ele ponderou a hipótese de desembarcar e regressar a casa, mas uma vez que não tinha mais nada para fazer nesse dia, podia muito bem ficar aqui com a Martha, Emmie e Sanjay até o comboio fazer o transbordo em Waterloo.

Piers sentia-se mais à-vontade com o pessoal do comboio agora que todos eles sabiam a verdade a seu respeito, e grato por parecer que não o julgavam com demasiada severidade. Fê-lo perguntar-se por que motivo permitiu que a mentira o corroesse durante tanto tempo.

Piers olhou pela janela e avistou David por uma fração de segundo, antes de este voltar a fundir-se no meio da multidão. Entrou na Carruagem 3, e encaminhou-se na direção deles, arranjando um lugar à mesa do lado.

– Ei, David, por acaso viu a Iona? – perguntou Emmie, acabando por ser a primeira a dar voz à pergunta que todos tinham debaixo da língua.

– Na verdade, não a vejo há mais de duas semanas – replicou ele. – Estará de férias?

– Tenho a certeza de que nos teria dito caso fosse para fora – disse Sanjay.
– Ela não é exatamente o tipo de pessoa capaz de guardar segredos, pois não?

Os rostos que circundavam Piers exibiam todos várias tonalidades de melancolia. Ocorreu-lhe que cada um deles eram raios individuais de uma roda, mas Iona era o centro, o eixo, e sem ela, o grupo era totalmente desprovido de objetivo, e possuía muito pouca coisa em comum. Se Iona nunca mais voltasse a aparecer, será que eles acabariam, mais cedo ou mais tarde, por deixar de se reconhecer de uma vez por todas? É claro que não. Pelo menos não logo de imediato.

– Acham que ela está doente? – alvitrou Martha. – Quero dizer, uma pessoa pode entrar em declínio com bastante rapidez numa idade avançada como ela. A minha avó frequentava o bingo, aulas de zumba e hidroginástica todas as semanas, depois apanhou uma pneumonia, e duas semanas mais tarde faleceu.

– *Idade avançada?!?* Santo Deus, é provável que a Iona seja dez anos mais nova do que eu. Tenho quase a certeza de que ainda nem sequer fez sessenta anos, embora nunca me tenha atrevido a perguntar, como é óbvio – disse David.

Todos ficaram horrorizados com a mera ideia de perguntar a Iona quantos anos tinha.

– Sinto muito pela sua avó, Martha – disse Emmie –, mas a Iona é uma mulher de fibra e deve ser feita de aço, pelo menos é o que desconfio. Seria preciso *muito* para mantê-la afastada do emprego durante duas semanas. Mais uma razão para ir à procura dela. Só não sei muito bem aonde nem como.

– Quando me sinto insegura em relação a alguma coisa – disse Martha –, limito-me a perguntar-me, *o que é que a Iona faria?*

– Eu também – disse David. – Quem haveria de dizer que acabaria por definir as minhas escolhas de vida com base nos conselhos de uma lésbica excêntrica? No entanto, parece ter dado resultado.

Fez-se um silêncio pesado, enquanto Piers imaginava que todos eles estavam a perguntar-se o que Iona faria.

– Martha, é um génio – disse Sanjay. – Emmie, Piers, lembram-se do dia em que nos conhecemos? Conhecer como deve ser, quero eu dizer. – Eles assentiram com um gesto de cabeça. – Bom, *é isso* o que a Iona faria.

Sanjay pôs-se de pé, parecendo algo nervoso, em seguida inspirou fundo, e gritou.

– SERÁ QUE ALGUÉM AQUI CONHECE A IONA? – perguntou. Centenas de olhos viraram-se para ele.

» É aquela mulher que usa roupas extraordinárias. Eu costumava chamá-la a Senhora Arco-Íris, antes de saber o nome dela – acrescentou Sanjay.

– Eu chamava-lhe a Mulher Desvairada do Cão – disse Piers. – Por causa da cadela dela, *Lulu*, e pelo facto de ser um bocadinho... excêntrica.

– Na verdade, ela é a Senhora da Mágica Mala de Mão – disse Martha –, porque saem mais coisas de dentro daquela mala do que é possível neste universo. E porque tem um *daemon*.

– Ou Muhammad Ali – disse um homem sentado atrás deles, que Piers reconheceu como membro do público de Martha aquando do seu primeiro ensaio para a peça *Romeu e Julieta*. Porquê Muhammad Ali? Piers não era capaz de entender em absoluto essa alcunha, mas cada um com a sua.

– Se souberem de quem estamos a falar, por favor levantem a mão – disse Sanjay.

Uma floresta de mãos ergueu-se no ar.

Piers perguntou-se por um momento como o descreveriam eles. Tinha a certeza quase absoluta de que não seria algo lisonjeiro. E quantas pessoas é que se importariam se ele estivesse desaparecido? É muito provável que nenhuma, exceto talvez Martha. E os seus filhos, como é óbvio.

– Obrigado! – disse Sanjay. – Então, se por acaso viram a Iona nas últimas duas semanas, por favor mantenham a mão no ar.

Uma por uma, todas as mãos foram baixando.

– Alguém tem o número do telemóvel dela? – perguntou Sanjay. Cabeças abanaram e foram murmurados *Não, lamento* como resposta. Sanjay sentou-se, com ar desanimado. – Isto não resultou tão bem como quando a Iona o fez – disse ele.

– Tinha alguma alcunha para a Iona, David? – perguntou Martha. – Antes de a conhecer.

– Sim, na verdade tinha – respondeu ele. Todos se viraram para ele. Até esse momento, Piers tinha-se esquecido de que David estava ali.

– Costumava chamar-lhe «A Mulher No Comboio» – disse David.
– Que... original – disse Piers.
– Eu sei como podemos encontrá-la! – disse Emmie. – Não posso acreditar que tenha sido tão estúpida! A Fizz trabalha com ela. Vou ligar à Fizz.

– Não é a *verdadeira* Fizz, pois não? A do TikTok? – perguntou Martha, com os olhos arregalados, como se Emmie tivesse dito que ia ligar ao Bill Gates ou ao Richard Branson.

– Hum, hum – disse Emmie, procurando um número no telemóvel.

– Olá, Fizz! É a Emmie. Espero que possas ajudar-me. Estou preocupada com a Iona. Nenhum de nós lhe põe a vista em cima há semanas. Sabes se ela tem ido ao escritório?

Todos aguardaram em expectativa, à medida que Emmie proferia palavras como *Não!* e *Não foi? Isso é horrível*, e *Não viste?* Em seguida uma explosão de gargalhadas e um *É mesmo típico de Iona!*

– Fizz? – disse David. – É algum diminutivo para Felicity, ou Fiona? Por certo que nenhum vigário que se preze permitiria que uma criança fosse batizada com o nome de Fizz, pois não?

Por fim, Emmie pousou o telefone e virou-se para eles.

– Bom, está tudo explicado – disse ela, prolongando o suspense de uma maneira absolutamente desnecessária, tal como os jurados faziam no programa *Strictly*²⁵, que Piers só via porque a Candida o obrigava, como é óbvio. E porque algumas das bailarinas eram mesmo muito *sexys*.

– E então? – gritaram todos em coro.

– Ela demitiu-se há quase três semanas – disse Emmie.

– Mas ela adora aquele trabalho – disse Piers. – Não faz sentido nenhum.

– A Fizz disse que o editor dela a convocou para uma reunião. Deixou a porta aberta de propósito, ao que parece, para poder humilhá-la em público. Disse-lhe que iria ter que partilhar a sua coluna com um palerma qualquer de vinte e dois anos... foi a Fizz que disse, não fui eu... chamado Dex, para poder *agitar um pouco as coisas* e arrastá-la *nem que fosse aos berros e a espernear até este século*.

– Imagino que a coisa não tenha corrido bem – disse Piers.

– E não correu – disse Emmie. – Ao que tudo indica, ela chamou-lhe cabrão. Depois disse algo mais ou menos como: *Não, retiro o que disse. Já me deparei com tantos, tantos cabrões no meu tempo, e todos eles pelo menos demonstraram algum grau de charme e interesse. Alguns até foram verdadeiras espetaculares, para ser franca. Chamar-te cabrão seria um tremendo desrespeito por todos os cabrões que conheço. Tu não passas de um ignorante do CARALHO.* E dito isto saiu porta fora. E depois a Fizz também saiu porta fora, uma vez que só ali estava porque adora a Iona.

Regra geral, a carruagem costumava estar bastante sossegada, com a exceção óbvia da mesa de Iona, mas neste momento o silêncio era tal que podia ouvir-se um alfinete a cair no chão. Não havia o restolhar dos jornais, o som metálico da música abafada emitida pelos auriculares nem o ruído de aclarar as gargantas. Parecia que toda a gente estava a ouvir com atenção a história da explosão de Iona.

– Cum caraças – disse Sanjay. – A Fizz tem o número dela?

– A Iona foi obrigada a devolver o telemóvel, uma vez que era o telefone do trabalho – disse Emmie. – A Fizz tentou obter o número de telefone da casa dela através dos Recursos Humanos, mas eles recusaram-se a dar-lho, alegando proteção de dados.

– Maldita regulamentação da proteção de dados – disse Piers.

– Na verdade, ela existe por uma excelente razão – disse David.

– E então, agora fazemos o quê? – perguntou Martha.

– Acho que devemos começar por aquilo que *sabemos de facto* – disse David. – Toda a gente olhou para ele estupefacta. – O que sabemos – prosseguiu ele, parecendo aumentar de estatura à medida que a sua confiança se consolidava, agora que estava no uso da palavra –, é que ela mora algures perto da estação de Hampton Court. Por conseguinte, porque é que não nos encontramos todos lá no sábado, digamos, às dez da manhã, no café junto à estação, para tentarmos localizá-la? Eu vou tratar de fazer uma lista de todos os cafés, restaurantes e lojas locais que ela possa frequentar, e depois podemos dividi-los entre todos e perguntar se alguém a conhece.

– É uma excelente ideia, Paul – disse Piers.

– David – corrigiu David. Piers recriminou-se e mordeu a língua. Porque é que estava sempre a esquecer-se do nome dele? D.A.V.I.D. Parecia escorregar-lhe da memória como se fosse óleo, sem nunca se fixar.

– Posso imprimir uma foto dela retirada da Internet... se bem que a maioria delas seja bastante desatualizada... e podemos mostrá-la às pessoas, tal como fazem no *Crimewatch*²⁶ – disse Piers.

– Podemos consultar o *website* da Royal Shakespeare Company – disse Emmie. – Pode ser que eles tenham alguma fotografia dos tempos em que ela atuava.

Piers olhou em volta para todos os raios da roda, agora girando com eficiência e avançando a bom ritmo, e sentiu-se bastante feliz por ser um deles.

²⁵ Abreviatura de *Strictly Come Dancing*, um programa emitido pela televisão britânica, em que celebridades dançam com parceiros de dança profissionais. (N. da T.)

²⁶ Programa produzido pela BBC e emitido semanalmente entre 1984 e 2017, centrando-se na reconstituição de crimes por resolver com a participação do público. (N. da T.)



Iona

Se uma árvore cair numa floresta e ninguém estiver por perto para ouvir, será que emite algum som? Se uma pessoa não tiver emprego, e não tiver nenhum salário, será que tem algum valor?

Sem dúvida de que Iona se sentia inútil. Então era assim? Seria este o fim da sua vida produtiva? Iria passar os próximos trinta anos a ver reposições do filme *Countdown* em pijama de flanelaxadrezado, a espiar os vizinhos e a beber o vinho para cozinhar numa chávena de chá?

Tempos houve em que teria salivado com a mera ideia de estar três semanas afastada do emprego. Adorava a ideia de ficar a preguiçar na cama até tarde, de ter a oportunidade de ler romances, de viajar, de se mimar e de satisfazer os seus próprios desejos. Contudo, três semanas sem fim à vista era uma perspetiva completamente diferente. Parecia-lhe simples e vazia. Interminável. Sem sentido.

Iona tentara criar uma espécie de rotina: pequeno-almoço às oito da manhã, passear o cão às oito e trinta, Jane Fonda às dez da manhã, chá com a Bea às quatro da tarde, seguido pelo concurso com aquele simpático apresentador Richard Osman, *et cetera*, mas a monotonia repetitiva de cada dia já estava a desmoralizá-la. Como é que se sentiria daqui a três meses? Três anos? Três décadas?

Sentia saudades dos amigos do comboio, que se haviam tornado uma parte muito importante da sua vida. Chegou inclusive a considerar a

hipótese de apanhar o comboio à hora habitual, só para poder recriar parte desse sentimento de conexão. Mas que tipo de maluco é que ia de transportes públicos até à cidade todos os dias sem um emprego para onde se dirigir?

Iona perguntou-se se se sentiria diferente quanto ao facto de estar desempregada se ela e a Bea tivessem tido filhos. Seria capaz de pôr de lado as suas próprias ambições com mais facilidade, canalizando toda a sua paixão e energias para ajudar a próxima geração a prosperar? Talvez fosse. No entanto, bastava olhar para David, todo ele perdido e carente no seu ninho abandonado. Se calhar ter filhos só adiava, acentuando depois, a sensação de vazio e de inutilidade.

Jane Fonda continuava a transmitir instruções, apesar do facto de Iona ter parado de ouvi-la há já algum tempo. *Sente o ardor!*, gritava Jane para Iona, que não era capaz de sentir mais nada a não ser dormência.

Iona já estivera assim deprimida uma vez, e as imagens dessa altura – outubro de 1991, aquelas que conseguira manter reprimidas durante décadas – não paravam de persegui-la. Punha-se a lavar os dentes quando, assim do nada, a recordação de um molar solto, rolando-lhe dentro da boca, e o travo férreo do sangue surgia de novo. Começava a escavar um canteiro de flores quando era acometida por uma dor no flanco – não uma dor nova, mas a recordação de costelas partidas, pontapeadas pela biqueira de aço de uma bota. A pior altura era à noite, quando toda aquela cena se repetia nos seus sonhos. Iona, estendida na sarjeta de Old Compton Street, no Soho, a abrir os olhos e a ver beatas de cigarro descartadas, um invólucro de uma barra de chocolate *Bounty* e o padrão silencioso de arco-íris criado pela luz do candeeiro de rua sobre uma mancha de óleo de motor derramado.

Tinha saído da festa por breves instantes para fumar um cigarro. Não que fosse proibido fumar no interior nessa época, mas porque tinha prometido a Bea que iria parar de fumar. Ainda hoje, não sabia se eles ficaram à sua espera de propósito, ou se tinha sido um ataque oportunista – fosse como fosse, o resultado era o mesmo.

– Fufa nojenta! Puta machona! – gritaram-lhe eles do outro lado da rua. Iona estava habituada às ofensas verbais – o lado obscuro da sua fama cada

vez maior. Virou-se a fim de encará-los, com o cigarro numa das mãos, e depois ergueu devagar e de maneira intencional o dedo médio da outra. Esse foi o rastilho de pólvora.

Não se lembrava de como tinha acabado estendida no meio da rua, mas lembrava-se de sentir o asfalto frio e duro sob a sua face, e os pontapés que lhe choviam sobre as costas, o maxilar, o abdómen. Lembrava-se de se enrolar num novelo, fechando os olhos com toda a força, desejosa de que tudo isso terminasse. Lembrava-se de ouvir os fechos das braguilhas a abrir-se, e depois o cheiro amoniacal da urina, o som desta a chapinhar à sua volta acompanhada por gargalhadas alarves e o calor húmido do fluido entranhar-se no seu lindo vestido de seda que pedira emprestado a Christian Lacroix.

Depois, os gritos de Bea. O quanto quis dizer-lhe para voltar para dentro, para se manter em segurança, mas a sua boca estava cheia de sangue e de dentes, e sentia o maxilar deslocado.

– Já chamei a polícia, grandes filhos da mãe! – berrara Bea. – Deixem-na em paz! – E deixaram, mas não sem antes chamarem à querida e lindíssima Bea nomes que nem mesmo o seu subconsciente suportava recordar.

E então Bea ajoelhara-se na rua ao seu lado, deslizando as mãos sob a sua bochecha para mantê-la longe do frio, tomando cuidado para não a mover antes da chegada da ambulância. Ouvira Bea implorar aos transeuntes por um casaco de modo a pôr fim aos violentos tremores de Iona. Sentira Bea a segurar-lhe a mão na ambulância, sussurrando-lhe palavras de conforto ao ouvido, enquanto lhe injetavam abençoados medicamentos para lhe tirar as dores e arrancá-la à realidade.

– Eu disse-te que fumar fazia-te mal, não disse? – exclamara Bea, afagando-lhe o cabelo. Iona fizera um esforço para se rir antes de mergulhar no bem-aventurado vazio.

Nessa altura também se havia demitido da revista, aterrorizada por ter que se aventurar às claras de novo no mundo, preferindo ater-se à segurança das sombras. Nessa altura, tinham-se mostrado desesperados para que ela regressasse, mandavam-lhe flores todos os dias, cartões e delegações dos elementos mais persuasivos do pessoal com promessas de aumentos de

salário e bónus, e um motorista – Darren – para levá-las às festas e trazê-las de volta, certificando-se de que se mantinham em segurança no casulo forrado a couro do elegante e sofisticado *Mercedes-Benz*.

Tinha sido Bea quem conseguira reerguê-la, claro.

– Se te entregares, eles vencem, querida – dissera-lhe. – Eles querem que sejamos pequenas, portanto temos que levantar-nos e manter a cabeça erguida. Querem que sejamos invisíveis, por conseguinte temos que ser vistas. Querem que fiquemos caladas, por isso temos que ser ouvidas. Querem que nos rendamos, portanto temos que lutar.

E foi o que fizeram, lutaram. Lutaram pela igualdade da idade de consentimento sexual, para acabar com a proibição das pessoas *gay* prestarem serviço militar e pela revogação da Cláusula 28²⁷. Marcharam com o Orgulho *Gay* e fizeram campanha pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo. E Iona também venceu a batalha contra a nicotina. Nunca mais voltou a fumar, sobretudo como resultado de ter o maxilar preso com ferros durante várias semanas.

Mas como é que podia lutar agora? Qual era o inimigo que estava a combater, afinal? A Mãe Natureza? A passagem do tempo em si? O seu próprio corpo, traiçoeiro e deteriorado?

Não podia resolver este problema pressionando deputados, desfilando em manifestação rumo ao Parlamento, distribuindo panfletos pela vizinhança ou assinando petições. Não era capaz de resolver este problema de maneira nenhuma. Nem tão-pouco o seria a sua querida e corajosa Bea.

²⁷ Designação legislativa para uma série de leis na Grã-Bretanha que proibia «o incentivo da homossexualidade» por parte das autoridades locais. Implementada pelo governo conservador de Margaret Thatcher, manteve-se em vigor entre 1988 e 2000 na Escócia e 2003 em Inglaterra e País de Gales. (*N. da T.*)



Sanjay

9h10 De New Malden a Hampton Court

Assemelhava-se muito à sua manhã habitual, mas, ao mesmo tempo, era muito diferente.

Para começo de conversa, era mais tarde do que de costume, e em segundo lugar, dirigia-se para sul de New Malden, passando por estações que de uma maneira geral não chegava a ver: Berrylands, com um nome enganadoramente bonito, uma vez que não parecia haver ali muito mais do que a estação de tratamento de esgotos, e Surbiton. E as pessoas no comboio também eram diferentes. Nada de fatos completos nem ar de *stress* subjacente, apenas roupas confortáveis, entusiasmo fervilhante e imensas crianças barulhentas. Viajantes diurnos.

Sanjay estava com receio de não conseguir chegar a tempo. Se calhar induzido pelo pai, que sempre chegava à conclusão no último minuto de que se esquecera de algo vital, o que significava que muitas das recordações que Sanjay guardava da infância envolviam toda a família espremida dentro de um carro parado à espera dele, enquanto a mãe consultava o relógio com obsessão, e depois todos chegavam tarde à cerimónia de casamento, ao desafio de futebol, ou à cerimónia de entrega de diplomas da escola. Em resultado disso, apanhou um comboio muito mais cedo do que o necessário, e não vira nenhum dos outros membros do grupo.

O comboio parou em Thames Ditton. E lá estava ela! Talvez também costumasse chegar vinte minutos mais cedo antes de cada viagem. Mais outro indício de que foram feitos um para o outro. Podiam passar o resto das suas vidas tendo alguém com quem conversar sempre que chegavam cedo a uma festa, coisa que já estava fora de moda.

– Olá, Sanjay! – disse ela. Trazia um livro na mão, como de costume.

– Olá, Emmie! Também chegou adiantada – disse ele. – Algo nela fazia com que ele constatasse sempre o óbvio. Sanjay fez um gesto com a cabeça na direção do livro. – O que é que está a ler?

– *A Rapariga No Comboio* – respondeu Emmie.

– Ah! Que coincidência! – exclamou Sanjay.

– Porquê? – perguntou Emmie.

– Hum, porque você é uma rapariga num comboio – disse ele.

– Pelos vistos – replicou ela, olhando para Sanjay como se ele fosse um bocadinho idiota, coisa que sem dúvida era.

– Por falar em livros, isto é como fazer parte de um romance de Agatha Christie, não é? Tão empolgante! – disse ela, batendo literalmente as palmas.

– Desde que não se transforme em *Um Crime no Expresso do Oriente* – disse Sanjay.

– Exato! – disse Emmie. – Na realidade, creio que é a antítese do *Expresso do Oriente*. Quero dizer, nessa história, todos os passageiros do comboio têm uma razão para matar uma das personagens, mas no nosso caso, julgo que todos temos as nossas razões individuais para querer encontrá-la.

– Eu tenho – declarou ele, antes de se arrepender das palavras proferidas. – E você?

– Também – replicou ela, com um ar inseguro, o que não era habitual nela. – Preciso de tomar uma decisão importante, e gostaria imenso de conversar sobre isso com a Iona. E você?

– Hum, preciso de lhe pedir desculpas, na verdade. Fui indelicado com ela há pouco tempo, um gesto imperdoável da minha parte.

Sanjay mal conseguia acreditar que estava a ser tão estúpido. Estava ali a pintar um quadro que não o favorecia em nada, não estava? O tipo que era mal-educado com as senhoras de idade.

– Fico feliz por tê-lo encontrado de novo, Sanjay. Senti saudades suas – disse Emmie.

Ela sentiu saudades dele!

– Senti saudades de todos vocês.

Afinal, não era assim tão especial quanto isso.

– Há séculos que deixei de o ver no comboio. Comecei a pensar que andava a evitar-me de propósito! Em seguida, a Iona também desapareceu, e depois o Piers, e era como se fosse a protagonista de *No Início, Eram Dez...*²⁸, na qualidade de uma das últimas vítimas.

– Oh, estive a fazer os turnos da noite durante uns tempos – disse ele, o que era verdade, mas não, é claro, toda a verdade. – E suponho que já tenha sabido do que aconteceu com o Piers, não? – Emmie assentiu com um aceno de cabeça.

– O que só vem provar que nunca se sabe na realidade o que se passa dentro da cabeça das outras pessoas, não é verdade? – disse Emmie.

A bem da verdade, Sanjay achou uma sorte que Emmie não conseguisse ver o que se passava dentro da sua cabeça. Jurou não voltar a evitá-la de futuro. Era indiferente se não estivessem destinados a ficar juntos. Poderia aprender a aceitar isso. O que gostaria mesmo é que fossem amigos. Só precisava de aprender a deixar de a imaginar nua. Ugh, acabara de fazê-lo de novo.

– Chegámos! – disse Emmie. O comboio pareceu expirar à medida que estremecia até parar. – Vamos tomar um café enquanto esperamos que cheguem os outros?

– Claro – disse Sanjay, dirigindo preces ao Universo para que houvesse uma falha de sinal que impedisse a chegada de mais comboios a Hampton Court nas próximas uma ou duas horas. Porque é que os comboios sempre se atrasavam quando se tentava chegar a algum lugar com urgência, e isso nunca acontecia quando se tinha esperança de obter mais alguns minutos de privacidade com a rapariga por quem se estava apaixonado em segredo? Sanjay apressou-se a corrigir-se de imediato: *a rapariga que queria conhecer melhor na qualidade de amiga platónica.*

– Pode pôr-me a par dos preparativos para o casamento – disse ele, apercebendo-se à medida que as palavras lhe saíam da boca que estas não passavam de uma forma de autoflagelação. Mais valia mergulhar logo a sua própria mão em água a ferver.

Havia uma mesa vaga no passeio do lado de fora do café, onde era possível ver-se bem a saída da estação – o lugar perfeito para esperar pelos outros.

– Emmie, porque é que não guarda a mesa? – perguntou Sanjay. – Eu ofereço-lhe um café. O que é que gostaria de beber?

– Um *cappuccino* com leite de soja, por favor – disse ela. – Mas será que pode confirmar se o café é de comércio sustentável? Se não for, prefiro beber um chá verde.

E essas, afinal de contas, foram as últimas palavras que ouviu da boca dela, visto que quando saiu do café, trazendo dois *cappuccinos* idóneos e uma fatia de pão de banana feito com bananas de comércio sustentável – isto porque quem é que não gostava de pão de banana? – Emmie tinha desaparecido.

²⁸ Romance da autoria de Agatha Christie que inicialmente teve o título de *Os Dez Negritos*, tendo sido substituído depois pelo atual por ser considerado racista. (N. da T.)



Piers

9h45 De Surbiton a Hampton Court

A vida de Piers melhorara de maneira substancial desde *a manhã perdida*, como gostava de pensar nela, porque fazia com que parecesse quase romântica, em vez da realidade aterradora.

Candida entrara em cena e assumira o controlo de tudo, e agora ele limitava-se a deixar-se ir com a corrente e a fazer o que lhe mandavam. Afinal de contas, tal como ela salientara com brutalidade, porém num tom de voz gentil, ele *só fez asneiras ao tentar resolver o problema sozinho*.

Candida restringira o dinheiro que sobrou da indemnização e investiu-o num produto de poupança bastante seguro e com taxas de juro reduzidas. Piers tentou sugerir algo com um rendimento um pouco mais elevado, mas ela limitara-se a fulminá-lo com um dos seus olhares característicos.

Convencera a escola de Minty e o jardim de infância de Theo, em reuniões que descreveu como sendo *necessárias, porém humilhantes*, a prescindir das últimas mensalidades desse ano letivo, conseguindo-lhes alguma margem de manobra para decidirem o que fazer no futuro.

O *Porsche* foi à vida, como é óbvio, e ela vendeu o cercado para cavalos ao vizinho do lado que já andava a cobiçá-lo há anos. O pônei de Minty foi realojado na escola de equitação local, que o recolheu e o alimentava de graça, desde que os seus alunos pudessem montá-lo sempre que Minty ali

não estivesse. As receitas da venda do cercado amortizaram uma grande fatia da hipoteca da casa. E, por fim, Candida aceitou que realmente a sua boutique era um sorvedouro de dinheiro, e não uma fonte de lucro, e encontrava-se em processo de venda a uma amiga com um marido tão rico e tão burro como Piers fora em tempos.

Candida começou a liquidar todas as contas que Piers guardava às escondidas na gaveta das meias, a quitar a dívida do cartão de crédito sempre que possível, e deu a Piers uma mesada para os gastos pessoais. Piers aceitou ser tratado como o terceiro filho da sua mulher. Afinal de contas, merecia-o. Mentira-lhe durante meses e colocara todo o seu estilo de vida em risco. E por mais estranho que possa parecer, foi relaxante entregar todos os vestígios de responsabilidade a outra pessoa, como se estivesse a regredir até uma infância segura e protegida que nunca teve.

A plataforma da estação encontrava-se muito mais tranquila do que a um dia de semana, por conseguinte foi fácil para Piers avistar Martha.

– Martha – disse ele. – Ainda bem que consegui apanhar-te sozinha. Queria agradecer-te, em privado. A Candida contou-me o que fizeste naquela manhã. Eu próprio não me lembro de grande coisa. Deve ter sido deveras assustador para ti. Sinto muito. Espero que saibas que eu nunca teria... – Piers deixou a frase em suspenso.

– Claro – disse Martha, que estava com um ar de quem não acreditava nada no que ele estava a dizer. – Não tem de quê, a sério. Fico muito contente por estar bem. *Está* bem, não está?

– Claro que sim! – disse Piers, com muito mais certeza do que aquela que sentia. – Na verdade, adoraria recomeçar as nossas aulas de explicações, se ainda estiveres interessada. Preciso de algo útil onde empregar o meu tempo!

Martha abriu um sorriso e assentiu. À medida que o comboio se aproximava, Piers encontrava-se a vários metros de distância da borda da plataforma. Quando parou, viram David através dos vidros grossos e parcialmente opacos das janelas.

Piers sabia que o nome dele era David, visto que, determinado a não voltar a esquecer-se dele, escrevera *David* em letras pequenas na parte

interior do pulso com uma esferográfica, onde se encontrava oculto pelo punho.

– Olá, David – disse ele, com confiança.

– Piers! Martha! – chamou David. – Guardei-vos lugares, e vejam só! – David puxou a mochila que se encontrava no banco do lado para mais perto de si e tirou lá de dentro uma garrafa térmica e alguns copos de plástico. –

Aproveitei uma dica que me deste, Martha, e pensei para com os meus botões, *o que é que a Iona faria?* Daí, as bebidas! – Serviu três copos de chocolate quente fumegante, parecendo tão orgulhoso como alguém que apresenta a sua melhor obra aos jurados do *Bake Off*²⁹. – Espero que a tua mãe não se tenha importado por teres vindo hoje, Martha – disse ele.

– Imagino que tenha ficado delirante por ela e o namorado poderem andar nus pela casa a namorar a manhã inteira – disse ela. – Disse-lhe que me ia encontrar com uns quantos rapazes deslumbrantes, mas perigosos, no parque.

– A sério? – exclamou David, com um ar algo chocado. – Não lhe disseste que vinhas ter connosco?

– Credo, não. Ela já acha que eu *não sou uma adolescente normal*. Se lhe dissesse que ia passar o dia com um bando de gente de idade para tentar localizar uma conselheira sentimental desaparecida, ela ia logo a correr para o telefone marcar uma consulta com o psicólogo infantil – disse Martha. –

Ela preferia, de longe, que eu andasse por aí a fumar erva e a fazer sexo mesmo sendo menor de idade.

– Ela não é conselheira sentimental, é terapeuta editorial – disse Piers com uma piscadela de olho –, e muita calma com essa cena de *gente de idade*. Eu nem sequer fiz quarenta anos, e o Sanjay e a Emmie ainda estão na casa dos vinte!

– Pode achar que é praticamente embrionário, mas, deste ponto de vista – disse apontando para si mesma –, é velho. Desculpe. Além de que você é o tipo de pessoa sobre quem nos avisam para nunca entrar no carro, mesmo que ofereça rebuçados.

– Tens mesmo a certeza de que não preferirias passar o teu tempo com uns quantos rapazes deslumbrantes mas perigosos no parque? – perguntou

Piers. – Deves achar-nos a todos bastante chatos.

– Prefiro passar o tempo com adultos, para ser franca – disse Martha. – Conversar com adultos é fácil. Conheço as regras. *Estender a mão e apertá-la com firmeza e confiança. Apresentar-me. Estabelecer contacto visual. Evitar tópicos controversos e não dizer palavrões.* Simples. E eles tendem a gostar de mim de verdade. Conversar com outros adolescentes é *muitíssimo* mais complicado. Para começar, não podemos aproximar-nos e meter conversa com ninguém. É preciso saber o lugar de cada um na hierarquia em comparação connosco... e eu encontro-me quase na cauda da lista. Depois, mesmo que *possamos* falar com eles, é preciso entrar na conversa a modos que sem parecer demasiado entusiasmados, e é necessário conhecer todas as referências e a linguagem certas. Que passam a vida a mudar. Trata-se de um campo minado.

– Valha-me Deus – disse Piers. Será que todas essas regras já existiam quando ele andava na escola? Talvez existissem, e ele se limitasse a entendê-las baseado no instinto.

Avistaram Sanjay assim que saíram da estação de Hampton Court. Estava a articular algo em silêncio e para si mesmo, que se assemelhava bastante a *alumínio, silício, fósforo*, mas é claro que não era isso, pois não?

– O que foi que disse, Sanjay? – perguntou Piers.

– Uh, nada – respondeu Sanjay.

– Então, já só falta a Emmie – disse Piers – para o grupo todo ficar completo. Podemos ser os Cinco. Eu serei o Julian³⁰.

– Não, você faz mais o género do Dick³¹ – disse Martha. Piers tinha quase a certeza de que ela falou com carinho e boa intenção. Mas não tinha a certeza absoluta.

– A Emmie desapareceu – disse Sanjay, cabisbaixo e com ar desamparado.

– O que é que quer dizer com isso? Desapareceu como? – perguntou David.

– Quero dizer que num minuto estava aqui, sentada àquela mesa ali adiante enquanto fui buscar-lhe um café. Depois, quando regressei, ela tinha desaparecido – disse ele.

– Oh, céus. Hoje era suposto encontrarmos pessoas, e não perdê-las. Disse alguma coisa que pudesse ofendê-la? – perguntou Piers.

– Não, claro que não disse – gritou Sanjay, parecendo ele próprio terrivelmente ofendido.

– Desculpe – disse Piers. – Acontece que este tipo de coisa sucedia comigo o tempo todo quando tinha a sua idade. As raparigas passavam a vida a lembrar-se de que tinham um compromisso urgente com uma amiga na casa de banho das senhoras, ou que precisavam de fazer um telefonema ou ir buscar outra bebida.

Sanjay murmurou mais alguma coisa em voz baixa, que se assemelhou bastante a «Aposto que sim».

– Por sorte, havia sempre outra rapariga para preencher a lacuna. Ah, ah. Por norma, uma ainda melhor. Adiante, não tem o número do telemóvel da Emmie? – perguntou Piers.

– Não, não achei que fosse precisar, não é óbvio? – disse Sanjay. – Uma vez que ela estava sentada *logo ali*. – Fez um gesto apontando para a mesa da esplanada junto deles.

– Não vamos discutir, pessoal, tenho a certeza de que ela vai acabar por aparecer – disse David, que era o líder de grupo mais improvável, mas... na ausência de Iona... parecia ter assumido esse papel. – E, entretanto, se quisermos ser bem-sucedidos, precisamos de nos manter unidos.

²⁹ Concurso da televisão britânica, em que os concorrentes apresentam as suas criações culinárias de todo o tipo de bolos, doces e pães para serem avaliadas pelos jurados. (N. da T.)

³⁰ Alusão à coleção de livros infantojuvenis de mistério e aventura da autora inglesa Enid Blyton, publicados entre 1942 e 1963. (N. da T.)

³¹ Trocadilho impossível de traduzir, uma vez que o diminutivo do nome da personagem em inglês é Dick, que tal como já referi antes possui um duplo sentido. (N. da T.)



Martha

Martha esperava do fundo do coração que não demorassem a encontrar a Iona, uma vez que sem ela, todos os outros adultos pareciam não fazer outra coisa a não ser discutir e desaparecer. Sempre acreditara que os adultos sabiam todas as respostas, e que apenas ela tentava navegar pela vida sem o indispensável manual de instruções. No entanto, estava a ficar cada vez mais óbvio que eles se encontravam muitas vezes perdidos, tal como ela. Não sabia ao certo se devia achar isso tranquilizador ou aterrador. Será que toda a gente fazia *bluff*?

David trazia uma mochila, o que era a antítese em termos de acessórios da mágica mala de mão de Iona, e deve em tempos ter pertencido à sua filha, uma vez que exibia um autocolante onde se lia «Adoro os Backstreet Boys» e uma foto de uns tipos que pareciam ser os One Direction, mas com cortes de cabelo medonhos. Ele enfiou a mão dentro dela e tirou umas quantas folhas de papel fotocopiadas.

– Pois então – disse ele. – Elaborei uma lista de todas as lojas, cafés e restaurantes locais. Cada um de vocês tem uma parte diferente sublinhada. Com um pouco de sorte, não iremos precisar também da lista da Emmie, mas se precisarmos, e ela continuar sem aparecer, poderemos dividi-la entre nós. Piers, tem as fotografias consigo?

David fez passar as suas folhas de papel, cada uma delas com os nomes de todos escritos no cabeçalho em letras de imprensa, a par de uma das fotos

impressas que Piers trouxe. Tudo o que precisava de fazer era entregar a todos um mapa, uma bússola e umas calças impermeáveis, e seria tal e qual como a excursão de orientação que Martha tinha feito na última visita de estudo da escola.

Martha observou a fotografia de Iona com atenção. Era bastante mais nova, toda aperaltada para algum evento da moda, com pestanas postiças extravagantes que se assemelhavam a centopeias superalimentadas, e uma tiara a sério. No entanto, era indiscutível que era ela. Sobreposta debaixo da axila de Iona havia uma fotografia de um buldogue francês, tirada de um outro sítio qualquer da Internet. Piers não acertara muito bem nas proporções, e a falsa *Lulu* exibia mais ou menos o tamanho de um labrador avantajado.

– Vamos ao primeiro local da lista juntos – sugeriu David. – Dessa forma podemos acordar a melhor técnica a seguir. Estou com esperança de conseguirmos encontrá-la até meio da tarde!

Seguiram David até ao café e ficaram desajeitados atrás dele como um coro de apoio inverosímil e discordante, quando ele se dirigiu ao balcão.

– Com licença – disse ele. O dono do café estava com um ar algo desconfiado. É muito provável que tenha pensado que David era um inspetor de higiene alimentar. Não restavam dúvidas de que parecia isso mesmo. – Andamos à procura de uma pessoa e estávamos com esperança de que pudesse ajudar-nos. – David entregou-lhe uma das fotos.

– Oh, é a Iona! – disse o dono do café. – Se bem que a *Lulu* parece ter engordado um bocado. Mas quem sou eu para dizer alguma coisa a esse respeito! – Deu uma palmadinha no estômago saliente que o avental branco mal cobria.

– Com a breca, isto é que foi uma sorte. Que estupendo! – disse David, que por vezes se assemelhava a um apresentador de programas infantis da TV do tempo da Maria Cachucha. – Sabe onde é que ela mora?

– Algures perto do rio – disse o gerente. – O dono da tabacaria aqui do lado costuma entregar-lhe os jornais. Ele deve saber a morada exata. – Fez uma pausa e semicerrou os olhos encarando David. – Você não é um oficial de justiça ou coisa do género, pois não?

– Não, não. Somos amigos. Só estamos preocupados com ela – respondeu David.

– Não é com a Iona que devem preocupar-se – disse o gerente. – Ela é indestrutível. Mas sim com a Bea.

Martha preparava-se para perguntar por que motivo deviam preocupar-se com a Bea, mas David, revelando uma notável falta de curiosidade, já começava a encaminhar-se para a porta. Ele não era, com toda a certeza, Hercule Poirot.

David seguiu o mesmo procedimento com o dono da tabacaria, que sacou de um grande livro-caixa, pousando-o em cima do balcão. Percorreu o abecedário até chegar à página identificada como «I» e foi passando o dedo pelos nomes. O dedo deteve-se perto do final da página, e o homem observou-os por cima dos óculos de leitura.

– Na verdade, tenho a morada dela – disse ele. Todos se inclinaram para a frente. – Mas receio bem que não possa facultá-la. Proteção de dados, e tudo isso. Lamento. – Fez uma pausa, com o dedo ainda pousado na página, olhou diretamente para Martha e esta teve quase a certeza de que ele *piscou um olho*. Bateu com o dedo duas ou três vezes em cima da folha, depois fechou o livro com toda a força e voltou a arrumá-lo debaixo do balcão.

– Maldição e dupla maldição – disse David, assim que saíram da loja. Martha estava capaz de jurar que isso foi o mais próximo que David esteve de praguejar. – E logo quando eu começava a pensar que ia ser fácil.

– É Riverview House, Hurst Road – disse Martha. – Todos eles ficaram a olhar para ela espantados. – Aprendi a ler com rapidez as coisas de pernas para o ar, para poder saber o que o psicólogo infantil pensava de facto a meu respeito. Não foi nada bonito, para ser franca. No entanto, conhecimento, segundo dizem, é poder.

– Bom, não me parece que seja lá muito ético – disse David –, mas suponho que os fins justificam os meios.

David inseriu o endereço no seu telemóvel, e começou a fazer o que as pessoas de idade fazem com o Google Maps, andando ali às voltas de um lado para o outro em círculos, fitando o ecrã do telemóvel, tentando descobrir para que lado devem dirigir-se.

Ele acabou por segurar o telefone ao alto, e todos o seguiram, como um bando de turistas numa excursão. Passados mais ou menos dez minutos, encontravam-se espedrados à frente da porta de casa de Iona.

Era uma vivenda tradicional – antiga e excêntrica, mas em bom estado de conservação, muito à semelhança de Iona. Através dos vidros da janela de pinázios da frente da casa, Martha viu uma sala de jantar forrada a painéis de madeira com uma lareira aberta, um piano vertical e um lustre de cristal pendurado no teto. Martha achava que as pessoas já não tinham salas de jantar. Possuíam ilhas nas cozinhas, bancadas e encomendavam comida *online*.

David tocou à campainha, e ouviram *Lulu* a ladrar cada vez mais alto à medida que se aproximava deles a correr.

Martha perguntou-se se algum dos adultos se sentia um bocado esquisito com tudo aquilo. Quando chegaram à conclusão de que nenhum deles via Iona há semanas, localizá-la parecia a coisa óbvia a fazer, mas agora que *ali* estavam de facto, dava a sensação de que era um pouco invasivo e a modos que obsessivo. Ao fim e ao cabo, talvez devesse ter arranjado uns quantos rapazes deslumbrantes mas perigosos para ir dar umas voltas no parque.

Martha perguntou-se se seria a única a sustentar a respiração enquanto aguardavam que a porta se abrisse. Nada, apenas o som de *Lulu* a latir à porta. Sanjay curvou-se, empurrou a ranhura metálica do correio para dentro e espreitou para o interior da casa.

– Não a vejo, nem à Bea. No entanto, não pode ter ido longe, pois não iria deixar a *Lulu* sozinha durante muito tempo – disse ele.

– Tem razão. Não podemos ficar separados do nosso *daemon* – disse Martha.

– Vou ver se consigo entrar pelas traseiras dando a volta à casa – disse Piers. O choque deve ter ficado patente na cara de Martha, porque ele acrescentou: – Aprendi a arrombar portas de casas quando era mais novo do que tu. Contudo, juro que nunca roubei nada a não ser comida. Imaginem todas aquelas pessoas quando descobriam que um ladrão lhes havia entrado em casa, e tudo o que fanou foi uma sanduíche de manteiga de amendoim! – Santo Deus, Piers não era nada daquilo que aparentava ser. Martha eliminou

a imagem que fazia da infância de Piers numa mansão de pedra em Cotswolds com um fogão *Aga*, uma despensa, uma mãe que confeccionava o seu próprio doce de laranja, e um par de *cocker spaniels* iguais com nomes que as pessoas chiques achavam engraçados, como por exemplo *Jeeves* e *Wooster* ou *Gin* e *Tonic*, substituindo-a por... quê?

– Sanjay, é capaz de me dar uma ajuda para trepar para o outro lado? – pediu Piers. – Já não sou tão ágil como era naqueles tempos.

Sanjay, com bastante inépcia, ajudou Piers a transpor o portão lateral de madeira. David ficara sem palavras diante dessa irresponsável violação da lei. O que provavelmente era melhor.

E mais uma vez, esperaram.



Iona

Iona avistou os amigos do comboio plantados ali de pé à porta da sua casa através da janela da sala de jantar. Escondeu-se atrás das cortinas, e depois esgueirou-se para a sala de visitas nas traseiras da casa, onde se sentou no chão, com as costas apoiadas à parede, enrolada num novelo para se fazer o mais pequena e invisível possível, à espera que a campainha da porta parasse de tocar.

Tudo ficou silencioso por alguns momentos e até mesmo *Lulu* parou de ladrar, por isso quando Iona começou a pensar que talvez fosse seguro mover-se, um rosto surgiu nas janelas de sacada. Solto um grito.

– Sou apenas eu, Iona. O Piers! – ouviu dizer, numa voz gritada, mas com o volume abafado pelo vidro. – Será que pode deixar-me entrar?

– Vá-se embora! – gritou ela em resposta.

– Por favor! – disse ele com tristeza. Depois, numa típica atitude masculina, e fazendo jus ao velho provérbio de que burro velho não aprende línguas, adotou uma abordagem mais agressiva: – Se não, vejo-me obrigado a partir o vidro.

Iona suspirou e aproximou-se de modo a destrancar as janelas e deixar Piers entrar, amaldiçoando-o pela sua teimosia arrogante e presumida.

– O que é que querem? – perguntou ela.

– Temos estado preocupados consigo, Iona – replicou ele. – Só queríamos ver se estava bem.

– Estou ótima – disse ela. – Por conseguinte, já podem ir embora.

– É óbvio que não está nada bem – disse Piers. – Isto é, que raios é isso que *tem vestido*, para começo de conversa? – Fitou com olhos esbugalhados o *maillot* de licra turquesa e depois apontou-lhe para os tornozelos.

– Perneiras – disse Iona. – Está a ver, como os The Kids da série *Fama*. *E é aqui mesmo que vão começar a pagar. Em suor!* – parodiou ela, num sotaque americano fatela. Piers olhou para ela como se Iona tivesse enlouquecido por completo. Se calhar até tinha. – Estava a seguir o programa de exercícios de Jane Fonda. O original, mas ainda assim o melhor. Como pode ver, estou ótima.

– Soubemos o que aconteceu com o seu emprego, Iona. Sinto muito – disse Piers. E com essas palavras, destruiu-lhe a fachada e arrasou-lhe a bravata. Iona voltou a deixar-se cair no chão e começou a chorar. Piers sentou-se ao lado dela. Iona esperou de todo o coração que ele não fosse tentar tocar-lhe.

Não fez menção disso, fazendo com ela preferisse que o tivesse feito.

– Sei como se sente – disse ele. Como poderia? Piers encontrava-se *na flor da idade*. Ainda tinha décadas pela frente antes de ser arrastado para um naufrágio semelhante ao dela. Ele não fazia *a mínima ideia*.

– Perdi o emprego há três meses – disse ele.

– Está a gozar – disse Iona, limpando o nariz às costas da mão. – Mas continuou a viajar no comboio este tempo todo.

– Estava só a fingir, porque não era capaz de encarar a verdade. Sentia-me demasiado envergonhado – declarou Piers. E com estas palavras Iona sentiu os seus mundos díspares conectarem-se por alguns segundos, e a sensação reconfortante de ser vista de verdade.

– Piers, nunca pode esquecer-se da Regra Número Um dos Transportes Públicos – disse ela.

– E qual é? – perguntou ele.

– Precisa de ter um emprego para onde ir – respondeu Iona, e ambos sorriram um para o outro.

No vestíbulo, a campainha da porta tocou de novo, e *Lulu* recomeçou a ladrar com um vigor renovado.

– Acha que já podemos deixar entrar os outros? Devem-na ter ouvido gritar. Estou preocupado que possam chamar a polícia – disse Piers.

– Está certo. Dê-me só um minuto para lavar a cara – disse Iona.

Quando Iona reapareceu saída da casa de banho do piso térreo, Piers já tinha aberto a porta da rua, e David, Sanjay e Martha aglomeraram-se todos no vestíbulo de Iona. Contemplavam a parede, que se encontrava revestida por uma gigantesca fotografia emoldurada a preto e branco de uma fila em tamanho natural de bailarinas de canção. As suas pernas incrivelmente longas encontravam-se levantadas no ar, por entre um turbilhão de saíotes brancos e cheios de folhos. Todas elas usavam meias pretas opacas e idênticas ceroulas brancas com folhos.

David olhava arregalado para uma das bailarinas, mesmo no meio da fila. A cabeça dele encontrava-se mais ou menos à altura dos seios dela, que cintilavam com lantejoulas e tinham a forma de cones inverosímeis.

– Iona – disse ele, apontando para a parede. – É você?

– Oh, bem observado, rapaz inteligente – disse Iona, achando que a mera presença dos seus amigos lhe havia devolvido um pouco da sua antiga audácia. – Percebeu por causa das minhas coxas?

– Não, pelo seu rosto – respondeu David, corado.

– Esse foi um espetáculo que fizemos no Folies Bergère quando vivíamos em Paris – disse Iona.

– Não parece nem um bocadinho Shakespeare – comentou Sanjay.

– Não, é claro que não parece – disse Iona. – Porque pareceria?

– A Emmie contou-me que trabalhou na Royal Shakespeare Company, antes de se tornar... jornalista – disse Sanjay.

– Oh, a culpa é minha – interveio Martha. – Eu disse à Emmie que você era atriz, e ela deve ter partido do princípio de que foi na Royal Shakespeare Company.

Iona atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, pela primeira vez desde *aquele dia*. O riso foi para si como um velho amigo saudoso.

– Que engraçado. Eu disse-lhe que *atuava no palco*, Martha, e você limitou-se a partir do princípio de que eu era atriz! Não, eu e a Bea fomos dançarinas burlescas... foi assim que nos conhecemos – disse Iona. – Vejam,

ali está a Bea. Bea, diminutivo de Beatrice, mas também de beleza. – Iona apontou para a bailarina negra deslumbrante à volta de quem tinha o braço na fotografia. Todas as outras raparigas olhavam de frente para a câmara. Iona e Bea olhavam uma para a outra. – Então, pessoal. Fiquem à vontade e instalem-se ali – fez um gesto na direção da sala de visitas –, que eu já venho ter convosco.

Assim que todos se encontraram fora do seu campo de visão, Iona correu pelas escadas acima com tanta rapidez que ficou sem fôlego, e recorreu ao seu «plano de emergência de maquilhagem em cinco minutos». Depois, foi buscar um lenço de seda *Hermès* prateado e branco e ocultou o cabelo num turbante – muito mais fácil do que tentar fazer alguma coisa dele à pressa. Amarrou um cinto de couro largo e prateado em torno do roupão de veludo carmesim que vestiu por cima do fato de ginástica, tirou as perneiras, e acrescentou um par de *mules* de salto alto. *Et voilà!*

Iona correu de novo até à cozinha e preparou um bule de chá Earl Grey, que colocou numa bandeja com cinco pequenas chávenas de porcelana e uns quantos biscoitos amanteigados, e depois dirigiu-se à sala de visitas a fim de receber os amigos. *Põe uma cara de coragem, Iona*, disse para si mesma. Bea sempre dizia que era crucial manter um estado de espírito leve quando se tinha visitas, ainda que inesperadas. Partindo do princípio de que queríamos que voltassem, coisa que ela suspeitava talvez fosse o caso.

Piers, Sanjay, David e Martha estavam todos a contemplar a parede a que ela dava o nome de «A Galeria da Fama». Bea chamava-lhe, de forma bastante grosseira, «A Exibição do Ego de Iona».

Havia ali o que parecia ser centenas de fotografias emolduradas de Iona e de Bea durante os anos de *It Girl*, na companhia de todo o tipo de pessoas fantásticas, desde Sean Connery a Madonna. Havia várias lacunas, quais dentes em falta, nos sítios onde ela havia removido fotos de celebridades cujo passado veio a revelar-se muito pouco salutar. Tinham sido relegadas para o interior de uma gaveta escura e trancada a sete chaves para poderem pensar bem no que tinham feito. Iona gostava de acreditar que as atitudes acarretam consequências.

Os amigos viraram-se para ela.

– Soubemos o que aconteceu no seu emprego, Iona – disse Sanjay. – Como é que está?

Iona abriu a boca disposta a contar uma mentira, mas, ao invés, saiu-lhe a verdade.

– Péssima – respondeu. – Quero dizer, sou *jovem*. Só tenho cinquenta e sete anos. Estou na *flor da idade*. No entanto, parece que estou a mais... literalmente. Irrelevante. Excedendo as necessidades. Não sei o que fazer da minha vida, para ser bem sincera.

– Iona – disse Sanjay. – Você *não* é inútil. Você é, não se esqueça disso, uma das primeiras terapeutas editoriais do país. Foi você mesma quem me contou isso! E a Emmie diz que as suas colunas são partilhadas por todo o lado nas redes sociais.

– Obrigada, meu doce rapaz – disse ela –, mas a verdade é que sou uma fraude. A única razão por que tenho causado furor nos últimos tempos foi porque roubei todas as minhas ideias de vocês. Substituíram-me por uma ameba chamada Dex. Já ninguém precisa de mim.

– Iona – disse David, com bastante firmeza, achou ela –, se isso fosse verdade, nós não estaríamos aqui. Nós precisamos de si. Sentimos a sua falta. Veja só o impacto que causou na vida de toda a gente! Quem me dera que assim fosse comigo. Parece que eu deslizo pela vida sem deixar marca de espécie nenhuma. As pessoas esquecem-se de que me conheceram, e mesmo que se lembrem de mim, esquecem o meu nome.

Verificou-se uma pausa embaraçosa, visto que ninguém sabia ao certo o que dizer. Por sorte, David prosseguiu alheio ao resto.

– Pois então, como é que nós vamos resolver as nossas vidas sem si? – perguntou ele.

– Que disparate – disse Iona. – Não precisam de mim para resolver nada. Só estão a dizer isso para me fazer sentir melhor.

– Precisamos, sim. As nossas vidas estão uma desgraça absoluta, de uma maneira ou de outra – disse Martha. – Em especial a dos adultos.

Iona sentiu-se tão subjugada por tudo isso que se sentou na *chaise-longue* e começou a chorar de novo. O que era deveras irritante, porque o «plano de

emergência de maquilhagem em cinco minutos» não resistia a um leve chuvisco, que dirá a lágrimas copiosas.

Os amigos de Iona reuniram-se à volta dela, sentindo-se constrangidos.

– Esta é você, Iona? – perguntou Martha, com o intuito... desconfiava ela... de distrair Iona dessa choradeira incontrolável.

– Sou – respondeu Iona, virando-se na direção do retrato que se encontrava por cima da lareira e que Martha contemplava. – É um Julian Jessop. Pintou-me em 1988. Tinha vinte e seis anos, e ele devia rondar os trinta anos. Eu e a Bea tínhamos acabado de regressar de Paris e causávamos alguma agitação na sociedade londrina. Posei para ele no seu pequeno e maravilhoso estúdio perto de Fulham Road, e cantávamos ao som dos Queen e dos Sex Pistols enquanto ele pintava. Era um homem muito divertido.

– Julgo que vi a notícia da sua morte na secção de necrologia no jornal há pouco tempo – disse Piers. – Não foi um famoso libertino?

– É verdade – disse Iona. – A Bea costumava obrigar-me a levar um *spray* de autodefesa sempre que ia posar para ele, pelo sim pelo não. Só Deus sabe por que razão a mulher dele aturava tudo aquilo. Ela adorava-me, pois, como era famosa por ser lésbica, não constituía uma ameaça.

Iona tirou uma mancheia de lenços de papel da caixa que havia na mesinha de apoio e assoou-se.

– Ora então, chega de falar de mim – disse ela. – Contem-me, o que é que se tem passado convosco? Quais são as novidades?

– A Emmie desapareceu – disse Sanjay, com a vivacidade de alguém que está desesperado por transmitir uma informação à primeira oportunidade de que dispunha.

– Acho que é um bocadinho de exagero, se não se importa que lhe diga – disse David. – Em princípio ela era para ter vindo connosco hoje, e chegou a encontrar-se com o Sanjay, mas deve ter mudado de ideias e foi para casa.

– Se foi isso que aconteceu, então porque é que ela não se despediu? – disse Sanjay, com uma certa razão. Iona nunca teve Emmie na conta de uma rapariga mal-educada. Muito pelo contrário, na verdade.

– Sanjay – disse ela, no seu tom de voz mais amável. – Disse alguma coisa que pudesse tê-la aborrecido?

– Também você, Iona? Não, perguntei-lhe, *Quer um café?* Ou algo do género – disse Sanjay. – Depois, quando saí do estabelecimento com os cafés e umas fatias de pão de banana...

– Oh, eu adoro pão de banana – disse Iona, perguntando-se se Sanjay por acaso não teria levado um pouco consigo. Martha olhou para ela. – Desculpe, esqueça – disse ela, agitando a mão, enxotando as palavras para longe como uma nuvem de moscas incomodativas.

– Quando eu saí do café, ela tinha desaparecido – disse Sanjay.

– Por acaso foi ver na casa de banho? – perguntou ela. – Ele revirou os olhos na sua direção. – Bom, tenho a certeza de que ela está ótima, mas não faria mal nenhum telefonar-lhe para ter a certeza.

– Mas nós não temos o número dela – disse Sanjay, que estava a ser, na opinião de Iona, algo ingénuo. Não admira que Emmie tenha dado à sola. É provável que estivesse a considerar afogar-se.

Piers estendeu a mão para pegar no bule de chá a fim de se servir de outra chávena, e ao fazê-lo Iona vislumbrou algo no seu pulso. Uma tatuagem?

– O que é que DIVAD significa? – perguntou-lhe, antes de se aperceber de que estava a ler de trás para a frente. Dizia «David». Que estranho.

Piers não respondeu à pergunta dela; ao invés, fez ele próprio uma pergunta. Uma que ela não fazia a mais pálida ideia de como começar a responder.

– Onde é que está a Bea?



Sanjay

Ficaram todos ali especados a olhar para Iona, ao mesmo tempo que o silêncio aumentava cada vez mais. Iona acabou, por fim, por se sentar e inspirou fundo.

– Estava aqui a pensar quando é que iriam fazer essa pergunta – disse Iona, seguida de mais outra longa pausa. – Acontece que ela não está aqui. Na verdade, há anos que não está.

Calou-se de novo, e fitou o retrato por cima da cornija da lareira, ignorando de forma deliberada os seus olhares confusos e inquisidores.

– Mas você disse... – comentou Piers, quando o silêncio se tornou insuportável.

– Não, Piers, eu nunca disse nada. Você limitou-se a presumir. Precisa de ter cuidado ao tirar conclusões sobre as vidas das outras pessoas, só lhe digo. Devia saber isso melhor do que a maioria das pessoas, achava eu.

– Mas então onde é que ela está? – perguntou Martha.

– A Bea foi diagnosticada com Alzheimer precoce, há cerca de sete anos – acabou Iona por dizer, proferindo as palavras lenta e individualmente, como se cada uma delas representasse um esforço monumental. – De há uns tempos para cá que se vem esquecendo das coisas: nomes de pessoas, depois palavras do quotidiano. Fui dar com ela paralisada à frente da máquina de lavar roupa, porque não se lembrava de como pô-la a trabalhar, e chegava a fazer-me a mesma pergunta várias vezes num só dia.

» Pensámos que fosse a menopausa... percebem? Não, talvez não percebam. A menopausa é responsável por muitas, muitas coisas, mas não por isto, como veio a verificar-se. Arranjámos maneiras de compensar: pequenos bilhetes deixados pela casa toda para lembrar a Bea onde encontrar as coisas, e o que ela tinha planeado fazer em cada dia. Depois, uma noite recebi um telefonema da tabacaria da estação. O dono tinha encontrado a Bea à porta da sua loja lavada em lágrimas. Não sabia como voltar para casa.

Iona serviu-se de mais chá com uma mão trémula, tomou um gole e fez uma careta.

– Arrefeceu – declarou. Ninguém disse nada, não querendo quebrar o encanto. Iona fez uma pausa durante um ou dois minutos, antes de prosseguir. – Pouco tempo depois desse episódio recebemos um diagnóstico oficial. No início, eu mesma cuidava dela. Deixámos de sair com frequência e parámos de receber visitas. Suponho que foi nessa altura que perdi o contacto com a maioria dos meus antigos amigos. Arranjei uma cuidadora para tratar dela quando ia para o escritório. Foi o meu trabalho que me manteve ligada ao mundo exterior. Tirando isso, éramos apenas eu e a Bea, numa pequena bolha onde, apesar de todos os meus esforços, ela se sentia cada vez mais assustada e confusa. Por fim, acabei por já não conseguir dar conta de tudo sozinha. Arranjei-lhe uma casa de repouso.

– Deve ter sido muito difícil, perder assim a sua cara-metade – disse Sanjay. Iona fitou-o com olhar penetrante. É óbvio que dissera alguma coisa errada, mas não sabia ao certo o quê.

– A Bea não era, *não é*, a minha «cara-metade» – disse Iona.

– Hum, não. É claro que não – disse Sanjay. Não era?

– Nenhuma mulher é a «cara-metade» de ninguém. Somos todas pessoas individuais. Completamente inteiras e totalmente únicas. Mas às vezes quando duas pessoas inteiras muito diferentes se juntam, dá-se uma espécie de magia, uma alquimia. A Bea dizia que eu era como ovos e açúcar, e ela farinha e manteiga, e quando nos misturávamos, éramos mais do que apenas a combinação dos nossos ingredientes, éramos *o raio do bolo inteiro*. E o problema é que, quando estamos habituados a ser um bolo magnífico,

delicioso e de fazer crescer água na boca, é muito, muito difícil habituar-nos a voltar a ser de novo ovos e açúcar.

Sanjay não sabia muito bem o que dizer perante isso. Optou por contornar toda essa analogia do bolo e ater-se a uma resposta mais comum.

– Deve sentir imensas saudades dela – declarou.

– Imensas – disse Iona. – Sinto-me culpada por isso todos os dias. Vou visitá-la sempre que posso, mas muitas vezes ela não sabe quem eu sou. Sente-se mais confortável no passado, por isso agora passamos grande parte do nosso tempo aí. A música também ajuda. Transporta-a para lá. De uma maneira geral, ela não faz ideia de que dia é, nem o que comeu ao pequeno-almoço, mas é capaz de se lembrar das letras de todas as canções que foram lançadas na década de 1980.

Sanjay sempre achou Iona uma mulher forte e extraordinária. Invencível. Contudo, neste exato momento, parecia mirrada e vulnerável. Ovos e açúcar. Ovos partidos sem casca. Todos murmuraram os batidos e habituais lugares-comuns, pois o que mais poderiam dizer? *Sinto muito, deve ter sido terrível para si, coitada da Bea, não há nada que se possa fazer*, mas as palavras ficaram a pairar inúteis no ar.

– E essa é mais uma razão por que o meu trabalho é tão importante, percebem? – disse Iona. – Quase todos os cêntimos do meu salário destinam-se a pagar as mensalidades da casa de repouso da Bea. Vou ter que a transferir para um lugar mais barato, o que não vou suportar, uma vez que a constância e a familiaridade são muito importantes para ela. Ou então, vou ter que vender esta casa. E esta é a última coisa que me resta da Bea, tal como ela costumava ser.

– Porque é que nunca nos contou nada disto, Iona? Como é que é possível construir uma carreira a ajudar as pessoas e não estar preparada para pedir ajuda para si? – perguntou Sanjay, que estava a tentar pensar apenas em Iona e em Bea, de facto, mas que não conseguia evitar sentir-se algo magoado. – Nós somos seus amigos, não somos?

– Sim, querido, claro que são – respondeu Iona. – Apenas preferia que pensassem em mim como uma mulher muito feliz e bem-sucedida. Deixei que fizessem essas suposições. Fez-me sentir aquela pessoa de antes outra

vez, pelo menos enquanto duravam os nossos pequenos trajetos de comboio. E fizeram-me sentir ligada ao mundo, mantiveram-me distraída e ajudaram-me a conservar o meu emprego durante mais alguns meses. Por isso, ajudaram-me, sim, estão a ver? E sinto uma gratidão imensa por todos.

Iona pôs-se de pé e encaminhou-se na direção das janelas de sacada, contornando um pufe amarelo-canário do mais ridículo que podia haver.

– Então, porque é que não me deixam mostrar-vos o nosso jardim? – disse ela. – É o orgulho e a alegria da Bea. Não possuo nem metade da sua habilidade, por isso está a precisar de uma boa poda com urgência, mas continua a ser espetacular. Um pouco como eu! – Iona inclinou a cabeça para trás e desatou a rir à gargalhada, parecendo tal e qual a Iona que todos conheciam do comboio. Aquela que ela tão desesperadamente queria ser.

Sanjay não conseguiu prestar atenção à visita guiada pelo jardim de Iona, porque estava demasiado ocupado a tentar descortinar uma maneira de apanhá-la sozinha para poder pedir-lhe desculpa em privado e salvar a sua consciência pesada. Por fim, atinou com a oportunidade ideal, e enquanto toda a gente se deslumbrava com a elegante, belíssima e oriental carpa *koi* no lago dos peixes, puxou-a de parte.

– Iona, lamento imenso por ter sido tão mau para si no outro dia. Foi completamente imperdoável. Cheguei a pensar de facto que tinha sido por causa disso que você desapareceu – disse ele.

– Sanjay, penso que nós os dois precisamos de aprender que o mundo nem sempre gira à nossa volta e dos nossos problemas, não acha? – disse ela. – Fiquei, confesso, um bocadinho magoada na altura, mas já esqueci tudo. A sério. Desconfio que tinha outras preocupações na cabeça, estou certa? Fui apenas apanhada no meio do fogo cruzado.

– É verdade que tinha, sim – disse ele, olhando para os canteiros de flores e não para Iona, a fim de não perder a coragem. – E não era apenas por causa de todo este assunto da Emmie. Veja bem, tenho andado com dificuldade para dormir. É o meu trabalho. Faz-me ficar deveras stressado e ansioso, e não sou capaz de pô-lo para trás das costas quando vou para casa. Acompanha-me para todo o lado, até mesmo nos meus sonhos.

– Oh, Sanjay – disse Iona, parecendo sentir uma preocupação genuína com ele. – A sua ansiedade é a outra face da moeda da sua empatia. Imagino que seja por isso que você é tão bom enfermeiro. No entanto, tem que haver uma maneira de encontrar um equilíbrio mais saudável: importar-se de todo o coração com os seus pacientes e ao mesmo tempo não deixar de se proteger. Não se esqueça da máxima que diz *precisa de ajustar a sua própria máscara de oxigénio antes de poder ajudar mais alguém a ajustar a sua*.

– Bom, isso não deixa de ser uma ironia, vindo de si – disse Sanjay.

– Suponho que é, não é? – disse Iona, com uma gargalhada. – Mas de que é que adianta eu pedir ajuda? Não pode tornar-me mais nova, pois não? Nem tão-pouco pode impedir o mundo de idolatrar a juventude. E sem dúvida de que não é capaz de curar a querida Bea.

– Nesse caso, o que é que devo fazer? – perguntou Sanjay.

– Deve haver um terapeuta ou algo do género no hospital, não? – disse Iona.

– Não posso deixá-los perceber que estou com dificuldades – disse Sanjay, achando que toda esta conversa talvez fosse um erro. – Nunca obterei uma promoção se souberem que não consigo dar conta do trabalho. Como é que vão confiar-me pacientes vulneráveis se souberem que a mais pequena coisa pode desencadear um ataque de pânico?

– Sanjay – disse ela, com bastante firmeza. – Posso assegurar-lhe de que não é o primeiro profissional de saúde a passar por este tipo de problemas, e sem dúvida de que não será o último. É um *hospital*, por amor de Deus. Se há alguém que pode ajudá-lo, são eles. Olhe, experimente. Consulte o quadro de avisos dos funcionários, para começar. Faz isso por mim? Veja se por acaso existe algum grupo de autoajuda. Tenho a certeza de que será confidencial.

Sanjay assentiu.

– Sabe uma coisa? Devia conhecer a minha mãe – disse ele. – Vocês as duas são bastante parecidas. – Assim que as palavras lhe saíram da boca, só lhe apeteceu voltar a rebobiná-las e metê-las lá dentro outra vez. O que é que tinha na cabeça? Meera e Iona a trabalhar juntas, numa espécie de

movimento convergente maternal, seria um verdadeiro pesadelo. Não haveria salvação para si.

– Adoraria – respondeu Iona. – Oh, por falar na sua mãe, como é que foi o encontro com a tal higienista oral?

– Não estou muito certo de que possa ter sido considerado um encontro – disse Sanjay, encolhendo-se só de lembrar. – Ela estava a usar uma viseira de plástico e luvas descartáveis e fez-me perguntas a que não podia responder porque se encontrava a meio do processo de me raspar o tártaro da parte posterior dos molares com uma coisa pontiaguda e afiada de metal.

– Oh, estou a ver que não foi uma situação ideal – disse Iona. – E depois, convidou-a para sair e tomar uma bebida ou assim? Achou-a simpática... por detrás da viseira?

– Sim, mas...

– Mas não como a Emmie? – completou Iona. E ambos suspiraram.

– O que foi que eu fiz para fazê-la fugir daquela maneira? – perguntou Sanjay, desesperado por algo que o tranquilizasse.

– Oh, tenho a certeza de que não teve nada que ver consigo – afirmou Iona.

Sanjay desejou poder acreditar nela, mas desconfiava que nem ela mesma acreditava nisso.



Piers

Piers estava encurralado a fingir interesse pelo peixinho dourado esquisito, feio e mutante de Iona, enquanto Sanjay monopolizava com egoísmo toda a atenção dela. Estava desesperado por apanhar Iona sozinha de alguma forma. Por fim, Iona e Sanjay voltaram a reunir-se a eles, e começaram a encaminhar-se na direção de uma cabana algo decadente, mas terrivelmente romântica, quase coberta por completo por madressilva e jasmim.

Antes de lá chegarem, Piers aproveitou a oportunidade e agarrou Iona pelo cotovelo, puxando-a para debaixo da pérgula.

– Caramba, há já uns bons anos que ninguém me fazia uma coisa dessas – disse Iona, piscando-lhe o olho. – Vai beijar-me com paixão e pedir-me para ser a sua namorada? – Iona franziu os lábios e juntou-os, fazendo-lhe lembrar de maneira desagradável o traseiro de um gato.

– Hum, por acaso, não – disse Piers, esforçando-se para não parecer tão horrorizado quanto se sentia. – Ia pedir-lhe para ser a minha terapeuta.

– Santo Deus – disse Iona. – Suponho que, tendo em vista a conversa que tivemos mais cedo e toda essa coisa das «viagens falsas de comboio», é bastante óbvio que será necessário um terapeuta, e sinto-me lisonjeada por ter pensado em mim, mas na realidade não possuo as qualificações formais indispensáveis. A menos que ser uma *ex-socialite* incuravelmente metedicha conte para alguma coisa.

– Eu sei disso, Iona – disse ele. – No entanto, prometi à Candida que falaria com alguém, e você é a única pessoa com quem quero conversar. – Porque é que não experimentamos, e se não der resultado para nenhum de nós, então poderá encaminhar-me para um profissional adequado, que tal?

Verificou-se uma pausa, e ele pôde ver que Iona ponderava a sua proposta.

– Fazemos o seguinte – disse ela, por fim. – Vamos perguntar à *Lulu* o que ela acha. – Iona baixou-se e pegou na cadela ao colo, aproximando o seu rosto do focinho dela. – Vá lá, pergunte-lhe! – disse Iona.

– Hum, *Lulu* – disse Piers, sentindo-se muito, mas mesmo muito estúpido. – Achas que a Iona deveria ser a minha terapeuta? – *Lulu* não disse nada, como é óbvio, mas deitou a língua de fora e lambeu-lhe o nariz, devagar e de maneira intencional. – Isso é um sim ou um não, Iona? – perguntou ele, limpando a saliva da cadela do nariz com a manga do seu casaco *Armani*.

– Oh, não restam dúvidas de que é um sim – disse Iona, voltando a pousar *Lulu* no chão. – Está certo, uma vez que a *Lulu* está de acordo, pode vir encontrar-se comigo aqui duas vezes por semana. Mas não posso deixá-lo pagar, visto que só vou conversar consigo na qualidade de amiga, e não de uma terapeuta de verdade.

– Mas você precisa do dinheiro, Iona – disse Piers.

– E você também, coração – disse Iona. – Uma vez que também não está a auferir nenhum salário. – Ela não estava errada, na realidade. Embora os potenciais honorários de Iona constituíssem uma pequena gota num vasto oceano das suas despesas mensais.

– Pode trazer-me um grande ramo de flores frescas sempre que vier visitar-me. Adoro ter flores no vestíbulo.

– Claro – disse Piers. – Mas não é a mesma coisa que levar areia para a praia? – Ele fez um gesto na direção dos canteiros de flores dela, que eram uma profusão de flores de primavera.

– Bom, sim, mas as suas flores serão para o bem dos vizinhos. Vão passar horas de prazer na coscuvilhice sobre quem será o atraente jovem que vem

visitar-me várias vezes por semana. Há poucas coisas de que mais goste do que ser o alvo das conversas dos outros – disse Iona.

– Já tinha percebido isso – disse Piers.

– O major da casa do lado vai ficar particularmente delirante – disse Iona.

– Sempre se referiu à minha sexualidade como uma «opção de vida» e «uma fase que estou a atravessar». Foi a última pessoa que me arrastou para debaixo da pérgula, na verdade. E não andava à procura de uma terapeuta.

– O que foi que aconteceu? – perguntou Piers.

– Um joelho bem assestado num sítio que eu cá sei foi o que aconteceu – replicou ela. – E a Bea obteve a sua vingança atirando todos os caracóis que encontrou nos nossos canteiros por cima da vedação para o jardim dele, até que ele instalou câmaras de vigilância e apanhou-a com a boca na botija. Em todo o caso, não voltou a tentar a graça.

– Aposto que não – disse Piers, perguntando-se se encontrar-se com a Iona a sós duas vezes por semana seria uma boa ideia, afinal de contas. Era capaz de não sair dali com vida.



Iona

Iona cantarolava baixinho à medida que limpava, tonificava e hidratava a pele.

A última vez que se vira ao espelho da casa de banho – nessa mesma manhã –, o reflexo que lhe foi devolvido foi o de uma mulher inútil, solitária e velha. A mulher que a contemplava agora era muito diferente. Tinha amigos que sentiram a sua falta, que ficaram tão preocupados consigo a ponto de passarem o sábado a tentar encontrá-la. Além de que ela era, segundo deixaram transparecer, necessária. A sua agenda encadernada a couro que se mantivera – para além das visitas regulares que fazia a Bea à hora do lanche – vazia e imaculada como a tundra do Ártico, exibia agora toda uma gama de novas entradas, escritas com todo o esmero a caneta de tinta permanente turquesa.

Tinha sido procurada não só por Sanjay e por Piers, mas também pela pequena Martha, que ficara para trás quando toda a gente se encontrava de saída, e lhe contou tudo sobre a peça da escola. Para ser sincera, Iona não poderia ter ficado mais orgulhosa se fosse ela mesma a conseguir aquele papel. Além de que representar uma virgem de treze anos constituiria uma façanha na sua idade, sejamos honestos. Depois, Martha perguntou a Iona se poderia ir até lá um par de dias por semana depois das aulas para que ela a ajudasse com as falas, uma vez que Iona deixara de apanhar o comboio. Não

parecia importar-se nem um bocadinho por Iona ter sido uma dançarina de cabaré e não uma atriz shakespeariana.

Disse a Martha que levava o seu papel de ser *in loco parentis* muito a sério, por conseguinte só concordaria na condição de Martha fazer todos os trabalhos de casa na mesa da sala de jantar de Iona antes de darem início aos ensaios. Martha replicara que, em consequência do seu mais recente namorado, a sua mãe estava mais para *loco* do que para *parentis*, e sentir-se-ia muito mais contente se fizesse os trabalhos de casa na companhia de Iona do que na sua própria casa.

Iona meteu-se na cama, seguida por *Lulu*. As patas de *Lulu* eram muito curtas, e a barriga dela demasiado grande, para que a cadela conseguisse saltar para cima da cama, por isso Iona investira numa escada para cães feita por medida para ela poder usar. Bea teria ficado horrorizada. Apesar de ser bastante liberal em relação à maioria das coisas, possuía pontos de vista curiosamente arraigados e enfadonhamente conservadores sobre animais de companhia e camas.

Iona pegou no seu novo telemóvel, que comprara para substituir aquele que a Brenda-dos-Recursos-Humanos lhe havia confiscado com grosseria. Estava agora preenchido com os dados de contacto de todos os seus amigos do comboio, para que estes não pudessem ter um pretexto para chegar de surpresa de novo e apanhá-la antes de aplicar a maquilhagem.

Gostaria de ter o número de Emmie, para poder descobrir o que se tinha passado com ela. O que poderia Sanjay ter feito para aborrecê-la assim tanto? Só pode ter sido um terrível mal-entendido.

Depois teve uma ideia. A Emmie não podia deixar de ter uma página no Instagram, pois não? Por sorte, ela era uma especialista e peras no Instagram. Quantas mulheres de cinquenta e tal anos podiam afirmar o mesmo, hã?

Não demorou muito a encontrar a página de Emmie. Deu-lhe uma rápida vista de olhos. Emmie não havia postado grande coisa, apenas uma mancha de fotos presunçosas de casal dela e de Toby em lugares de uma beleza inacreditável, a comer comida de uma perfeição inacreditável e a fazer uma gama de atividades que demonstravam o quão enérgicos,

filantrópicos e criativos os dois eram. Em seguida reparou numa foto que lhe parecia muitíssimo familiar. Era ela, vestida com a sua sobrecasaca verde-esmeralda e as botas *Doc Martens*, de pé à entrada do labirinto. Leu a legenda por baixo. *É assim que eu quero ser quando crescer*, dizia. Deve tê-la tirado quando foi atrás daquele pavão. Iona sentiu um nó formar-se no fundo da garganta e uma tremenda onda de carinho por Emmie. Uma espécie de sensação *maternal*. Ou, no mínimo, como ela imaginava que seria uma sensação maternal.

Carregou no botão que dizia «mensagem» e digitou: *Olá, Emmie, é a Iona. Só para saber se está tudo bem consigo. Se precisar de mim, pode encontrar-me em Riverview House, Hurst Road, East Molesey. Estou preocupada*. Adicionou o número do seu telemóvel e alguns *emojis* do coração, e carregou em enviar. O mais certo era estar a preocupar-se sem motivo, mas pelo menos agora a bola estava do lado dela, e cabia-lhe a responsabilidade de agir.

Desligou o telefone e meteu-o na gaveta da mesinha de cabeceira. Já tinha escrito vários artigos sobre o efeito prejudicial da luz azul nos ritmos circadianos das pessoas.

Iona e Bea sempre adoraram este momento mágico, pouco antes de adormecer. Ficavam ali deitadas, às escuras, de mãos dadas e roçando nos dedos dos pés uma da outra, trocando informações acerca do dia que haviam passado separadas, recorrendo às suas histórias dos mexericos de bastidores do teatro e aos mais recentes acontecimentos na revista para aproximar ainda mais os seus mundos. Bea, que era uma excelente imitadora, era capaz de dar vida a todo o seu elenco atual no sossego do quarto de ambas, argumentando e namoriscando entre si.

– Boa noite, *Lulu* – disse ela. Ouvia o som de *Lulu* a lamber-se, e tentou não imaginar qual a parte do corpo que estava a ser objeto da sua atenção.

Tal como fazia todas as noites desde que Bea tinha ido para o lar, Iona carregou no *play* do velho gravador ao lado da cama e escutou os sons suaves e reconfortantes da previsão do tempo. Muito mais eficaz, e menos viciante, do que um comprimido para dormir.

– De Mull of Galloway até Mull of Kintyre, incluindo o Firth of Clyde – dizia o apresentador.

Iona virou-se para o lado da cama onde Bea havia dormido durante tantos anos. Não lavara a fronha da almofada de Bea desde que ela havia partido, contudo por mais que se esforçasse, não era capaz de detetar um vestígio do perfume dela.

– Boa noite, Bea – disse Iona para a almofada vazia. – Amo-te.

– Variável, em especial a leste e a nordeste, das duas às quatro, aguaceiros, por vezes moderados – veio a resposta.



Martha

Martha não estava de facto a concentrar-se na assembleia escolar dessa manhã. O diretor tinha assistido a demasiadas conferências TED e debitava monólogos inspiradores excessivamente longos salpicados por expressões como *sê a tua melhor versão* e citações de Brené Brown, Rumi e – por achar que isso lhe dava um ar contemporâneo – Taylor Swift. Martha desdobrara de maneira sub-reptícia os papéis que enfiara no bolso do *blazer*, e começou a ler o terceiro ato, cena cinco, murmurando as suas falas em voz baixa.

*Já vais partir? O dia ainda está longe.
Não foi a cotovia, mas apenas o rouxinol,
Que o fundo amedrontado do ouvido te feriu.*

Tinha traduzido grosso modo esta fala na margem como *por favor não partas já*. Shakespeare, segundo descobriu, nunca usava quatro palavras quando vinte e quatro bastavam. Ele podia ser bom em toda essa cena do teatro, mas teria sido inútil a escrever as instruções de evacuação de emergência para uma companhia aérea.

A vida de Martha tinha mudado imenso desde que conheceu Sanjay no comboio. Ainda não havia resolvido por completo a relação com as suas antigas amigas da escola. Entre outras coisas, tinha dificuldade em confiar

nelas, uma vez que a abandonaram quando mais precisara delas. Mas agora, deu por si mesmo no meio de um novo grupo: o elenco.

Nos últimos tempos, quando Martha entrava na cantina à hora do almoço, não sentia aquele medo corrosivo de ser obrigada a sentar-se sozinha ou – pior ainda – ao pé dos desajustados que não pertenciam a nenhuma das pandilhas, e que nem sequer gostavam uns dos outros. Agora, encontrava sempre um grupo da peça, a trocar mexericos sobre o elenco, e a ensaiar as falas uns dos outros. Era-lhe indiferente que Romeu fosse representado pelo rapaz mais estonteante do seu ano. Era demasiada areia para a sua camioneta, como é óbvio, mas o mero facto de dispor da atenção dele mereceu-lhe louvores instantâneos. Se os outros sabiam da foto da vagina, e de certeza que sabiam, nunca o mencionaram. No que lhes dizia respeito, ela era Martha e Julieta: uma colega atriz e amiga.

E mais, as notas de Martha tinham melhorado em conformidade com o seu estatuto social. Graças a Piers, conseguira sair do fundo da tabela na disciplina de Matemática, e o seu professor chegara inclusive a considerar a possibilidade de lhe subir ainda mais a nota.

Também melhorara bastante nas outras disciplinas, uma vez que começara a fazer grande parte dos trabalhos da escola em casa de Iona. Na realidade, Iona não a ajudava em nada. Dizia que tudo o que conseguia lembrar-se dos tempos da escola, lá na remota Idade das Trevas, era a formação de braços mortos nos rios, fazer experiências nas aulas de Química queimando hidrogénio para detetar a sua presença, e a paixão não correspondida pela professora de netbol.

No entanto, a ignorância entusiasta de Iona fez com que Martha se apercebesse do quanto sabia *de facto*, o que constituiu um enorme aumento de confiança. E, tal como Iona estava sempre a dizer-lhe, a confiança é tudo na vida. *Se vais falhar, Martha, certifica-te de que falhas com ELEGÂNCIA! Por certo que hão de dar-te uma nota pelo estilo, no mínimo, não?* Martha teve que explicar-lhe que não era bem assim que os conselhos de exames funcionavam.

– Gostaria de vos apresentar a todos Kevin Sanders – disse o diretor em tom monocórdico. – Ou *senhor Sanders*, como passarão a chamar-lhe.

– É uma brasa para professor – comentou uma rapariga sentada atrás dela.

– Pois é. Se semicerrares os olhos, é quase parecido com o Keanu Reeves – disse a amiga.

– Vai ser preciso semicerrar bastante os olhos – disse a primeira rapariga, franzindo os olhos.

Martha levantou a cabeça e precisou de olhar duas vezes. Era Piers! Porque é que o diretor o apresentara como *Kevin*? Não tinha mesmo nada ar de Kevin. E sem dúvida de que não se parecia nada com o Keanu Reeves. Semicerrou os olhos. Na realidade, se calhar até parecia, mas só um bocadinho. Isto se o Keanu se livrasse do seu treinador pessoal e começasse a alimentar-se de dónutes de enfiada durante alguns meses.

– O senhor Sanders vai colaborar no departamento de Matemática durante o resto do período letivo. Irá ter a seu cargo as aulas de reforço de Matemática, que terão lugar na biblioteca todos os dias à hora do almoço, para todos aqueles que precisarem de ajuda com os trabalhos de casa ou com as revisões da matéria dada. Também irá lecionar aulas suplementares semanais para os alunos que considerem que têm hipóteses de se candidatar a *Oxbridge*³². – O diretor sempre se referia a «Oxbridge» como se isso fosse algo tão empolgante como Hogwarts³³, coisa que, calculou Martha, para as pessoas da sua geração e da sua profissão, se calhar até era. No entanto, duvidava muito de que tivessem corujas. Ou retratos falantes.

Martha sabia aonde iria passar o seu tempo à hora do almoço.

Martha observou Piers a explicar com toda a paciência o teorema de Pitágoras a uma rapariga do 8.º ano.

– Estás a perceber agora? – perguntou ele.

– Sim! – replicou ela. – O senhor faz com que pareça tão simples. Obrigada.

Piers parecia deveras empolgado por ter sido capaz de ajudar. Martha perguntou-se quanto tempo é que demoraria até que ele se tornasse tão estafado e desiludido como os outros professores. O ensino individualizado

era relativamente fácil. Como é que ele se iria aguentar se o soltassem no meio de uma sala de aulas inteira cheia de adolescentes? Piers ergueu os olhos.

– Martha! Estava aqui a pensar se iria conseguir encontrar-te hoje! Acontece que foste tu quem me encontrou – disse ele.

– O que é que estás a fazer aqui, Piers? – sussurrou ela. – E porque é que o diretor acha que se chama *Kevin*?

– Senta-te! – disse Piers, dando uma palmadinha na cadeira ao seu lado. – Parece que tenho uma pausa entre pacientes de Matemática. – Martha sentou-se, cruzou os braços à frente do peito, e esperou que ele se explicasse.

– Bom – disse Piers. – Disseste-me que a tua escola tinha falta de professores de Matemática, estás lembrada? Por conseguinte, marquei uma entrevista com o diretor, e perguntei se podia começar a trabalhar aqui à experiência.

Martha recriminou-se. Deveria ter-se lembrado de que os adultos costumam reter as informações que lhes fornecemos por acaso e muitas vezes usam-nas contra nós, tal como faz o Facebook. E não era experiência de trabalho o que o 11.º ano fazia? Não as pessoas idosas como o Piers. Na realidade, não se importava que ele tivesse aparecido na sua escola; para ser franca, ficou mesmo bastante satisfeita quando o viu. Só gostaria que ele a tivesse avisado.

– Mas para quê fazer tudo isto incógnito? Porquê essa cena do Kevin? Você não tem ar de ser um agente duplo ou assim – disse Martha.

– Não, infelizmente não – disse Piers. – Acontece que Kevin é o meu nome verdadeiro. Só o mudei de forma legal para Piers quando fiz dezoito anos. Lembras-te quando te disse para «fingir até conseguir»? – Martha assentiu, recordando-se da Outra Martha. – Bom, Piers era quem eu queria ser, o meu *alter ego*.

– Quer dizer então que era o Kevin quem invadia as casas das outras pessoas para fanar sanduíches de manteiga de amendoim? – interrogou Martha, ao mesmo que algumas das peças começavam a encaixar-se no respetivo lugar.

– Sim – respondeu Piers. – O meu pai costumava gastar todo o dinheiro do mês nos corretores de apostas, e a minha mãe estava muitas vezes bêbada demais para se ralar, por isso eu passava fome durante grande parte do tempo. No entanto, a Iona disse-me que não é lá muito saudável fugir do passado, por mais desagradável que ele tenha sido. E, para ser sincero, podia ter sido bem pior. Nunca ninguém me bateu. Se bem que era frequente baterem um no outro. Portanto, aqui estou eu: Kevin. Contudo, podes continuar a chamar-me Piers, se preferires.

Martha duvidava de que Iona estivesse a prestar um grande favor a Piers, para ser franca. Toda esta partilha de sentimentos e tudo o mais era muito estranha num adulto, e em especial num professor. Era suposto que eles fossem todos reservados e recalcados, não era? Além de que Piers era um nome muito mais interessante do que *Kevin*. Martha não fazia a mínima ideia do que responder.

– Fixe – disse ela.

– Não é? – disse ele abrindo um sorriso radiante. Piers. Kevin. Tanto faz.

– No entanto, há uma coisa – disse Martha.

– O quê? – perguntou Piers, com ar preocupado.

– Sou capaz de ter que fazer de conta que não o conheço no comboio, caso lá esteja alguém da escola – disse Martha. – Não leve a mal, não é nada pessoal. Acontece que estou a começar a sair aos poucos da Sibéria Social, e confraternizar com o pessoal docente não é muito bem visto, mesmo que eles sejam um bocadinho parecidos com o Keanu Reeves. Coisa que você não é, como é óbvio.

– Tudo bem – disse Piers. – Estás perdoada.

Fez uma pausa durante um minuto, e depois acrescentou, ao mesmo tempo que encolhia o estômago:

– Keanu Reeves, hum?

Martha revirou os olhos.

³² Palavra composta referindo-se às Universidades de Oxford e Cambridge. (N. da T.)

³³ Hogwarts é o colégio de magia e feitiçaria da saga de livros *Harry Potter*, de J. K. Rowling. (N. da T.)



Piers

17h30 De Waterloo a Surbiton

Piers sentia-se nas nuvens.

Isso fez-lhe lembrar, de certo modo, os seus primeiros tempos na sala de mercados – aquela concentração intensa que se exigia quando se aprendia uma série de competências totalmente novas, e o tremendo sentimento de conquista quando se fazia alguma coisa bem feita. Neste caso, contudo, não vinha acompanhado pela desconfiança de que era um impostor, safando-se de alguma maneira ao desempenhar um papel que não era de facto o seu, nem pelo constante medo corrosivo de ser apanhado.

De certa forma, quando os seguranças do banco chegaram junto da sua secretária com a caixa de cartão vazia, foi um alívio. Quando aquilo que tememos durante muito tempo acontece mesmo, já não resta nada de que ter medo. Piers sempre soubera que esse momento chegaria; apenas demorara mais quinze anos além do que esperara.

Neste emprego não se sentia nada assim, de todo. Não precisava de invocar um *alter ego* de modo a ser capaz de agir. Não precisava dos cânticos gratificantes de *Midas! Midas! Midas!*, dos rituais que agradavam ao Universo nem dos bónus que afagavam o ego. Era suficiente ser apenas ele mesmo, com o seu amor pelos números e o desejo genuíno de fazer algo desinteressado para variar. Apresentou a sua candidatura para integrar o

programa de formação de professores em setembro, e esperava que todo esse tempo não remunerado que estava a investir fizesse dele um vencedor e fosse escolhido.

Ficou surpreendido ao perceber o quanto sentia a falta das antigas viagens de comboio com Iona, que não eram as mesmas sem ela a funcionar como um íman para aquele pequeno grupo de inadaptados. É óbvio que a mudança de profissão estava a deixá-lo sentimental e lamechas.

Piers olhou na direção da antiga mesa dela. Emmie estava lá. Não fazia a mais pálida ideia do que lhe dizer depois de ela ter abandonado a expedição de todos sem uma explicação, por conseguinte virou costas e encaminhou-se para a outra ponta da carruagem. Não queria estragar o seu dia com uma conversa embaraçosa.

Piers desembarcou em Surbiton e deteve-se junto ao quiosque de flores à entrada da estação. Escolheu um extravagante e espalhafatoso ramo de rosas brancas, do tipo que Candida preferia. O preço ia muito além daquilo que o salário de um professor podia dar-se ao luxo de desembolsar, em especial um professor que ainda nem sequer recebia uma remuneração, mas Candida não merecia menos do que isso. Depois parou na charcutaria local e escolheu um *bœuf bourguignon* caseiro e uma garrafa de um vinho tinto decente, uma vez que Candida tinha vendido a sua requintada coleção de vinhos.

Piers sentia-se envergonhado por ter avaliado Candida tão mal. Achava que o seu casamento se havia transformado numa farsa, uma fachada, uma concha vazia, tal como tudo o resto na sua vida. No entanto mostrou-se, tal como ele veio a descobrir, muito mais resistente do que alguma vez imaginara. Assim como a própria Candida.

Ao longo da sua crise, ela mantivera-se calma, focada e forte. Resgatara-o do fundo do poço e dera-lhe a mão até ele ser capaz de retomar o seu caminho aos poucos rumo à sanidade mental, além de lhes ter reestruturado a situação financeira, para poderem dispor de uma base pequena, porém sólida para o futuro. Esta noite, ia assegurar-se de que ela compreendia o quanto se sentia grato por isso.

– Pois então – disse Piers, à luz das velas na mesa da cozinha. – Queria apenas dizer o quanto dou valor a tudo o que tens feito. És incrível. Com toda a franqueza, não sei como teria sido capaz de aguentar sem ti.

– Não tens de quê – disse Candida. – Quero dizer, não podia limitar-me a deixar-te ali na plataforma daquela estação num estado desgraçado, pois não? Estás a sentir-te melhor agora, não estás? A psicoterapeuta com quem te tens consultado está a ajudar?

– Sim. Sinto-me uma pessoa totalmente diferente – disse Piers. – Mal posso acreditar que era eu. E esta mudança de profissão vai fazer uma diferença enorme na minha vida. Nas nossas vidas. Sei que isso vai implicar uma redução das despesas, menos tempo de férias, escolas públicas e por aí fora, mas estou de facto convencido de que levar um estilo de vida mais simples, mais honesto será bom para todos nós. Incluindo os miúdos. Vão crescer menos mimados e convencidos. Vai ser um meio-termo benéfico entre a tua infância superprivilegiada e a minha menos afortunada. Uma média salutar.

– Piers – disse Candida, e a sua testa preenchida com Botox formou algo que se assemelhava ao de leve com um franzido. – Lamento muito que tenhas interpretado mal a situação.

– O quê? – disse ele.

– Vê bem, sinto-me muito satisfeita por as coisas estarem a melhorar para ti – disse Candida ao mesmo tempo que pousava a faca e o garfo de forma impecável no prato ao lado de um pedaço solitário e abandonado de carne que, sem dúvida, não estava à altura do seu elevado padrão de exigência. – Tudo o que eu queria era certificar-me de que te reerguias de novo. És o pai dos meus filhos. Estamos ligados, por intermédio deles, para o resto das nossas vidas, quer gostemos quer não. E em certos aspetos, ainda te amo. – Candida fez uma pausa.

Em certos aspetos?

Piers teve a sensação de se encontrar em rota de colisão com um objeto intransponível no seu antigo *Porsche*. Via com clareza o que ia acontecer, mas não tinha como travar a fundo o suficiente de modo a impedi-lo.

– Mas eu achei que tinha deixado bem claro que esta não é a vida que eu quero – prosseguiu Candida, com a maior calma como se estivesse a discutir sobre qual a ilha grega em que deviam passar as férias no próximo verão. – Sem dúvida de que não é a vida em que eu investi. Eu não sou «a senhora Sanders, a mulher do professor de Matemática». Não quero viver a vida simples e insignificante de um professor, com um ínfimo salário de professor – disse ela. – Não creio que essa média *seja* salutar. Quando é que alguma vez eu aspirei a ser mediana? Quero que os miúdos tenham uma educação que seja bastante *acima* da média. E, para ser franca, não quero ser casada com um *Kevin*. O homem com quem me casei escolheu com toda a sensatez deixar tudo isso para trás.

– Eu sei que disseste isso – disse Piers –, mas mesmo que eu fosse capaz de arranjar outro emprego na City, não iria querê-lo. Penso com toda a sinceridade que regressar a esse mundo iria dar comigo em doido.

– Não estou a pedir-te que o faças, querido – disse Candida. – Só estou a dizer que não vou fazer isto contigo. Foi por isso que estive a pôr em ordem a nossa situação financeira. Para podermos comprar um apartamento para ti, algures perto daqui, e podermos ter a guarda partilhada dos nossos filhos. Podemos ser civilizados e adultos em relação a esta situação, não podemos? Podemos separar-nos de forma consciente, tal como a Gwynnie e o Chris Martin. Não há necessidade de gastar mais dinheiro da tua indemnização em advogados caríssimos e batalhas judiciais, usando as crianças como peões.

Piers lembrou-se do pombo morto. O presságio, de momento em decomposição no contentor do lixo. Sentiu-se como se tivesse estado a voar com alegria em direção ao seu futuro pintado de cor-de-rosa, sem se aperceber de que havia um véu intransponível feito de vidro hermeticamente fechado à sua frente. Embatera nele esborrachando-se no chão, atordoado, perplexo e a sangrar. Como é que a Candida podia mostrar-se tão *calma* diante de tudo isto? E sem dúvida de que ser mãe solteira vivendo apenas com uma modesta pensão de alimentos também não fazia parte do seu plano de vida, certo?

Uma imagem desfocada no seu cérebro começou a ganhar contornos de forma gradual, ficando mais nítida e revelando a imagem completa.

– Já asseguraste a tua futura fonte de renda, não já? – disse ele, sentindo um imenso cansaço em vez de ficar furioso, embora desconfiasse que a raiva poderia surgir mais tarde. – Quem é ele?

– Ninguém que tu conheças – respondeu Candida, baixando os olhos e contemplando as suas unhas pintadas com esmero. As unhas da mulher de um banqueiro rico. As unhas que já arranhavam as costas de um banqueiro rico substituto.

– Ele já existia antes mesmo de tudo isto ter acontecido? Deve ter existido.

– Não sejas assim, querido – disse Candida. – Uma rapariga precisa sempre de ter um Plano B. Era apenas um caso passageiro e sem consequências, e sem dúvida de que assim se teria mantido se não tivesses dado cabo das nossas vidas com tamanho egoísmo.

– Não podes fazer isto comigo, Candida – disse Piers. – O que foi que aconteceu com o *na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza*?

– Ouve, se vais querer discutir sobre o terreno da justiça e da probidade, o que seria demasiado insuportável e enfadonho – disse Candida –, então não te esqueças de que me mentiste durante *meses*, quando vestias o teu fato todos os dias e «ias para o escritório». Depois desbarataste em apostas as mensalidades da escola das crianças e, se não fosse por mim, teríamos perdido tudo.

– Mas e os miúdos? – disse Piers. – Eles *precisam* de mim. Eu preciso deles.

– Eu sei disso – declarou Candida. – Mas vais vê-los com muito mais frequência do que vias quando trabalhavas sem parar que nem um louco. E pensa nessas longas férias que vais ter como professor! E mais, és muito bem-vindo para vir ajudá-los com os trabalhos de casa depois das aulas sempre que quiseres... sabes bem o quanto eu odeio fazer isso. Pelo menos sendo tu um professor, nunca mais vamos ter que nos preocupar em contratar explicadores. E, se conseguires arranjar um emprego numa escola *decente*, eles podem inclusive fazer-te um desconto nas mensalidades. Pensa

pelo lado positivo! Olha, vou para a cama. Vemo-nos de manhã, e nessa altura poderemos discutir sobre os próximos passos a dar.

Candida arredou a cadeira para trás afastando-a da mesa, e deixou-o cercado por pratos sujos e pelo que restou de uma vida destruída. As rosas brancas ainda se encontravam no invólucro de papel celofane, abandonadas no lava-loiças da cozinha. Ela deteve-se junto à porta, olhou por cima do ombro, e disse, com o tinido de uma pequena gargalhada:

– Sabes uma coisa, o papá sempre dizia que tu eras o meu *marido inicial*.

Piers não conseguia acreditar no quanto a sua mulher era dura, por detrás daquele lindo rosto. Se descascarmos a pele artificial idêntica à dos seres humanos, descobriremos o Exterminador Implacável.

Desde que a vira caminhar até ao altar na sua direção, pelo braço do pai, sabia que estava a ter mais olhos do que barriga, que não era, nem de perto nem de longe, bom o suficiente para ela, e sempre sentira um ligeiro receio de que um dia ela pudesse abandoná-lo. Do mesmo modo que os seguranças do banco quando se aproximaram da sua secretária com uma caixa de cartão vazia, fora apenas uma questão de tempo.



Iona

19h35 De Hampton Court a Wimbledon

– Fica quieta, fofa – disse Iona. – A mamã não quer que te entre sabão nos olhos.

Lulu olhou para ela através do ar abafado com aroma de alfazema, com uma expressão que dizia: *Acho esta situação do mais humilhante que há, portanto despacha-te lá com isso, por favor.*

Iona tirou-a da banheira, embrulhou-a numa toalha macia e felpuda num tom claro de cor-de-rosa, e levou-a para o quarto a fim de secá-la com o secador.

Tendo em conta que se encontrava oficialmente desempregada, Iona andava muito ocupada, e não tinha mãos a medir.

Passara tanto a tempo a preparar Martha que, caso Romeu sofresse um acidente terrível nessa noite, e perdesse a voz, ou um membro crucial, poderia assumir o seu lugar com a maior das facilidades, se bem que a encarregada do guarda-roupa poderia ver-se a braços com um tremendo desafio.

Piers também aparecia lá por casa com regularidade, trazendo-lhe flores conforme fora instruído a fazer. Iona estava algo preocupada, pois parecia passar mais tempo a conversar com ele sobre si mesma, em vez de ser ele a

falar com ela, e tinha a certeza quase absoluta de que não era dessa maneira que as sessões de terapia deveriam funcionar, por conseguinte colara um letreiro na parede onde se lia CALA A BOCA, IONA, que se encontrava no seu campo de visão, mas oculto dos olhos de Piers, e jurou a si mesma limitar as suas declarações a palavras do género *Como é que isso o fez sentir? e Fale-me sobre a relação que tinha com a sua mãe.*

Não tinha ajudado muito. Nunca fora muito boa a aceitar instruções – nem mesmo, ao que tudo indicava, de si mesma.

No entanto, alguma coisa devia estar a fazer bem, uma vez que Piers mostrava-se cada mais confiante e animado sempre que o via e estava a modificar-se a pouco e pouco passando de Eeyore a Tigger. Em vez de se sentir envergonhado com a sua infância miserável e infeliz, fugindo dela, Iona ensinou-o a fazer as pazes consigo mesmo, e a sentir orgulho do quão longe fora capaz de chegar. *As suas experiências passadas, explicara-lhe, constituem os alicerces sobre os quais vai construir o seu futuro. Edifique-os com orgulho, não com vergonha. Negar a sua história vai deixar a sua casa erigida na areia, sempre em risco de ruir.* Sentiu-se bastante satisfeita com essa analogia. Precisava de utilizá-la na sua coluna. Só que já não tinha uma coluna, não é verdade?

Piers contou-lhe sobre a declaração de Candida a noite passada, a par de uma história qualquer sobre um pombo que ela não foi capaz de atingir. Mas nem mesmo isso pareceu afetá-lo por aí além. Se calhar ainda não tinha caído em si, será? Mostrava-se muito mais preocupado com os filhos do que com a mulher, mas estava bastante convencido de que iria envolver-se mais nas vidas deles, e não menos.

Se quisesse ser honesta consigo mesma, desconfiava que a transformação de Piers tinha mais a ver com a sua nova profissão incipiente do que com as suas sessões de «terapia». No entanto, também podia ficar com algum crédito por conta desse emprego novo, não podia? Afinal de contas, a ideia foi quase toda sua.

O problema era que, apesar de todos os esforços para economizar – chegara inclusive a cancelar o cabaz de bens essenciais da Fortnum

& Mason³⁴ –, Iona estava a delapidar as suas poupanças. Em breve iria ter que enfrentar a situação e telefonar ao agente imobiliário.

Iona deu uma vista de olhos em redor da casa, os alicerces em que ela e Bea haviam construído a sua vida juntas, e sentiu uma tristeza insuportável. *Lulu*, que fora agraciada com o dom da telepatia, fitou-a olhos nos olhos, e deu-lhe uma lambidela na bochecha.

Iona também andava preocupada com Emmie. Não havia respondido à mensagem que lhe deixara no Instagram, e ninguém parecia ter falado com ela desde o dia em que desapareceu, embora lhe tenham dito que a viram no comboio, portanto não tinha sido raptada nem tinha ido parar ao hospital em estado de coma. Havia qualquer coisa que não batia certo, tinha a certeza disso. Possuía um faro especial para este tipo de coisas.

O telefone de Iona tocou, e por um momento pensou que pudesse ser Emmie, invocada pelo poder do pensamento. Agarrou-o à pressa. DAVID, estava escrito no ecrã.

– Olá, David! – disse Iona, sufocando o seu desapontamento, e com um tom de voz o mais alegre e otimista que foi capaz de arranjar.

– Iona – disse David. – O que é que está a fazer neste preciso momento? Será que podia vir até cá? A Wimbledon?

– Querido – disse Iona. – Isto é uma frase de engate? Fico lisonjeada, mas já sabe que não é dessa fruta que eu gosto, não sabe? – Verificou-se um silêncio prolongado e constrangedor. Será que o tinha embaraçado, ou estaria ele a tentar descortinar o que seria uma frase de engate? Não podia esquecer-se de que a maioria das pessoas «de meia-idade» não estava tão familiarizada com o linguajar moderno como ela. Decidiu acabar com o sofrimento dele.

– Estou a brincar, coração. Sim, adoraria ir dar uma olhadela *chez David*. Envie-me o endereço por mensagem de texto, e eu meto-me já no primeiro comboio.

Iona percebeu logo qual era a casa de David antes mesmo de confirmar o número. Todos os outros imóveis da rua tinham sido remodelados – havia

reluzentes extensões de relva para a prática de desporto, sofisticados portões com dispositivos elétricos de segurança, e pares condizentes de loureiros entrelaçados com luzes decorativas de bom gosto de cada lado das lustrosas portas principais –, mas este encontrava-se encurralado num túnel do tempo. A exemplo do seu proprietário não seguira em frente desde há décadas.

– Entre, entre – disse David. – São para mim? Que amabilidade, obrigado.

Iona entregou-lhe o ramo demasiado extravagante de rosas brancas que Piers lhe levava mais cedo. Por sorte, não tivera ocasião de tirá-las do invólucro de papel celofane antes de David lhe ter ligado. Reciclar as ofertas era bom para o planeta. Isso daria um excelente tópico para um artigo. Oh, meu Deus, precisava de parar com isso.

David conduziu-a até uma sala de estar confortável, porém obsoleta. Havia tapetes antigos espalhados por um soalho de parquê, e móveis de madeira escura encontravam-se dispostos em redor do ponto de convergência de uma enorme lareira aberta. Um agente imobiliário sem dúvida que a descreveria como *contendo inúmeros pormenores originais de época e oportunidades para modernização*.

David levou as flores para a cozinha e regressou com elas dentro de uma jarra. Trazia na mão um pequeno cartão branco.

– Minha querida Candida – leu. – Obrigado por tudo. Amo-te. – Parecia que ela não era a única a acreditar na reciclagem das prendas.

– Que estranho – disse Iona. Depois, incapaz de controlar a sua curiosidade por mais tempo, e deserta por desviar a atenção de David do bilhete de Piers, perguntou: – Quer que o ajude em alguma coisa?

– Na verdade, já me ajudou imenso – disse David.

– A sério? – retorquiu Iona, esforçando-se por pensar no que poderia ter feito.

– Sim. Você e os outros do comboio fizeram-me perceber o ramerrame em que tinha caído. Por isso tenho tentado *mudar um pouco as coisas*. Inscrevi-me num curso de aulas para adultos!

– Ótima ideia – disse Iona. – Está a aprender o quê?

– Tenho aulas de conversação de russo às terças-feiras à noite e ando a aprender como desmontar e voltar a montar o motor de um carro às quintas-feiras.

– Excelente – disse Iona. – Pode arranjar emprego como motorista de um oligarca no exílio.

David ignorou-a, o que se calhar foi a melhor coisa a fazer.

– E a situação com a Olivia está a melhorar, devagar. Estou a começar a achar que afinal de contas talvez não esteja tudo perdido para sempre.

– Oh, isso sim é que é uma boa notícia, David – disse Iona.

– Por isso queria fazer alguma coisa para ajudá-la, percebe? Sabia que sou solicitador?

Iona não sabia disso, mas admitir tal coisa seria demonstrar uma notável falta de interesse pelo seu amigo. Algum deles lhe perguntou qual era a sua ocupação? A culpa que sentia fê-la assentir com a cabeça de maneira mais entusiasta do que a situação exigia, ao mesmo tempo que se debatia com uma pontada de inveja. David era pelo menos dez anos mais velho do que ela, e, contudo, parecia que ainda o levavam a sério na sua profissão. Porque seria que os homens de cabelo grisalho e rugas alcançavam *seriedade*, ao passo que as mulheres bem conservadas como ela se tornavam invisíveis?

– Bom, a minha especialidade é Direito Contratual e Imobiliário – informou David –, por isso não poderei ser-lhe de grande ajuda, a menos que esteja a pensar mudar de casa.

– Infelizmente, creio que talvez possa vir a ser o caso – disse Iona.

– Talvez não – retorquiu David, e em seguida fez uma pausa quando a campainha da porta tocou. – Cá está ela, pontual como sempre.

– David, não está a tentar fazer-me um arranjinho, pois não? – perguntou Iona nas costas de David, que já se afastava, disposto a abrir a porta da rua.

– Por acaso, até estou – respondeu David, ao regressar com uma mulher na casa dos quarenta e de ar elegante. – Com uma advogada de Direito do Trabalho. Esta é Deborah Minks. Trabalha na minha firma. Tomei a liberdade de discutir a sua situação com ela. Espero que não se importe.

– Suponho que não – respondeu Iona, um bocadinho na defensiva.

– Posso fazer-lhe algumas perguntas, Iona? – disse Deborah, que era óbvio que não era adepta de conversas de chacha. Calculava que uma pessoa perdia esse hábito quando cobrava à hora. Deborah sentou-se e tirou um processo fino da pasta prática, porém horrorosa e que combinava na perfeição com os seus sapatos confortáveis e enfadonhos. Iona assentiu com a cabeça.

– Estou certa quando penso que não recebeu uma indemnização? – perguntou.

– Sim, porque eles não me despediram. Fui eu que me demiti. Bom, para ser mais exata, bati com a porta e saí como um furacão, depois de ter chamado o editor de c... – David levantou a mão num enfático sinal de *stop*.

– Bom, a nossa interpretação sobre o que aconteceu é que, na realidade, não se trata aqui de uma demissão, mas sim de uma *demissão construtiva*. Diria que a situação era de tal forma insustentável que foi incapaz de permanecer no cargo? – Deborah contemplou-a por cima dos óculos. Iona assentiu de novo.

» Poderia argumentar, na verdade, que o ambiente se havia tornado totalmente tóxico, e que se sentia discriminada por causa da sua idade? – perguntou ela.

– Pode crer – replicou ela. Quanto mais séria e adulta Deborah parecia, mais Iona começava a sentir-se como uma adolescente e a falar como a Martha.

Deborah tirou uma bolacha com recheio de laranja do prato que David havia colocado à frente deles, deu uma pequena dentada, e depois voltou a pousá-la, sem acabar de comê-la. Iona ficou maravilhada perante a exibição sobre-humana de controlo e contenção. Deborah era sem dúvida o tipo de mulher que se queria por perto, apesar dos sapatos.

– Acha que é possível que tenha chegado inclusive a ser manipulada levando-a a pedir a demissão? – perguntou Deborah.

Iona lembrou-se da maneira como Ed piscou o olho à Brenda-dos-Recursos-Humanos quando Iona lhe atirou com o crachá, e assentiu.

– Não quero ir a tribunal, Deborah – declarou. – Não suporto a ideia de desperdiçar mais tempo da minha vida com esse c... – David levantou a

mão outra vez. Ele era mesmo um bocadinho a atirar para o hipersensível.

– Não creio que chegue a esse ponto, Iona – disse Deborah. – Desconfio que terão o maior prazer em chegar a um acordo, e evitar qualquer publicidade negativa. Tudo o que vamos pedir é que lhe seja pago o que você merece depois de... quanto tempo?

– Trinta anos – respondeu Iona.

– Perfeito – redarguiu Deborah, recostando-se na cadeira a sorrir. – Isso já me basta. Agora fale você, e eu vou tirar apontamentos.

E assim fez. Contou a Deborah sobre a conversa do dinossauro que ouviu sem querer nas casas de banho, e todos os comentários por mais pequenos que fossem, como por exemplo *A Iona não vai perceber isso*, e as piadas sobre *os bons velhos tempos*, a maneira como a excluía dos almoços fora, das bebidas ao fim da tarde depois do trabalho e de como paravam de falar quando se aproximava de um grupo reunido em torno da máquina do café. Aquela vez em que tinham criado um cartão de Boas Festas para enviar com uma fotografia de todos os funcionários do escritório na capa, e em que ela tinha sido deixada de fora «sem querer».

Iona contou que lhe haviam retirado tantas das suas responsabilidades, uma por uma, que passava grande parte do dia, e gastava a sua energia, limitando-se a fazer de conta que estava ocupada e dedicando-se a contemplar os ponteiros do relógio a arrastar-se à medida que completavam a sua rotação. E depois, por fim, reviveu o dia em que a mandaram conferir tudo aquilo que escrevia junto de um rapaz que apimentava todas as frases que proferia com coisas que nem sequer eram palavras. OMG, IRL, BTW.³⁵ E, para piorar a situação, quando ela foi contratada pela revista em glória e numa chuva de comunicados à imprensa, ele ainda nem sequer tinha nascido.

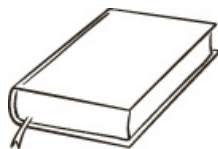
E, à medida que Iona ia falando, sentiu-se mais leve, como se o peso de anos de insultos e ofensas estivesse a ser-lhe retirado dos ombros. Foi, percebeu então, mais subtil, perverso e traiçoeiro do que o *bullying* que Martha foi obrigada a enfrentar, mas nem por isso menos nefasto e prejudicial.

– Obrigada, Deborah e David – disse ela, quando chegou ao fim das suas recordações dolorosas e humilhantes.

– Não tem de quê – replicou Deborah, voltando a colocar a tampa da caneta com um estalido agudo, como se estivesse a guardar de novo um revólver no coldre. – Vamos dar cabo deles, combinado?

³⁴ Loja de departamentos de luxo fundada em 1707, com sede em Piccadilly, em Londres. (*N. da T.*)

³⁵ Respetivamente *Oh my God* (Oh, meu Deus), *In real life* (Na realidade) e *By the way* (A propósito). (*N. da T.*)



Emmie

8h08 De Thames Ditton a Waterloo

Emmie pensou por um minuto que Sanjay ia aproximar-se e sentar-se ao pé de si, mas assim que ergueu os olhos e lhe dirigiu um sorriso, ele virou costas e foi sentar-se em outro lugar. Tal como havia feito na última vez. E na vez anterior a essa.

Não havia dúvidas de que merecia o tratamento de frieza. Comportara-se com uma tremenda falta de educação com ele. Contudo, ainda assim, o comportamento dele parecia um bocadinho excessivo. Infantil, até. O que a magoava. Cada passo que ele dava para se afastar de si e todos os sorrisos que ignorava, eram como um enxame de vespas enraivecidas.

Emmie sabia que precisava de pedir desculpas a Sanjay, mas ele nem sequer lhe dava uma única oportunidade para fazer isso. Cá entre nós, parte dela sentia-se aliviada, uma vez que não sabia como explicar o que havia sucedido a si mesma, que dirá aos outros. Sempre que recapitulava a história na sua cabeça, fazia-a parecer fraca, e o Toby paranoico e agressivo, e nenhum dos dois era assim, pois não?

Teriam encontrado Iona? Continuava a ansiar por falar com ela sobre o medo que sentia de que o seu mundo estava a encolher, de tal forma que tudo o que ele continha era ela e Toby, no interior da sua bolha confortável e luxuosa. Teria importância? Seria suficiente? Estaria ela apenas a ser egoísta, à espera de mais? Iona teria as respostas a essas perguntas, estava certa disso.

No entanto, quase mais do que de Iona, deu por si a sentir saudades de Sanjay. Imaginava-o, vezes sem conta, a sair daquele café, sorridente e trazendo-lhe um café, dando-se conta depois de que ela tinha desaparecido. O que deveria ele estar a pensar de si? Sentia-se tão à-vontade na sua companhia, tão confiante de que iriam ser amigos, e foi assim que ela o recompensou pela sua gentileza.

Uma vez mais, Emmie voltou a pensar naquele dia, recapitulando a sequência de acontecimentos na sua mente, esforçando-se por descortinar como o desfecho podia ter sido diferente.

Sanjay entrara no café, sorrindo-lhe por cima do ombro, e ela sentara-se à mesa da esplanada sob o sol primaveril. Sentiu um ligeiro formigueiro na nuca, tal como quando pressentimos que alguém está a observar-nos. Virou-se para trás, e mais adiante, estacionado junto ao passeio, parado em fila dupla, encontrava-se um carro igualzinho ao de Toby. Ficou a olhar para ele, à procura de diferenças – uma amolgadela no guarda-lamas, quiçá umas barras de tejadilho, ou um autocolante com os dizeres *Bebé a Bordo*. Tanto quanto soubesse, Toby nunca fora a Hampton Court. Não era possível que fosse ele.

Ao mesmo tempo que ia matutando essa ideia na sua cabeça, a janela do carro abriu-se e Toby esticou a cabeça para fora.

– Entra – sibilou. – Já.

Emmie sentiu-se confusa, e preocupada. Nunca tinha visto aquela expressão no rosto do noivo. Teria acontecido alguma coisa terrível? Ao seu pai, quiçá? Mas como é que Toby sabia onde encontrá-la? Encaminhou-se na direção dele.

– Toby. O que é que estás a fazer aqui? O que foi que aconteceu? Não compreendo – disse ela.

– Emmie, não podemos conversar em condições contigo no passeio, à frente de todas estas pessoas – disse ele. – Porque é que não entras no carro?

Emmie contornou o automóvel até ao lado do passageiro, e entrou. Sem lhe dizer uma palavra, Toby ligou o motor.

– Espera! Toby! Não podes ir-te embora assim! – gritou Emmie. – Estou com os meus amigos. Fizemos planos. Pelo menos preciso de despedir-me,

para o caso de haver alguma emergência.

– *Amigos?* – disse Toby. – Estou a ver apenas um *amigo*. Suponho que seja esse tal Sanjay com quem parecias estar tão *à-vontade*. – Como é que era possível que a palavra «à-vontade» pudesse soar tão hostil? – Vi o modo como ele olhava para ti, e é mais do que evidente que não é apenas um amigo. – Toby meteu a primeira com uma violenta pancada na alavanca de velocidades, como se estivesse a tentar punir o carro por alguma coisa.

» Além de que me mentiste – disse ele. – Disseste-me que ias às compras em West End. – Toby arrancou embrenhando-se no trânsito que se movia veloz, obrigando a carrinha que seguia atrás dele a travar de repente e a carregar a fundo na buzina.

» É melhor pões o cinto de segurança – declarou ele.

Emmie sentiu-se péssima. Tinha mentido, e sabia que mentir ao homem que amava mais do que tudo no mundo, em quem confiava o suficiente para passar o resto da sua vida, era algo imperdoável. Não obstante, Toby, apesar de nunca os ter conhecido, nutria uma antipatia irracional por Sanjay e por Iona, pela mera *ideia* de eles existirem, desde a última vez que Emmie estivera em Hampton Court.

Tudo aquilo não passava de ciúme normal a par de um amor intenso. Emmie sabia disso. Depois de alguns anos de casados, é provável que ele se estivesse a borrfar para onde ela ia, ou com quem, e ela lembrar-se-ia destes dias carregados de emoção com carinho e nostalgia. Mas, entretanto, era mais fácil para ela, e melhor para ele, se lhe contasse uma mentirinha piedosa.

Se quisesse ser bem sincera consigo mesma, de certa maneira achava os ciúmes de Toby lisonjeiros. Tranquilizadores, até. Uma prova da profundidade e da intensidade dos sentimentos dele. Contudo, sabia que isso a obrigava a comportar-se de uma maneira que a deixava desconfortável. Transformara-a numa pessoa desonesta.

– Desculpa por te ter mentido – disse ela. – De verdade. Mas eu sabia que tu irias reagir mal. Não compreendo qual é o problema que tens com os meus amigos do comboio, mas é óbvio que tens algum. De qualquer das formas, já que estamos a falar de confiança, porque é que me seguiste?

– Não te segui – respondeu ele. – Apenas ouvi na rádio que havia um problema grave na linha de Waterloo, por isso pensei que me verias como um herói se te desse uma boleia. Usei a aplicação Encontrar iPhone para ver onde estavas. Imagina a minha surpresa quando, em vez de estares a dirigir-te para norte em direção a Londres, ias para sul. – Fez a curva com tal velocidade que Emmie foi arremessada de encontro à porta do lado do passageiro, fazendo com que o cinto de segurança se enterrasse na sua clavícula.

– Toby, por favor vai mais devagar! – disse Emmie. Queria desesperadamente pedir-lhe para a levar de volta, para poder pelo menos despedir-se de Sanjay, mas mencionar o nome dele neste exato momento só iria piorar as coisas cem vezes mais. Desejou ter-se lembrado de lhe pedir o número do telemóvel, mas não contava precisar de lhe ligar entre o momento em que ele entrou no café e voltou a sair.

» Toby, concordámos em partilhar os locais onde ambos nos encontramos para o caso de uma emergência, e não para podermos localizar os movimentos de cada um – disse Emmie. – Acho que isso não está certo. Trata-se de uma invasão de privacidade. Podias ter-te limitado a telefonar-me!

– Emmie, tu é que me mentiste, sem contemplações, e depois foste encontrar-te com um homem num café pelas minhas costas. Não estás em posição de me dar sermões sobre comportamento e ética. Estás mesmo à espera que eu acredite que não se passa nada? Tenta ver a coisa pelo meu ponto de vista! – Toby virou-se e fitou-a.

– Por amor de Deus, presta atenção à estrada! – disse ela. – Ainda vais conseguir matar-nos aos dois! Entendo o que deve parecer, mas é claro que não se passa nada. Nunca te faria uma coisa dessas. Ele é mesmo só um amigo.

– Muito bem, não vais voltar a vê-lo – declarou Toby, assemelhando-se a uma criança mimada.

– Toby, não podes dizer-me quem eu posso ou não ver – replicou ela, tentando manter-se firme, mas foi traída pelo tremor da sua voz. – Seja

como for, não posso deixar de vê-lo. Apanhamos o mesmo comboio quase todos os dias.

Toby não respondeu, e prosseguiram em silêncio durante o resto do trajeto para casa. Na verdade, ele não lhe dirigiu a palavra durante o resto do fim de semana, e ela sentiu-se incrivelmente sozinha.

Agora, passadas três semanas, tudo tinha voltado ao normal, e Toby agia como se nada tivesse acontecido. Se possível, mostrava-se ainda mais carinhoso e atencioso do que nunca. No entanto, todo este episódio aborreceu e incomodou Emmie. Era capaz de entender o motivo que levava Toby a agir daquela maneira, mas desde essa altura sentia-se no seu limite. Andava com os nervos à flor da pele. Desconfiada. Sabia que isso não era lógico nem racional, uma vez que Toby a idolatrava – nem em sonhos alguma vez lhe passaria pela cabeça fazer-lhe mal. Quando muito, mostrava-se demasiado protetor.

Uma pergunta incómoda não parava de dar voltas na sua cabeça como uma traça a voar em círculos junto a uma lâmpada, apesar de ser torturada pelo calor: *Como é que se distingue a diferença entre preocupação e controlo?*

É evidente que Emmie não fazia tentativas de evitar Sanjay por causa dos ciúmes de Toby, mas acontece que não tinha grande escolha, uma vez que Sanjay não parecia disposto a falar com ela. Sempre que o avistava ao longe, ele encaminhava-se na direção contrária. De propósito.

Emmie estava determinada a resolver as coisas entre eles. Pegou na mala e percorreu a coxia na direção dele.

– Olá, Sanjay – disse. – Importa-se que me sente aqui?



Sanjay

8h19 De New Malden a Waterloo

– Obrigada – disse Emmie, como se Sanjay a tivesse convidado a juntar-se a ele, coisa que não fizera. Sentou-se no lugar defronte dele, mesmo assim. – Tenho andado doida para saber se conseguiram encontrar a Iona. Ela está bem?

– Sim – respondeu Sanjay.

– Sim, encontraram-na, ou sim, ela está bem? – perguntou Emmie.

– As duas coisas – disse Sanjay. Sabia que Emmie queria mais informações, mas achava que ela não merecia. Deixara bem claro que não queria passar tempo nenhum na companhia dele. Vira-a ao longe algumas vezes no decurso das últimas semanas. Por conseguinte, é óbvio que ela não foi raptada por alienígenas nem por nenhuma seita religiosa, nem tão-pouco estava a sofrer de amnésia depois de um terrível traumatismo craniano. Era apenas malcriada, e não a rapariga que julgava que ela fosse. Sanjay cometeu o erro clássico de julgar um livro pela sua capa.

– Olhe – disse Emmie. – Sei que está zangado comigo, e não o censuro. Foi uma tremenda falta de educação da minha parte desaparecer sem dar uma explicação, e sinto muito, muito mesmo.

Sanjay não disse nada. Macacos o mordessem se iria facilitar-lhe a tarefa. Olhou pela janela, à medida que a paisagem relativamente luxuriante e

aberta dos subúrbios ia sendo substituída pelo tijolo compacto, cimento armado e vidro laminado do centro de Londres.

– O meu noivo apareceu. Tinha havido uma situação de emergência. Foi um dia deveras difícil – disse ela.

– Isso não justifica o facto de se ter ido embora sem se despedir – disse Sanjay. – Tinha-lhe comprado um café. E pão de banana. Feito com bananas de comércio sustentável. – Amaldiçoou-se. Isso não vinha ao caso.

– Bom, ele estava um bocadinho zangado. Eu não estava onde disse que estaria, e às vezes ele mostra-se algo ciumento. Suponho que seja lisonjeiro, na verdade – disse Emmie. Dirigiu-lhe um sorriso nervoso, e Sanjay não percebeu muito bem quem é que ela estava a querer convencer: se a ele, ou se a ela mesma.

Sanjay sentiu as suas emoções mudarem da raiva, passando pela confusão, antes de se fixarem na preocupação.

– Emmie, ele *seguiu-a*? – perguntou.

– Não, não foi bem isso – replicou ela. Sanjay esperou que Emmie aprofundasse o assunto. – Partilhamos uma aplicação de localização do *iPhone*. Sabe como é, para alguma situação de emergência. Ele ouviu a notícia de que havia um problema grave na linha do comboio e limitou-se a verificar onde eu estava, para ver se podia ajudar-me. O que foi superatencioso da parte dele.

Sanjay mordeu a língua para não falar o que não devia. Era muito possível – provável, até – que a sua inquietação nada tivesse que ver com Toby, e fosse apenas desespero disfarçado. A necessidade de encontrar alguma razão para não gostar do noivo de Emmie, alguma brecha na pessoa de «Senhor Totalmente Perfeito».

– O Toby sempre quis cuidar de mim, proteger-me – disse ela. – Logo desde o princípio. Foi assim que nos conhecemos, sabe. Tinham-me roubado a carteira no Metro. Ele foi dar comigo junto ao torniquete sem bilhete e sem dinheiro, e socorreu-me.

Maldito Toby. O homem era um lugar-comum ambulante, com a sua atitude de perfeito cavaleiro andante.

– Uau. Que romântico – disse ele. Terá soado sarcástico? Esperava que não. – Emmie, não quero interferir nem nada disso, e sei que não é da minha conta, mas tenha cuidado com toda essa cena do ciúme. – Viu Emmie tentar interrompê-lo, mas ele prosseguiu, assim mesmo, sem parar para questionar o que estava prestes a dizer, para não perder a coragem. – Sabia que eu costumava trabalhar nas Urgências? Bom, vi muitas mulheres cujos companheiros «ficavam um bocadinho ciumentos». Costumavam dizer-me que a princípio era tudo paixão descontrolada e obsessiva, mas depois ele começava a determinar onde elas podiam e não podiam ir, quem podiam e não podiam ver, o que podiam e não podiam vestir e como gastavam o seu dinheiro, caso lhes fosse permitido ter algum. E, passados uns tempos, descobriam que quando saíam da linha acabavam por «cair das escadas» ou «ir de encontro a um armário». Depois, por fim, davam por elas a soluçar no meu ombro na sala de família, dizendo-me que sabiam que tinham que sair daquela relação, mas não atinavam como. Não quero isso para si.

Sanjay fez uma pausa, e olhou com nervosismo para Emmie. Esta tinha ficado muito calada e muito quieta, com os olhos cravados nas unhas ao mesmo tempo que ia fechando e abrindo os punhos. Tinha ido longe demais. Gostaria de poder agarrar essas palavras com as duas mãos e voltar a engoli-las, mas sabia que mesmo que pudesse fazê-lo, acabaria por se engasgar e sufocar com elas.

– Sanjay – disse Emmie quase num sussurro. – Sei que a sua intenção é boa, mas não faz a mínima ideia do que está a dizer. Você não me conhece, e é evidente que não conhece o Toby. Ele ama-me, e eu amo-o. Por conseguinte, por favor, concentre-se nos seus pacientes, que precisam de facto da sua ajuda, e deixe-nos em paz.

– Está certo, Emmie – disse ele. – Sei que não conheço o Toby, mas não sou eu quem faz tensões de casar com ele. É você, por isso, faça-me o favor de se certificar de que o conhece mesmo, de verdade. Mostra-se sempre tão empenhada em garantir que toda a gente é tratada de forma ética e justa; limite-se apenas a assegurar-se de que o mesmo acontece consigo, também.

– Eu não *faço tenções* de casar com o Toby, Sanjay. Eu *vou* casar com ele – disse Emmie, fitando-o com persistência. E com um péssimo sentido de oportunidade, o comboio estremeceu até parar por completo na estação de Waterloo. Antes mesmo de Sanjay ter tempo de se pôr de pé, já Emmie saía pelas portas descendo para a plataforma, abrindo caminho através da multidão e afastando-se dele.

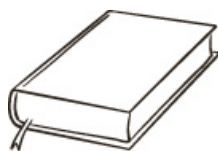
Durante o dia inteiro, Sanjay recapitulou a conversa, questionando as suas motivações, revendo as atitudes de Toby de todas as perspetivas. Às vezes, um conjunto de sintomas aparentemente óbvios podia contribuir para um diagnóstico muitíssimo diferente. Uma suposta malignidade muitas vezes podia ser benigna, afinal. Ele sabia disso.

Talvez Toby fosse o Senhor Perfeito. Ansioso por cuidar da sua amada noiva e certificar-se de que ela se encontrava em segurança e era feliz. E nem sequer podia culpar Toby por ser algo ciumento, pois não? Afinal de contas, Sanjay tinha passado semanas a ferver de ciúmes, e isso não fazia de si um molestatador.

Talvez ele tivesse apenas comprometido qualquer possibilidade de amizade com Emmie sem nenhuma razão. Se ao menos tivesse mantido a sua estúpida boca fechada, então poderia estar ao lado dela para apoiá-la, caso as coisas dessem para o torto.

Num raro momento de calma, Sanjay correu até à cantina, pediu uma chávena de chá e um *KitKat*, e sentou-se a uma mesa. Procurou a aplicação que usava para monitorizar a linha do comboio no telemóvel e digitou *atrasos de comboios Hampton Court Waterloo* e a data da viagem em que foram procurar a Iona. Procurou, procurou e procurou, mas não havia ali nada. Nenhum atraso, nenhum problema, em ambos os sentidos. Nada até ao início da noite em que houve uma avaria num comboio perto de Vauxhall.

Ou bem que Emmie lhe mentiu, ou então foi Toby que lhe mentiu a ela.



Emmie

Durante o dia inteiro no emprego, Emmie ruminou nas frases que Sanjay tinha proferido e reexaminou-as na sua cabeça. *Ele começava a determinar onde elas podiam e não podiam ir, quem podiam e não podiam ver, o que podiam e não podiam vestir e como gastavam o seu dinheiro.* E depois visualizou Toby, a dizer-lhe que não poderia mais ver Sanjay. Em seguida, pensou no fato que ele lhe havia comprado como presente surpresa ainda na semana passada, aquele com um corte lindíssimo e impecável e caríssimo, mas que a fazia parecer uma versão acanhada de uma assistente de bordo de meia-idade da British Airways. *Agora que vais ser dona de uma empresa, precisas de um visual à altura,* dissera Toby, dirigindo-lhe um sorriso radioso. *Isso significa que acabaram as minissaias ou os grandes decotes...* Pareceu ter ignorado o caso de que ela ainda não havia decidido se iria ou não despedir-se do emprego. No entender de Toby, era um facto consumado.

Emmie recordou-se da insistência de Toby para que os salários de ambos fossem depositados numa conta conjunta, como sublinhava os extratos com um marcador e como, cada vez com mais frequência, questionava as compras que ela fazia. *Estamos a poupar para o nosso casamento, Emmie. Não podes continuar a gastar dinheiro em frivolidades como maquilhagem.* E depois, como sempre, amenizava a sua atitude severa, soprando a ferida, com palavras de amor: *Em todo o caso, acho que és linda assim tal como és.*

Depois, um pensamento mais devastador do que todos os outros. As palavras que Emmie nunca comentara com ninguém, porque faziam com que se sentisse envergonhada e com medo: *ESSA SAIA COR-DE-ROSA FAZ-TE PARECER UMA PEGA. TODOS NÓS SABEMOS QUE NÃO PASSAS DE UMA FRAUDE. NÃO MERECEES UM HOMEM COMO ESSE.* Afastou as palavras com um gesto enérgico da mão. Toby adorava-a. Nunca minaria de propósito a sua confiança dessa maneira.

É evidente que quem estava a ser superprotetor era Sanjay, e não Toby. Estava a deixá-la paranoica, abrindo uma brecha sem querer no meio do seu relacionamento perfeito. Emmie sentiu-se como se estivesse a contemplar aquele vestido que viralizou na Internet alguns anos antes. O que é que vê? É realmente preto e azul, ou branco e dourado? É impossível ser as duas coisas.

Emmie parou por uns instantes à porta de casa, tentando acalmar-se e regularizar a respiração. Toby ia levar uns clientes a jantar fora essa noite, por conseguinte iria dispor de algum tempo para si para poder pensar.

– Olá, Toby! – disse ela no seu tom de voz normal, descalçando os sapatos e despindo o casaco, colocando-os nas respetivas áreas autorizadas, da sua forma habitual.

Toby entrou no vestíbulo.

– Olá, Emmie! O que é que se passa? Estás bem? – perguntou ele. Ao que parece, não se comportara como era habitual.

– Estou apenas cansada – replicou. – Tive um dia difícil.

– Pobre querida – disse Toby. – Quanto mais depressa saíres desse emprego, melhor para ti. Porque é que não tomas um banho e te deitas cedo? Não te esqueceste que vou sair esta noite, pois não?

– Não – respondeu. – Talvez seja melhor mesmo. Neste momento não seria muito boa companhia. – Às vezes, a mentira mais fácil é a verdade.

Emmie executou todos os movimentos habituais em modo de piloto automático. Sentia-se como se estivesse a rever um filme antigo de si mesma, filmado em alturas muito diferentes. A imagem assemelhava-se a ela, mas era bidimensional e inconsistente.

Para se distrair, Emmie abriu o *feed* do Instagram. Era raro consultar a sua página pessoal do Instagram. Quando se passa tantas horas de trabalho a lidar com as redes sociais, fazê-lo em casa perde o seu atrativo. Abriu as mensagens. Uma delas destacava-se, de uma conta que ela não seguia: @ionabeaandlulu. Clicou nela. *Emmie, se precisar de mim, pode encontrar-me em Riverview House, Hurst Road, East Molesey.* Em seguida um número de telemóvel, e as palavras: *Estou preocupada. Iona.* Tinha sido ali deixada há semanas. No dia em que eles tinham ido à procura dela. O dia em que começaram a surgir brechas no seu mundo perfeito. As brechas que pareciam vir a alargar-se transformando-se em abismos.

O dedo de Emmie pairou sobre o ecrã, mas não fazia a mínima ideia de como responder. Por onde haveria sequer de começar? Deixá-la-ia para mais tarde. Contudo, agarrou-se à preocupação de Iona para consigo como um talismã da sorte.

Por fim, a porta da rua fechou-se atrás do seu noivo, e o espartilho que lhe esmagava a caixa torácica começou a afrouxar um pouco.

Até que ponto é que o conheces bem, Emmie?, disse a voz no interior da sua cabeça, parafraseando as palavras que Sanjay proferira nessa mesma manhã. Ela conhecia-o *de verdade*, claro que conhecia, ou não? Estavam juntos há dois anos, e viviam juntos há alguns meses. Além de que havia vantagens quanto à obsessão de Toby em relação à organização, e quanto à sua filosofia de *um lugar para tudo, e tudo no seu lugar*. Emmie sabia o que cada gaveta e armário da casa de ambos continha – e por ser uma construção recente – não havia tábuas soltas no soalho nem esconderijos ocultos no interior do seio de uma lareira antiga. Não havia sítio nenhum onde ele pudesse ocultar segredos dela.

Havia apenas um lugar que sempre permanecera um enigma. O escritório de Toby, ao qual ele se referia com frequência, com uma gargalhada, como a sua *caverna masculina*. Emmie só lá entrava quando ele se encontrava em casa, e mesmo assim, só depois de bater à porta.

Emmie abriu a porta do escritório. O perfume de Toby ainda pairava no ar. O coração martelava-lhe no peito, e todos os seus sentidos estavam

sintonizados para lutar ou fugir, como se a mão dele pudesse pousar-lhe no ombro a qualquer momento.

O aposento encontrava-se tão imaculado como o resto da casa. Em cima da secretária, apenas um mata-borrão, uma caneta de tinta permanente, um suporte para cartas e um abre-cartas em prata antiga, todos eles dispostos em linhas retas perfeitas, em ângulos retos entre si. No meio do silêncio, o suave tiquetaque de um antigo relógio de carrilhão em cima da estante soava tão alto e sinistro como o mecanismo de contagem regressiva de uma bomba-relógio.

Emmie sentou-se na cadeira de secretária de Toby, sentindo uma espécie de suspiro quando o assento de couro almofadado cedeu ao de leve debaixo de si, ajustando-se a um peso e um formato desconhecidos. Deslizou as mãos sobre o tampo polido da mesa. Estilo eduardiano falso, mogno falso. Será que Toby também era falso?

Pousou os dedos com cautela sobre o teclado do computador de Toby. Tinha utilizado o computador dele uma ou duas vezes, quando o seu portátil se encontrava sem bateria. Lembrava-se de se ter rido quando ele lhe disse a palavra-passe. Emmie20111990. A data do seu nascimento. Não lhe teria contado qual era a palavra-chave assim de livre vontade se tivesse alguma coisa para esconder, pois não?

Digitou-a, e o monitor ganhou vida.

Emmie vasculhou-lhe os *e-mails* e os arquivos. O disco rígido de Toby era tão limpo e tão organizado como tudo o resto na sua vida. Emmie não conseguiu ver nada inapropriado. O que estava ela a fazer, invadindo a privacidade dele por dá cá aquela palha? Estava a cometer o mesmo crime de que o acusara há tão pouco tempo.

Afastou a cadeira da secretária e abriu as gavetas uma por uma, expondo passaportes, documentos, fotografias empilhados com todo o cuidado – nada inesperado, nada fora do lugar. Já podia parar com isto. Não possuía nenhuma razão válida para agir desta maneira, além de uma conversa inquietante na viagem de comboio. Afinal de contas, do que é que andava à procura?

Depois, chegou à última gaveta de baixo, e esta não se abriu. Emmie puxou outra vez pela pega de latão brilhante, mas a gaveta estava trancada. Não havia sinal de uma chave em parte nenhuma. Gemeu alto e bom som de pura frustração.

Pensa, Emmie. Pensa. Porque é que Toby mantinha uma gaveta trancada? Talvez fosse apenas para manter o seu conteúdo a salvo dos ladrões, ou se calhar para mantê-lo longe dela. *Até que ponto é que o conheces bem, Emmie?*

Pegou no abre-cartas – com o formato de um punhal em miniatura – e enfiou a ponta no pequeno buraco da fechadura. Torceu-a para cima e para baixo puxando e ao mesmo tempo empurrando a pega da gaveta.

A gaveta acabou, finalmente, por se abrir com um ligeiro estalido, mais por uma combinação de sorte e de força do que de perícia. Toby perceberia de imediato o que ela fizera, deu-se conta, com o medo apunhalando-a entre as costelas. Como é que iria explicar-lhe uma coisa daquelas?

Emmie espreitou para dentro da gaveta. No início, não conseguiu ver lá nada de nada.

Esforçando-se por se manter calma, meteu a mão até ao fundo da gaveta, e sentiu o formato fino e perfeito de um *iPhone*. O antigo telemóvel de Toby. Aquele que ela presumira que ele havia reciclado quando comprou um de última geração no último Natal. Carregou no botão lateral, à espera de que a bateria estivesse descarregada, mas o aparelho ligou-se quase de imediato. Era necessária uma senha de quatro dígitos. Experimentou o ano de nascimento dele. Depois o dela. Depois 2017, o ano em que se conheceram. E conseguiu entrar. Todos os códigos de acesso dele eram acerca dela, mas agora, em vez de isso a fazer sorrir, fê-la arrepiar-se.

O telefone deve ter sido restaurado com as configurações de fábrica, porque não havia ali nenhuma das aplicações favoritas de Toby. Nada além das funções básicas. Emmie susteve a respiração ao tocar no ícone das mensagens. Apenas uma única mensagem, e ela conhecia de cor cada palavra que continha como se estivessem gravadas a ferro e fogo na sua alma. *ACHAS-TE TÃO ESPERTA, MAS TODOS NÓS SABEMOS QUE NÃO PASSAS DE UMA FRAUDE.*

As paredes fecharam-se em torno de Emmie, sufocando-a. Colocou um dedo trémulo sobre o ícone do *e-mail*, sabendo de antemão o que iria encontrar. Dois *e-mails*, ambos enviados para ela. De a.friend@gmail.com. O telefone queimou-lhe a mão e Emmie deixou-o cair em cima da secretária, e em seguida enfiou a mão até ao fundo da gaveta de novo.

Os seus dedos fecharam-se em torno de algo tão familiar que as suas impressões digitais se encontravam moldadas no couro coçado. Emmie obrigou-se a continuar a respirar, tentando estrangular as cobras que se contorciam dentro do seu estômago. Era a sua antiga carteira. A carteira que lhe tinha sido roubada de dentro da mala no Metro, no dia em que conheceu Toby. Toby, que a encontrara, impotente, no lado errado da cancela, sem bilhete. Toby, que a amparara e a salvara. O seu cavaleiro andante vestido de caxemira macia.

Abriu-a e lá estava ela – a fotografia que julgara que nunca mais iria ver, dela e da mãe. Todos os cartões de Multibanco e de crédito que foi obrigada a cancelar, mas nada de dinheiro. Será que ele a resgatara emprestando-lhe o seu próprio dinheiro?

E para quê guardar a carteira? Porque fazia tenções de confessar, e devolvê-la um dia? Ou seria alguma espécie de troféu? O equivalente dele à cabeça embalsamada de um leão afixada na parede de uma casa de campo, ou a uma borboleta presa com alfinetes num expositor de vidro.

De repente, tudo ficou claro. Toby não era o seu salvador, era o seu captor. Sempre fora. Criara uma gaiola dourada para ela, e ela limitara-se a entrar – agradecida e carinhosa, sorrindo e usando um anel com um diamante solitário. Ele andou a minar a sua confiança, fazendo-a duvidar de si mesma com as suas mensagens anónimas, e depois começou a cortar-lhe todas as rotas de fuga, afastando-a de quaisquer potenciais salvadores, dos seus amigos do comboio e dos seus colegas de trabalho. *Tu adoras trabalhar em casa, Emmie.*

Como é que podia ter sido tão cega? Estaria assim tão desesperada em acreditar no felizes-para-sempre que não conseguiu ver o que estava ali mesmo diante do seu nariz?

Tirou o anel do dedo e colocou-o no meio da secretária. Em seguida afastou-o, cerca de sete centímetros e meio para a esquerda. Toby odiava que as coisas não estivessem sempre centradas.

Com a carteira na mão, Emmie correu pelas escadas abaixo até ao seu quarto, tirou uma mala de viagem da prateleira de cima de um dos roupeiros, e começou a atirar as suas roupas lá para dentro. Enquanto o fazia, reproduziu na sua cabeça a mensagem do Instagram que lera mais cedo: *Se precisar de mim, pode encontrar-me em Riverview House, Hurst Road, East Molesey.*

Emmie parou no vestíbulo e encaminhou-se na direção das fileiras compactas de sapatos de Toby, emparelhados com todo o cuidado e voltados para a frente, que nem soldados numa parada. Com mãos trémulas, tirou um de cada par, e, enquanto descia a rua rumo à estação, atirou-os para dentro do contentor de lixo de um vizinho. Em seguida, vomitou na sarjeta.



Sanjay

19h15 De New Malden a Hampton Court

Antes de sair do hospital, Sanjay parou junto ao quadro de avisos dos funcionários. Percorreu com os olhos a montagem de anúncios sobre oportunidades de emprego, sobre coisas perdidas e achadas, apartamentos para alugar e bicicletas para vender, até que ali, mesmo no canto inferior direito, descobriu-o. Um pequeno aviso muito simples que dizia REUNIÃO DO GRUPO DE APOIO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE, TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS ÀS 13 HORAS. SÃO TODOS BEM-VINDOS, seguido do nome e do número de telefone do organizador. Sacou do telemóvel e tirou uma foto do aviso. Não faria mal nenhum em alinhar uma vez, só para dar uma vista de olhos, pois não?

Sanjay subiu o último lanço de escadas que conduziam ao seu apartamento e dobrou a esquina. Julgou que talvez estivesse a imaginar sentir um leve aroma a *biryani*, mas não. Ali, pousado na soleira da porta, havia um volumoso saco de compras com uma folha dobrada de papel A4 por cima, com o seu nome escrito a negro e em maiúsculas.

Sanjay desdobrou o bilhete: PARA PARTILHARES COM UMA PESSOA AMIGA, dizia, numa caligrafia quase tão familiar como a sua própria: a da

sua mãe. No final, acrescentou, como sempre: P.S. AQUECE NO FOGÃO EM LUME BRANDO. NÃO LEVES AO MICRO-ONDAS.

A mãe de Sanjay, Meera, demonstrava o seu amor por intermédio da comida, mas achava que cozinhar para dois, agora que ele e os irmãos já tinham saído de casa, era impossível. Cozinhava em panelões enormes, servia a comida com conchas gigantescas, e não era capaz de servir doses pequenas. Por conseguinte, sempre que a empresa do pai tinha uma corrida de táxi para os lados de New Malden, ela tratava de atafulhar o motorista com sobras para o filho.

Meera também tinha uma chave da casa. Insistira nisso, para alguma emergência. Nos primeiros tempos quando Sanjay vivia com alguns colegas de trabalho, ela costumava aparecer sem avisar, de vez em quando, e fazia uma boa limpeza ao apartamento. Depois de uns quantos incidentes algo embaraçosos, que envolveram um preservativo usado, e o material pornográfico secreto de Ethan, todos concordaram que não iriam permitir mais a entrada dela sem aviso prévio, a menos que um deles se encontrasse às portas da morte. E mesmo assim, teria que vir acompanhada por um membro dos serviços de emergência e não estava autorizada a tocar em nada.

Os colegas com quem Sanjay dividia a casa adoravam os cozinhados da sua mãe quase tanto quanto ele, e sempre era um excelente pretexto para comprar umas cervejas e comer uma comida indiana legítima enquanto assistiam juntos a um filme. Contudo, ao olhar para o bilhete, Sanjay apercebeu-se de que tinha outra pessoa amiga com quem gostaria de partilhar o jantar dessa noite. Muito mesmo.

Sacou do telemóvel.

– Entre, Sanjay! – convidou Iona sorrindo radiante. – Há apenas uma coisa melhor do que um rapaz jeitoso aparecer à nossa porta: um rapaz jeitoso acompanhado do jantar. – Sanjay entregou-lhe o saco das compras.

» Isto é tão emocionante! – exclamou Iona. – É difícil de preparar? Sou uma péssima cozinheira. A Bea costumava dizer que quando queria perder

peso, bastava pedir-me para me encarregar da cozinha durante um mês.

– Não tem ciência nenhuma – disse Sanjay. – Basta enfiar no micro-ondas. Oh, mas não se esqueça de que não deve utilizar recipientes de alumínio, caso contrário o micro-ondas explode. O Ethan fez isso uma vez. Levámos séculos a raspar a curcuma do teto. Enfim, o que é que andou a fazer, Iona? Está com um ar um pouco... afogueado – disse Sanjay.

– Que simpático da sua parte dizer isso, querido. Há muito tempo que ninguém se refere à minha pessoa como estando «afogueada» – replicou Iona, com uma piscadela de olho lasciva. Sanjay não sabia ao certo se ela entendera mal o que lhe havia dito de propósito, ou não. – A adorável Martha ainda cá está. Tenho estado a ensiná-la a dançar o canção. Venha juntar-se a nós... Dessa forma podemos abrir o apetite antes de aquecer a comida. Vai precisar de uma saia.

Com uma certa apreensão, Sanjay seguiu Iona até à sala de jantar. A mesa e as cadeiras tinham sido afastadas para um dos lados, e o tapete fora enrolado, revelando um soalho de parquê encerado.

– Olá, Sanjay! – disse Martha, que estava ainda mais afogueada do que Iona. Ainda envergava o uniforme da escola, mas por cima da regulamentar saia azul-marinho via-se uma outra volumosa, numa infinidade de cores e camadas de folhos.

– Aqui tem! – disse Iona, entregando-lhe um traje semelhante, com um cóis de elástico.

Ficou bem claro para Sanjay que discordar estava fora de questão. Vestiu a saia por cima das calças.

Iona dirigiu-se a um gira-discos antiquado.

– Temos estado a usar o clássico canção de Offenbach, *Orfeu nos Infernos* – disse Iona. – Um bocadinho piroso, mas muito divertido.

E poucos minutos depois, Sanjay rodava as saias e levantava as pernas no ar como um profissional. Lembrou-se de ter esbarrado nos colegas de apartamento a caminho da estação, e de estes terem gozado com ele quando descobriram que levava comida consigo para uma «rapariga». *Ooh, o Sanjay tem um encontro. Já não era sem tempo, porra.* Se eles pudessem vê-lo agora. Nunca mais seria capaz de recuperar da humilhação.

Martha fitou-o e desatou a rir à gargalhada. Mais do que justificava a situação, na sua opinião. Ria-se tanto que ele ficou preocupado que ela não conseguisse respirar em condições. A rapariga desabou no chão, depois deitou-se de costas, contemplando o teto através das pupilas dilatadas.

– Ugh, a sala está a andar à roda – disse ela.

– Martha – disse Iona, parecendo bastante preocupada. – Quando foi à cozinha buscar um copo de água, não comeu um dos meus biscoitos, pois não?

– Sim, na verdade comi – respondeu Martha. – Estava faminta. Achei que não ia importar-se. São irresistíveis. O mais esquisito é que parece que me deixaram ainda *com mais* fome.

– Oh, que grande gaita – disse Iona. – Aqueles são os meus biscoitos especiais. Como-os por causa da artrite.

Sanjay olhou para Iona, depois olhou para Martha, e de repente tudo fez sentido.

– Iona, deu à Martha um biscoito de canábis? – perguntou.

– Eu não lho *dei*, querido. Foi ela quem tirou. Não se preocupe, não tarda o efeito passa. Ela vai ficar fina. E não terá dores nas articulações por uns tempos.

– Estou fina agora, para ser franca! Mais do que fina – disse Martha. – Só não contem nada à minha mãe.

A combinação da música e das gargalhadas de Martha era tão alta que a campainha da porta já devia estar a tocar há algum tempo antes de eles terem dado por isso.

– Iona! Que barulho de campainha é esse? É na minha cabeça? – berrou Martha, acima do ruído.

Iona levantou o braço da agulha do disco.

– É a campainha da porta. Caramba, já não tinha tantas visitas surpresa desde que a Bea pôs a fritadeira ao lume antes de subir para ir tomar um banho, esquecendo-se dela por completo. Recebemos a Corporação de Bombeiros de Kingston inteira para o jantar. Era a fantasia de qualquer mulher heterossexual. Um completo desperdício connosco. Esperem aqui, vou ver quem é – disse Iona.

Sanjay consultou o telemóvel. Havia uma mensagem de texto da sua mãe:

Mãe: ARRANJASTE UMA PESSOA AMIGA COM QUEM PARTILHAR O JANTAR?

Preparava-se para responder quando Iona regressou à sala.

– Vejam só quem veio passar aqui uns tempos – disse Iona. Atrás dela vinha Emmie. E uma mala de viagem.

Sim, digitou Sanjay.

A mãe enviou-lhe um *emoji* sorridente, um de confetes e um coração como resposta.

Meera usava com frequência os *emojis* de maneira inadequada. Já se metera em todo o tipo de sarilhos com o uso indevido da beringela. Mas desta vez, conseguiu descrever exatamente como Sanjay estava a sentir-se.

No entanto, a euforia de Sanjay depressa se transformou em preocupação, quando Emmie se limitou a deixar-se cair toda encolhida no chão da sala de jantar a soluçar.



Piers

8h13 De Surbiton a Waterloo

Enquanto Martha trabalhava nas equações que Piers lhe tinha passado, este entreteve-se a pesquisar os imóveis locais mais recentes na Rightmove. Já tinham uma oferta pela casa, por isso andavam à procura de um imóvel mais modesto para Candida e para as crianças, e um apartamento nas proximidades para ele. O problema é que modesto não era um conceito com que Candida estivesse muito familiarizada, portanto estava a demorar um bocado.

Piers ficou espantado com o pouco que se importou em vender a sua casa. Tinha sido escolhida por Candida, mobilada por um *designer* de interiores, e conservada por todo um exército de funcionários. Ele pagou tudo, mas nunca a sentiu de facto como sua. Pareceu-lhe profundamente irónico que tivesse comprado aquela casa obscenamente enorme e, no entanto, passasse todo o seu tempo a procurar os seus recantos mais pequenos e mais aconchegantes para se refugiar. Ansiava em segredo por criar o seu próprio lar, algures num lugar despretensioso, descontraído e confortável. Um lugar para onde Minty e Theo adorassem ir depois da escola e aos fins de semana.

Martha entregou-lhe o exercício, com confiança.

– Não vais precisar de mim por muito mais tempo, Martha – disse Piers, verificando todas as respostas corretas e meticulosamente trabalhadas.

– Estou a melhorar, não estou? – perguntou ela. – Ei, sempre levou os seus antigos fatos para aquela instituição de beneficência que apoia as pessoas em situação de desemprego prolongado, tal como lhe sugeri?

– Sim. Eles quase mos arrancaram das mãos. Disseram que seriam perfeitos para as entrevistas de emprego dos seus utentes. Guardei um, como recordação dos velhos tempos. Martha, posso pedir-te um conselho sobre uma coisa?

– A mim? – disse Martha, parecendo atónita com a inversão de papéis.

– Sim, a ti. Pois então, o diretor mandou chamar-me na semana passada. Disse que estava muito satisfeito com o trabalho que tenho estado a fazer, e ofereceu-se para me deixar lecionar uma turma de verdade – disse Piers.

– Oh, uau! Isso é espetacular! – disse Martha.

– Bom, na verdade, não é. Foi uma catástrofe total, para ser franco – disse Piers, encolhendo-se face à recordação que não parara de recapitular vezes sem conta na sua cabeça numa espiral humilhante. – Não me prestaram a mínima atenção. Continuaram a conversar uns com os outros, atirando bolas de papel por todo o lado e com o nariz enfiado nos telemóveis, que eu não tive a coragem de confiscar. Havia uma mancheia de miúdos nos bancos da frente que se esforçavam com toda a valentia para acompanhar a aula, mas era impossível com toda aquela barulheira. Sou um fiasco total, Martha.

Piers apercebeu-se de que apenas alguns meses antes, nunca lhe teria passado pela cabeça ter uma conversa como esta, onde expunha o seu fracasso, a sua fraqueza e a sua falta de confiança. Muito menos com uma adolescente e menos ainda num transporte público. No entanto, a sua própria viagem até à beira do abismo e as subsequentes sessões de «terapia» com Iona pareciam ter-lhe concedido esta necessidade de *partilhar*. Esperava que isso fosse uma coisa boa, pois não sabia como voltar a fechar a tampa da Caixa de Pandora.

– Oh, não se preocupe – disse Martha. – Faz parte do processo. Fazemos isso com todos os professores substitutos. É assim como um teste de iniciação. Se bem que a maior parte deles nunca mais volta.

– Mas eu tenho outra aula hoje – disse Piers, sentindo-se doente só de pensar. – E o que é que pode acontecer se o diretor aparecer por lá e se se

deparar com a carnificina total na minha sala de aulas? Posso dizer adeus ao meu lugar no curso de formação de professores.

– Já alguma vez viu um documentário do David Attenborough? – perguntou Martha, no que parecia uma completa falta de lógica.

– Sim, claro que já vi – replicou ele.

– Bom, o que você precisa de perceber é que os adolescentes são como a vida selvagem no parque Masai Mara. Vai precisar de entender a sua psicologia. Vá por mim, passei anos a estudar esta matéria – disse Martha. – Foi a única razão por que consegui sobreviver este tempo todo.

– Está certo, conta-me mais – disse Piers, tentando não soar cético.

– Quando entrar numa sala de aulas... o charco de água onde beber, se preferir... terá que ser o macho alfa. Percebe, como o grande gorila – disse Martha. – Será que há gorilas no Mara? Não tenho a certeza se há. Digamos que estamos no Ruanda. Seja como for, *não pode demonstrar medo* e, acima de tudo, *não* pode esforçar-se em demasia. Se se esforçar muito ou se parecer importar-se de alguma forma com o que eles pensam a seu respeito, vai estar a dar-lhes o poder. O alfa não precisa de fazer esforço, limita-se a ser. Compreende?

– Sim, penso que sim – disse Piers, recordando os tempos da sala de mercados, que era uma verdadeira selva de macacos, leões devoradores de homens e cobras venenosas.

– E vai ter que descobrir quem é o aspirante a alfa – prosseguiu Martha. – Será um miúdo em quem todos se espelham, que todos admiram, que competirá consigo pela posição dominante. Vai precisar de isolá-lo ou isolá-la, e *derrubá-lo*. Logo desde o princípio. Depois o bando... que é o substantivo coletivo para designar os gorilas, a propósito... vai olhar para si em busca de liderança.

– Como é que o derrubo? – perguntou Piers.

– Ou a ela, ou a eles – acrescentou Martha, com firmeza.

– Ou a ela, ou a eles – repetiu Piers, resistindo à tentação de revirar os olhos. – Não estás à espera que eu arreganhe os dentes e bata no peito, pois não?

– Não, é óbvio que não – respondeu ela num tom de voz exasperado. – Não deve levar estas analogias tão a sério. Aja como os comediantes de *stand-up* com os provocadores e as vaias. Sem maldade nem agressividade, mas sim com inteligência e engenho. E firmeza. É capaz de fazer isso, eu sei que é. – Piers sentiu-se ridiculamente contente com a fé que Martha depositava nele. – Portanto, quando entrar naquela sala de aulas, lembre-se do Attenborough. Pense: *Olhem só para todos estes chimpanzés idiotas. Eu sou o grande gorila*. Para ser sincera, eu levo o Attenborough comigo para todo o lado – disse Martha. – Ele é o melhor.

O comboio entrou na estação de Vauxhall, e Martha examinou a multidão na plataforma, tal como sempre fazia em cada paragem. Mas agora fê-lo com expectativa, não com medo. Piers avistou um grupo de rapazes com uniforme escolar idêntico ao dela.

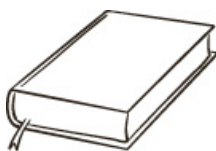
– Desculpe, Piers. Preciso de ir – disse Martha. – Vou sentar-me ao pé do Romeu, da peça.

Viu Romeu acenar a Martha. Piers sabia que o seu verdadeiro nome era Aaden. Era um dos rapazes que aparecera numa das palestras de Piers sobre a admissão a Oxbridge, um somali candidato ao estatuto de refugiado que, ao que tudo indicava, não sabia falar uma única palavra de inglês há apenas dois anos. Agora Piers estava a dar-lhe explicações particulares de Matemática Avançada e estava determinado a ajudá-lo a candidatar-se a uma Bolsa de Estudos Stormzy para ingressar na Universidade de Cambridge.

– Passa-se alguma coisa entre vocês os dois? – perguntou Piers.

– Ei, senhor Sanders. Limites, não se esqueça. Os professores não podem fazer perguntas desse género. É sinistro – disse Martha. – Boa sorte com a aula!

Martha encaminhou-se até junto de Aaden, que lhe rodeou os ombros com o braço. Parecia que tinha razão. Resistiu ao impulso de dar um soco no ar em jeito de comemoração.



Emmie

8h05 De Hampton Court a Waterloo

Emmie sentia saudades de Toby. Não do verdadeiro Toby, como é óbvio, mas sim do homem que ela pensava que ele era, e do futuro que julgara que ambos iriam ter juntos. De uma forma racional, sabia que deveria odiá-lo, mas uma parte do seu coração, bem soterrada dentro do peito, ainda precisava de ser informada a esse respeito. Esse pedaço continuava apaixonado pelo homem que a adorava e que a protegia. Aquele que nunca existiu. Ficou num estado de uma tremenda mistura confusa de emoções: um profundo desgosto, porém acompanhado pela culpa por sentir esse desgosto, tudo isso revestido pela raiva e pelo que se assemelhava a um frémito de medo.

A mão esquerda de Emmie parecia vazia sem o anel no dedo. Mencionara esse facto a Iona, que lhe disse, *Não está vazia, coração, está LEVE. Esse anel estava a sobrecarregá-la! Não era uma declaração de amor, era um símbolo de POSSE.*

Iona fazia todos os possíveis para manter Emmie animada e ocupada. Assim que a via deprimida, sugeria-lhe um programa de exercícios de Jane Fonda, uma sessão de fazer pão, ou um «pouco de jardinagem». Era exaustivo, para ser franca. Os músculos do seu estômago estavam a matá-la, o pão saía-lhe sempre pior do que um tijolo, e ainda não conseguia ver a

diferença entre as ervas daninhas e as flores. Iona era trinta anos mais velha do que Emmie e, no entanto, parecia possuir o dobro da energia.

O comboio chegou a New Malden. Sorriu quando avistou Sanjay de pé na plataforma, acenando-lhe. Havia algo nele que sempre a fazia sorrir.

– Olá, Emmie! Que tal é que vão as coisas? – perguntou ele, quando chegou junto da mesa dela. Fitou-a com a máxima atenção, como se estivesse à espera da resposta genuína, por isso ela decidiu que não o brindaria apenas com as banalidades do costume.

– Estou muito melhor, obrigada, Sanjay – respondeu. – Mas ainda é muito difícil. – Palavras que nem sequer haviam começado a descrever a complexidade dos seus sentimentos, mas que, pelo menos, eram verdadeiras.

– Não duvido – disse Sanjay. – É preciso algum tempo para superar uma coisa como essa. O trabalho está a ajudar a espairecer a sua cabeça?

– Sem dúvida – retorquiu Emmie. – Embora de uma maneira que faz com que o meu emprego me pareça ainda mais inútil e frívolo.

– Devia dar ouvidos à minha mãe – disse Sanjay. – Ela diz que a melhor maneira de curar é retribuir, concentrar a nossa atenção em outra pessoa além de nós mesmos. Talvez devesse pensar numa forma de poder usar as suas competências de *marketing* para fazer alguma coisa que seja de facto boa. Percebe, como uma atividade paralela.

O telemóvel de Sanjay vibrou em cima da mesa.

– É uma mulher muito sábia, a sua mãe – disse Emmie. – É exatamente isso que pretendo fazer já há uns tempos.

– E é mesmo, mas só desejava que parasse de me enviar mensagens o tempo todo. Ela adora interferir. Em maiúsculas – disse Sanjay, enfiando o telefone no bolso, mas não sem antes Emmie ter lido as palavras A TUA AMIGA GOSTOU DO BIRYANI? Perguntou-se quem seria a «amiga» de Sanjay, e sentiu uma minúscula pontada de ciúme. Afastou esse sentimento como uma mosca irritante.

É claro que alguém tão adorável e deslumbrante como Sanjay deveria ter uma namorada. Tinha a certeza de que isso não o impediria de passar tempo com ela. Sentia-se *radiante* por ele, como é óbvio.

– O mais provável é que a sua mãe se sinta apenas um bocadinho entediada e solitária agora que você saiu de casa – disse Emmie.

– Acho muito difícil! – disse Sanjay. – Ela é advogada de direitos humanos, e faz sobretudo trabalhos *pro bono*. Na verdade, não faço a menor ideia aonde é que ela vai arranjar tempo para se intrometer na minha vida!

– Uau. Isso é impressionante, a sério – disse Emmie, sentindo-se corar. Que espécie de feminista horrorosa era ela, partindo do princípio de que a mãe de Sanjay era uma dona de casa só porque gostava de cozinhar e se interessava pela vida do filho?

– Sem dúvida – disse Sanjay. – Mas onde fica o meu Direito Humano a um pouco de privacidade?

– Falando em mulheres intrometidas – disse Emmie. – Tenho andado para lhe falar acerca da Iona. Ela sente mesmo muitas saudades destas viagens de comboio e de ter uma rotina. E precisa com urgência de um emprego, não só por causa do dinheiro, mas por causa da autoestima.

E assim que proferiu essas palavras, duas ideias aparentemente não relacionadas colidiram entre si, criando uma chuva de faíscas. *Usar as suas competências de marketing para fazer alguma coisa que seja de facto boa e A Iona precisa com urgência de um emprego.*

– Sanjay – disse Emmie, esperando que manifestar em voz alta o seu plano incipiente não fosse agoirá-lo. – Acho que sou capaz de ter uma ideia.

– Olá, Sanjay, Emmie – disse David, que acabara de entrar no comboio em Wimbledon. Sentou-se num lugar acabado de vagar à mesa de ambos. Emmie preparava-se para cumprimentá-lo quando lhe surgiu no telemóvel uma notificação do Facebook, fazendo-a ficar com a cabeça à roda e a vista turva. Pousou o telefone voltado para baixo em cima da mesa e enterrou a cabeça nas mãos, como se o simples facto de não ver a mensagem pudesse fazê-la desaparecer.

– Emmie, o que foi? – perguntou Sanjay.

– É o Toby – respondeu ela, por entre os dedos. – Não para de me enviar mensagens. Inclusive, já bloqueei o número dele, mas o facto é que ele arranja sempre maneiras diferentes de conseguir chegar até mim. Está a começar a assustar-me, para ser bem sincera.

– Emmie, o que foi que aconteceu com o seu namorado? Parecia tudo tão perfeito! – disse David, com o tipo de preocupação paternal na voz de que ela sentia falta da parte do seu pai verdadeiro.

– Deixei-o, David. Descobri que tinha confundido controlo com amor. Não se preocupe, tenho a certeza de que mais tarde ou mais cedo ele acabará por desistir de me perseguir – disse Emmie, na esperança de que ele acreditasse nessas palavras mais do que ela própria.

O silêncio entre eles os três foi quebrado pelo toque do telefone de Emmie. Número desconhecido.

– Deve ser ele – disse Emmie, sentindo-se enjoada. O Toby deve ter comprado um grande número de cartões SIM para contornar o bloqueio dela. Tentou inspirar, mas ficou com a respiração presa na garganta, como se Toby estivesse atrás dela, a estrangulá-la.

– Não... consigo... respirar... Sanjay – disse ela, as palavras saíam-lhe por entre arquejos superficiais. Agarrou-se ao braço dele, tentando equilibrar-se e parar o mundo de girar à sua volta.

– Não há problema. Só está a ter um ataque de pânico – disse Sanjay. – Trata-se da reação de lutar ou fugir. É a forma que a natureza arranjou para mantê-la em segurança. Sabe o que eu faço quando me sinto assim? Inspiro bem fundo, e recito a tabela periódica na minha cabeça por ordem do número atómico. *Hidrogénio, hélio, lítio*. Sei que parece uma estupidez, mas descobri que ajuda de facto.

– *Berílio, boro, carbono, nitrogénio* – sussurrou Emmie, abrindo os olhos e concentrando-se na cara de Sanjay.

– *OMG*. Nunca conheci mais ninguém que soubesse fazer isso, além de outros cromos no ramo da saúde – disse Sanjay, olhando para Emmie como se ela tivesse acabado de dividir o átomo.

– Eu também era uma marrona na escola – retorquiu Emmie, soltando as palavras por entre as respirações que haviam abrandado um pouco. Descolou os dedos do pulso de Sanjay. Agarrara-se a ele com tanta força, que lhe deixara marcas. – Peço imensa desculpa. Sinto-me uma perfeita idiota.

Tinha-se esquecido do telefone que se encontrava em cima da mesa à frente dela, até que este começou a tocar de novo. Antes de ter tempo de pegar nele a fim de desligá-lo, David atendeu.

– Quem fala? – perguntou. Depois fez uma pausa, antes de dizer num tom de voz que Emmie nunca o ouvira usar antes. – Sou o advogado da Emmie, e se voltar a chegar perto dela outra vez, enfio-lhe uma providência cautelar pela goela abaixo mais depressa do que será capaz de dizer perseguição, assédio, reputação arruinada ou pena de prisão.

David voltou a pousar o telemóvel em cima da mesa.

– Um bocadinho antiético, uma vez que não é de todo a minha área de Direito, e não tinha permissão para agir em nome da Emmie, mas parece ter surtido efeito – comentou.

– Uau, David. Você mudou mesmo – disse Sanjay.

David dirigiu-lhes um sorriso radiante.

– Na verdade, a minha mulher diz a mesma coisa.



Iona

12h05 De Hampton Court a Waterloo e regresso

Visto que era sábado, Iona deu-se ao luxo de ficar na cama até mais tarde. Estava a tentar mergulhar de novo num sonho inacabado que a envolvia, também à Bea e todas as Spice Girls exceto a Posh Spice³⁶, de quem nunca tinha gostado por conta de toda aquela cena de recusar-se-a-sorrir, quando ouviu alguém bater à porta do quarto.

– Entre! – disse.

Iona abriu os olhos e, por um momento, achou que tinha ficado cega, antes de se aperceber de que ainda estava a usar a máscara de dormir de aromaterapia e auto-aquecimento que pusera quando fora para a cama.

Levantou a máscara, e viu um monte de balões de hélio de várias cores a agitar-se aos pés da cama. Estaria ainda a sonhar? E, se assim fosse, para onde é que se tinham pirado as Spice Girls? Estavam a divertir-se tanto.

– Feliz Aniversário, Iona! – disse Emmie.

– Santo Deus, e não é que é mesmo? – exclamou Iona. – Como diabo é que descobriu?

– Estava num dos convites afixados na parede da casa de banho do piso térreo – disse Emmie. «VENHAM COMEMORAR O ANIVERSÁRIO DE 29 ANOS DA IONA, QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO, COM UMA NOITE DE DEVASSIDÃO NO MADAME JOJO'S.»

– Oh, sim. A festa foi um arraso. Plumas, lantejoulas e *drag queens* por toda a parte.

Os balões de hélio subiram pela escada para cima da cama de Iona, amarrados – pôde ver agora – em torno da avantajada barriga de *Lulu*.

– Fiz-lhe o pequeno-almoço – disse Emmie, entregando a Iona um tabuleiro carregado de *croissants* frescos, salada de frutas, sumo de laranja e uma cafeteira com café acabado de fazer. – E isto é para si. – Emmie deu um envelope a Iona.

– Querida, é muito, muito amável da sua parte. Não achas, *Lulu*? Obrigada. Estou a sentir-me algo assoberbada – disse Iona, fungando com ar teatral. *Lulu* deve ter sentido a mesma coisa, uma vez que soltou um pum suave, porém surpreendentemente mortal, e depois serviu-se do tumulto subsequente como disfarce ao mesmo tempo que surripiava um *croissant* do tabuleiro.

Iona abriu o envelope e descobriu lá dentro um cartão de parabéns, assinado por Emmie e por toda a pandilha do comboio, além de dois bilhetes de comboio. Um de ida, de Hampton Court para Waterloo, e um de volta.

– Caramba. Bilhetes de comboio. Que amoroso da vossa parte – disse Iona, esforçando-se ao máximo para parecer entusiasmada. Segundo se dizia, a intenção é que contava.

– Na verdade, os bilhetes não são o presente. O presente é o que está no comboio – disse Emmie. – O das 12h05, para ser mais exata, por conseguinte é melhor apressar-se.

– Adeusinho, Bea! – disse Emmie, quando saíram de casa.

Iona esperava que ter uma hóspede em casa durante uns tempos faria com que parasse de falar com a sua esposa ausente, mas em vez disso Emmie começou a fazê-lo também. Agora pareciam as duas desequilibradas.

Iona passou os dez minutos que demoraram a ir a pé até à estação a tentar descobrir o que seria o seu presente de aniversário.

– Querida, sabe bem o quanto detesto surpresas! – disse. – Gosto de ser capaz de planificar as minhas reações. Não há nada pior do que ser apanhada desprevenida, sobretudo em público. – No entanto, Emmie recusou-se a ceder.

» Para que saiba, a Bea uma vez organizou-me uma festa surpresa. Dei por mim a entrar em cuecas numa sala atafalhada de gente – disse Iona. Emmie não entendeu de todo a sua deixa. Deveria pedir em seguida a Iona para aprofundar uma das suas caricatas peripécias favoritas.

– Rápido, Iona – disse a rapariga, em vez disso. – Não podemos perder o comboio das 12h05!

– A *Lulu* não consegue andar mais depressa, tem as patinhas muito curtas – disse Iona. – E acho que os balões estão a causar uma fricção adicional.

Emmie pegou na *Lulu* e nos balões com um dos braços – a rapariga possuía uma força notável para uma criatura tão pequena. Sem dúvidas de que isso se devia à magia de Jane Fonda. Deu o outro braço a Iona, arrastando-a na direção da plataforma, onde o comboio esperava para partir.

Entraram de um pulo na primeira porta disponível, no momento exato em que o guarda da estação soprou o apito, e começaram a percorrer o comboio até chegarem à carruagem habitual.

Assim que Iona chegou à última porta que dava acesso à Carruagem 3, reparou que esta parecia cheia de gente, apesar do resto do comboio se encontrar quase vazio. Abriu a porta e foi recebida por uma cacofonia de ruídos.

– FELIZ ANIVERSÁRIO! – disseram todos em uníssono. Todo o grupo do comboio: Piers, Martha, David e Sanjay. Inclusive Jake, o dono do ginásio, amigo de Martha, e Deborah, a assustadoramente eficiente advogada de Direito de Trabalho com um gosto duvidoso para acessórios.

– Emmie! O que é que está toda a gente a fazer no comboio num sábado? – perguntou.

– Bom, uma vez que hoje é o seu aniversário, e todos temos sentido a sua falta durante as viagens, pensámos em fazer uma festa no comboio. Temos

bebidas, balões e música, e toda a gente trouxe um prato de canapés.

– Acho que devia sentar-me – disse Iona. – Estou a sentir-me um bocadinho emocionada.

Iona avançou pela coxia até à sua mesa, sentindo-se como uma noiva num casamento. Quando chegou ao seu lugar, já havia estragado a maquilhagem toda. Por sorte, tinha sempre um estojo na mala de mão.

A mesa à frente de Iona estava coberta por pratos desirmanados de comida – oscilando entre o petisco mais humilde até aos canapés mais elaborados. Tirou um aperitivo de queijo com uma mão, e um *blini* de salmão fumado com a outra. Tentou combinar os pratos à frente dela com o de cada um dos seus amigos, o que era mais difícil do que imaginara. Considere-se o exemplo de Piers. Há apenas alguns meses teria dito *sushi* sem hesitar, mas agora perguntava-se se ele não seria mais o tipo de homem com preferência por palitos de trigo.

– Este é, sem dúvida, o melhor presente de aniversário que já recebi – declarou.

– Na verdade, ainda não lhe demos o presente – disse Emmie. – Deborah e David, porque é que não começam?

– Excelente – disse David, pousando um grande envelope castanho na mesa diante deles. – Bom, a primeira parte do seu presente está aqui. Na verdade, é de Ed Lancaster, o seu antigo editor, no seguimento de um par de reuniões com a minha boa amiga Deborah. – *Lulu* rosnou, de forma ameaçadora.

– Desculpe, David – disse Iona. – A *Lulu* rosna sempre que ouve *esse nome*.

– Deborah? – disse David, com ar confuso.

– Não, tolinho. Ed Lancaster – disse Iona. *Lulu* rosnou de novo. – Tal como pode ver, ela ainda não o perdoou.

– Bom, isto foi arrancado a *essa pessoa*, devo confessar, debaixo de alguma coação – disse Deborah, olhando de soslaio para *Lulu*, o que a silenciou de imediato. *Lulu* sabia sempre com quem não devia meter-se. – Deve ter-lhe escapado a circular onde se dizia que a alegria reside em dar.

Iona percorreu a sua unha bem cuidada sob o rebordo selado do envelope.

– Trata-se da proposta inicial do acordo extrajudicial da revista *Modern Woman* – prosseguiu Deborah. – Julgamos que podemos subi-la um pouco mais, mas andamos lá perto. Dê uma vista de olhos.

Sem nem sequer tirar o papel por completo do envelope, Iona deu uma olhadela ao conteúdo do mesmo, com os olhos a percorrer a cópia impressa até chegar a um algarismo que compreendia vários zeros. Ofegou.

– Oh, meu Deus, é muito melhor do que me atrevi a esperar. Muito obrigada, aos dois – disse Iona, voltando a enfiar o papel no envelope, não fosse a exposição à luz fazer com que os números que lá constavam desaparecessem.

– Eu também tenho uma coisa – disse Piers, estendendo-lhe um envelope castanho semelhante. – Trata-se de um plano de investimento benéfico do ponto de vista fiscal para o dinheiro da sua indemnização. Deverá dar-lhe um retorno mensal fixo para cobrir as despesas da mensalidade da casa de repouso onde a Bea se encontra. – A cara de Iona deve tê-la denunciado, porque ele apressou-se a acrescentar: – Não se preocupe. Sou muito bom a investir o dinheiro das outras pessoas, só o meu é que nem por isso. Numa outra altura explicar-lhe-ei tudo com riqueza de pormenores – disse Piers. Isto constituiu um alívio, uma vez que a cabeça de Iona já estava demasiado tonta para ser capaz de simular perspicácia financeira.

– Queríamos ajudá-la a resolver a situação da Bea – disse Emmie –, mas você também precisa de um emprego. Por conseguinte, revitalizei o *Perguntem à Iona*.

– Oh, querida, é muito gentil da sua parte, mas *Aquele-Cujo-Nome-Não-Deve-Ser-Pronunciado*³⁷ tinha razão numa coisa. O *Perguntem à Iona* estava um bocadinho desatualizado. Já não recebia nem metade das cartas que costumava receber. Ele limitou-se a acabar com o seu sofrimento antes de padecer de uma morte longa, dolorosa e humilhante – disse Iona, que pensava nesse assunto há muito mais tempo do que Emmie. – É muito provável que tenha sido a coisa mais humana a fazer.

– Isso não é verdade – disse Emmie. – Viu muito bem o que aconteceu quando eles partilharam parte da sua coluna nas redes sociais. Não é o *Perguntem à Iona* que está desatualizado. As pessoas precisarão sempre de ajuda com os seus problemas... basta olhar para todos nós! – Emmie fez um gesto na direção do grupo que os rodeava, e todos assentiram em uníssono. – É a *Modern Woman* que está desatualizada. Por mais irónico que possa parecer.

» Vamos publicar o *Perguntem à Iona* no YouTube. Filmaremos algumas imagens suas abordando um problema. Quer seja com alguém em pessoa, caso haja quem tenha coragem suficiente para isso, ou... se preferirem manter-se anónimos... lendo algumas mensagens da sua caixa de correio em voz alta. Depois vamos postar tudo no seu canal e partilhá-lo em todas as redes sociais. Com o tempo, à medida que o seu número de assinantes for aumentando, terá um rendimento bastante decente com as receitas de publicidade e patrocínios. Joey, o meu chefe, disse que pode utilizar os nossos estúdios sempre que houver um disponível, em troca de divulgação da agência nos seus vídeos e potenciais oportunidades de patrocínio para os nossos clientes. Ele diz que você vai atrair um público difícil de alcançar. Chegou inclusive a dizer que era exatamente o tipo de veículo criativo inovador por que a agência é famosa. É provável que neste momento já se ande a vangloriar junto das nossas marcas mais importantes. – Emmie olhou para Iona com nervosismo, à espera da reação dela.

Iona não sabia o que dizer. Sentia-se grata por os amigos depositarem tanta fé nela, mas era tarde demais. Era demasiado velha. Ultrapassada. Andava a fingir há anos, e já estava cansada disso. Doíam-lhe os dedos de se agarrar com tanta força à beira do precipício. Tudo nela lhe doía.

– Emmie, querida – disse, procurando uma boa razão para recusar a oferta dela com educação. – Ninguém vai querer ver esses vídeos. Não vão desperdiçar o seu tempo a olhar para mim, velha, flácida e desenxabida – disse Iona.

– Bom, se há uma coisa que tudo isto prova – disse Emmie, fazendo um gesto abarcando-os a todos –, é que aonde quer que vá, encontra público. E mais, possuímos uma arma secreta: a Fizz. Ela já concordou em canalizar o

Perguntem à Iona para todos os seus canais. Chegou inclusive a dizer que se apresentará diante de si na qualidade de convidada, com um problema para você resolver. Então, o que é que acha?

– Acho que você é um génio, como é óbvio – disse Iona. – Mas não posso em absoluto permitir que desperdice tanto do seu tempo a tentar tornar-me relevante. Não é justo para consigo. Você tem a sua própria vida para viver. A sua própria carreira em que se concentrar.

– Mas Iona – disse Emmie –, eu *quero* fazer isto. Significaria que posso usar todas as minhas capacidades para fazer algo que vai na realidade ajudar as pessoas e que fará algum bem. Mudar vidas, quiçá. Far-me-ia sentir melhor comigo mesma, a sério que sim. Estaria a *fazer-me* um favor, para lhe ser sincera.

Iona fez uma pausa, e olhou para os amigos, que estavam todos a fitá-la com ansiedade. Inspirou fundo, tentou manter a voz firme, antes de replicar.

– Obrigada. Estou muitíssimo agradecida, a sério que estou. Mas não. Não vou fazer isso. É demasiado tarde para mim e, para ser franca, já me resignei com esse facto. Vamos limitar-nos a desfrutar da festa, pode ser? – Iona serviu-se de outra bebida, concentrando-se no copo e na garrafa de modo a não ver a desilusão estampada no rosto de Emmie.

– Prometa-me que vai pensar no assunto, está bem, Iona? – disse Emmie. Toda a energia e a alegria tinham-se dissipado da sua voz, coisa que Iona sabia ser inteiramente culpa sua.

– Claro – respondeu, ainda sem fitar Emmie olhos nos olhos.

O comboio parou na Plataforma 5 de Waterloo, mas nenhum dos amigos de Iona saiu. Ao que parecia todos eles faziam tenções de ficar para a viagem de regresso. Até mesmo o revisor tinha parado de tentar verificar os bilhetes e juntou-se à festa.

– Iona – disse uma voz à sua esquerda. Era Martha. – Também tenho uma coisa para si.

Entregou a Iona um envelope pequeno. Aquele era o dia do sobrescrito misterioso, obviamente. Iona abriu-o, e encontrou, pela segunda vez no espaço de poucas horas, dois bilhetes.

– São para a noite de estreia da minha peça, na próxima semana – disse Martha. – Seria muito importante para mim se pudesse estar presente. Pode ir?

– Querida, não a perderia por nada neste mundo! – disse Iona. – Mas e então a sua mãe e o seu pai? Não posso aceitar os bilhetes deles. Eles vão querer estar presentes para assistir à sua atuação, não vão?

– Não se preocupe – disse Martha. – Não são pais de todo inúteis, apenas um pouco preocupados. Irão juntos, na verdade, na última noite. Com alguma sorte, vão ser capazes de aguentar até ao final da peça sem berrar um com o outro como os Montéquios e os Capuletos.

– Bom, nesse caso, lá estarei com toda a pompa e circunstância, a tocar sinos e sinetas! – disse Iona. Depois, ao ver o rosto de Martha, acrescentou: – Não literalmente, coração. É apenas uma maneira de falar.

Iona avistou Piers mais adiante na carruagem e encaminhou-se até junto dele. Assegurou-se de que se encontrava fora do alcance dos ouvidos de Martha.

– Piers – disse ela. – Você tem «influência» na escola da Martha, não tem? – Piers assentiu.

– Suponho que pode pôr as coisas nesses termos – respondeu ele. – Se com isso está a referir-se à enorme influência que tem um «estagiário não remunerado».

– Acha que poderia adquirir mais alguns bilhetes para a noite de estreia da peça da escola? – perguntou-lhe Iona.

Uma das coisas que Iona tinha aprendido nos anos que passou nos meandros do mundo do espetáculo é que era impossível ter uma assistência demasiado numerosa, ou demasiado entusiasta.

³⁶ *Posh* significa chique, elegante e era a alcunha por que era conhecida Victoria Beckham quando fazia parte do grupo em questão. (N. da T.)

³⁷ Referência à personagem Voldemort dos livros *Harry Potter*. (N. da T.)



Martha

O átrio da escola estava transformado por completo, mas ainda assim parecia familiar, muito parecido com a altura em que Martha tinha ido ver o Pai Natal na feira de Natal da escola primária, e percebeu que o homem por debaixo daquela vestimenta extravagante e exuberante barba esvoaçante era na verdade o melhor amigo do seu pai.

O público sentava-se em cadeiras adequadas, vestido com as suas melhores roupas de festa, e o átrio exibia uma iluminação reduzida e fervilhava de expectativa, mas subjacente a tudo isso ouvia-se o eco distante da assembleia escolar. Uma mistura de perfumes e *aftershaves* dos pais sobrepunha-se ao odor habitual a desinfetante, suor e hormonas de adolescentes, e Martha sabia por experiência própria que se passassem as mãos por baixo de qualquer uma das cadeiras, iriam encontrar bolas de pastilha elástica ressequida.

Martha lembrou-se de uma palavra que tivera que procurar o significado, do primeiro parágrafo de *A História de Uma Serva*³⁸, que Iona fizera questão que ela lesse. *Palimpsesto*. Algo revisto ou alterado, mas ainda contendo vestígios visíveis da sua versão anterior.

Tebaldo espreitou por trás da cortina de palco.

– Veio imensa gente! – disse. – E está ali uma mulher do mais extraordinário que há, mesmo no centro, com um cão ao colo com uma

gorjeira isabelina como se fosse uma Isabel I peluda em miniatura. É hilariante!

- Achava que era proibida a entrada de cães no edifício – disse Benvólio.
- A menos que seja um cão-guia. Ela é cega?
- Bom, isso explicaria a fatiota – disse Tebaldo.

Só havia uma pessoa que eles poderiam estar a descrever. Martha espreitou lá para fora ao lado deles e, é claro, lá estava a Iona. Por norma já era mais alta do que a maioria das pessoas, mas se se lhe acrescentasse mais os cerca de sete centímetros e meio que o elaborado penteado de inspiração isabelina proporcionava, tornava-se um perigo evidente para obstruir a visão. Martha via as pessoas atrás dela a sussurrar e a arrastar as cadeiras, tentando ver pelo intervalo do lugar dela. Martha sorriu. Outra coisa não seria de esperar da parte de Iona.

No entanto, o que Martha não esperava é que o seu clube de fãs pessoal fosse ocupar uma fila inteira de lugares. Estava lá Piers, como é óbvio, uma vez que era uma espécie de professor, mas também Emmie, Sanjay, David e até mesmo Jake, o seu amigo do ginásio.

Embora Martha estivesse radiante por vê-los a todos, isso só contribuiu para que se sentisse ainda mais nervosa. Quando andava a ser humilhada e a sofrer *bullying* na escola, sempre contara com o grupo do comboio como apoio. O seu pequeno oásis sobre carris. O seu porto seguro. Não suportava a ideia de passar uma vergonha monumental à frente deles, também. Para onde poderia fugir então?

Martha esfregou os olhos. Por um minuto pensou que o medo lhe tinha causado alucinações. Ali, percorrendo a coxia em direção ao lugar vago entre Iona e Emmie, encontrava-se Fizz do TikTok. Tinha a certeza disso. Mais ninguém era capaz de exibir aquele visual louco com o cabelo pintado em estilo *dip-dye*, como se alguém tivesse mergulhado um dos lados da cabeça dela numa lata de tinta cor-de-rosa, e depois tivesse enfiado os dedos numa tomada elétrica. As filas de cadeiras estavam tão juntas que toda a gente precisou de se levantar para deixar Fizz passar, que nem uma onda, anunciando a sua presença.

Teve início um burburinho de vozes nos bastidores, não tardando a aumentar de volume e de intensidade. É óbvio que ela não era a única a ter dado pela chegada da celebridade convidada.

OMG! A Fizz veio assistir à NOSSA PEÇA. A que propósito? Achas que ela vai postar-nos no canal dela? Agora fiquei supernervosa. Quantos seguidores é que ela tem? Sim, tenho a certeza. Sim, a Fizz em carne e osso. Olha! Ali.

Martha afastou-se do palco e refugiou-se num canto escuro atafalhado de adereços, tentando acalmar-se, regularizar a respiração e ordenar as ideias. Não conseguia tirar da cabeça o sonho que tivera todas as noites durante essa semana. Subia ao palco repetidas vezes, ofuscada pelas luzes, e proferia a primeira fala, apenas para se deparar com gritos de chacota. Baixava os olhos e descobria que estava toda nua. Atrás dela, projetado num ecrã gigante, estava *aquela fotografia*, e o diretor encontrava-se de pé num púlpito, apontando para as suas características notáveis com a sua caneta *laser*.

Martha achou que ia vomitar. Sacou do telemóvel e ligou para Iona, na esperança de que ela tivesse ignorado as instruções para que o público desligasse os telemóveis. Pois claro, Iona, a eterna rebelde, atendeu.

– Iona – sussurrou Martha. – Não consigo fazer isto. Vou passar mal. Não sou capaz de me lembrar de nenhuma das minhas falas. Nunca mais conseguirei refazer-me desta vergonha.

– Martha – sussurrou Iona em resposta. – Todos os grandes atores sentem-se exatamente como se sente agora antes de subir ao palco. Eu tinha que arrastar a Bea para fora da casa de banho antes de todas as noites de estreia, só para que saiba. Inclusive até depois de décadas no ramo. Os encenadores tinham sempre o meu número de telefone na opção de marcação rápida. É a adrenalina que faz o coração disparar acelerado e as palmas das mãos suar. Todavia, a adrenalina é uma aliada. Vai acompanhá-la ao longo da atuação. De forma triunfal! Assim que pisar o palco, vai lembrar-se de tudo. Limite-se a focar-se na primeira fala, e depois deixe-se ir na onda. Agora respire. Respirações longas e profundas. Estamos todos consigo.

Tudo ficou quieto e em silêncio, e Martha ouviu a voz confiante e portentosa de George do 9.º ano.

*Duas famílias, iguais em distinção,
Na bela Verona, onde dispomos a cena,
Fazem motim novo de velha alteração,
E o sangue civil torna a mão obscena.*

Martha inspirou e expirou, permitindo que a poesia das palavras familiares a percorresse, observando Tebaldo, Benvólio e Romeu tomarem os respetivos lugares no palco. Afastou-se enquanto a equipa dos bastidores, vestidos de preto dos pés à cabeça que nem ninjas teatrais, executavam mudanças de cena impecáveis, impercetíveis. Esperou até ouvir o chamamento da ama, tal como Emmie fez no comboio, algumas semanas atrás:

– Onde está essa menina? O quê, Julieta!

A caminhada até ao centro do palco pareceu-lhe interminável, o projetor que a seguia ofuscava-a, e a expectativa do público era palpável.

Respirações longas e profundas. Estamos todos consigo.

– O que houve? Quem me chama? – replicou ela numa voz que soava como se tivesse vindo de outro lugar qualquer. Depois, tal como Iona tinha prometido, o público eclipsou-se, e todas as palavras, todos os movimentos fluíram, como uma memória muscular soterrada bem fundo no seu subconsciente.

Deixou de sentir medo, já não era a Martha assustada e solitária, nem sequer a Outra Martha, ousada e popular. Era Julieta, uma rapariga de treze anos, enredada num drama familiar que lhe era alheio, prometida a um rapaz, ao mesmo tempo que se apaixonava por aquele que nunca poderia ser seu.

³⁸ Romance distópico da escritora canadiana Margaret Atwood, publicado em 1985, sobre o qual foi feita uma série que obteve um êxito tremendo na plataforma de *streaming* Netflix. (N. da T.)



Sanjay

Todos se puseram de pé, e o auditório ecoou com as reverberações das palmas, do bater dos pés no chão e dos vários gritos de apoio e dos aplausos, que iam das esganiçadas sopranos do 7.º ano aos baixos profundos de alguns dos pais. Até mesmo *Lulu* ficou excitadíssima e emitiu uma enxurrada de latidos estridentes.

Martha fora um êxito triunfante. Num espaço de poucos minutos, Sanjay esqueceu-se de que a conhecia, de que ela era outra pessoa qualquer que não fosse Julieta Capuleto de treze anos. Martha possuía aquela qualidade indefinível e hipnótica que atraía a nossa atenção para cada um dos seus movimentos calmos e subtis.

Observou-a, a sorrir radiante para a assistência, uma transformação da colegial apavorada e desajeitada que conheceu, algures entre New Malden e Waterloo, apenas há alguns meses.

Romeu inclinou-se e beijou-a. Ou bem que era um ator muito melhor do que essa atuação deixou entrever, ou aquilo era mais do que um mero beijo técnico.

Iona meteu a mão na mala e retirou uma solitária rosa vermelha. Atirou-a para o palco. Foi pousar, trémula, no ombro de um pai obeso e careca, que a apanhou e a atirou para a frente, aterrando aos pés de Martha. Romeu apanhou-a e entregou-lha, com uma mão apoiada sobre o coração, o que

provocou um aumento na intensidade dos aplausos e dos assobios, a par do inevitável grito: *Arranjem um quarto!*

– Ela não foi incrível? – exclamou Jake, cujas palmas de um entusiasmo selvático faziam com que as de Sanjay parecessem o frágil adejar das asas de uma borboleta.

– Estou tão orgulhosa – disse Iona. – Sou a sua mentora, não sei se sabem. Ensinei-lhe tudo o que sabe.

Ao lado de Sanjay, Emmie riu-se à socapa da incapacidade de Iona de renunciar por completo às luzes da ribalta. Ainda estava a enxugar os olhos, depois de ter soluçado durante toda a cena do funeral.

Fizz segurava o telemóvel no ar, apontando-o para o palco, ao mesmo tempo que o elenco veio repetidas vezes ao palco para agradecer a um público que se recusava a deixá-los ir embora.

Toda esta emoção acrescida, toda esta energia positiva, toda esta conversa de amor apaixonado e ardente – por certo este era o momento por que Sanjay esperara, não? Poderia haver uma melhor altura do que esta?

Estendeu o braço, agarrou a mão de Emmie, fechou os olhos, invocou toda a sua coragem, e, sentindo-se como Tom Daley³⁹, a postos na extremidade de uma prancha de mergulho olímpica, todo nu a não ser pelos diminutos calções de banho com a *Union Jack*⁴⁰, saltou e mergulhou de cabeça.

– Emmie – disse, sussurrando-lhe ao ouvido. – Ando há tempos para lhe dizer o quanto gosto de si.

Emmie virou-se para ele, e presenteou-o com o seu habitual sorriso caloroso e natural. O sorriso pelo qual ele estava apaixonado desde a primeira vez que a vira no comboio, há mais de um ano.

– Oh, eu também gosto muito de si, Sanjay – disse ela, fazendo o coração dele pular de esperança. – Nem tenho palavras para lhe dizer como é maravilhoso ter um amigo homem que não esteja apenas a tentar levar-me para a cama. Nunca tive um irmão, mas imagino que deva ser assim, sem toda aquela rivalidade entre irmãos, como é óbvio.

Sanjay já examinara anatomia que chegasse para saber que um coração não se despedaça de verdade. Mas se isso era apenas uma expressão, uma

maneira de falar, então porque é que doía tanto? Fitou as palavras escritas na capa do programa que tinha nas mãos: *Que nunca história mais triste se viveu que esta de Julieta e seu Romeu.*

O público abarrotava o refeitório, onde havia uma seleção de vinho branco morno para os adultos, e um peganhento ponche de fruta para as crianças. Sanjay segurava um de cada, tentando descortinar qual deles deixaria um travo menos desagradável na boca. Os empurrões da multidão causaram respingos inevitáveis, e o chão debaixo dos seus pés estava pegajoso e algo estaladiço por causa de um acidente anterior envolvendo uma taça de batatas fritas.

Sanjay escutava o burburinho das conversas que o cercavam, esforçando-se por esquecer a sua tentativa fracassada e humilhante para seduzir a sua própria Julieta.

Já viste? A Fizz já postou um vídeo no seu canal das chamadas ao palco para os aplausos finais. Diz: «Que Julieta! A minha amiga Martha foi ESPETACULAR!»

Como é que a Martha conhece a Fizz? Achas que ela seria capaz de no-la apresentar?

Não tenho dúvidas de que vou convidá-la para a minha festa. Achas que ela vai trazer a Fizz?

Olha. A Martha de mãos dadas com o Aaden. Parece que o Romeu e a Julieta são mesmo um casal.

Nem uma menção sobre *aquela fotografia*, tal como Martha lhe chamava. Iona tinha razão; obliterara todo aquele falatório malicioso com uma coisa muito mais interessante.

Martha e Aaden estavam rodeados por um grupo de admiradores que lhes dava os parabéns. Dois pequenos ímanes numa bandeja de limalhas de ferro. Faziam com que toda essa cena de «rapaz fica com rapariga» parecesse muito fácil e natural. Como é que eles faziam isso? E porque é que ele não conseguia?

Sanjay observou uma rapariga alta, com uma expressão que mais parecia que tinha dado uma dentada numa maçã e se deparara com metade de uma larva, abrir caminho à força através da multidão. Reconheceu-a, apercebeu-se então. Fazia parte do grupo que estava no comboio, no dia em que ele e Martha se conheceram.

– Ei, Julieta! – disse ela, em voz alta o suficiente para se fazer ouvir acima do burburinho. – Já mostraste ao Romeu aquela fotografia da tua vagina?

A intensidade do barulho diminuiu, ao mesmo tempo que um silêncio antecipatório se espalhava em torno de Martha. Toda a gente estava à espera para ver o que ela ia dizer. Contudo, ela não disse nada. Ao invés, puxou atrás o cotovelo direito, à altura do ombro, e desferiu um soco mesmo no meio da cara da rapariga mais alta.

Ouviram-se respirações abafadas, e alguns aplausos reprimidos, quando a rapariga cambaleou para trás, com a mão comprimida sobre o nariz.

Piers abriu caminho por entre a multidão na direção de Martha.

– É melhor vir comigo, menina – disse ele, num tom de voz totalmente inexpressivo próprio de um professor, com o rosto crispado de raiva controlada.

A multidão afastou-se de modo a deixá-los passar. Piers segurava Martha pelo braço agressor, conduzindo-a até à saída.

Quando passaram por Sanjay, Iona e Jake, este ouviu Piers sussurrar:

– Belo golpe, Martha. Vamos tirar-te daqui enquanto as coisas acalmam um pouco.

– Estou tão orgulhoso – disse Jake para Iona. – Eu sou o mentor dela, não sei se sabia. Ensinei-lhe tudo o que sabe.

– Há aqui algum médico? – perguntou outro professor, que segurava um lenço de papel junto ao nariz da rapariga, que sangrava.

– Ooh, Sanjay! Mais uma vez se repete o mesmo *déjà vu*! – disse Iona.

Sanjay suspirou, e depois gritou:

– Eu sou enfermeiro!

Regressaram à estação todos juntos, através das ruas movimentadas e iluminadas pelos candeeiros de Westminster, exultantes com o êxito de Martha.

– Ficaste apavorada antes de subir ao palco? – perguntou Sanjay, ainda ostentando um pouco de sangue do nariz partido.

– Completamente! – disse Martha. – Para ser franca, estava à espera que viesse muito menos pessoas.

– Viessem – disse Iona. – Viessem, não viesse. Desculpe, desculpe, só que depois de décadas a trabalhar com palavras, possuo uma certa obsessão pela gramática.

– Estou-me nas tintas para a gramática – disse Martha.

– Já ninguém dá importância à gramática. Deveria tentar deixar-me disso, uma vez que já não sou escritora – declarou Iona, com um ar desolado.

– Iona – disse Emmie. – Não posso acreditar que vai permitir que aqueles parvalhões da revista definam quem você é. Não pode deixar que o Ed Lancaster vença. – *Lulu* rosnou-lhe, mas Emmie prosseguiu, ignorando-a. –

Precisa de lhes mostrar do que é capaz! Você não está ultrapassada. Continua a ser uma escritora, e uma terapeuta... está-lhe na massa do sangue. Se existe um exemplo de alguém que os mete a todos num chinelo, esse alguém é você.

– Emmie, querida – disse Iona. – É muito amável, e já percebi o que está a tentar fazer. Sei que quer que eu concorde com essa sua coisita do YouTube, e admiro a sua tenacidade, mas a resposta, receio bem, continua a ser não.

³⁹ Atleta britânico da modalidade de saltos para a água, campeão olímpico na última edição dos Jogos em Tóquio, que se tornou viral nas redes sociais pelo seu *hobby* de tricotar nas horas vagas. (N. da T.)

⁴⁰ Designação pelo qual é popularmente conhecida a bandeira do Reino Unido. (N. da T.)



Iona

Iona e Bea estavam sentadas junto à grande janela de sacada da casa de repouso, a olhar lá para fora para o parque ancestral. Iona visualizava os fantasmas dos caçadores de tempos passados, regressando de um dia a caçar veados, retirando-se para esta mesma sala de estar para beber chá e vangloriando-se das suas façanhas, a proximidade com a morte que só fazia com que se sentissem mais vivos.

Hoje não era nem o melhor dia, nem tão-pouco o pior. Bea não a tinha reconhecido, mas sabia – pelo menos isso – que era uma amiga, e não alguém de quem devia ter medo. Nos seus melhores dias, tal como o dia em que Iona trouxera o Ditador consigo, Bea sabia na perfeição quem ela era e onde se encontrava, e parecia mesmo que os bons velhos tempos tinham voltado. Os dias em que Bea olhava para ela com confusão, ou até mesmo com receio, cintilando-lhe nos olhos, esquivando-se depois à sua mão estendida, eram aqueles que na realidade não conseguia suportar.

Iona pegou na mala e retirou de lá o velho álbum de fotografias em couro. Adorava poder tocar nestas fotografias, em vez de tê-las a flutuar na Cloud, misturando-se com milhões de outras recordações exiladas por milhares de desconhecidos. Todas aquelas férias, casamentos e festas de aniversário confundiam-se juntas no éter, esperando apenas para ser convocadas para o seu momento de glória, ou atiradas para uma memória aleatória do Facebook.

O álbum abriu-se numa página intitulada: «1 de dezembro de 1992 – DIA MUNDIAL DA LUTA CONTRA A SIDA.»

– Lembras-te deste dia, Bea? – perguntou Iona, empurrando o álbum para a frente dela. – Juntámo-nos à manifestação em Downing Street, e tu foste presa por ter batido na cabeça de um polícia com o teu cartaz.

Bea percorreu um dedo indicador sobre as fotografias.

– Não sei para que serviu todo aquele alarido. O polícia estava a usar um capacete, e o cartaz era feito de cartão e estava ensopado de água da chuva, por amor de Deus. Terias causado menos estragos se tentasses atacar um martelo com uma gelatina. Não passavam de racistas homofóbicos à procura de um pretexto – disse Iona, transportada até essa época. Ainda sentia o seu medo ao tentar furar a barricada da polícia para chegar ao pé de Bea, a sua raiva e impotência quando a viu ser algemada e empurrada para dentro de uma carrinha da polícia.

E ali estava ela, ainda a tentar chegar com desespero à mulher que amava, mas a distância entre elas agora era muitíssimo maior e mais difícil de contornar do que um cordão policial. Transformou-se ao longo do tempo, escura e mudando de forma, repleta de obstáculos que não conseguia ver, que apenas tinha que tatear e sentir o caminho a seguir.

Bea murmurou algo em voz baixa.

– O que foi que disseste, minha querida? – perguntou Iona.

– Se cederes, eles vencem – disse ela.

– É isso mesmo, Bea – exclamou Iona, batendo as palmas. – Estás lembrada? Foi isso mesmo que me disseste quando me demiti do meu emprego depois de ter alta do hospital. E dizíamos a mesma coisa sempre que participávamos numa manifestação, fazíamos uma petição e exercíamos pressão. *Eles querem que sejamos pequenas, por conseguinte temos que permanecer de pé, de cabeça erguida.*

– Eles querem que sejamos invisíveis, por isso temos que ser vistas – disse Bea.

– Eles querem que permaneçamos em silêncio, por isso temos que ser ouvidas – disse Iona.

– Eles querem que nos rendamos, por isso temos que lutar – disseram ambas em uníssono ao mesmo tempo que Bea se inclinou na direção de Iona e descansou a cabeça no seu ombro.

Uma pergunta alojou-se no interior da cabeça de Iona, tornando-se cada vez maior, empurrando tudo o resto para o lado, até ela não ser capaz de pensar em mais nada.

Quando foi que ela parou de lutar?

Sabia a resposta. Quando foi por fim obrigada a aceitar que não podia fazer com que Bea melhorasse, que não havia luta de espécie nenhuma que fosse capaz de curá-la, também ela deixou de lutar por si mesma. Havia acenado com a bandeira branca, baixado os braços e tinha-se rendido.

Algo que Bea nunca, por nunca ser, teria feito.

Iona espremeu-se dentro do seu velho *Fiat 500* rosa-pálido e meteu a primeira com força. O motor do *Fiat* protestou, sem saber por que motivo a sua condutora se tornara tão agressiva. À medida que ia conduzindo até casa em modo de piloto automático, assassinando as mudanças, as palavras que pronunciara com Bea ecoaram em torno da sua cabeça, misturando-se com as que Emmie lhe havia dito a noite passada.

Temos que ser vistas. Temos que ser ouvidas. Precisa de lhes mostrar do que é capaz. Você não está ultrapassada. Temos que permanecer de pé, de cabeça erguida. Temos que lutar.

Iona sentiu um formigueiro de excitação começar a ganhar forma, um sentido de propósito, misturado com uma descarga de adrenalina, quase como quando se encontrava nos bastidores nos bons velhos tempos, a postos para subir ao palco e a escutar o murmúrio de uma casa lotada. Esse conhecimento de que algo mágico estava prestes a acontecer.

Meteu a chave na porta da rua e abriu-a com tanta violência que a maçaneta embateu na parede do vestíbulo, aumentando a moessa já existente e despedindo uma pequena chuva de finas partículas de gesso que caiu no pavimento de mosaico. Pousou a mala e tirou um guarda-chuva dobrado do bengaleiro.

– EMMIE! – gritou. – EMMIE, ONDE É QUE ESTÁ?

Emmie surgiu no cimo das escadas com ar alarmado.

– EMMIE! – repetiu Iona, brandindo o guarda-chuva como se fosse uma espada. – DO QUE É QUE ESTÁ À ESPERA, MULHER? VAMOS LÁ A ISTO!



Piers

Piers nem conseguia acreditar que se encontrava sentado num estúdio de gravação à prova de som numa agência digital hipermoderna em Soho. Era o mais distante que poderia estar da sua antiga sala de mercados.

Tinha sido convidado por Emmie e por Iona para assistir à gravação inaugural do *Perguntem à Iona*. Na verdade, não foi bem assim. Não tivera aulas de manhã e tinha-lhes implorado tanto para que o deixassem ir que elas acabaram por ceder.

De acordo com todos os principais indicadores do costume, a vida de Piers tinha-se deteriorado de maneira significativa. No entanto, sentia-se mais feliz do que jamais fora. Dava por si a identificar frestas de esperança e a contar bênçãos como uma Poliana dos tempos modernos.

Há seis meses, vivia com a sua linda mulher e dois filhos numa casa que o *Daily Mail* classificaria como «uma mansão», mas Candida descrevia como «satisfatória», situada num terreno de vários hectares. Agora, vivia sozinho num apartamento de duas assoalhadas perto da estação, com vista para o parque de estacionamento de um supermercado.

A alcatifa estava careca em algumas zonas, as cortinas não uniam ao centro, e havia uma mancha de humidade com a forma de África no canto do teto do seu quarto. Mas sempre que Piers comprava uma nova almofada, um serviço de pratos ou um castiçal, sentia uma sensação de dever cumprido. De progresso.

Levara Theo e Minty ao IKEA. Eles tinham vivido uma tal aventura, seguindo as setas no chão por toda a gigantesca loja, escolhendo móveis para o quarto deles e sem se importarem se as coisas combinavam entre si ou se eram condizentes com a última moda. Na verdade, tinham declarado que quanto menos estiloso melhor. Depois, tinham comemorado a sua bem-sucedida caçada de pechinchas na cafetaria, um trio unido de mosqueteiros retalhistas, banqueteadando-se com almôndegas suecas e tabletes de chocolate *Daim*.

Sentia muito menos a falta de Candida do que imaginara que sentiria. Chegou à conclusão de que a relação de ambos resistira por pouco mais do que obrigações conjuntas, calendários e tarefas partilhadas durante anos. Por ironia, o período em que se sentiram mais próximos foi quando ela andou a executar em segredo o seu plano de fuga.

Neste momento, as coisas com Candida eram tão amigáveis quanto seria de esperar quando um dos cônjuges dava umas pinocadas em segredo com o vizinho rico, enquanto o outro andava a arruinar em segredo as suas finanças. Era culpado, confesso, de entupir as crianças de açúcar e conservantes artificiais antes de os devolver, a subir pelas paredes, à mãe, sempre que sabia que ela tinha um encontro marcado. Mas também nunca alegou ser nenhum santo.

Piers fora aceite no programa de formação de professores, que começava no próximo período letivo, e, entretanto, foram-lhe confiadas as aulas para substituir os professores que faltavam. Sabia que grande parte do seu trabalho implicaria serviço de secretaria, distribuir punições e tentar enfiar os princípios básicos da Matemática nas cabeças de alunos que sonhavam em ser estrelas de *reality shows* da TV, ou jogadores famosos, e não percebiam qual era o objetivo da álgebra. No entanto, muito de vez em quando, tinha a sensação de que algo que havia dito ou feito causara impacto. Que talvez, de certa forma e em pequena escala, seria capaz de mudar o futuro de alguém, em vez de se limitar a mudar números de um lugar para outro a fim de tornar mais ricas as pessoas ricas ao mesmo tempo que arranjava para si uma úlcera gástrica.

Piers fora colocado num canto escuro, ao fundo da sala de gravação minúscula e mal ventilada, com instruções para não interferir. À frente, iluminadas por projetores e com um grande microfone instalado numa vara comprida a pairar por cima, viam-se duas cadeiras de braços, uma das quais estava ocupada por uma mulher magra e de cabelo grisalho chamada Louisa que dirigia a empresa de *catering* da agência e só ali se encontrava porque Emmie a havia subornado para participar.

– A Bea diz que nunca se deve confiar numa fornecedora de *catering* lingrinhas – sussurrou Iona para Piers. – É como ter um treinador pessoal obeso ou descobrir que o terapeuta de casal teve um divórcio conturbado. Diz ela que alguém que é capaz de passar o dia inteiro a cozinhar sem comer muito não pode sentir amor verdadeiro pelo que faz.

– Ou então é viciada em cocaína – comentou Piers.

– Caramba, acha? – disse Iona, olhando para Louisa desconfiada.

– Não, Iona, não acho – respondeu Piers.

Emmie estava de pé atrás da câmara de última geração montada num tripé, usando auscultadores enormes e com ar terrivelmente profissional. Piers reconheceu a sua saia lápis rosa-choque como sendo a que ela estava a usar no dia em que se conheceram. Isto se é possível descrever-se uma experiência de quase morte como um «encontro».

– OK, vamos a isso, Iona – disse ela.

Iona apresentou-se a Louisa e sentou-se na cadeira de braços vazia. Virou-se para a câmara, e Emmie disse «Ação!» tal como faziam nos filmes.

– Bom dia a todos! – disse Iona, com um sorriso rasgado circundado por um batom vermelho-vivo. – E bem-vindos ao primeiro episódio do *Perguntem à Iona!* O meu nome é Iona Iverson, e hoje estou acompanhada pela adorável Louisa. Bem-vinda ao programa, Louisa!

A cara de Louisa estava congelada num arremedo de sorriso sinistro.

– Obrigada, Iona – disse Louisa, numa voz fininha e esganiçada. – Olá a todos! – Acenou com nervosismo para a câmara.

– Então, conte-nos o motivo que a trouxe hoje aqui, Louisa – disse Iona.

– Hum... eu queria... eu queria perguntar-lhe... sobre... – Piers susteve a respiração, perguntando-se se a primeira convidada do programa iria ser

capaz de chegar ao fim da frase.

» ... a mudança – disse ela, as duas últimas palavras atropelando-se uma à outra.

– Oh, sim. *A mudança* – disse Iona. – Não é curioso que lhe chamemos assim? Como se chegássemos a uma certa idade e nos transformássemos num lobisomem, ou no Incrível Hulk!

– Bom, na verdade, por vezes é isso mesmo que parece – disse Louisa. – Está a ver, as bizarras e constrangedoras flutuações de temperatura sem aviso, as insónias, a raiva irracional, estar sempre a entrar numa sala e esquecer depois porque estamos lá, e encontrar as chaves do carro no frigorífico. – Piers perguntou-se se era na realidade seguro pôr esta mulher como encarregada das sanduíches do almoço. – Fica-se com a sensação de que já não temos serventia para ninguém. Tornamo-nos invisíveis.

Louisa estava sem dúvida a aquecer. De uma maneira alarmante. Seria mesmo uma boa ideia abordar assuntos tão pessoais de um modo tão público? Não era importante conservar algum grau de mistério? Em oito anos de casamento, por exemplo, ele e Candida nunca tinham deixado a porta da casa de banho aberta enquanto se serviam da sanita. Esse tipo de coisa era a morte do romance. Se bem que, para ser justo, todo o romance do seu casamento tivesse morrido há muito tempo sendo substituído por listas de instruções e ferroadas passivo-agressivas, apesar da falta de abluções partilhadas. Será que Candida e o seu novo homem faziam chichi à frente um do outro com naturalidade? Talvez fizessem.

– Querida, não está sozinha neste processo! Acredite – disse Iona. – Já passei por isso! E, na qualidade de pessoa que ultrapassou isso, devo dizer-lhe que a menopausa possui *benefícios* gigantescos!

Louisa parecia estar mais do que apenas algo cética. Como deveria.

– Nós as mulheres passamos a maior parte das nossas vidas como escravas das nossas hormonas irritantes. Somos obrigadas a enfrentar períodos menstruais complicados, dolorosos, dispendiosos! – Piers sentiu-se um pouco enjoado. Ao menos ela podia ter usado um eufemismo prático, como *estar com o chico*, ou *naqueles dias*. – Já para não falar na TPM! E todo esse estrogénio faz com que queiramos cuidar de toda a gente menos de nós

mesmas. Os homens não têm que aguentar todo este absurdo. Limitam-se a ligar o motor, sem mais, deleitando-se com o abismo salarial entre os dois sexos. Mas aquilo que eles não sabem é que a fase pós-menopausa é a *hora da vingança*. Podemos dar-nos ao luxo de ser egoístas para variar. Descobrimos um novo sopro de vida e, muitas vezes, um segundo ato triunfante!

– Nunca tinha pensado nisso por esse prisma – disse Louisa. – O que me faz sentir muito melhor em relação a esse assunto, na verdade.

– Lembra-se do álbum *Private Dancer* de Tina Turner? – perguntou Iona. Louisa assentiu. – Foi o que obteve o maior êxito de sempre na sua carreira. O regresso dela depois de anos de purgatório comercial. Sabe quantos anos ela tinha quando lançou este álbum? *Quarenta e cinco*! E estava apenas a começar. Fez a sua última digressão mundial aos setenta anos.

– Está certo, mas e os afrontamentos? – disse Louisa, que sem dúvida era realista e, convenhamos, não era nenhuma Tina Turner.

– Claro. É preciso arranjar uma maneira de facilitar a transição – disse Iona, descendo à terra de novo. – Se falar com o seu médico de família, ele pode avaliar o seu perfil de risco pessoal e apresentar-lhe as várias opções, como por exemplo a Terapêutica de Substituição Hormonal ou a acupunctura.

Depois de mais alguma discussão sobre queda de cabelo e confusão mental, Emmie fez um movimento de «finalização» com as mãos.

– Muito obrigada, Louisa, por ter estado comigo no *Perguntem à Iona...* também conhecido como o segundo ato pós-menopausa da Iona... e obrigada a todos por assistirem.

– Acedam a officecateringsolutions.com para todas as vossas necessidades de *catering*! Imbatíveis no preço e na qualidade! – disse Louisa, à pressa.

– Podem enviar-me os vossos problemas por *e-mail* para Iona@askiona.com – interrompeu Iona. – Se forem tímidos, podem enviá-los sob anonimato, ou podem ser como a Louisa, e juntar-se a nós ao vivo no estúdio ou através de um *link* de vídeo.

– Bravo, Louisa e Iona! – disse Emmie. – Foram fantásticas!

Piers aplaudiu do seu cantinho apertado, e toda a gente se sobressaltou como se se tivessem esquecido de que ele se encontrava ali.

– Da próxima vez, esperamos ter alguns convidados à distância, também – disse Emmie. – Estamos a utilizar uma nova tecnologia denominada Zoom que vos permite gravar uma conversa de vídeo a partir de dois locais diferentes através de um *web link*. Ao que parece, é o caminho do futuro.

Piers bufou com desdém. Tinham-lhe pedido para investir nessa pequena empresa, mas ele recusou. Nada podia substituir como deve ser uma reunião presencial. Nunca iria colar. Possuía um faro especial para este tipo de coisas.



Sanjay

Sanjay já frequentara três sessões do Grupo de Apoio dos Profissionais de Saúde. Mal podia acreditar que não os tivesse descoberto antes. Não deixara de ter os ataques de pânico por completo, mas sem dúvida de que eram menos frequentes. Encarar a sua ansiedade de frente parecia ter-lhe retirado alguma força.

No entanto, a maior mudança foi ter parado de se sentir tão sozinho ou envergonhado. Escutar outras pessoas, desde médicos conceituados a enfermeiros estagiários, descrever as mesmas inseguranças que o atormentavam e o medo que o acompanhava era extraordinariamente catártico e reconfortante.

Ainda a semana passada um cirurgião cardíaco sénior, do tipo que sempre arrastava atrás de si pelos corredores um séquito de acólitos, havia confessado que continuava a vomitar antes de cada operação importante. Disse que agora já aceitava a sua ansiedade, uma vez que a via como um indício de que ainda se importava, e nunca iria querer deixar de se preocupar quando uma pessoa jazia inconsciente na sua mesa de operações.

Observou quando Julie se dirigiu ao grande sino de latão, pendurado numa coluna mesmo no centro da sala de espera da ala de quimioterapia. Era uma tradição nesta ala que sempre que um paciente concluía a sua derradeira sessão, teria que tocar o sino. Numa sala onde o ar era, de uma maneira geral, carregado de uma sensação palpável de doença e angústia, o

sino sempre proporcionava um interlúdio momentâneo, porém bem-vindo de alegria e esperança.

Julie agarrou no cordão que pendia do sino com as duas mãos e puxou-o três vezes, fazendo com que o sino oscilasse de um lado ao outro. As badaladas ecoaram por toda a sala, a par dos aplausos e felicitações dos doentes que esperavam. Encaminhou-se até junto de Sanjay e rodeou-o com os braços num abraço apertado. Estava muito mais franzina do que alguns meses atrás, visto que as sessões de quimioterapia lhe haviam destruído todas as curvas do corpo, mas, não obstante, o seu abraço era forte.

– Estava à espera de fazer isto, desde que ouvi aquele sino tocar pela primeira vez – disse ela. – Nem posso acreditar que chegou, por fim, a minha vez.

– Bom, por mais que tenha adorado conhecê-la, não quero voltar a vê-la aqui tão cedo, estamos entendidos, Julie? – disse Sanjay.

– Vou fazer os possíveis e os impossíveis para me manter longe daqui – declarou ela.

– O Adam vem buscá-la para levá-la para casa? – perguntou Sanjay.

– Sim, mas primeiro tem que ir buscar os miúdos à escola, por isso ainda deve demorar mais meia hora pelo menos – disse ela.

– Bom, neste momento estou na minha pausa. Regra geral costume passá-la a trabalhar, mas disseram-me que preciso de parar de fazer isso, por conseguinte estaria a fazer-me um favor se aceitasse tomar uma chávena de chá de despedida comigo na cantina – disse Sanjay.

– Combinado – replicou Julie.

– Está com ótimo aspeto, Julie – disse Sanjay, assim que pousou o tabuleiro de plástico carregado de chá e bolos em cima da mesa à frente dela. Ela ergueu as sobancelhas desenhadas de forma algo inexperiente na direção dele.

– Você é um encanto de rapaz – replicou ela –, mas sei que estou com um aspeto horrível. – Julie tirou o gorro colorido e esfregou a cabeça calva e lustrosa com a base da mão.

– Não estou a falar do cabelo – disse Sanjay –, estou a referir-me ao facto de que parece estar com um ar muito mais feliz. Há apenas um mês disse-me que já não via motivo nenhum para se levantar da cama.

– Eu sei – disse Julie. – No entanto, tive uma revelação. Cheguei à conclusão de que tenho passado o meu tempo todo preocupada com o futuro, ou com a falta dele. Vivía com este medo constante e corrosivo, como se tivesse ratazanas a roer-me as entranhas.

– Ugh – disse Sanjay.

– Eu sei – disse Julie. – Desculpe, essa imagem surgiu de uma cena de tortura bastante desagradável de *A Guerra dos Tronos*, que eu costumava assistir quando me sentia demasiado doente para me levantar do sofá. Adiante, o que eu quero dizer é que sei que este cancro pode voltar e moer-me o juízo a qualquer altura, mas não vou pensar nisso. A vida é curta, e a minha se calhar é mais curta do que a da maioria das pessoas, e recuso-me a desperdiçar mais um dia que seja a desgastar-me com uma coisa que não posso controlar.

– Eu também me preocupo em demasia, não sei se sabia – disse Sanjay. – Imagino sempre os cenários mais pessimistas em qualquer situação. Mas tem razão. A vida é demasiado curta para viver com medo.

E nesse preciso momento, Sanjay caiu em si. Sabia o que ia fazer. O que tinha que fazer.

– Sabe que mais? Vou lançar-me de cabeça – disse ele, antes de ter tempo de se censurar.

– Vai lançar-se de cabeça onde? – perguntou Julie. – Uma promoção? Ooh, é uma rapariga? Por favor, diga-me que sim!

Sanjay assentiu, com os olhos cravados no chá.

– Bom, faça a si mesmo a seguinte pergunta. É fácil amar alguém quando se é jovem, radiante e cheio de alegria de viver, mas olhe bem para mim. Continuará a amar essa sua rapariga se ela não tivesse cabelo, sobrancelhas ou pestanas? Far-lhe-ia uma massagem às costas enquanto ela vomitava de noite, e seria capaz de conduzir durante horas às três da manhã só para comprar gelado com sabor a menta porque é a única coisa que ela tolera comer? – perguntou Julie, fitando-o com sinceridade.

– Quer saber, seria capaz de fazer tudo isso – disse Sanjay. – Quero dizer, ela tem um cabelo fabuloso e pestanas lindíssimas, mas estão *bem* no fundo da lista de todas as coisas de que gosto nela.

Julie preparava-se para dizer qualquer coisa, mas deteve-se, olhando por cima do ombro e abrindo um sorriso radiante.

– Julie! – gritou Adam. – Já terminaste! Estou tão orgulhoso de ti, amor. –

E dito isto, Adam levantou-a e apertou-a de encontro ao seu peito, beijando-lhe o cimo da cabeça calva vezes sem conta antes de cobri-la com ternura com o gorro.

Enquanto se encaminhavam na direção da porta, Julie virou-se para trás e olhou para ele.

– Se é isso que quer, Sanjay – disse ela. – Certifique-se de que o consegue.

Sanjay pôs os copos e os pratos vazios no tabuleiro e levou-o até ao balcão. Dois alunos de enfermagem, rindo tanto de uma piada partilhada que nem viam por onde iam, esbarraram nele, fazendo com que tudo o que levava na bandeja deslizesse de forma precária para um dos lados.

Sanjay sentiu o pedido de desculpas bailar-lhe nos lábios prestes a sair, mas reprimiu-o e limitou-se a olhar para os dois alunos. À espera.

– Oh. Peço imensa desculpa – disse um.

– Sim. Desculpe – disse o outro.

– Não tem importância – retorquiu Sanjay com um sorriso.



Martha

8h13 De Surbiton a Waterloo

Quando o comboio chegou à estação de Surbiton, Martha viu Iona sentada ao pé de Sanjay. Iona acenou, apontando para Martha, e depois para *Lulu* sentada ao lado dela. Este era o seu código para dizer a *Lulu guardou-lhe um lugar*. Martha sentiu-se como uma das eleitas.

– Olá, Iona! Olá, Sanjay – disse ela assim que chegou junto da mesa deles.
– A Emmie não veio hoje?

– Não – respondeu Iona. – Tinha uma reunião ao pequeno-almoço com o pessoal da pasta de dentes. Vou ter com ela à agência, para a nossa próxima sessão de gravação. Sanjay teve a amabilidade de se encontrar comigo em Hampton Court para poder ajudar-me a analisar os *e-mails* do *Perguntem à Iona*. Pode juntar-se a nós, se quiser. Temos alguns de estudantes preocupados com os resultados dos exames. Poderia ser capaz de me dar algumas dicas...

– Claro – disse Martha. – Tenho a certeza absoluta de que lixei os meus. Com exceção da Matemática, talvez.

– OK, tenho a certeza de que isso não é verdade, mas já lá vamos – disse Iona. – O que é que tem aí a seguir, Sanjay?

Sanjay percorreu uma pilha de *e-mails* impressos, todos eles assinalados com marcadores e com *post-its*. Entregou um a Iona, que tirou os óculos de leitura da mala dando-lhe uma vista de olhos.

– Oh, este aqui é interessante. É de outro Anónimo – disse ela, chegando ao fim da página. – Conta-me que está apaixonado em segredo por uma rapariga há séculos. Veem-se quase todos os dias e tornaram-se ótimos amigos. Mas ela saiu há pouco tempo de um relacionamento desastroso e considera-o como um irmão. Só que ele aspira a ser muito mais do que isso. Será um caso perdido? Como é que poderá conseguir que ela passe a vê-lo com outros olhos?

Iona voltou a pousar o papel em cima da mesa à sua frente.

– Então, como é que vai responder a esse? – perguntou Sanjay, olhando para Iona com atenção.

– Bem, meu querido – disse ela. – Vou dizer-lhe que a linha entre os melhores amigos platónicos e os amantes é muito ténue. Alguma vez viu o filme *Um Amor Inevitável*? – Sanjay abanou a cabeça. – Pois então, devia ver. Repare, fazer sexo selvagem e apaixonado com alguém é a parte mais fácil. Forjar uma grande amizade, como a das personagens Harry e Sally, baseada no carinho, no respeito mútuo, em valores semelhantes e um sentido de humor partilhado... e alguma coisa me diz que é exatamente o que ele tem... *isso é que é de veras difícil*. É preciso tempo e esforço de ambas as partes. Mas quando se alia isso à atração sexual, é aí *que a porca torce o rabo*. Está a perceber? – Sanjay assentiu.

» Seja como for – prosseguiu Iona. – Quando as coisas dão para o torto, tal como sempre acontece a dada altura em todos os relacionamentos, é a amizade que nos ajuda a continuar, e não o sexo. Sabe muito bem disso, Sanjay. Você trabalha numa ala de Oncologia, por isso deve ver relacionamentos a ser testados o tempo todo.

– E depois, o Harry e a Sally ficam juntos no final? No filme? – perguntou ele.

– Sim! Se bem que demorem doze anos e três meses – respondeu Iona.

– Isso não é lá muito animador – disse Sanjay. – Para o Anónimo.

– Bom, tenho a certeza de que no caso dele não vai demorar assim tanto tempo – disse Iona. – Porque tem-me a mim para o ajudar.

– Então, como é que ele passa de ser apenas um amigo para se tornar algo mais do que isso? – perguntou Sanjay, como se esse assunto lhe importasse

tanto a ele como ao Anónimo. Sanjay, Martha concluiu, era um dos adultos mais compreensivos e solidários que alguma vez conhecera.

– Bom é aí que você... ele... vai precisar de um *gesto grandioso*. Algo que a faça parar e prestar atenção, questionar os seus pressupostos anteriores, vê-lo sob uma luz diferente – disse Iona.

– Tipo o quê? – perguntou Sanjay.

– Bom, pense de novo nos filmes de Hollywood. Richard Gere de pé na limusina com um ramo de flores na mão a declarar o seu amor a Julia Roberts? Hugh Grant e Andie MacDowell⁴¹ a beijar-se, alheios a tudo, à chuva? Só que ele não pode roubar nenhuma destas cenas, deve ser algo que seja muito pessoal para ela, para eles – disse Iona. – Por exemplo, eu e a minha mulher conhecemo-nos no palco. Essa era a nossa paixão partilhada. Então, quando quis que ela soubesse o que eu sentia por ela, uma noite disse-lhe que me tinha esquecido de uma coisa no teatro. Voltámos lá, e tudo estava às escuras e vazio. Depois uma orquestra começou a tocar, e acendeu-se um holofote. Imaginem a cena, meus queridos!

Iona estendeu os braços para a frente, apontando para um palco imaginário, e com o olhar fito algures num ponto ao longe.

– Dirigi-me ao microfone e comecei a cantar *Let's Do It* de Cole Porter. E esse foi o início de um romance eterno. Por sorte ela não se deixou desencorajar pelo facto do canto não ser um dos meus inúmeros talentos. Portanto, sugiro que o Anónimo pense na maneira como se conheceram, no que é único na relação de ambos, e aja com base nisso.

– Pois então, se eles se tivessem conhecido num comboio, por exemplo... – disse Sanjay.

– Bom, nesse caso ele poderia pensar num gesto grandioso que implicasse uma viagem de comboio – disse Iona, radiante. – Porque não? Afinal, o que tem ele a perder?

– Mas e se isso não resultar? – perguntou Sanjay.

– A única maneira do fracasso ser garantido, meu caro rapaz, é não tentar – disse Iona. – O amor é o maior risco de todos, mas uma vida sem ele não tem sentido.

– Isso é deveras poético, Iona – disse Martha. – Quem foi que disse isso?

– Fui eu mesma, minha querida pequena – replicou Iona. – Ainda agora.

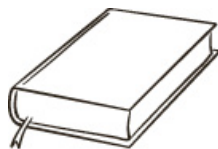
Passaram em seguida para uma discussão rápida sobre os *e-mails* que pediam ajuda em relação ao *stress* dos exames, e depois, quando o comboio chegou a Waterloo, Sanjay saiu a correr para ir trabalhar, deixando Iona e Martha a arrumar os papéis.

– Iona – disse Martha. – Não queria intrometer-me nem nada disso, você é que é a especialista, como é óbvio. Mas tem mesmo a certeza de que é uma boa ideia sugerir que alguém recorra a um grandioso gesto romântico *num comboio*? Não consigo pensar em nada mais embaraçoso.

– Oh, cruzes canhoto, é bem capaz de ter razão, querida pequena – disse Iona. O problema é que estou em ânsias para assistir. Depois de ter estado tão intimamente envolvida desde o princípio, não posso, de maneira nenhuma, perder o desenlace.

Martha não fazia a mínima ideia do que Iona estava a falar. O *e-mail* tinha sido anónimo, por conseguinte como diabos é que Iona podia estar à espera de assistir a tudo aquilo de camarote?

⁴¹ *Um Sonho de Mulher e Quatro Casamentos e um Funeral*, respetivamente. (N. da T.)



Emmie

8h05 De Hampton Court a Waterloo

Emmie estava por fim a regressar ao seu estado normal, o que era estranho, uma vez que nunca se tinha apercebido de que *não se encontrava* no seu estado normal quando estava com Toby. Ele enfraqueceu-a de forma tão lenta, tão insidiosa, que as mudanças não foram de todo perceptíveis. Sentia-se protegida, quando na realidade estava a ser sufocada. Sentia-se adorada, ao mesmo tempo que estava a ser isolada. Sentia-se apoiada, enquanto ele não fazia outra coisa a não ser destruir a sua autoconfiança. Como podia ter sido tão cega?

Fez questão de estabelecer para si uma regra firme e inabalável: Chega de Homens. Pelo menos nos tempos mais próximos. Nem tão-pouco enquanto não tivesse reparado todos os danos e voltasse a confiar na sua própria capacidade de discernimento outra vez.

Emmie estava sentada ao pé de Iona, que viajava até à cidade para se reunir com mais outro jornalista. *Porque será que acham assim tão extraordinário que uma mulher perto dos sessenta anos arranje um novo emprego, e seja capaz de usar as redes sociais de maneira tão extraordinária,* perguntou-se Iona, não sem razão. *Ora então, aprender estenografia Pitman e operar uma máquina de Telex, ou um PBX – isso sim, é que era difícil!*

Emmie desconfiava que grande parte do interesse dos meios de comunicação se reduzia, na verdade, à própria Iona, que tinha o hábito de

adicionar uma camada de «brilhantismo» a tudo em que tocava. Ainda assim, era uma ótima vantagem. Toda a publicidade gratuita tinha elevado o desempenho de Iona a níveis estratosféricos.

Iona, que estava a examinar os seus *e-mails*, bufou de raiva tão alto que Emmie ergueu os olhos alarmada.

– Oh, veja! – disse Iona. – Lá vai o corpo do meu inimigo! Está lembrada do meu provérbio chinês favorito?

– *Se te mantiveres na ponte durante tempo suficiente, o corpo do teu inimigo aparecerá a flutuar?* – replicou Emmie, que esperava há algum tempo avistar o corpo de Toby no rio. – É o corpo de quem?

– Aquele-Cujo-Nome-Não-Deve-Ser-Pronunciado – respondeu Iona, apontando para *Lulu*. – O meu antigo editor. Ouça isto. – Iona deu uma vista de olhos ao ecrã do seu *iPad*, onde tinha aumentado a fonte, para evitar que a vissem a usar os óculos de leitura.

» *Querida Iona* – leu, imitando o ar pomposo de Ed. – *Fiquei radiante ao ver o teu enorme êxito. Até aposto que sim, sacana traíçoeiro. Estou satisfeito por termos chegado a um acordo tão generoso e que nos tenhamos separado continuando bons amigos, porque espero que tu e o teu pequeno canal no YouTube... PEQUENO canal? A minha base de assinantes é o dobro da tua, cretino... possam considerar uma parceria remunerada. Estou certo de que o vínculo seria altamente vantajoso para nós os dois. Aceitas almoçar comigo no Savoy Grill para discutir o assunto? Podes trazer a tua adorável cadelinha. Cumprimentos, et cetera, et cetera.*

– Cum carças – disse Emmie. – Como é que vai responder?

– E que tal: *Querido Ed, vai-te lixar?* – perguntou Iona. *Lulu* rosnou.

– Um bocadinho contundente, quiçá? – disse Emmie.

– Tem razão, como sempre, fofa – disse Iona. – Não há necessidade de descer ao nível dele. Lembre-se do que diz a querida Michelle Obama: *Quando eles descem o nível, nós subimos ainda mais!* Vou amenizá-lo um pouco. – Fez uma pausa e digitou com os dois dedos indicadores, uma tarefa algo dificultada pelas unhas compridas e pintadas de escarlate. – Cá está. Melhor?

Iona passou o *iPad* a Emmie, e esta leu a resposta que Iona já havia enviado.

*Querido Ed,
Vai-te lixar.
Melhores cumprimentos,
Iona x*

O comboio chegou a New Malden. Emmie olhou pela janela à procura de Sanjay, mas não o viu. Sentiu uma pontada de desilusão, o que era um disparate. Ao fim e ao cabo, não havia nenhuma lei escrita que dissesse que eram obrigados a apanhar o mesmo comboio. Depois, avistou dois rostos que lhe pareceram algo familiares.

– Iona – disse Emmie. – Lembra-se quando conhecemos os companheiros de apartamento de Sanjay no comboio um dia destes? – Iona ergueu os olhos e assentiu com a cabeça. – Então, não são eles?

Ambas espreitaram pela janela para os dois rapazes que se encontravam na plataforma. Todas as outras pessoas correram para apanhar o comboio, mas eles limitaram-se a ficar ao lado da carruagem, acenando para Emmie e para Iona. Depois, ambos se curvaram em simultâneo, e ergueram-se de novo, segurando um grande pedaço de cartão entre eles.

Escrita a negro e em maiúsculas havia uma única palavra: EMMIE.

Emmie franziu o sobrolho, e pôs-se de pé disposta a sair do comboio a fim de descobrir o que estava a acontecer, mas quando o fez, o comboio deu um solavanco para a frente, e os dois rostos na plataforma deslizaram para a esquerda, ficando fora do seu campo de visão.

– O que é que se passa ali, Iona? – perguntou, quando voltou a sentar-se.

– Como é que eu vou saber, doçura? – respondeu Iona, examinando as unhas.

Emmie franziu o sobrolho. Se havia uma coisa que aprendera sobre Iona era que quanto mais inocente aparentava, mais culpada ela era.

O comboio leva apenas três minutos a ir de New Malden a Raynes Park, por conseguinte antes de Emmie ter tido oportunidade de resolver o quebra-

cabeças, já estavam a abrandar de novo junto à plataforma seguinte.

Ali, de pé, mais imóvel do que um poste numa via cheia de movimento, estava Jake. Quando o comboio parou, acenou-lhes. Baixou-se e pegou num pedaço de cartão, idêntico ao de New Malden, só que neste podia ler-se QUERES.

Os três minutos entre Raynes Park e Wimbledon pareceram uma eternidade. Desta vez, não ficou surpreendida quando viu David, e uma mulher que presumiu ser a mulher dele, Olivia, na plataforma. Sorriram e seguraram dois pedaços de cartão. Um deles dizia SAIR e no outro lia-se UM DIA.

– Emmie. Queres sair um dia... – murmurou Emmie. – Iona, é uma mensagem para mim.

– Caramba, acha que sim? – perguntou Iona, esforçando-se e fracassando para mostrar um ar surpreendido. Emmie não fazia ideia de como podia ter pensado que ela tinha sido uma atriz shakespeariana.

Passaram-se quatro minutos antes de se avistar a próxima estação, Earlsfield, assim como Martha e o namorado, Aaden. Nos seus cartões podia ler-se NUM e ENCONTRO.

A distância entre Earlsfield e Clapham Junction era a mais longa. Seis minutos completos. Emmie estava sentada na beira do banco, com o nariz quase colado à janela. Viu-o a uma certa distância. O seu amigo. Sanjay. Segurava um pedaço de cartão que dizia COMIGO?

Iona vasculhou a sua mala de mão gigantesca de um lado ao outro. Tirou dois pedaços de cartão, e deslizou-os sobre a mesa na direção de Emmie. Um dizia SIM e no outro lia-se NÃO.

– Lamento – disse Iona. – Não há nenhum cartão que diga *Não tenho a certeza, posso pensar um pouco no assunto*. Basta seguir a sua intuição. Mas depressa. Antes do comboio se pôr de novo em movimento. Toca a despachar!

Emmie pensou no quanto se sentia feliz e à-vontade sempre que se encontrava na companhia de Sanjay. Será que isso poderia ser o ponto de partida para algo mais? Lembrou-se da desilusão que sentiu ainda há pouco, quando não viu Sanjay na estação de New Malden, e como ele era a pessoa

com quem mais queria passar o tempo. Pensou no quanto ele era atraente até à inconsciência, como a mera visão da sua barriga tonificada tantas semanas antes fizera com que ficasse com a respiração presa no fundo da garganta, e na irracional pontada de ciúme quando achou que ele namorava com outra pessoa. Lembrou-se de Sanjay a conversar com calma com ela durante o ataque de pânico quando Toby não parava de lhe telefonar. A única pessoa que conhecia que decorara a tabela periódica inteira e adorava Daphne du Maurier.

Talvez já fosse mais qualquer coisa, e ela ainda não se tivesse apercebido disso. Andava tão ocupada a olhar por cima do ombro para a sua vida perdida que não viu o que estava mesmo diante do seu nariz. Sanjay, o rapaz gentil, adorável e atraente até mais não.

Contudo, depois de se ter atirado de cabeça de tão bom grado numa relação que quase a destruiu, como é que Emmie podia confiar em si mesma de novo? Não podia. Mas podia confiar em Iona. Iona, cujo dedo indicador empurrava um dos cartões na sua direção, exortando-a em silêncio para que o escolhesse.

Emmie quase lhe pegou, antes de se lembrar da sua nova regra firme e inabalável: Chega de Homens.

Ainda assim, uma das coisas que Iona lhe havia ensinado era que as regras serviam para ser quebradas. Da maneira mais espetacular, e com elegância.

Emmie inclinou-se para a frente e pegou no cartão que dizia SIM.



Martha

Por vezes, Martha tinha dificuldade em lembrar-se de que o senhor Sanders era na realidade Piers. Parecia tão à-vontade, sentado no meio dos outros membros do pessoal docente no estrado do auditório da escola, com as suas calças regulamentares de professor em bombazina e pulôver de lã do *Marks & Spencer*, que era impossível conciliar essa imagem com o homem impetuoso, arrogante e com roupas de marca em cima de quem havia vomitado há alguns meses. O homem que costumava falar demasiado alto ao telemóvel, que ocupava muito mais espaço e que inalava mais oxigénio do que lhe caberia por direito. Agora, preparava-se para integrar o pequeno grupo de professores que conseguia alcançar o equilíbrio precário entre o fixe-e-descontraído e o incapaz-de-manter-a-disciplina.

Corria por aí o boato de que o senhor Sanders e a menina Copeland – a professora de arte – *estavam juntos*, por terem sido vistos a sair do economato do material de arte, mas Martha não alinhava nos mexericos. Passara demasiado tempo na extremidade errada da cadeia das bisbilhotices para acreditar em tudo o que ouvia. Talvez Piers estivesse a precisar com urgência de alguma plasticina ou de autocolantes.

Quando Martha saiu do auditório, o senhor Braden – o seu professor de teatro – puxou-a de parte.

– Martha – disse ele, com uma expressão tão impenetrável que era impossível saber se ela estava em apuros ou não. Supôs que anos de escola

de teatro concediam a uma pessoa o controlo supremo das suas próprias expressões faciais. O mais certo era ser um módulo obrigatório. – Tenho uma carta para ti e para os teus pais. Assim que tiveres uma oportunidade de discutir o assunto, informa-me sobre a vossa decisão. – Entregou-lhe um envelope fino, e desapareceu de novo no meio da multidão antes de ela ter tempo de lhe pedir mais pormenores.

Martha só abriu a carta por volta da hora do almoço, apesar de esta estar a queimar-lhe a mochila a ponto de lhe abrir um buraco como um isótopo radioativo. Andou com ela de um lado para o outro a manhã inteira, à espera de ter ocasião de se encontrar com Aaden. Por alguma razão, teve o pressentimento de que este não era um envelope que deveria abrir sozinha.

O refeitório já estava a abarrotar quando Martha lá chegou. Percorreu com o olhar as mesas circundantes de solitários e inadaptados, com quem ainda sentia alguma afinidade, e encaminhou-se na direção da mesa de Aaden, mesmo no centro.

Nunca se teria atrevido a sentar-se ali alguns meses antes. Isso seria quebrar todos os códigos implícitos de grupinhos e hierarquias. Continuava a ser a mesma pessoa. Ainda desengonçada e desajeitada, ainda incapaz de compreender as linguagens mais recentes, usar os acessórios corretos, ou idolatrar as celebridades certas, mas por intermédio de algum tipo de alquimia incrível, o que antes fora considerado *bizarro* tinha-se tornado neste momento *singular*.

– Olá, Martha! – disse Aaden, deslizando ao longo do banco a fim de lhe arranjar um lugar. – Senti saudades tuas!

– Só se passaram duas horas, palerma – retorquiu Martha. – Olha, o senhor Braden deu-me isto. Ainda não me atrevi a abri-lo. O mais provável é que se trate de algo muito chato, mas...

– Queres que to leia? – perguntou Aaden.

– Não. Obrigada, eu faço isso. Só queria que estivesse aqui – replicou Martha. – Para me dar apoio moral.

Martha abriu o sobrescrito e retirou uma folha de papel dobrada. Passou os olhos pelas palavras, lendo-as várias vezes na sua cabeça, tentando e não

conseguindo captá-las de forma a fazerem sentido, antes de entregar a folha de papel sem uma palavra a Aaden, que leu a carta em voz alta.

Cara Martha,

Nick Braden, o seu professor de teatro, teve a grande amabilidade de me enviar algumas imagens da vossa recente produção de Romeu e Julieta. Devo dizer que fiquei bastante impressionado com a sua atuação.

De momento, estou a selecionar o elenco para uma peça no Young Vic Theatre. Há um pequeno papel, porém significativo, para o qual gostaria que fizesse uma audição.

Se estiver interessada, talvez possa pedir a um dos seus pais para me ligar para podermos discutir pormenores, datas, etc.

Espero ter o prazer de conhecê-la em breve.

Cumprimentos,

Peter Dunkley

Diretor Teatral

– Martha, isto é altamente – disse Aaden, olhando para ela como se a rapariga tivesse acabado de levitar vários metros acima da cadeira onde estava sentada. O que, com toda a franqueza, não seria mais surpreendente do que aquilo que acabara de acontecer.

Martha não conseguia falar. Limitou-se a ficar ali sentada, com os olhos cravados na folha de papel que tinha na mão.



Sanjay e Emmie

– Onde é que ponho isto, Emmie? – perguntou Sanjay, segurando um bule de porcelana.

– Onde quiseres! – respondeu Emmie. – Este apartamento vai encher-se de um emaranhado de coisas que não são nem úteis nem «despertam alegria», todas elas em sítios aleatórios. Já estou farta da Marie Kondo.

Um apartamento de preço razoável ficara livre no bairro onde Sanjay, James e Ethan viviam, e Emmie agarrou a oportunidade com as duas mãos. Era a solução perfeita: três paragens mais perto de Waterloo, e próximo o suficiente para poderem dormir na casa um do outro com facilidade, ao mesmo tempo que concedia a Emmie todo o espaço de que ela precisava. Sanjay estava cheio de esperança de que um dia, num futuro não muito distante, Emmie o convidasse para morar com ela, mas não iria pressioná-la. A última coisa de que Emmie precisava agora era de ter alguém a tentar controlá-la. E além do mais, tinham todo o tempo do mundo.

Jake oferecera-se para supervisionar a retirada dos pertences de Emmie da casa de Toby e, em resultado de ter ficado plantado junto à porta da rua como um destacamento da segurança presidencial, tudo decorrera de forma relativamente tranquila.

– Emmie – disse Sanjay, quando abriu a caixa seguinte com um x-ato. O cheiro reconfortante dos livros usados e manuseados misturou-se com o perfume das flores que Sanjay comprou na qualidade de presente para a casa

nova, e com o cheiro da limpeza geral que tinham feito ao apartamento nessa mesma manhã. – Posso fazer-te uma pergunta?

– Claro – replicou ela.

– Gostarias de conhecer a minha família? Achei que poderíamos almoçar no domingo – disse ele.

– Adoraria, Sanjay! – respondeu ela. – Ando a morrer de vontade de conhecer Meera. Sei que vou adorá-la.

– Não tanto quanto ela vai gostar de ti – declarou Sanjay. – Foste avisada.

Dito isto, sacou do telemóvel e começou a teclar.

Mãe, posso levar a minha namorada para almoçar no domingo aí a casa? Verificou-se uma pausa momentânea antes do ecrã ser preenchido pela palavra NAMORADA?!?, seguida por uma enxurrada de *emojis*, ao que tudo indicava escolhidos ao acaso. Sanjay tomou isso como um sim.

Sanjay carregou uma braçada de romances até à estante e começou a empilhá-los nas prateleiras. Um deles deteve-o, transportando-o uns quantos meses no tempo. *Rebecca* de Daphne du Maurier.

– Estás a olhar para onde? – perguntou Emmie, sentando-se ao lado dele.

– *Rebecca* – disse Sanjay. – Adorei este livro.

– Eu também – redarguiu Emmie.

– O que foi que achaste da senhora Danvers? – perguntou Sanjay mas, a exemplo da última vez que lhe fizera essa pergunta, Emmie não lhe respondeu, limitando-se a inclinar-se sobre ele e a beijá-lo, com tanta veemência que o deixou com a cabeça a andar à roda.

A sala, com as suas caixas meio vazias e pilhas de objetos pessoais de Emmie, esfumou-se. Todos os seus sentidos encontravam-se centrados apenas neles os dois – o toque dos dedos dela na sua pele, a respiração dela no seu pescoço, os seus lábios nos dela.

Sanjay sabia agora que não se apaixonara por Emmie quando a viu pela primeira vez no comboio, há todos esses meses. Tinha-se apaixonado pela ideia dela. Pela fantasia que criara em torno do seu conceito de perfeição. Mas agora amava a Emmie *real*, com todas as suas manias e imperfeições. Todas as coisas que faziam de Emmie uma pessoa única.

Sanjay não pensava no que poderia correr mal, nem no que o futuro reservava. Depois de todas essas horas a ouvir a aplicação Headspace, a tentar dominar a atenção plena, conseguira por fim. Não havia outro momento exceto este momento perfeito, aqui e agora.

Percorreu a mão pelo cabelo dela, entrelaçando-o em torno dos seus dedos, aspirando o perfume dela, e percebeu que nunca desejaria estar em nenhum outro lugar.



Iona

– Olá, lindíssima Bea – disse Iona.

Bea estava sentada na sua poltrona, a olhar pela janela para o pôr do Sol. Virou-se a fim de olhar para Iona e sorriu. Iona sentiu-se relaxar. Era óbvio que hoje era um dia bom.

– É você outra vez – disse Bea. – Não a conheço, pois não?

– Conheces, querida, sou eu. A Iona – respondeu Iona.

– Iona. Esse é o nome do meu amor. Ela está em Paris, sabia? Veja. É deslumbrante, não é? – disse Bea, apontando para uma moldura em cima da cornija da lareira, que continha uma versão mais pequena da fotografia do cançã que Iona possuía no vestíbulo.

– Tu também és deslumbrante, meu amor – retorquiu Iona corroborando as palavras de Bea. Tentar corrigi-la só faria com que se sentisse mais confusa e perturbada.

Havia, tanto quanto Iona se apercebera, alguns problemas que não podíamos na realidade resolver. Só precisávamos de encontrar uma maneira de viver com eles. E se Bea já não era capaz de se juntar a Iona no seu mundo, então juntar-se-ia ela ao dela.

– Que tal fazermos uma viagem até Paris? – disse Iona, dirigindo-se ao antigo gira-discos que havia em cima do aparador. O álbum de Cole Porter que pretendia já se encontrava no prato giratório, por conseguinte limitou-

se a baixar a cabeça da agulha e a colocá-la sobre a faixa certa: Ella Fitzgerald a cantar *Let's Do It*.

– Oh, esta é a nossa canção! – exclamou Bea, batendo as palmas.

– Concedes-me o prazer desta dança? – perguntou Iona.

Estendeu a mão na direção de Bea, que se pôs de pé, colocando uma mão no fundo das costas de Iona, e pegando-lhe na mão com a outra.

Iona cantou a letra da canção em voz baixa, com a face encostada à de Bea. Fechou os olhos, e estavam de volta ao palco do La Gaîté, ao mesmo tempo que a orquestra tocava no fosso aos seus pés, e ambas davam os primeiros passos ao longo de uma viagem que duraria uma vida inteira.

Rodopiaram pelo soalho encerado, numa dança que englobava todas as que tinham vindo antes: girando como piões, de braços esticados e cabeças inclinadas para trás, debaixo da chuva nuns Campos Elísios iluminados pela luz dos candeeiros de rua. Rindo alto à medida que rodopiavam as duas pelas pistas de dança de todas aquelas inaugurações e cerimónias de entrega de prémios, iluminadas pelos *flashes* dos *paparazzi*. A belíssima coreografia da primeira dança do casamento de ambas, vestidas com *smokings* prateados a condizer salpicados por uma chuva de pétalas de rosas.

– Amo-te, Iona – disse Bea.

Iona não tinha a certeza se Bea estava a falar com ela, ou com a recordação dela, mas nesse exato momento isso não tinha a mínima importância. Seja como for, essas palavras pertenciam-lhe por direito, tal como sempre pertenceram, tal como sempre pertenceriam.

– Não tanto quanto eu te amo, querida Bea – replicou ela.

– Somos o raio do bolo inteiro – disse Bea.

– O raio do bolo inteiro – repetiu Iona.

Nota da autora

Passei uma parte significativa da minha vida em autocarros, comboios e no metro de Londres. Muitas vezes via os mesmos rostos e, à semelhança de Iona, inventava alcunhas para os meus companheiros de viagem, e imaginava como deveriam ser as suas vidas fora da nossa viagem partilhada. Foi assim que teve início a minha paixão pela narrativa.

Nunca falei com nenhuma dessas pessoas. Nem tão-pouco alguma delas falou comigo. Isso teria sido *bizarro*. Certa vez vi no metro o rosto de um homem vestido com bastante elegância começar a ficar verde. Todos olhámos para ele de esguelha, até que por fim ele pousou a sua cara pasta de couro sobre o joelho, abriu-a e vomitou lá para dentro. Em seguida, voltou a fechá-la e saiu na estação seguinte. Ninguém proferiu uma única palavra sequer. É isso que significa ser-se londrino.

Volta e meia, costumava ler histórias no *Evening Standard* sobre homens que se deslocavam em transportes públicos de fato completo até ao centro de Londres durante vários meses após terem perdido os respetivos empregos, porque se sentiam demasiado envergonhados para contar a quem quer que fosse, inclusive a si mesmos, a verdade. Sentia-me fascinada por estas histórias, e perguntava-me o que levaria alguém a agir dessa maneira. Essa pergunta ficou alojada no meu subconsciente e acabou por dar forma a Piers.

Cresci numa casa junto ao rio Tamisa em East Molesey. A casa onde, na verdade, mora Iona. Descrevi essa casa a partir das minhas recordações da década de 1980, por isso peço desculpa aos atuais proprietários que a terão, sem dúvida, ampliado e modernizado. O meu pai apanhava todos os dias o comboio para ir trabalhar entre Hampton Court e Waterloo e, quando eu

era adolescente, tomava a mesma linha para ir para a escola em Wimbledon. Lembro-me de um grupo particularmente desagradável de raparigas de uma escola rival que costumava gozar comigo por ter sempre o nariz enfiado num livro. Essa recordação, a par da minha paixoneta adolescente por David Attenborough, inspirou Martha.

Também preciso de pedir perdão a todos os que transitam nos dias de hoje pela linha de Hampton Court a Waterloo. Por certo, terão reparado que tomei algumas liberdades, tal como Iona diria, com *a actualité*. De maneira geral, o comboio parte da Plataforma 3 em Waterloo, mas a Plataforma 5 parece que desliza da boca com mais facilidade e fluidez. Além do mais, a dado momento ao longo da última década, a disposição dos comboios foi renovada de modo a remover todas as mesas. A Iona teria ficado horrorizada! Onde é que ela iria colocar a sua chávena de chá e os seus papéis? Por sorte, o prazer da ficção foi o que me permitiu corrigir este erro crasso da South Western Railway.

Agora trabalho em casa, em bibliotecas e em cafés, e nunca esperei sentir saudades daqueles tempos passados em carruagens ferroviárias sujas e fedorentas. Mas então, eclodiu a pandemia, e dei por mim a recordar essa época com um incrível sentimento de nostalgia. Também comecei a perguntar-me o que teria acontecido se eu tivesse ignorado o regulamento tácito dos transportes públicos e tivesse tido a coragem suficiente para meter conversa com os meus companheiros de viagem. A que aventuras me teriam conduzido essas conversas?

E essa ideia deu origem a este livro.

Um apontamento sobre os nomes. Aprendi que os nomes têm poder. O determinismo nominativo é real. À medida que uma nova personagem começa a ganhar forma na minha cabeça, o nome correto surge devagar junto dela. Depois, assim que o nome é associado a ela, começa a delinear o seu comportamento. Isto é mais patente no meu romance de estreia, *O Pequeno Caderno das Grandes Verdades*.

O nome de Iona possui uma ressonância particular. Em tempos tive um amigo maravilhoso chamado Iver (devido à sua origem nórdica). Iver era agricultor e criador – forte como um touro. Há alguns anos, decidiu ir para a

Tanzânia por um par de meses a fim de ajudar uma instituição de beneficência a construir habitações acessíveis para pessoas carentes. Enquanto lá estava, sofreu um ataque cardíaco fulminante e faleceu. A filha de Iver, Iona, é minha afilhada, e a sua viúva, Wendy, é uma das minhas melhores amigas. Por conseguinte, a personagem de Iona recebeu o nome tanto de Iona como de Iver, e assim que lhe dei esse nome, este começou a moldá-la. Iona adquiriu as excentricidades de Iver, a sua *joie de vivre* e a sua estética de guarda-roupa, a par da coragem, da inteligência e da imensa bondade da minha afilhada Iona. Continuo a sentir a falta de Iver todos os dias, e espero que, de alguma forma, ele tenha conhecimento da sua homónima e a ame tanto quanto eu.

Sempre recorri à escrita como uma forma de terapia. Como uma maneira de entender o mundo e de explorar as coisas que me incomodam. Foi isso que fiz com a maravilhosa Iona. Só para que vejam, passei quase duas décadas no mundo inebriante da publicidade. Adorei cada momento nos primeiros tempos. Era fervilhante, criativo e um pouco além de feroz. Quando tinha apenas trinta anos de idade, fui promovida a membro do conselho de administração da J. Walter Thompson. Era a diretora mais nova da empresa, e uma das poucas mulheres. Menos de uma década mais tarde, olhei em redor e apercebi-me de que, aos trinta e nove anos, já me tinha tornado uma das pessoas mais velhas do escritório. Também era tratada de maneira diferente. Encontrava-me no auge da minha plenitude, e, no entanto, era considerada como sendo um dinossauro. Desatualizada, irrelevante e prescindível.

Fico furiosa quando, à medida que os homens envelhecem, adquirem *seriedade*. Tornam-se *raposas prateadas*, cheias de charme. Não obstante, as mulheres tornam-se invisíveis. Não podemos permitir que isso aconteça, minhas amigas. Temos todas que ser *mais como a Iona*. Todas nós merecemos, assim como a Iona, ter um Triunfante Segundo Ato. Escrever é o meu. Vi o meu primeiro romance ser publicado aos cinquenta anos de idade, e estou grata todos os dias a todos os leitores do mundo inteiro que compraram e recomendaram os meus livros. Vocês fizeram, literalmente, com que os meus sonhos se tornassem uma realidade. Obrigada.

Agradecimentos

Esta história nunca teria sido contada não fosse por três mulheres incríveis e não fictícias.

A primeira é a minha agente: Hayley Steed. O título «agente» não chega nem de perto nem de longe à descrição do papel que Hayley desempenha na minha vida. Ela é a minha mentora, a minha tábua de salvação, a minha psicoterapeuta, a minha empresária, a minha mais fervorosa defensora além de minha amiga. Também conta com o apoio de uma poderosa e fantástica equipa na Madeleine Milburn Literary Agency, incluindo a fenomenal Madeleine em pessoa, Giles Milburn e Elinor Davies, a equipa de direitos estrangeiros – Liane-Louise Smith, Georgia Simmonds e Valentina Paulmichl – e também a agente de cinema/TV Hannah Ladds.

As outras duas mulheres de um talento extraordinário a quem preciso agradecer são as minhas editoras: Sally Williamson da Transworld no Reino Unido, e Pamela Dorman de Pamela Dorman Books nos EUA. Trabalhar com Sally e com Pam, bem como com as suas assistentes, Lara Stevenson e Marie Michels, é um enorme privilégio. Enquanto escritora, muitas vezes é difícil separar o trigo do joio. Sabemos que há algo que não está bem, mas estamos demasiado perto das palavras para perceber o quê. As minhas incríveis editoras têm sempre a coragem e a sensibilidade para me dizer quando há algo que não está a resultar, a criatividade e a perceção para ver como a história pode ser melhorada, e o entusiasmo para me dar ânimo de modo que eu possa seguir em frente.

Ser uma contadora de histórias é o melhor emprego do mundo, mas pode ser duro e muito solitário. A exemplo de muitos autores (em especial mulheres!), sofro de uma terrível síndrome da impostora, e muitas vezes

duvido do meu próprio talento. É aqui que a amizade com outros escritores é tão importante. Gostaria de agradecer ao Write Club – um fabuloso grupo de escrita formado quando todos frequentámos o curso de escrita criativa em 2018. Obrigada por todo o vosso apoio, sabedoria e sentido de humor, Natasha Hastings. Zoe Miller, Max Dunne, Geoffrey Charin, Maggie Sandilands, Richard Gough, Jenny Parks, Jenni Hagan, Clive Colins e Emily Ballantyne. Um enorme agradecimento também ao grupo D20 do Facebook – um grupo de colegas autores estreantes que partilham a dúbia honra de ver publicados os seus primeiros romances no meio de uma pandemia global. De certa forma, apoiamo-nos uns aos outros.

Agradeço também à minha fantástica colega escritora, Annabel Abbs, e aos meus fiéis primeiros leitores – Caroline Skinner, Caroline Firth e Johnny Firth.

O que me remete agora para o meu marido, John. Estamos juntos há mais de duas décadas, e muito embora a sua incapacidade de colocar a loiça na máquina continue a enfurecer-me, ter casado com ele continua a ser a melhor decisão que alguma vez tomei. Nenhum dos meus livros existiria sem o seu apoio e a sua confiança em mim.

Um enorme agradecimento, como sempre, à minha mãe e ao meu pai pelo seu apoio incansável e incondicional, e aos meus fabulosos três filhos. Este livro é dedicado à minha filha mais velha, Eliza, mas por favor entendam que isso não significa que ela seja a minha filha favorita. É claro que os amo a todos com paixão e inteiramente por igual. No entanto, gostaria que Charlie registasse que nunca terá um livro dedicado a ele enquanto não fizer um esforço para ler pelo menos um deles!

É necessária uma grande equipa de pessoas incrivelmente talentosas e dedicadas para depositar este livro nas vossas mãos, e estou grata a todos. E são eles:

Redação

Sally Williamson

Katrina Whone

Viv Thompson

Josh Benn

Judith Welsh
Lara Stevenson

Revisora tipográfica
Eleanor Updegraff

Revisores de texto
Jessica Read
Barbara Thompson

Marketing
Vicky Palmer
Lilly Cox
Aoifé McColgan

Áudio
Alice Twomey
Oli Grant
Nile Faure-Bryan

Design
Irene Martinez

Operações
Alexandra Cutts

Vendas
Tom Chicken
Laura Garrod
Emily Harvey
Gary Harley
Louise Blakemore
Chris Wyatt
Natasha Photiou

Laura Ricchetti

Publicidade

Becky Short

Alison Barrow

Produção

Cat Hillerton

Phil Evans

Contabilidade

Derek Bracken

Anshu Kochar

Contratos

Rebecca Smith

Receção

Jean Kriek



PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2022, Quilson Ltd
© 2018, Planeta de Livros Portugal

Título original: *The People on Platform 5*

Citação na p. 9 extraída de *Autobiografia*, da autoria de Agatha Christie
Citação na p. 229 extraída da série televisiva *Fama*, Temporada 1,
escrita por Christopher Gore

Este livro é uma obra de ficção e, exceto no caso de factos históricos,
qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.

Envidaram-se todos os esforços para se obter as autorizações necessárias referentes ao material
de *copyright*, tanto nas ilustrações como nas citações. Pedimos desculpa por quaisquer omissões a este
respeito e teremos todo o gosto em proceder aos agradecimentos adequados em todas as edições
futuras.

Design da capa: Nathan Burton

Direção de arte: Irene Martinez Costa / TW

Edição em epub: Novembro de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-812-4 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

 www.planetadelivros.pt

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)